

ACOMODE-SE OU RECICLE-SE

RE  
CICLÁ  
VEL

MARCOS DE SÁ

**“Qualquer um pode olhar para você, mas é muito raro encontrar quem veja o mesmo mundo que o seu”**

**John Green**

Para Dona Doca

Eu poderia ter escolhido qualquer outro lugar. Não sei explicar porque voltei justamente a este. Talvez seja essa mania de lá no fundo, querer encontrar respostas. Uma inquietação de dizer a mim mesmo quem realmente sou. Eu não sei. Realmente não sei. Essa coisa de parecer frio diante da vida pode ter sido a minha forma de sobreviver por todos esses anos, mas não preciso mentir: eu queria viver algo novo. Sinceramente acho que não foi uma boa decisão voltar à minha terra natal. O passado parece que habita em cada esquina e conspira descaradamente para que eu entre pela porta que me traz tantas lembranças amargas. Ou melhor, que eu seja agora o responsável por ela.

## O NOVO EMPREGO

Não que esteja com medo. Aliás, não consigo definir o que realmente seria um desafio pra mim. Depois de tudo o que já passei nessa vida. O que seria surpreendente demais? Acordei meio indisposto para o meu primeiro dia de trabalho. Levantei lentamente cheirando profundamente o lençol que costumo colocar na cabeça ao deitar, como se estivesse despedindo-me do que realmente queria: ficar em casa. Nesse mês que passei sem trabalhar, não fui a lugar algum, a não ser ao supermercado e ao banco pagar boletos, mas eu estava precisando desse momento só meu, mesmo que forçado.

Em outros tempos, normalmente estaria ansioso, mas trabalhar como porteiro na escola onde estudei quase toda a minha infância não me assusta e nem cria alguma expectativa. Apenas preciso trabalhar para pagar a pequena quitinete onde moro há alguns meses e claro, comprar meus ingredientes para as minhas invenções gastronômicas. Aliás é o meu hobby, fazer pratos diferentes, arrumar a mesa como se fosse receber uma visita, mas me assento com a minha solidão. Não que me importe, muito pelo contrário, sinto-me extremamente confortável.

Trabalhei até o final de Junho em um almoxarifado. Foi uma experiência muito amarga devido ao assédio moral sofrido pelo rapaz que ficou encarregado de me estagiar. Ele não tinha paciência. Confesso que memorizar o nome de tantas coisas ao mesmo tempo nunca foi um ponto forte. Isso não me ajudou e tive que pedir demissão. Não funciono sob constantes pressões psicológicas. Meu olho esquerdo não parava de tremer e comecei a sentir algumas pontadas no peito. Disseram que poderia ser problemas com a pressão arterial, mas também não descartava algo pior. Certa manhã ao tomar banho antes de sair, percebi que minhas mãos estavam tão brancas que podia enxergar todos os meus vasos sanguíneos. No mesmo dia marquei uma consulta com um médico particular – isso consumiu boa parte do meu salário – e segundo os exames tudo estava perfeitamente normal. Costumava alugar casas próximo aos meus locais de trabalho, mas naquela região não encontrei nenhuma que coubesse no meu

bolso. Caso fechasse negócio, meu salário só serviria pra pagar aluguel e ainda teria que consegui um empréstimo. Foi quando tive o ímpeto de procurar algo por aqui, prometi muitas vezes que jamais colocaria meus pés nesse chão, mas o destino me colocou diante dos famosos quartos da Dona Joana. Fica a distância de uns 22 km do antigo emprego e eu precisava pegar duas conduções, ainda assim saiu com o custo menor. Estou aqui há uns sete meses, e não consegui fazer amizade com um vizinho de quarto sequer, parece que todos aqui estão de passagem. Eles encaram como um lugar de breve repouso, já eu costumo chamar de casa. É um quarto pequeno, de paredes cinzas que parecem estar sempre úmidas, o piso de cerâmica cor de caramelo, onde cabem perfeitamente minha pequena mesa redonda de madeira que fica de frente a única janela, um caixote que suporta meu frigobar enferrujado, uma cama de solteiro que está sempre com a mesma colcha azul desbotada, um guarda roupa marrom escuro de duas portas sendo que umas delas está despregada, um fogão azul que comprei recentemente – acho que é a única coisa nova que possuo –, um tanquinho elétrico, duas cadeiras de madeira, uma gaiola vazia pendurada em um prego e o minúsculo banheiro que não tem nada de surpreendente a não ser o chuveiro que não tem o espalhador e a água parece que vai furar a minha cabeça. As manhãs estão sempre muito frias ultimamente, de forma que tem sido desafiador tomar banho cedo. Nem parece que dentro de algumas horas o dia ficará tão quente que juraria estar morando em Mercúrio.

Sinto que sou um tipo de faz-tudo. Fui vendedor em uma sapataria como meu pai, recepcionista de consultório médico, almoxarife, garçom de pizzaria, atendente de padaria, auxiliar em depósito de construção, e nunca repeti de profissão. A verdade é que meu currículo é bem confuso, o que me faz entender as oportunidades que me foram negadas.

Aos 23 anos me formei em Ciências Biológicas, após pesquisar muito o que queria fazer. Logo no primeiro semestre já havia desanimado da matéria, apesar de amar o mar e se encantar com os mistérios que os oceanos escondem, percebi que não amava a ponto de exercer a profissão de biólogo. Sempre ficava sabendo que boa parte dos meus colegas do Ensino Médio estavam cursando alguma faculdade e isso fazia eu me sentir pressionado a fazer algo academicamente, mesmo compreendendo que até

o momento não conseguiria responder a mim mesmo “o que eu realmente gostaria de ser”. Imaginei que minha mãe ficaria orgulhosa se tivesse assistido a minha formatura. Queria de alguma forma recompensá-la por tudo o que havia feito por mim. Não foi isso que aconteceu. No dia da festa não compareci, inventei que estava doente e depois fui só pegar o certificado. Talvez hoje ela estivesse decepcionada com o meu currículo. Okay, melhor eu parar com essas lembranças e a mania de ter mil pensamentos ao mesmo tempo.

Agora vou encarar mais uma nova função, ser o porteiro do Colégio Candido Torquato Portinari onde estudei do jardim de infância até a metade da 5ª série do ensino fundamental, era assim que chamavam naquele tempo. Eu sei que não é medo, mas confesso me senti estranho com esse retorno. Nenhum outro lugar poderia provocar lembranças tão doces e tempestuosas. Imagino que tudo esteja bem diferente, a começar pelo fato de que não sou mais aquele garotinho frágil e inerte.

Ontem a Sra. Nogueira – atual secretária do colégio – fez a gentileza de trazer a farda aqui no final da tarde. Combinei com a diretora de ir buscar, mas ela pediu que eu resolvesse com a secretária. O retorno das aulas deveria ter começado na Segunda-feira, mas por algum motivo que não sei, se iniciam hoje. A farda azul escuro me deixou bem parecido com guardas municipais, cintos e botas pretas, um emblema de tecido escrito SR. CRUZ e pra completar tinha que usar aquelas boinas. Sair um pouco mais cedo do que precisava, engomei a farda sobre a cama, deixei os cabelos caprichosamente penteados, passei a minha colônia suavemente amadeirada e andei cinco quadras até chegar ao Portinari. Não tinha observado da outra vez que passei em frente a ele, o quanto está diferente. A sensação é que ficou maior apesar de saber que ainda ocupa o mesmo espaço de sempre. As grades de ferro pintadas de verde parecem que nunca mudaram, mas tenho a impressão de que havia apenas o portão pequeno que dá acesso à entrada principal. Agora tem dois portões, o menor continua do mesmo jeito e o maior dá acesso a uma garagem construída na lateral direita. A quadra poliesportiva agora está coberta e o jardim parece estar como no dia que fui embora. O banco debaixo da árvore, ainda está lá. Acho que se tornou o cartão postal pra quem passa na calçada e ver. As paredes

brancas foram substituídas por um vermelho escuro e no lugar do nome pintado na parede com tinta agora há um letreiro em alto relevo. O porteiro do turno da noite me recebeu, e antes da troca de posto me deu as principais orientações, havia uma pequena mesa com uma cadeira na porta pelo lado interno e um telefone com ramais anotados de todos os setores do colégio. Ele me entregou uma prancheta com regras escritas sobre a função e horários de funcionamento, e logo após uma salinha onde eu poderia descansar na hora que os alunos se recolhessem – O Portinari agora é um colégio de tempo integral. Confidenciou-me que a cadeira e a salinha tinham mais utilidade para o turno da noite. Achei a carga horária de 12 horas de trabalho um pouco pesada, mas as horas extras vão me ajudar financeiramente. Eu já estou naquela fase bem resolvida, penso que “se não der certo, eu saio e procuro outra coisa”. Aliás, sou especialista em me virar sozinho. O Sávio – ele se apresentou assim apesar de estar escrito em sua farda: SR. CARVALHO –, mostrou todos os espaços do Portinari, e a cada passo que dávamos eu tentava puxar na memória como era antes. Muitas coisas mudaram. Nunca fui muito detalhista com espaços e enquanto Sávio estava falando, sua voz parecia distante. Eu estava distraído com meus próprios pensamentos: “Acho que essa sala era a de vídeo, não, acho que era a sala de artes”, “Essa porta era... marrom! Ah, não! Era Laranja... bom, não sei”. Percebi que o Portinari tinha mudado ou eu tinha esquecido quase tudo. Naquele tempo estava focado nas minhas angústias. Parece que o único espaço que consigo descrever bem é o que comporta meus sentimentos, pelo menos esse eu acho que conheço. Sávio parecia ser um rapaz bem novo, ele contou que era o seu primeiro emprego, mas que estava achando uma moleza trabalhar aqui. Ficou perguntando coisas do tipo “você é casado?”, “tem filhos?”, “Sabe dirigir?” e todas as respostas eram “Não”. Perguntei algumas coisas sobre ele pra fazê-lo parar de perguntar sobre mim. Detesto esse tipo de abordagem, mesmo quando parte de pessoas que parecem ser legais. Ele é só um jovem imaturo. Poucos minutos de conversa e ele já estava me contando sobre o encontro amoroso que teve no final de semana passado. Fomos interrompidos por uma buzina que tocava insistentemente.

- É a Senhorita Margareth! – disse Sávio ao sair correndo.

Pela forma como ele se apressou, pensei por um segundo se tratar de uma moça bela a qual ele deveria estar apaixonado, mas era a diretora da escola.



Eu já tinha falado com ela por telefone, mas não a conhecia pessoalmente. Era uma senhora de aproximadamente 50 anos, cabelos loiros bem escovados na altura dos ombros, pele branca com algumas rugas finas e sardas que a suave maquiagem não escondia, olhos azuis marcantes que se viam de longe, vestia um fino conjunto marrom, com uma bolsa de couro preto e um lenço vermelho no pescoço. A elegância em pessoa. Sem falar do perfume caríssimo que ela usava – com aquela intensidade não poderia ser barato. Descobri depois que a chamavam de senhorita porque ela nunca havia se casado ou tornado a público algum relacionamento amoroso. Isso me deixou pensativo e com um certo receio “seria eu um senhorito?” Não que eu nunca tenha namorado, mas houve um tempo que decidi me trancar por completo. Nunca soube dizer ao certo se o problema era eu ou se o amor verdadeiro – aquele contado em livros e filmes –, nunca teria aparecido pra mim. Não posso chamar meus antigos relacionamentos de amor.

A Senhorita Margareth já havia me cumprimentado duas vezes, até que interrompeu meus pensamentos com um tom mais alto:

– Sr. Cruz, se sente bem?

– Oh! Sim, me desculpe senhora.

– Senhorita, por favor.

– Sim, desculpe. Senhorita Margareth.

– Se sente preparado para a função? Percebo que está um pouco distraído.

– disse em um tom irônico.

– Estou sim. Só estava recordando o tempo que estudei aqui.

– Ah, quer dizer que é um ex-aluno? Bom saber. Assim o senhor já deve ter algum afeto pelo lugar.

– Sim, muitas lembranças! – sentia tudo, menos afeto.

– Com licença. Acredito que o Sr. Carvalho já lhe deu todas as instruções necessárias, mas qualquer dúvida me procure na sala da direção.

– Ok, obrigado.

Quando ela saiu senti como o cessar de uma grande tormenta. Sávio disse que ia trocar de roupa e enfim fui para meu posto. Treinei um pouco a minha simpatia – que sempre estava bem contida – tive que olhar para a parede e dizer sorrindo “Bom dia! Bom Dia! Bom Dia! Como vai?”, que deveria ser

a minha fala por algum tempo – ou por muito tempo. Vamos ver como se sente um papagaio!

Professores, funcionários e alguns alunos foram chegando e a única coisa que eu dizia era “Bom dia!” com aquele sorriso de crocodilo sem expressões nos olhos – imagino. Algumas pessoas me saudaram com um sincero “Bem-vindo”, outros nem tanto. Uma senhora de cabelos brancos que andava com um pouco de dificuldade, bateu no meu peito e sorriu como se me conhecesse. Ela disse “Vai dar tudo certo, filho!”. Fiquei tentando lembrar se era alguém do meu passado. Estava vestida com a farda de funcionários do colégio, provavelmente era a chefe do setor de limpeza. Até que foi chegando a pessoa mais bonita que vi nessa manhã – dificilmente olho para uma mesma pessoa três vezes seguidas – mas, aquela moça de cabelos compridos cor de mel, com aquele blazer vermelho encarnado, mesmo estando com óculos escuros, fez meu coração dá uma pequena fígada. Não sei explicar, mas como um carro desgovernado rompeu palavras da minha boca quando se aproximou:

– Olá, Bom dia! Eu me chamo João Victor, sou o novo porteiro.

– Bom dia Sr. Cruz. – disse ela olhando seriamente para o emblema na minha blusa sem parar nenhum passo.

Me senti um idiota! Fiquei pensando “Ela nem perguntou meu nome. Não sei pra quê eu falei. Deve tá pensando que sou algum daqueles caras que dá em cima de todas. Aliás, me chamou de senhor. Será que estou tão velho assim?”, mas por outro lado, bem feito pra mim. Não sei pra quê eu falei com ela daquela forma diferente dos demais – acho que enquanto estava pensando demais nisso umas três pessoas passaram me cumprimentando e eu nem respondi. Começaram a chegar mais alunos, quando estremeci com o toque do sinal de entrada – tinha esquecido como sempre me assustava. Comecei minha sequência de “Bom dia!” quando por um momento pareceu que todos haviam chegado de uma vez só, é meio compreensível isso numa Terça-Feira de retorno das férias. Alguns me perguntavam “Cadê o Sr. Estevão?” e eu “Quem é Sr. Estevão?”, descobri que era o porteiro que trabalhava lá antes de mim. Ele se aposentou, trabalhou lá há anos. Talvez fosse até o porteiro do tempo em que eu estudava lá, mas não consigo lembrar de forma alguma. Teve uma mocinha maldosa que disse pra eu ouvir “Eu gostava mais do Sr. Estevão”, e eu prontamente respondi em

pensamento “Você nem me conhece sua chatinha!”, se tem uma coisa que nunca falei pra ninguém, mas me incomoda extremamente é ser comparado com a personalidade de outra pessoa. Aliás, ninguém gosta!

Crianças de todos os tipos! Algumas nem cumprimentam por que entram cada uma olhando para o seu celular. Expressões de seriedade e de euforia ao ver ou ler alguma coisa na tela. Não sei como conseguem fazer isso sem tombar! Outras gritam, riem alto, se empurram, e tem aquelas tímidas que andam olhando para o chão – me identifico muito com essas. Quando vejo uma criança triste penso que ela está passando as mesmas coisas que passei. O sinal das 7:45hs tocou me assustando novamente, quando algumas crianças se apressaram a entrar. O Sávio tinha me avisado que nesse sinal eu deveria fechar os portões, mas acabei esquecendo, e os alunos atrasados entraram à vontade. Alguém foi dedurar à senhora, ou melhor, Senhorita Margareth, que ligou de imediato para o telefone da portaria me chamando à sua sala. Fechei os portões sem perceber que estava atrasado nessa tarefa. Entrei na diretoria, que atualmente está muito luxuosa, com um tapete vermelho no chão e ar condicionado em 18°. Prontamente perguntou sem ao menos me convidar a sentar:

- Sr. Cruz, o senhor está com algum problema ou o Sr. Carvalho não lhe passou todas as instruções?
- Quem é Sr. Carvalho? – Ela me olhava com uma profunda ira como se fosse explodir, mas interrompi a tempo – Sim, O Sávio! Sim, sim, sim, ele me passou tudo. Algum problema Senhorita Margareth?
- O senhor não sabia que os portões se fecham às 7:50hs em ponto e que nenhum aluno deve entrar após esse horário?
- Oh! Como pude...
- Sr. Cruz, esse colégio tem regras e espero que o senhor aprenda cada uma o mais rápido possível. Fique atento ao seu posto. Pense menos e Aja mais.
- Entendi. Não vai mais se repetir.
- Assim espero. Pode ir. Era só isso.
- Com licença.

Revirei os olhos por uns cinco segundos enquanto voltava a portaria! Lembrei das experiências nos trabalhos passados. Saí de vários empregos porque não aceitei o assédio moral. Quer dizer, quando comecei a ter meus primeiros empregos sofri calado com más palavras e ações de meus

gerentes e líderes, mas depois de uma certa idade eu não admiti mais tal prática. Fiquei pensando que se a Senhorita Margareth continuasse a falar comigo daquela forma, eu não ia continuar lá por muito tempo. Nada me prendia ao Portinari, principalmente as lembranças!

Mesmo assim procurei ficar mais atento. Quando se falava em portaria, eu pensava que ia ficar só abrindo e fechando portões e cumprimentando todas as pessoas que encontrasse pela frente, mas nesse primeiro período, além das advertências da senhorita Margareth, fui solicitado algumas vezes pra trocar o garrafão de água da cozinha, para verificar a pia do banheiro masculino que estava vazando – pelo fato de ser homem as pessoas acham que a gente sabe fazer tudo de serviços gerais como consertar canos, vazamentos e fixar um prego na parede, mas eu por exemplo, nunca fui bom em fazer nada disso –, e apesar de ter funcionários em vários setores, aprendi que o porteiro tem muitas utilidades. Talvez pensassem que eu era tão útil como o Sr. Estevão.

O sinal das 12hs tocou e nem preciso dizer que me assustei. Não sou muito de ficar olhando pra relógio e não uso celular – não há ninguém pra manter contato mesmo. Ao contrário do que pensam, eu sei utilizar o celular e as redes sociais. Até tenho uma conta do Facebook, mas esqueci a senha, e isso sinceramente não me incomoda. Eu só tinha quase 120 amigos por lá, a maioria ex-colegas de antigos empregos. Acho que preciso comprar um aparelho, já que comecei a trabalhar, alguém pode precisar me ligar e prefiro olhar as horas no celular do que colocar um relógio no meu braço. Não sei o porquê, nunca gostei de coisas penduradas em mim – correntes, cordões, pulseiras, anéis, relógios – eles me dão uma sensação de peso.

As crianças seguem para o refeitório – uma gritaria terrível ecoa e parece está vindo em minha direção – logo após espalham-se pelos corredores e salas para o momento do repouso, muitas ficam no pátio e nos jardins, e algumas vão para uma sala grande que tem colchonetes chamada “Sala do descanso”, onde precisam fazer silêncio – o que parece ser difícil. O meu intervalo de almoço e descanso era de apenas uma hora. Não dá pra descansar muito bem, por isso almocei junto com alguns professores e logo após fui ao jardim. Ah, não sei se deveria comentar, mas descobri que a

bela moça que vi de manhã é uma das professoras. Ela passou o almoço conversando com outra professora e em nenhum momento olhou pra mim, não que eu quisesse que ela olhasse, mas estou achando que ela pensa que sou algum maníaco. Agora estava sem os óculos – eles escondem muito sobre as pessoas – confesso que apesar de olhar ligeiramente percebi em relances o quanto é realmente bonita. Amanhã se ela passar por mim, ou hoje mesmo quando for embora, vou trata-la de forma altamente profissional, ignorando-a como fez comigo.

O jardim era meu lugar favorito. Especialmente aquele banco que fica debaixo da árvore. Lembro que eu ficava observando as plantas, as borboletas e as formigas, e costumava falar com elas como se me ouvissem. Enquanto pensava, olhei para o lado e vi um garoto, aparentemente ele está fazendo a mesma coisa que eu fazia. Isolado, olhando para o chão como se seus pensamentos fossem sua melhor companhia. Relutei um pouco para falar com ele, e antes de tomar coragem dois garotos se aproximaram.

– Oi Enzo, você tá lembrado de mim? – o menino consentiu com a cabeça como se estivesse apreensivo, e o outro continuou – Ele não vai esquecer eu tenho certeza, acho até que deva ter nossos nomes anotados.

Os dois saíram rindo. Pensei de imediato tratar-se de algum tipo de bullying. Dei alguns passos para de alguma forma ajuda-lo, mas antes que isso acontecesse ele se levantou e andou em direção ao Colégio. Sinto que quis me evitar. Por um segundo quis ir atrás dele, mas lembrei que eu também detestava quando iam me procurar. Todo mundo sempre quer saber os motivos do nosso mau humor, mas poucos realmente se importam a ponto de fazer algo mais.

Retornar das férias não era nada legal pra mim. Quando você tem boas expectativas imagino que deve ser ótimo, como rever os amigos e fazer coisas legais juntos. Eu sempre ficava deprimido. Quer dizer, sempre não. Houve um tempo que tive alguns amigos – ou melhor, amigas – até o primeiro semestre da 3ª série, depois daquele episódio que aconteceu, o qual prefiro não lembrar, muita coisa mudou. Sobre o retorno às aulas, o que eu gostava era quando ia com a mamãe comprar o material escolar e receber os livros novos, ficava ansioso pra inaugurar. Aquele cheirinho de

papel novo é uma boa lembrança. Gostava muito de estudar e como a maioria das pessoas, meu maior problema se chamava Matemática.

Voltei ao meu posto e confesso que esse primeiro dia custou a passar. O último sinal tocou, já dava pra ver a lua no céu mesmo quando ainda não havia escurecido totalmente, todos estavam indo embora, mas eu continuei lá quase duas horas a mais. Acho que esse era o único momento de descanso no trabalho, onde eu só precisaria ficar sentado em silêncio até que Sávio chegasse. A tal professora que eu tinha achado um pouco bonita – na verdade ela é linda – passou por mim e disse “até amanhã”, apenas consenti com a cabeça sem expressar nenhum sentimento, a verdade é que quando a vi se aproximando desviei o olhar em todo tempo e ia fingir não vê-la passar, então ela falou comigo e não tive como ignorá-la totalmente. Menos mal, agora já estou pensando que talvez foi só bobagem minha. Ela nem sabe que eu existo, sou apenas o porteiro da escola, e perdi um tempão pensando nesse assunto enquanto ela não pensou em mim nenhuma fração de segundo sequer. O menino que foi abordado pelos outros no jardim também passou na saída entre outras crianças, mas parecia estar apressado e andava olhando para o chão. Pensei em chama-lo pra perguntar se ele estava melhor, acho que no meio daquele batalhão que passava não seria um bom momento.

A escola não funciona a noite. Imaginei como o Sávio tem sorte, na verdade ele era mais um segurança do que precisamente um porteiro. Aproveitava o silêncio da noite sozinho, sem gritaria, sem cumprimentar centenas de pessoas, sem ficar abrindo e fechando portão o dia todo. Apesar de não gostar de dormir durante o dia, acho que ia preferir o horário do Sávio porque estou me sentindo um caco para esse primeiro dia. Todos foram saindo, professores, alguns funcionários e a Senhorita Margareth, que me deu apenas um “Boa noite” bem seco, entrou no carro, e eu já ia esquecendo de abrir o portão da garagem pra ela sair, quase que meu coração parou, corri apressadamente, ela saiu sem lançar nenhum olhar para mim. Acho que se depender dela não vou durar muito tempo nesse emprego, vou até olhar alguma coisa nos classificados antes que ela me demita de surpresa. Depois que ela saiu ficou uma paz no colégio, só eu e alguns funcionários da limpeza, mas depois que concluíram o serviço foram saindo e eu fiquei

esperando o Sávio chegar. Não resisti, meia hora antes, saí do posto e fui dar uma volta em meio ao silêncio pelos corredores e salas. A primeira, claro, era a Sala 4, que era a da minha turma da 4ª série, foi naquele ano que comecei a perceber que eu estava enfrentando muita coisa sozinho. Eu consegui me lembrar de alguns detalhes nas paredes, posições das mesas e cadeiras, até de algumas cores à partir das lembranças de alguns acontecimentos que vieram à tona na minha memória como as cortinas que se abrem para a estreia de um grande espetáculo. Parece que toda aquela avalanche tinha me alcançado de uma vez só, mas foram dois anos muito difíceis.

A primeira pessoa que me lembrei foi do Jhony. Ele tinha um problema auditivo, escutava muito pouco, por conta disso falava alto e às vezes sorria de coisas que não eram engraçadas. Muitas crianças não tinham paciência de conversar com ele, então o deixavam falar à vontade. Confesso que me aproximei dele por pena, e no começo fiquei constrangido ao dividir a mesma mesa com ele na aula, pois nunca gostei de chamar muita atenção e o Jhony às vezes falava tão alto que todo mundo ficava olhando pra gente – até hoje me incomoda a sensação de que alguém está olhando pra mim, pois sempre penso que estão observando a maneira como falo ou me expresso pra interiormente fazer alguma piadinha maldosa – Quando cheguei à conclusão que Jhony era a minha única companhia, percebi que ninguém fazia questão da amizade dele e o quanto nos tornamos excluídos das panelinhas ou grupinhos da escola, isso me fez pensar que duas metades fracas podiam se tornar fortes se estiverem juntas. Quando ficávamos isolados numa parte do jardim, eu conseguia me expressar melhor e até falava alto como ele, porém a aproximação de alguém fazia com que eu automaticamente me retraísse novamente, como se a minha atenção estivesse dividida entre o que ele estava falando e o olhar da outra pessoa. A gente ria de besteiras, falava coisas sem sentido e às vezes confesso que até ficávamos falando dos defeitos dos garotos da sala que se achavam superiores. O Jhony se tornou meu melhor amigo. Os pais dele eram muito legais e algumas vezes eu ia à casa deles assisti desenho japonês. Ele me convenceu a gostar daquelas séries que passavam no canal aberto. A TV sempre estava no último volume. A mãe dele trancava a porta do quarto pra amortecer o impacto na casa. Eu achava o máximo assisti TV naquele

volume, já que minha mãe nunca gostou de barulho, na minha casa tudo era muito silencioso, quase inaudível. O volume lá em casa só aumentava quando ela e meu pai discutiam. Nunca disse ao Jhonny o quanto eu gostava dele. Não imagino o que ele possa ter se tornado depois, mas gostaria que ele soubesse que durante todos esses anos nunca tive um amigo tão especial quanto ele. Parece que posso vê-lo nitidamente como se estivesse aqui agora, aquele corte de cabelo dele – tipo Elvis Presley – e tinha um sinal no rosto que era a marca registrada dele, além da surdez. Meu peito chega queimou agora de saudades do Jhony. Será que ele ainda mora na cidade? Acho que não, e mesmo se morasse certamente não o reconheceria. Ele fazia eu esquecer das minhas tristezas. Sinto falta até das vezes que a professora chamava nossa atenção durante a aula porque o Jhony não conseguia falar baixo.

O olhar que mais me constrangia era o da Sara. O meu primeiro amor. Nunca fomos amigos, e não conseguia me aproximar dela. Achava que se me olhasse nos olhos iria descobrir que eu estava apaixonado por ela, e em algumas vezes nossos olhares se encontravam sem querer. Me dava uma pequena parada cardíaca, acho que eu ficava pálido, parecia um choque de 5.000 volts. Minha mãe sempre descobria meus erros e dizia que eu não conseguia mentir com os olhos. Isso me fez pensar que outras pessoas poderiam ter esse mesmo dom. Demorei um pouco pra dizer ao Jhony que eu estava gostando dela, tinha medo que ele gritasse e todo mundo ouvisse. Quando resolvi me abri, sabia que eu precisava falar gritando. Conteí a ele enquanto assistíamos TV . Comecei falando baixo e ele dizia “não estou entendendo”, depois de algumas tentativas, com muita vergonha gritei “EU ESTOU APAIXONADO PELA SARAAAAAAA!!!”, e ele sempre em seu tom “APAIXONADO? PELA SARA? PELA SARA????” e eu morrendo de rir de tão vermelho que fiquei, tapei a boca dele gritando novamente em seu ouvido “É SEGREDOOOOOO!!! VOCÊ TÁ ENTENDENDO????”, fiz ele escutar bem até prometer por tudo de mais sagrado que nunca iria contar nada. Ele ficou querendo saber detalhes e me aconselhou a se declarar “FALA PRA ELA CARA!”, e eu “NAAAAAAAÃO! NUNCAAAA!!!”.



Por um momento havia me arrependido de ter contado, fiquei com medo dele não saber disfarçar na escola. Os garotos se reuniram um dia no intervalo e nos chamaram pra brincar de “Homem pegar as mulheres” – bom, era assim que a gente chamava – e depois as mulheres também tinham que pegar os homens. Os meninos corriam atrás das meninas e tinham que trazer todas até um local marcado, como se tivessem as prendido. Depois de “prender” todas, elas tinham que fazer o mesmo com os meninos. Eu estranhei o convite e quase não aceitei, mas o Jhony me convenceu, e sabe quem estava na brincadeira? A Sara! Meu coração estava mais acelerado que minhas pernas correndo atrás das garotas junto com os outros meninos – e aliás, acho que eles só chamaram eu e o Jhony porque o número de casais precisava ser igual – e tudo que eu pensava enquanto corria era “Eu não posso correr atrás da Sara! Todas menos a Sara! Eu não tenho coragem, vou passar mal”, e na correria não dava pra saber exatamente onde ela estava. Vi a Elisabeth, e consegui detê-la – era uma menina meio esquisita de cabelos volumosos e ressecados – às vezes achava que ela ficava zombando de mim junto com as amigas, pois de vez em quando pegava elas me observando como se estivessem dizendo algo e depois desviavam o olhar. Ela gritava “me solta, me solta” e a gente ria muito. Eu apenas a segurava sem dizer uma palavra. No começo foi meio constrangedor, segurar com força uma pessoa que você não é amigo enquanto ela grita. Os outros meninos provavelmente não iriam pegar a Elisabeth, pois ouvi várias vezes eles fazendo piadas maldosas sobre ela, dizendo que ela era a menina mais feia da classe, que parecia uma “mostrenga”. Ficavam até zombando uns com os outros dizendo “Quem vai se casar com a Elisabeth é o Eduardo”, e o Eduardo respondia “Que nojo! Quem vai casar com ela é o Raul”, e assim um ia passando para o outro como se fosse um objeto indesejável. Acho que ela não sabia dessas brincadeiras sem graça ou então não se importava, pois estava sempre com uma aparente boa estima.

Fui atrás das outras meninas quando me deparei com a Sara num corredor da escola que não tinha saída – quer dizer, tinha saída, mas no final havia uma poça bem grande d’água onde nadava muitos girinos que eu jurava que eram peixes – quando ela me viu deu um grito e correu como se dissesse “Ele vai me pegar!”, eu estava todo suado, o coração quase saindo pela boca e numa fração de segundos saí correndo atrás dela. Não sei descrever o que

eu estava sentindo, não havia tempo suficiente para discernir. Na minha mente parecia a cena de um filme que passava em câmera lenta, como se fosse o meu maior ato de coragem, enquanto a gente corria acelerado, suando, gritando e rindo. Sara parou bruscamente onde o corredor chegava ao fim e eu com toda euforia gritei “PEGUEI”, mas na realidade a empurrei com toda a força do meu corpo em movimento dentro daquela água que se misturou e virou uma lama. Quase cair junto, mas consegui me equilibrar. Fiquei totalmente imóvel, desesperado, quando ela foi se levantando tendo que se apoiar com as duas mãos na “água dos sapos” – como chamávamos –, chorando compulsivamente, tentando se equilibrar de pé na lama enquanto tudo que consegui fazer foi ficar parado com a mão na boca. Chegaram algumas meninas que ficaram ao redor dela pedindo pra que se acalmasse, mas tudo o que ela conseguia dizer era “Ele me jogou nessa lama cheia de sapos!”, e eu respondi quase inaudível “Não foi porque eu quis”. Uma das meninas disse “Não sei pra quê chamaram esse garoto pra brincar”, foram chegando os outros meninos perguntando o que aconteceu, enquanto alguns começaram a rir muito, e começou uma confusão entre eles.

– Para de rir da minha amiga seu panaca.

– Sua amiga quer um beijinho pra virar uma princesa? Porque agora ela é um sapo, ou melhor, uma sapa!

Entre risos de deboche, choro e gritaria fui saindo devagar. Ouvi quando um dos garotos disse pra mim “Valeu ET, você provou que nem brincar sabe”, o Jhony quis vir atrás de mim, mas eu segurando o choro gritei “ME DEIXA SÓ!”, quando já tinha gritado percebi que a Elisabeth vinha atrás dele como se fosse dizer algo também, corri pro banheiro e chorei desesperadamente. Não voltei pro segundo tempo da aula e soube depois que todo mundo ficou me procurando. O Jhony sabia que eu estaria na cabine do banheiro trancado mas não foi lá me procurar. Amigos de verdade conhecem os limites uns dos outros.

Voltei depois que o sinal tocou. A professora disse que a Sra. Matilde queria falar comigo, fui à sala da diretoria e expliquei o ocorrido. Ela percebeu a minha contrição, mas não deixou de me advertir severamente, disse que na próxima vez ia chamar meus pais e que esse tipo de brincadeira estava proibida. Nunca tinha sido advertido no colégio. Ela mandou chamar a Sara

– quase morri internamente – para que eu pedisse desculpas. Sara entrou na sala, com uma outra roupa que não era a farda, os cabelos ainda molhados e o semblante caído. Num ato de ousadia olhei rapidamente em seus olhos e pedi desculpas, ela apenas balançou a cabeça sem emitir som algum. A diretora mandou eu repeti “Sara, isso nunca mais vai acontecer” – Eu sempre achei um saco esse negócio de repetir as coisas que os outros mandam – mas falei de olhar baixo.

– Sara, eu prometo que isso nunca mais vai acontecer.

Ela saiu e eu fui pra casa. Não falei nem com o Jhony na saída. Pensei ser aquele o pior dia da minha vida.

Eu já estava sentado na mesma cadeira que eu sentava quando fui interrompido por um grito “JOÃO VICTOOOOOOOÔ” – pensei por um instante ser a voz do Jhony – mas era o Sávio “Ó meu Deus! Esqueci totalmente a portaria!”, sair correndo desesperado. O Sávio parecia estar furioso enquanto eu abria o portão:

– Cara, eu estou a quase meia hora te chamando! Você tá surdo???

– Eu nem sei o que dizer Sávio...

– Tudo bem, você que perdeu meia hora! Só estava cansado de gritar. Quase liguei pra senhorita Margareth pra saber se tinha acontecido alguma coisa já que não tenho ainda seu número de celular.

– Eu não tenho celular.

– Sério isso? Em pleno século XXI?

– Vou comprar um o mais rápido possível. Ainda bem que você não ligou pra ela. Ela já está bem brava comigo.

– Será que ela não teria razões? – disse ele levantando uma das sobrancelhas.

– Tudo bem, eu estou errado, mas leve em consideração que nunca trabalhei nisso antes.

– Te contrataram sem experiência?

– Já trabalhei como recepcionista em um consultório médico, acho que isso ajudou no currículo.

– É, deve ser idêntico o serviço! Atender pessoas num telefone e controlar a portaria de um colégio – disse ele com ironia.

– Eu não ficava só atendendo telefone. Atendia as pessoas pessoalmente também.

- Ok João, sem justificativas.
- E eu não abri o portão logo porque...
- Ok João, já disse! Eu não estou bravo com você. Só espero que algo parecido nunca chegue aos ouvidos da senhorita Margareth.
- Tudo bem, obrigado. Preciso ir. Até amanhã então.
- Descanse.
- Boa noite Sr. Carvalho.
- Ei, só quem pode me chamar assim é a senhorita Margareth.

Olhei pra ele e começamos a rir. Fui embora, sonhando em tomar um banho e me deitar. Quando cheguei em casa, ainda lavei a farda no banheiro, coloquei atrás do frigobar pra secar mais rápido e fui preparar um jantar – hoje vai ser apenas uma sopa com queijo porque estou me sentindo como se trinta ossos estivessem quebrados. Não lembro exatamente como adormeci, acordei praticamente sentado na cama e o pior, atrasado. Desde que comecei a morar só – isso já tem quase 18 anos – nunca precisei de um despertador pra me acordar. Me acostumei a levantar naturalmente às 5hs. Mas além de um celular, agora preciso de um alarme – se bem que celulares possuem alarmes – porque nunca acordei tão D-e-s-e-s-p-e-r-a-d-o. Milagrosamente consegui me arrumar em 10 minutos, cheguei com mais 10 minutos de atraso do horário que preciso render o Sávio no trabalho. No caminho, me deu uma angústia tão grande que a vontade era voltar pra casa. Nem engomei a farda, o cabelo mal penteado e esqueci de passar perfume. Que lástima! Nem lembro se isso já tinha acontecido alguma vez. Só sei que eu estava me sentindo o próprio CAOS. Cheguei e me comuniquéi com o Sávio apenas por olhares silenciosos. Achei que ele estava me condenando com aquele silêncio, mas ele não disse nada além de um “Até mais tarde!”.

E assim começou minha manhã do segundo dia de trabalho.

## DIA TEMPESTUOSO

Ainda bem que cheguei ao Portinari antes da Senhorita Margareth. Não sei se ia suportar tanta pressão de uma vez só. Quando trabalhei como almoxarife, nunca cheguei atrasado. Não sei por que isso aconteceu hoje. E por pensar nela, adivinhe quem chegou? A própria! Fui abrir o portão da garagem e quando estava caminhando vi que a professora bonitona entrava no colégio – dessa vez nem Bom dia, nem nada. Abri a porta do carro para que a Senhorita Margareth descesse, ela me olhou dos pés a cabeça como se reprovasse algo, não esboçou um traço de simpatia, e apenas disse “Bom dia! Obrigado!”. Isso não me afeta. Fico pensando “Que velha chata!”, mas ainda bem que ela fica lá na diretoria. De gente assim eu quero o máximo de distância mesmo. Lamento interiormente não ter cumprimentado a tal professora que nem sei o nome ainda, e não sei porque insisto em me sentir assim. É só uma mulher bonita, nada mais. Apaixonado eu sei que não estou, nem sei o que é isso. Esqueci.

Já o garotinho triste que vi no jardim ontem, veio caminhando sem companhia, então aproveitei e o abordei.

– Bom dia, tudo bem com você?

– Bom dia! Está. – Senti sua impaciência no tom de voz enquanto acelerou os passos.

– Ei, espera. – Confesso que senti medo do olhar dele ao parar e olhar pra trás.

– Hoje o seu cabelo está bem assanhado. – disse ele sem nenhuma intenção de ser engraçado, não aguentei e dei um sorriso sem abri a boca.

– Ouvi dizer que era moda entre os mais jovens. – Ele franziu a testa como se me desprezasse totalmente.

– Mas você é velho. – Engoli um pouco de saliva, desfiz rapidamente o nó na garganta.

– O que torna uma pessoa velha não é a sua idade. É a sua mente, seus pensamentos e o que ela faz. – tentei esconder o pequeno fogo que acendeu em meu peito.

Ele levantou uma sobrancelha com um risinho sarcástico e simplesmente deu as costas. Fiquei pensando no que eu tinha acabado de dizer, e depois concluir “Poxa, acho que estou me tornando hipócrita”, quis fazer ele refletir sobre algo que eu nem sei o que é. Logo eu que sempre critiquei essa mania das pessoas falar palavras bonitas quando todos sabem que as atitudes delas são bem incoerentes com o que dizem.

De repente uma menina loirinha que falava enquanto olhava o celular, me aborou interrompendo meus pensamentos.

– Ô tio, qual é teu signo?

– Você está falando comigo ou com seu celular?

– Com você claro – olhando agora pra mim – Eu não chamaria um celular de tio. – disse meio impaciente.

– Não acredito em signos.

– Sério? Tu deve ser canceriano.

– Dizem que sou. Nasci dia 10 de Julho.

– Sabia! Todo canceriano é dramático.

– Eu não sou dramático. – Possivelmente é o adjetivo que eu mais detesto.

– Isso já é um drama. – Senti um fio de provocação.

– Acho que as pessoas podem mudar qualquer coisa que quiserem. Nada pode ser mais determinante do que a própria determinação pessoal.

– Não entendi nada.

– E porque você acredita em signos?

– Hum... porque acho que funciona. No meu signo por exemplo, tudo dá certo.

– Nunca funciona pra todo mundo.

– Ok tio, era só uma pesquisa, não precisa ficar vermelho. – Ela fez uma cara de quem não gosta de perder numa discussão.

– Eu estou normal.

– Ok canceriano! – deu as costas inclinando a cabeça olhando para o aparelho, que pelo tamanho parecia mais uma tábua de cortar carne.

Não acredito que fiquei meio irritado com essa conversa. Várias pessoas passando e ao invés de cumprimenta-las, estava discutindo signo com uma

menininha mal-educada que nem me cumprimentou. E hoje estou me superando nas filosofias que não pratico. Acho que é natural do ser humano, querer falar verdades para os outros, mas na maioria das vezes a gente nem corrige a si mesmo. Sou muito honesto com meus pensamentos, claro que reconhecer isso não é fácil, mas se torna mais confortável quando estar só aqui dentro da gente.

Mais irritante do que a menina dos signos são esses garotos que entram gritando, empurrando uns aos outros, um bando de mal-educados, nem parece que os pais pagam uma fortuna pra eles estudarem aqui. Como a maioria das crianças são de classe média alta – pelo menos é o que imagino já que estão no Portinari – fico me retraindo um pouco na hora de pedir pra elas se comportarem. Muitos tem o olhar altivo como se aprendessem em casa que eles podem fazer o que querem porque os pais estão pagando. Um garoto derrubou o outro no chão com muita força, apesar do outro menino ter levantado sorrindo, eu os repreendi “Ei, maneiem nessas brincadeiras, vocês podem se machucar”, o que caiu respondeu “A gente tá só brincando tá bom!?” – num tom arrogante – e o que empurrou falou “Ele pensa que pode mandar na gente”. Acredito ter um dom de me controlar emocionalmente quando a vontade é mandar todos para a diretoria. Lembrei numa fração de segundos como a diretoria pode ser um lugar injusto. Outra menina tinha esquecido o estojo de material escolar em casa e perguntou se eu tinha celular pra fazer uma ligação para a mãe. Isso me fez perceber a necessidade de comprar um urgentemente. Pedi pra ela ir à secretaria perguntar se alguém poderia ajuda-la. Ah, também reconheço que há muitas crianças extremamente educadas, e que não é a classe social que define isso. Nem sei como meus pais conseguiam pagar a mensalidade no tempo em que estudei aqui, a gente nunca foi classe média e estava muito longe de ser. Acho que não era tão cara como hoje porque o Portinari não tinha muitos anos de existência, acredito até que fui um dos primeiros alunos. E outra que, não era tempo integral, estudava apenas no turno da manhã. Lembro que meus colegas de classe sempre tiveram brinquedos bons e traziam lanches maravilhosos, enquanto tudo que eu tinha era um urso de pelúcia chamado “Fofinho” e um caminhão de plástico que comportava animais. Eu nem trazia eles pra escola. Os meninos gostavam muito de competir e se gabar dos seus brinquedos e sendo assim, eu jamais poderia

trazer os meus. O meu lanche era sempre o mesmo: pão com ovo e suco de acerola. Às vezes meu pai ia no portão da escola – quando ele ficou desempregado – e comprava picolé de um senhor que sempre estava na calçada do colégio. Apesar de tudo, eu nunca tive inveja. A única coisa que eu queria era um amigo de verdade.

Fora o Jhony, o outro amigo que tinha era o meu pai. Quando ele não estava embriagado, era o melhor pai do mundo. Eu podia contar tudo pra ele, diferente da mamãe, que sempre estava preocupada e impaciente. Conte pra ele sobre a Sara, e no fundo ele ficou orgulhoso, até me disse “Quem diria, meu garoto apaixonado?”, fiquei um pouco vermelho, mas também contei sobre o fato de ter a derrubado na lama. Ele tentou me encorajar a voltar a falar com ela, contei sobre a minha falta de coragem e do fato que ela nunca mais olhou pra mim depois do ocorrido. Ele me perguntou, “Mas você olha pra ela?” e eu disse “Não, não consigo”, então respondeu “Assim não tem como saber se ela olhou pra você ou não”. A mamãe foi se aproximando da calçada onde estávamos sentados do lado de fora da casa e emudecemos, sempre com desconfiança perguntou “O que vocês estão falando em segredo?” e em uníssono nós respondemos “Nada!”. Ela sempre dizia “Vocês cheio de segredinhos”. Na época do desemprego, meu pai passou a beber mais do que o de costume, isso fez com que as brigas em casa aumentassem e a gente passou a conversar menos, eu jamais conversaria com ele embriagado. Teve um dia que ele levou um amigo pra casa e os dois estavam irreconhecíveis, minha mãe se controlou pra não brigar porque parece que o rapaz que estava na sala com o meu pai, era filho de uma senhora que ajudou muito a nossa família. Ela se conteve e só discutiu quando o convidado foi embora. Meu pai estava fora de si e me chamou, quase não fui, mas ele me puxou, colocou-me em seu colo e ficou falando bem alto na sala “Meu garotinho tá apaixonado”, fiquei transtornado com vontade de correr pro quarto, e ele continuou “É uma menina da escola. Como é o nome dela?”, baixei a cabeça e não conseguia falar, ele insistiu “Como é o nome dela? Diz!”, me soltei dos braços dele e corri pro quarto, ouvi quando o rapaz falou “Ele tá com vergonha” e meu pai completou “É galã igual o pai”. Segurei o choro porque minha mãe entrou no quarto e ficou me perguntando “O que é que você tem?”, e eu respondi “Nada, só quero deitar”. Apesar de ele ter dito apenas para aquele



rapaz, senti que não podia mais confiar no meu pai. Minha mãe quase ouviu, se ela tivesse escutado não teria dito nada na hora, mas depois quando tivesse de bom humor ia ficar fazendo perguntas.

Apesar do meu mal-estar físico por ter acordado atrasado, não ter penteado meus cabelos e nem ter passado perfume, fiz um esforço pra fazer tudo direitinho, porque tudo o que menos preciso hoje é de uma bronca da Senhorita Margareth. Fechei os portões na hora certa e tentei administrar minhas distrações. Tudo tranquilo! Só eu e o portão. Quer dizer, chegou um garoto – daqueles que pedem pra ir ao banheiro, mas desviam o caminho – e me pediu pra consertar a pulseira do relógio dele que havia quebrado. Como eu disse, o porteiro tem mais utilidades do que se pode imaginar. Detesto essa sensação que estou tendo, de ansiar pela folga do Sábado, cozinhar e ficar em casa, porque isso é sinal de que não estou gostando desse trabalho. A lista de novos vãos tem que estar sempre preparada.

Ao tocar o sinal do almoço, fechei os portões de fora e fui ao refeitório onde ficam professores e funcionários. E antes que começassem a comer, a Senhorita Margareth pediu a atenção de todos.

– Boa tarde! Eu queria ter feito esse momento ontem, onde retornamos às nossas atividades para o segundo semestre deste ano, mas devido a muitas pendências não pude falar com vocês. Estou satisfeita em revê-los e saber que estamos retomando esse desafio de trabalharmos juntos em prol da educação e desenvolvimento social, psicológico, físico e intelectual de nossos alunos. Todos já estão cientes de seus deveres e direitos, porque não existe nenhuma cara nova por aqui, a não ser a do Sr. Cruz – apontou para mim e fez um gesto para que eu ficasse de pé – Esse é o Sr. Cruz, nosso novo porteiro – forcei simpatia enquanto olhava envergonhado para alguns –, ele está substituindo o nosso querido Sr. Estevão, que trabalhou nessa instituição durante 30 anos de sua vida, mas infelizmente por questões de saúde teve que se afastar das funções.

Esbocei um pequeno sorriso no rosto, mas eu estava me sentindo extremamente constrangido com todas aquelas pessoas me olhando ao mesmo tempo, com seus pratos na mão. Parecia que eles estavam pensando na comida que devia estar esfriando, mas a senhorita Margareth foi me

apresentando um por um dos funcionários. Confesso não ter decorado o nome de quase ninguém, a não ser do Sr. Evangelista, professor de Matemática, porque ele é bastante estranho, tem um cabelo rosa, óculos escuros e um alargador na orelha direita. E claro, o da professora bonita, que é a Senhorita Miranda. Confesso que mal consegui olhar pra ela quando a senhorita Margareth mencionou seu nome, mas ligeiramente me lembrei do filme “O diabo veste prada”, pois era o mesmo nome da vilã. Me saudaram com um tímido Bem-vindo e depois foram liberados pra comer. O Sr. Evangelista sentou bem na minha frente – não sei se poderia chamar de sorte – e começou a puxar assunto. A maioria das perguntas respondi mexendo a cabeça e dando um sorrisinho, detesto comer falando, me esforcei em parecer simpático.

- E aí, tá gostando de trabalhar aqui?
- humrum.
- O ambiente aqui é bem legal né?
- humrum.
- Trabalho aqui há mais de 4 anos.
- Ahh.
- Acabei de chegar de férias. Fui com uns amigos ao Alasca. Um sonho antigo sabe?
- Hum legal.
- Conhece o Alasca?
- Não. – disse com a boca cheia pra ver se ele percebia o meu incômodo.
- Pra onde você já viajou?
- Pra lugar nenhum. – respirando profundamente.
- Sério!??? Nunca saiu da cidade?
- Não tenho dinheiro. – disse controlando a impaciência.
- Entendo. – enfim, se calou.

Comi ligeiramente, pedir licença e sair. Que cara chato! Deve ser daqueles que tem uma vida boa, e acha que pra todo mundo é fácil. Enquanto falava percebi que ele usa um tênis floral ridículo, a única coisa comum nele é a farda – talvez porque seja obrigatório. Queria ter visto o que a Senhorita Miranda estava fazendo, sentei-me de costas para ela no refeitório, enquanto o chato do professor de Matemática me enchia de perguntas. Decidir ir ao jardim, sentar no banco debaixo da árvore – meu lugar favorito

– nada me deixava mais chateado do que chegar lá e encontrar outras pessoas ocupando-o. Era como se ele pertencesse a mim, ou então eu pertencia a ele. Acho que o garotinho triste também se apossou do banco, o encontrei sentado novamente como ontem. Não me incomodaria de dividir o banco com ele – acho que ele não pensa o mesmo. Dei passos cautelosos e timidamente – como quem deve algo – disse “Posso me sentar aqui? Mas se você se sentir incomodado não tem problemas, eu saio”, ele me olhou como se não houvesse saída e consentiu com a cabeça. Ficamos em silêncio por alguns segundos.

– Você gosta de ficar aqui também?

– Sim. – disse ele revirando os olhos.

– Você também não gosta de perguntas?

– Sim.

– Sim o quê? Você gosta ou não gosta?

– Acho que você não gostaria das minhas respostas.

– E porque eu não gostaria?

– Porque ninguém gosta. – continuou olhando pra frente.

– E como você sabe que eu não vou gostar?

– Porque todos os adultos são iguais.

– Quer dizer que você generaliza as pessoas?

– Viu só? Você não gostou da minha resposta.

– Não é que não gostei. Apenas estou discordando e tentando entender.

– Ninguém pode entender.

– Eu entendo. Não sei porque você pensa assim, mas eu também já me senti como você. Inclusive já estudei nessa escola e todos os dias eu me sentava nesse banco, caso alguém não resolvesse sentar antes. Seu nome é Enzo?

– Como você sabe? Você me conhece? – senti um tom de preocupação em sua pergunta.

– Eu ouvi quando aqueles dois garotos te insultaram. Eles fizeram alguma coisa com você?

– Eles são dois idiotas. Não preciso deles.

– Porque você gosta de ficar só?

– Olha porteiro, chega de perguntas. – ele não alterou a voz, mas era perceptível sua irritabilidade.

– Ok, desculpe. Acabei de me livrar de um cara que também estava me crivando de perguntas. Mas o meu nome é João Victor. Eu sou o cara mais

feio e chato que você deve conhecer, mas se você precisar eu estarei bem ali – aponte em direção ao portão –, eu não sei jogar futebol, nem videogame, não torço nenhum time, não tenho TV por assinatura, ou seja, sou quase um extraterrestre, mas eu posso ser um bom ouvinte. E o melhor, sempre posso te dizer a verdade. – pela primeira vez me olhou nos olhos, pensei por um instante que ele ia chorar, esperei que dissesse algo, mas simplesmente emudeceu. Levantei lentamente e o deixei sozinho. Fui até o banheiro e sem saber o porquê me deu uma vontade imensa de chorar – dizem que depois dos trinta ficamos mais sensíveis. Por coincidência entrei na mesma cabine que havia entrado no dia em que derrubei a Sara na lama. O banheiro sempre foi um local de refúgio pra mim. Na minha infância, era o único lugar onde eu conseguia chorar em paz. Quando voltei ao portão, antes do sinal da tarde tocar, vi que Enzo não estava mais lá. Ouvi um barulho estranho vindo do andar de cima – uma gritaria que aumentava gradativamente, corri apressadamente pra ver o que se tratava. Eram duas adolescentes em ponto de briga, enquanto algumas seguravam elas e outras gritavam “Pega ela mulher”, “Se eu fosse você dava na cara dela”, entrei na sala quase sem frear.

– O que está acontecendo aqui?

– Essas duas meninas brigando por causa de um menino do 7º ano. – disse uma das garotas.

– Mentira! Essa garota que fica com fofquinhas a meu respeito. – percebi que a garota ao qual se referia era a mesma que me abordou mais cedo na entrada.

– Eu não preciso fazer fofoca se sua reputação já é um lixo. – respondeu a menina dos signos.

– Vamos parar com isso agora as duas, se não vou encaminhá-las à sala da Senhorita Margareth. – disse aumentando o tom.

A garota com suas amigas foram saindo, quando a menina dos signos voltou a afrontá-las.

– Vão mesmo bando de medrosas. Vocês sabem muito bem quem eu sou!

– Pare com isso agora. Já chega. – disse mais enérgico.

– Você não manda em mim! Eu grito o quanto eu quiser! – se ela tivesse o meu tamanho com certeza teria me atropelado.

– Aqui Não! Na rua! – inclinei a cabeça e falei olhando bem no fundo de seus olhos.

– Quem você pensa que é seu verme? – vi um ódio em seus olhos como nunca imaginei ver em uma criança.

– Sou uma pessoa mais velha que você e me deve respeito.

– Você é um chato!

– Não me provoque.

– Vai fazer o quê? Me bater?

– Vamos agora para a Diretoria! – numa fração de segundos lembrei de um antigo patrão que reclamava porque dizia que eu não tinha “pulso firme”.

– Se quiser mande ela vir aqui.

– Vamos! Agora! – gritei.

A Senhorita Margareth entrou na sala como quem correu léguas.

– O que está acontecendo aqui?

– Essa garota, estava discutindo com outra. Se eu não tivesse chegado a tempo não sei o que teria ocorrido.

– Senhorita Juliana, não acredito que teremos problemas nesse semestre também. – disse ela pegando no queixo da garota.

Ela tentou falar como se fosse enfrenta-la, mas a Senhorita Margareth falou mais firme.

– Fique quieta! Começamos agora o segundo semestre e já estou tendo problemas com você. Arrume suas coisas e passe na direção. Você está suspensa por três dias e amanhã sua mãe precisa vir aqui conversar comigo. E dependendo da conversa, poderei desliga-la dessa instituição. Estou lhe aguardando. – Deu as costas nos deixando a sós. Agora sei que ela se chama Juliana. Olhou-me como se quisesse me queimar vivo e cerrando os dentes me acusou.

– Viu o que você fez?

– Eu não fiz nada, você me faltou com respeito.

– Eu sabia que não ia gostar de você Canceriano. Sempre odiei pessoas do signo de Câncer.

– Posso saber o seu signo então? Por questão de precauções. – busquei algum fio de humor, o que não serviu muito.

– Eu sou de Escorpião. – disse ela quase chorando enquanto colocava os cadernos dentro da mochila.

– O que aconteceu no semestre passado? – quis saber.

– Não é da sua conta! – ela estava com uma cara de dar dó. A raiva que eu senti foi se desfazendo.

- Posso ajudar?
- Você já me ajudou a ser expulsa da escola.
- Se eu não tivesse aparecido você tinha agredido aquela menina e ia dar na mesma coisa.

Ela não disse mais uma palavra, terminou de arrumar as coisas e saiu da sala, quase se esbarrando com a Senhorita Miranda, que tentou saber o que estava acontecendo, mas Juliana a ignorou. Ficamos só eu e ela na sala. Fiquei meio sem reação, os meus olhos se recusavam a encontrar os dela.

– O que aconteceu? – a forma como ela perguntou me deu a certeza de que não há monstro nenhum.

– Duas meninas estavam brigando na sala.

– Quais?

– Juliana e uma outra menina que não conheço pelo nome.

– Ai meu Deus! Não sei mais o que fazer com Juliana.

– O que aconteceu com ela?

– Ela tem um temperamento muito difícil. É agressiva. Já tentei conversar com ela, mas é sempre complicado.

– Você é a professora dela?

– Sou a Professora de Ciências do Colégio. Pode chamar também de Biologia. Ensino todas as turmas.

– Legal. Sou formado em Ciências Biológicas. De certa maneira somos colegas de profissão.

– Sério? E você trabalha de porteiro? – ela levantou uma das sobrancelhas como se duvidasse.

– Descobri que não tinha tanta vocação. – ela deu uma risada que me deixou um pouco constrangido.

– Nunca ouvir ninguém dizer nada parecido. – disse ela.

– É porque... – tomei um susto com o toque do sinal – preciso ir.

– Tudo bem, depois conversamos sobre isso.

Corri apressadamente ao meu posto, antes que a Senhorita Margareth percebesse que estava abandonado. O meu coração estava quase saindo pela boca. Fiquei pensando quanta coisa aconteceu em apenas um dia e meio de trabalho. Será que vou dar conta do que ainda está por vir? Os alunos saiam de onde estavam e se dirigiam às suas classes. Na hora do repouso até que eles se comportaram – menos Juliana. Por alguns segundos eu senti uma pena dela, como se estivesse precisando de ajuda. Fiquei me perguntando

o porquê dela ser tão revoltada. Será que é porque ela é escorpiana? Ah, vamos parar João! Só o que faltava agora você entrar nessa de signos. Por falar nela, passou pelo portão feito um furacão e entrou num HB20 preto que a esperava. Saiu um cara todo vestido de preto com aqueles chapéus quadrados – mais ridículo que o meu – e abriu a porta traseira. É quase impossível trabalhar na portaria sem se envolver de alguma forma na vida das pessoas.

Passei a tarde pensando em Enzo, Juliana, Senhorita Miranda, e a cada flash um sentimento de preocupação misturado a uma alegria repentina que se desfazia com outro flash. O tempo todo lembro “João, você é apenas o porteiro”. Fico alerta ao toque do último sinal, meus olhos procuram por Enzo e pela Senhorita Miranda, o telefone toca ao mesmo tempo instensificando o barulho estridente do metal, a Senhorita Margareth me chama à sua sala. Penso dizer que estou despedindo os alunos e depois vou à diretoria. Decido num impulso – como se o cérebro e a boca estivessem em conflito – ir no mesmo instante sem questionar. Ao entrar explico sobre a portaria abandonada, ela me interrompe como se ninguém falasse.

– Eu sei Sr. Cruz, eu conheço muito bem os setores e funções nesse estabelecimento. – a forma como ela levanta as sobracelhas me desconcerta.

– Desculpe, é que...

– Sente-se por favor. – puxo a cadeira e coloco os braços sobre sua mesa, posiciono meu rosto alinhado ao seu e fixo o olhar seguramente.

– Algo de errado?

– Primeiro preciso saber como está se sentindo nesse segundo dia de trabalho e se pretende continuar?

– Bom, estou em processo de adaptação e posso afirmar que estou buscando fazer o melhor.

– O senhor quer mesmo essa vaga?

– Sim, eu quero. – não meço a dimensão das palavras.

– Então... já havia lhe passado por telefonema sobre honorários, horas extras e obrigações. Acredito ter sido clara.

– Sim, eu entendi tudo.

– Ótimo! Então vou lhe dar um mês de experiência e só depois desse período veremos se o senhor continua no cargo ou não.

– Obrigado senhorita... – ela me interrompe outra vez como de costume.

- Não sei se o senhor sabe, ou lembra, mas não possuo experiência no cargo de portaria, nem curso técnico nem nada...
- Já trabalhei como recepcionista.
- Sei, sei, já vi seu currículo. Bem extenso, mas aqui é outra coisa. O senhor está aqui a pedido do Dr. William Alencar, que é vereador do bairro, filho de grandes amigos meus e por isso aceitei a indicação. Não costumo aceitar porque prezo pela excelência.
- Entendo. Sou amigo dele também. – olhei para minhas mãos pálidas, frias, com os desenhos de vasos sanguíneos expostos.
- Sei como é. Vereadores sempre tem milhares de amigos. – desencostei os braços da mesa me afastando o máximo que pude.
- Então... era só isso?
- Não! O senhor está com pressa?
- De forma alguma! – cruzei os braços e descansei sobre a cadeira de rodinhas com um sorriso de boca fechada.
- Pois então, quero lhe dizer outra coisa. Ainda considero sua falta de experiência, mas caso aconteça algo parecido com o ocorrido de hoje, peça que use mais sua autoridade. Não perca tempo discutindo com crianças.
- Perfeitamente. – lembrei que respostas curtas podem ser úteis quando queremos que alguém encerre o assunto.
- Ouvi o senhor se exaltando com a garota.
- Ela me desrespeitou.
- Ok. Estou apenas lhe advertindo para que não aconteça mais. Era só isso.
- Obrigado. Com licença.

A vontade súbita de chutar a porta e colocá-la no chão foi vencida. Que mulherzinha mais arrogante! Me pergunto porque vim trabalhar aqui, e a única resposta que me vem é: pagar aluguel, boletos, comprar tomate e queijo. Quando chego ao posto avisto apenas um céu escuro, uma mesinha com uma cadeira solitária. Ouço ecos de vassouras trabalhando e cadeiras sendo arrastadas, e também passos, são de Enzo descendo a escada. Chego bem perto.

- Esqueceram você hoje?
- Não. Nem esqueceram, nem lembraram. – sempre com um tom desanimado.
- Como assim?



– O motorista sempre vai buscar meus pais nesse mesmo horário. Eles trabalham distante.

– Sério? Você mora perto?

– Um pouco.

– Seus pais trabalham com o quê? Eles não sabem dirigir?

– Não gosto de falar da minha família. Somos bastante discretos. – ele fala olhando para o tênis vermelho que está meio surrado.

– Ah, ok. Mais uma vez me desculpe. Não pergunto mais sobre sua família. Se atrasou nas atividades de hoje?

– Não. Tava esperando você aparecer pra te dar uma coisa.

– Verdade? E o que é?

Ele abriu a mochila e tirou um bonequinho feito com tampinha de lata de refrigerante. Fiquei surpreso, ao mesmo tempo feliz, por senti que a nossa conversa de hoje tinha feito ele refletir um pouco. Atitudes são respostas mais viáveis do que palavras, na maioria das vezes.

– Obrigado Enzo. Fico muito grato. Você que fez?

– Não. Eu tenho cara de quem faz bonequinho de lata?

– Não. – dei uma risada – Espero que tenha um bom significado.

– Até amanhã. – continuava a olhar o chão enquanto caminhava.

– Enzo. Eu também não tenho amigos. – ele parou de costas por dois segundos, me olhou com o canto do olho e vi sua bochecha arrendondar como se algum sorriso brotasse.

Não vejo a hora de entrar em casa e preparar um creme de batata inglesa, queijo e pimenta – a última mistura que deu certo. Sávio abre o portão externo e caminha vagarosamente enquanto sorri e olha para o celular – deve ser mais um lance amoroso. Decido ir ao Street Shopping antes que feche as portas, pra comprar – em muitas parcelas – um celular novo que tenha despertador.

A atendente da loja mostra os celulares mais modernos a uma moça indecisa. Ouço ela dizer “A câmera precisa ser muito boa”, a funcionária visivelmente impaciente responde “Esse é o mais moderno de todos que a senhorita testou” – deve ser mesmo, tem o preço do meu futuro salário multiplicado por 5. Procuo na vitrine os aparelhos de menor custo – menor mesmo. A mulher faz o gesto com as mãos me pedindo pra aguardar mais

um pouco, a garota me olha como se eu tivesse incomodando e desiste da compra. Aponto para um smartphone e digo “esse por favor, tem despertador?”.

– Todos os aparelhos tem despertador, senhor.

– Ok. É esse mesmo. – sem testar, nem nada. A comissão dela não será tão empolgante, mas em compensação comprei. Vale mais um venda pequena que um mundo inalcançável.

## QUANDO SONHOS NÃO ACONTECEM

Finalmente tenho um celular com a função Touch Screen, desses que a gente toca na tela – digo isso, porque nunca tive um assim. Todos os que possuí antes tinham apenas botões, a única serventia era me acordar. Nunca fui de telefonar pra ninguém, aliás, eu nem tinha pra quem. As únicas vezes em que o telefone tocava, eram aquelas pessoas chatas oferecendo serviços e produtos que você nunca quer comprar. Não sei como eles descobrem o número da gente – coitados né? É o trabalho deles. Já era alta madrugada quando tentava entender todas as funções que o novo aparelho tinha. Quase não achei o despertador, depois de algum tempo encontrei no desenho de um relógio. As cem possibilidades não me interessam muito. Se há alguns anos atrás já era difícil fazer amizades verdadeiras, imagine agora que as pessoas ficam competindo a atenção dos outros com um celular. Elas comem, deitam, vão ao banheiro, ficam caladas por horas – mesmo estando acompanhadas –, e vivem com um aparelho na mão. Algumas ainda ousam me chamar de desatualizado. O sistema nos obriga a fazer coisas que detestamos. Um toque caribenho aumenta gradativamente às 5hs em ponto, mas eu estava de olhos abertos cinco segundos antes. Fui mais ágil que ele.

Uma garota de cabelos curtos que usava uma tiara colorida com chifre de unicórnio me abordou na entrada.

– Tio, eu te vi no Shopping ontem a noite.

– Ah, legal.

– O senhor vai ao shopping fardado?

– É. Aproveito o fim de um cansaço para o início de outro.

– Mas o senhor deveria pelo menos ter trocado de roupa. – seu tom soou como o de uma forte indignação.

– É tão estranho assim?

– É. Porque todo mundo sabe que você é funcionário do Colégio.

– Não entendo qual o problema.

– Eu também não sei qual é o problema, mas o shopping é lugar de pessoas bem vestidas.

– Ok. Em plena Quarta-feira à noite, acho que as pessoas não devam ter se incomodado.

– Meus pais ficaram rindo do senhor.

– Ah! Legal seus pais.

– Eu falei que você era o novo porteiro, mas acho que eles ficaram com vergonha de cumprimentar uma pessoa fardada.

– Entendi. Obrigado pelo toque. Da próxima vez vou usar a melhor roupa que tenho pra não constranger seus pais.

Gostei da sinceridade da garota – que nem sequer se apresentou – e percebi que a opinião dela sobre a minha ida fardado ao Shopping não foi formulada por concepção própria, e sim pelos comentários dos pais. Chegou uma Van cinza buzinando no portão da garagem, fui ver o que se trata: é uma entrega dos instrumentos musicais para as aulas de música que estão para começar. Direcionei os entregadores à sala de música – a qual era antigamente um depósito para guardar mesas e cadeiras quebradas. Voltei à portaria, e fiquei curioso pra ver aqueles instrumentos que ainda estavam encaixotados. O meu sonho de criança era ser cantor. Por fora eu era feito de silêncios, mas haviam canções que nunca paravam de tocar na minha cabeça. Imaginava uma plateia lotada e uma multidão querendo estar perto. Os meus banhos demorados eram espetáculos que tinham suas cortinas fechadas quando ouvia os gritos de mamãe. Na época teve uma turnê promovida por uma agência – não lembro mais os nomes – que estava selecionando crianças para cantar em programas super famosos de TV, e com uma ousadia que ainda desconheço, esperei um momento em que minha mãe estivesse de bom humor pra falar sobre a inscrição. Antes de pedi algo a ela acontecia um ensaio mental sobre como falar, porque geralmente as respostas eram “Não” – pra ser mais específico, posso dizer que 99,99% das vezes. Não conseguia sequer completar uma frase quando o tom denunciava que seria um pedido. Ela estava rindo de algo que ouvia no rádio enquanto engomava roupas. A risada da minha mãe era tão rara quanto encontrar meu pai sóbrio. Seu rosto era limpo, sem marcas, sem maquiagem, mas estava sempre suado e seus olhos castanhos não escondiam uma tristeza indecifrável. Respirei e tentei falar mais firme, aliás dessa vez se tratava do meu sonho.

– Mãe.

- O que é? – ela já havia revirado os olhos.
  - Um grupo vem aqui na cidade...
  - Que grupo? – ela aumentava o tom nas sílabas que não eram tônicas.
  - Um grupo que contrata crianças pra cantar...
  - Cantar?
  - Sim, cantar.
  - E o que temos a ver com isso?
  - Eu queria muito participar.
  - Onde você viu isso?
  - Passa na TV.
  - Na TV? Menino, essas coisas que passam na TV é tudo pago e muito caro. E desde quando você canta?
  - Eu gosto de cantar.
  - Gostar é uma coisa. Eu também gosto de cantar quando estou fazendo faxina, mas cantar em TV é outra coisa. Esse povo só contrata gente que canta muito bem.
  - Mas eu queria tentar.
  - Ô João Victor, meu filho, tem dias que quase não temos dinheiro nem pra comprar comida, a sua escola é bem cara, nem sei porque seu pai inventou de matricular você no Portinari, e ainda quer fazer essas coisas que gastam tempo e dinheiro à toa...
  - Não é à toa – algo dentro de mim queria explodir.
  - É sim. A gente só faz aquilo que pode. Quando eu era criança também tive essas fantasias, mas a realidade nos faz esquecer tudo. Mais cedo ou mais tarde acabamos entendendo que a vida é pra quem trabalha, e não pra quem sonha. Nunca vi você cantando e agora vem com essas ideias de ser cantor.
- Encarei ela por uns dez segundos. Sair do quarto furioso, cair na cama, o som foi desligado e a sua voz ecoava pelo corredor.
- E ainda fica com raiva. Esse menino não sabe de onde vem as coisas por isso acha que tudo na vida é fácil. Nunca tive a sorte de ter a escola que você tem, as roupas que você tem, a comida que você come. Eu passava era fome, usava roupas feitas com sacas de feijão, dividia tudo com dois irmãos e nem por isso morri.

Ouvi seus passos aumentando até sentir que ela estava ao meu lado, funguei várias vezes pra que meu choro fosse notado enquanto pressionava o travesseiro sobre minha cabeça.

– Porque está chorando? Você inventa cada coisa menino. Tem é que estudar pra ser um médico, um advogado ou algo que tenha futuro. E outra, esses grupos de música são uma furada, eles querem pegar nosso dinheiro e depois vão embora. É só promessa falsa.

– Eu vou falar com meu pai. – desafiei ainda com a cara enfiada no travesseiro.

– Pois fale, – gritou ela – pode ser que ele tenha dinheiro guardado. Fale com seu pai, aproveite e fale hoje quando chegar embriagado. Porque somente ele que é bom. Eu não, eu sou ruim.

Ouvi seus passos retornando e sua voz baixando o volume, peguei duas pontas do travesseiro e tapei os ouvidos. Sussurrei até ouvir apenas a minha própria verdade “Ninguém se importa com os meus sonhos”. Não havia contato com outras pessoas da família, nem tios, nem primos, nem avós, me sentia insular – o que não mudou – meu universo eram meus pais e alguns amigos deles: adultos e chatos. A mamãe tratava bem as visitas, mas quando saíam ficava comentando “Que mulherzinha mal-educada, derramou suco no meu sofá”, “Tomara que essa mulher não volte mais”, e não queria saber de crianças dentro de casa. Quando pessoas vinham acompanhadas com seus filhos, eu sempre era lembrado do regulamento da casa e assim eu preferia ficar isolado no quarto. Ainda desesperado, resolvi escrever uma carta e propositalmente deixei em um lugar estratégico para que minha mãe encontrasse.

“Estou muito triste. Na verdade, sou a criança mais infeliz do mundo. Nunca tenho nada que quero. Nunca ninguém consegue me entender. Vivo preso dentro desta casa, sem amigos e sem brinquedos bons. Até meu sonho de ser cantor é ignorado. Nunca vou ser alguém. Parece que ninguém gosta de mim de verdade. Sou um peso para os meus pais, se eu não existisse talvez eles não brigassem tanto, talvez teriam comida e roupas boas. A mamãe sempre fala de um bebê que perdeu. Às vezes penso que meu irmãozinho estaria tão triste quanto eu, e as coisas seriam muito mais difíceis porque seria uma pessoa a mais. Talvez por isso Deus o levou. O que me resta é me conformar em ser ninguém.

Ass: João Victor”

Não imaginava que com tão pouca idade tivesse a capacidade de externar tudo o que sentia de forma tão cruel. Deixei o bilhete na minha cama quando sair pra escola, e só percebi a gravidade do que havia escrito quando cheguei e encontrei minha mãe no chão da minha cama com o rosto inundado. Não sabia o que fazer. Apenas levantou-se e não disse uma palavra sequer. Trancou-se no quarto até o anoitecer. Foi a primeira vez que coloquei meu próprio almoço no prato, inseguro, trêmulo. Senti-me tão espremido quanto não saber o que fazer quando se empurra uma garota na lama. Havia chovido muito e isso se tornou um sinal de profunda tristeza. Como uma premonição.

Com a cabeça sobre os braços na janela, ouvi a porta do quarto abrir e em seguida passos arrastados. O que seguiu foi um angustiante silêncio. Papai havia chegado mais cedo, e o melhor, não estava embriagado. Senti o cheiro de álcool bem distante, mas estava suficientemente sóbrio pra ter ultrapassado a marca de um copo. Queria ser tão bonito quanto meu pai quando ele tinha a minha idade atual.

– O que você tem Ana? – percebendo o rosto dela mais abatido que o de costume.

– Nada. Eu nunca tenho nada. – disse ela com um tom baixo e o nariz vermelho.

– Você está abatida. Aconteceu alguma coisa?

– Não. Não aconteceu nada. – havia um controle interno pra não aumentar a voz.

– E você João, que cara é essa? – apenas movi a cabeça fazendo um sinal negativo.

– Amanhã vou com o João a uma agência de música inscrever ele pra ser cantor. – disse com um tom decidido.

– Como assim? Agência de música?

– É o sonho dele. Você não sabia?

– Ele já tinha me contado que gosta de cantar, mas essas agências não são pagas?

– São. Mas o que é passar fome ou ficar malvestido diante de sonhos, não é mesmo? – ela me encarou como se esperasse uma resposta.

– Então como ele vai?

– Não sei. Vamos tirar ele do Portinari, vamos comer só arroz com ovo, faço umas roupas de retalhos velhos pra economizar no Armazém. o importante é que o João Victor participe desse concurso. Nada mais. – O fato de me chamar pelos dois primeiros nomes a acusava.

– Estou começando a entender o que aconteceu... vocês brigaram por conta disso? – disse papai dividindo o olhar aos dois.

– Aliás, você precisa ler a carta que seu filho escreveu.

– Carta? Que carta?

Levantei sem pedir permissão voltando à caverna do travesseiro. Por um instante achei que meu pai estaria lendo a carta – depois descobri que minha mãe tinha rasgado. Senti a cama afundar do lado direito e uma mão grande deslizando sobre as minhas costas.

– Filho, eu queria muito ser o pai que você merece. – comecei a tirar a tensão das mãos que puxavam o tecido – Eu também já tive sonhos sabe? Sonhos que nunca realizei. Me sinto muito culpado. A família da sua mãe a abandonou porque se casou comigo. Ela pensou que depois a perdoariam, mas eles nunca fizeram. Sua mãe era alegre e sonhadora, depois que o pai dela disse que nunca mais queria vê-la, a tristeza estampou seu rosto. Logo após perdemos um bebê, que era seu irmãozinho, aquele que outro dia te contei. Ela ficou mais arrasada ainda. Quando engravidou de você, chorava muito porque pensava que iria perde-lo também. Quando você nasceu, voltou a se alegrar. Você era como uma esperança pra nós João. Como se fosse o nosso milagre. Hoje não foi um dia fácil pra mim, passei o dia procurando emprego sem retorno algum. Continua sonhando filho. Não vai ser amanhã, mas vai ser algum dia.

Encostei a cabeça no peito dele como um imã que encontra seu polo magnético oposto.

– Pai, me desculpa. Eu não queria. Estou arrependido.

– Tudo bem filho. Amanhã diga isso à sua mãe.

– Eu não sei como dizer.

– Pois escreva.



Ele segurou meus braços me ajeitando na cama, puxou o lençol e sem dizer mais nada apagou a luz. Nem sei se tinha conseguido dormir à noite. Ainda com os olhos pesados peguei um outro papel e escrevi. Papai estava indo me deixar no colégio no período de desemprego. Ele preparou pão com ovos e não houve palavra alguma além do som de xícaras, colheres e café preenchendo espaços. O céu continuava nublado. Deixei o envelope branco debaixo da garrafa enquanto mamãe lavava alguma coisa na pia.

“Mamãe, gostaria de nunca ter magoado a senhora. Se eu pudesse voltar atrás, não teria escrito aquela carta. Eu estava chateado e não pensei bem nas palavras. Se eu pudesse ter outros pais, não queria. Eu amo você e o papai, mesmo que a nossa vida não seja a mais legal. Meu maior sonho é que vocês sejam felizes.

Ass: Joãozinho”

Nunca soube se funcionou. Quando cheguei em casa, ela colocou o meu almoço e não esboçou um traço de tristeza ou alegria, parecia sem expressão, mas a carta não estava mais sobre a mesa. Ela leu. Esse era o jeito dela reagir, sempre foi. A gente só descobria o que ela sentia quando estava brigando com o meu pai. E assim, nunca mais consegui falar sobre sonhos em casa. Tive que forjar meu próprio consolo com o pensamento de que em algum momento surgiria uma oportunidade, talvez quando fosse maior de idade e tivesse meu próprio dinheiro. Ninguém tocou mais no assunto da agência, e se tivessem lembrado já tinha elaborado a resposta de que realmente “era uma bobagem minha”. Caixas de instrumentos lacradas despertaram meus sonhos mais legítimos. Nunca tive paixão por outra coisa de forma tão intensa como aquela vontade de cantar. Contive.

Os olhos embaçados ofuscam a árvore do jardim como se fosse pintado a tinta óleo. Às vezes acredito que exista um lugar invisível dentro de outro lugar visível, e algumas vezes encontramos o portal. Algo estralou na minha cabeça como o clic de uma lâmpada, as coisas não resolvidas costumam reacender.

Na sala de música, pergunto se estão precisando de algum auxílio. Quero ver os instrumentos. Infelizmente no tempo em que estudei aqui não tinha essas disciplinas eletivas. Eram só Português, Matemática, Estudos Sociais e Ciências. Às vezes tinha Artes, mas eram só desenhos e pinturas. São encantos e devassidões: violões, teclados, flautas, violinos e saxofone – adoro o som de saxofone – apesar de nunca ter despertado o interesse em tocar, tudo me enlaça. Sou um prisioneiro injustiçado que quer sair da cela e voar, em meio a claves, colcheias e semínimas. Que privilégio esses novos alunos têm!

No primeiro intervalo da manhã – os alunos tem vinte minutos pra ir ao banheiro e comer algum lanche – Enzo estava andando no pátio quando vi alguns garotos vindo por trás planejando derrubá-lo, lembrei do uso do apito, mas foram mais rápido. Como um pedaço de borracha Enzo foi ao chão enquanto eles levantaram as mãos ao notar minha presença. Peguei um garoto pela gola traseira da blusa e disse “Nunca mais faça isso!”, insistiu “Não foi porque eu quis”, e afirmei “Eu vi o que você fez. Da próxima vez que eu pegar vocês importunando-o, vou leva-los à sala da Diretoria”. Lembrei da última conversa que tive na direção – o que me fez liberá-los. Puxei Enzo pela mão e segurei por três segundos. Ele soltou como quem rejeita.

– Eu já estou acostumado. Eles implicam comigo desde que entreguei uma lista à professora Miranda.

– Lista? Você é aluno da Miranda? – lembrei que ela é a única professora de Ciências. Mencionar o nome dela mexia de alguma forma comigo.

– Sou do 6º ano. A professora Miranda pediu pra fazer uma lista dos alunos mal comportados enquanto participaria de uma reunião, isso foi no começo do ano, fiz a lista secretamente e entreguei-a.

– Ela leu a lista na frente deles?

– Ela não, mas a lista caiu nas mãos da Senhorita Margareth, que foi à sala de aula e leu na frente de todos.

– E o que aconteceu?

– Eles ameaçaram me pegar na saída. Falei pra professora Miranda, que pediu o retorno da Senhorita Margareth à classe.

– E eles te bateram?

– Não. Ela disse que se alguém me batesse ia ser expulso do Portinari. Então não fizeram nada, mas passaram a me chamar na classe de dedo-duro e a fazer piadinhas quando passam por mim. Colocaram a sala inteira contra mim.

– Todos fazem isso com você?

– Não. Eles me ignoram. Toda vez que eu falo ou até mesmo apresento um trabalho, fingem que não estão se importando. No fundo ninguém quer se aproximar de mim. Seriam acusados de traição.

– Você já tentou se explicar ou pediu ajuda a professora?

– Não. Eu não quero. Não preciso da amizade deles. Já tenho muitos amigos, e são muito melhores do que eles. – senti um tom de ressentimento, mas não quis me aprofundar.

– Porque a professora pediu pra você fazer essa lista? Ela não sabia que isso poderia prejudica-lo?

– Ela não estava muito bem, pediu a colaboração da turma no comportamento, mas eles não ajudaram. Quando precisou sair para uma reunião com a senhorita Margareth, passou como atividade um relatório de Ciências. Disse que quando voltasse queria o relatório pronto e na frente de todos pediu que eu anotasse o nome de quem não estivesse se comportando. E eu o fiz.

– Então aquele menino que te empurrou é um dos que estavam na sua lista?

– É. Na verdade ele foi o primeiro da lista. É o Diego, se acha o líder da classe, e as outras crianças parece que tem medo dele.

– E você acha que ele não gosta de você só por causa disso?

– Na verdade, sempre tiro boas notas, e os professores sempre elogiam meus trabalhos. Não quero parecer que sou melhor que alguém, mas acho que isso incomoda eles.

– Eles quem?

– Muitos, mas principalmente o Diego e o David, aquele outro garoto que anda grudado nele.

– Como podemos resolver isso?

– Não sei, mas preciso ir, o intervalo já acabou.

– Verdade, depois conversamos.

Corri ao portão ao som de uma sequência ensurdecadora de buzina. Era Juliana acompanhada de uma senhora muito elegante, que provavelmente

seria sua mãe. Vi ao longe, mas fingi não saber do que se tratava, esperei que baixasse o vidro e com feições de insatisfação liberei a entrada. Estendi a mão esquerda como quem recebe uma visita ilustre. Olhando fixamente para a frente, a riquinha de óculos escuros e uma pedra vermelha pendurada ao pescoço, deu um arranque no seu Audi rosa escuro – devem ter uma concessionária domiciliar. Com certeza vieram falar com a Senhorita Margareth. Não sei o que Juliana falou, mas pela cara que fez, imagino que não foi coisa boa. Não demorou muito para que o telefone tocasse e me conduzisse ao lugar que mais queria distância. Imagino o que é, certamente quer que eu conte sobre o episódio de ontem. Juliana e sua mãe estavam sentadas de frente para a Senhorita Margareth, cheguei por trás sem que as duas nem por um segundo me olhassem. Foi como imaginei, tive que narrar como aconteceu, mas a mãe da menina me interrompia o tempo todo.

– Quando cheguei a sala evitei que as duas se agredissem fisicamente...

– Ora francamente! Esse senhor está insinuando que a minha filha é um bicho!

– Não senhora, não é isso que...

– Por favor não me dirija a palavra. Minha filha falou que você foi muito arrogante com ela.

– Isso não é verdade...

– Então minha filha também é uma mentirosa! – disse ela aumentando o tom da voz ainda sem olhar para mim.

– Senhorita Margareth posso me retirar? Vejo que essa senhora não está disposta a ouvir.

– Margareth, você selecionava melhor os seus funcionários. O Sr. Estevão jamais falaria como esse – deu uma pausa pra procurar uma palavra – como esse senhor fala.

– O meu nome é João Victor senhora.

– Por favor, vamos nos comportar como adultos. Sra. Borges, não é a primeira vez que sua filha é suspensa pelos mesmos motivos. Já conversei com a outra menina envolvida na briga também. O motivo de eu ter chamado a senhora hoje é pra tentar entender o que está acontecendo? Porque a Juliana tem esse tipo de comportamento?

– Tudo bem, vamos lá... – se voltando pra mim com o canto do olho – peço que esse senhor se retire. Não quero falar da minha filha na frente dele.

– Ok. Obrigado Sr. Cruz – disse a Senhorita Margareth –, pode voltar ao seu posto, e peço que Juliana também se retire. Preciso conversar a sós com sua mãe.

– Com licença. – mentalmente contei até dez. Sempre tive dificuldades ao lhe dar com pessoas arrogantes. Estou no lugar certo pra testar meus limites. Saí da Diretoria acompanhando de Juliana, ela sentou em uma cadeira do corredor com a cabeça baixa. Fiquei de pé a sua frente.

– Espero que você esteja bem. Só quero que saiba que não tenho nada contra você, estava apenas cumprindo o meu papel nesse Colégio. E também torço para que tudo se resolva da melhor maneira possível. Ouvi dizer que cancerianos podem ser dramáticos, mas também são leais.

Suas bochechas arredondaram e foram ficando vermelhas, mas apenas permaneceu com o olhar baixo sem dizer nada. Em uma fração de tempo a Sra. Borges saiu feito uma tempestade revolta puxando Juliana pelo braço – a menina olhou pra mim como se quisesse dizer algo – abri o portão e elas saíram com o mesmo arranque. De alguma forma desejei voltar atrás e evitar que as coisas terminassem assim. Espero que Juliana retorne.

Após o almoço, ao invés de verificar se Enzo estava no banco do jardim, fui procurar o Diego. O encontrei atrás da quadra numa pequena roda de amigos. Eles riam e falavam alto como se debochassem de algo, mas quando me viram emudeceram e ficaram com expressões faciais tensas. Dei um sorriso tímido, e perguntei se Diego poderia conversar comigo um pouco.

– Eu não tenho nada pra conversar com você. – olhando altivamente e mordendo os lábios.

– Não é nada demais, eu garanto. – Ele se levantou e andou na frente como quem diz “se quiser me acompanhe”.

– Eu já sei que você quer falar sobre o que aconteceu de manhã, mas já lhe disse que foi sem querer.

– Eu vi o que aconteceu no pátio, mas não é sobre isso que quero falar agora.

– E o que é?

– Tá tudo bem com você?

– Você é um porteiro ou um psicólogo?

– Posso ser os dois se você preferir.

- Qual o interesse em saber se estou bem ou não?
- É apenas uma pergunta. Não precisa responder se sentir melhor.
- Eu estava muito bem com os meus amigos. Pronto? Posso ir?
- Eu sei que vocês que são crianças...
- Não sou criança! Vou fazer 12 anos.
- Ok, desculpe. Vocês que são ADOLESCENTES, não gostam muito de conversar com pessoas mais velhas. Imagino que a gente deve ser muito careta e nunca entendemos direito as coisas que vocês gostam, mas gostaria que soubesse que estou à disposição caso precise de alguma coisa.
- Tô entendendo. Aquele mané do Enzo mandou você falar comigo né?
- Não. Ele não sabe que estou falando com você.
- Sabe o que é? Comprei um celular novo – puxei o aparelho do bolso.
- Que celular antigo!
- Mas é Touch Screen. – ele riu do comentário que fiz de propósito.
- O modelo é bem desatualizado.
- Imagino. Gostaria de aprender como mexer nele corretamente, e observei que você é um cara bem atualizado. Imagino que possa me ajudar. – esse realmente foi o meu melhor argumento para uma aproximação.
- Porquê não pediu ao Enzo? Ele não é seu amigo? Ah, lembrei. Ele não usa celular, porque se gaba que o dele é tão caro que os pais proíbem de trazer ao colégio.
- Você pode me ajudar ou não?
- O que você quer saber?
- Como instala e usa o WhatsApp?
- Bom, pra ensinar tudo vai demorar um pouco. – pegou o aparelho na mão e ficou mexendo.
- E o que mais vocês usam? Tipo, coisas atuais?
- Ah, Facebook, Instagram, Free Fire...
- Free Fire? – esse eu realmente não sabia.
- É um jogo de aplicativo onde precisamos eliminar os adversários perseguindo e atirando.
- Atirando? Isso é educativo?
- Ok, vamos focar no WhatsApp. De qualquer forma eu acho que você demoraria um século pra entender o jogo.
- Eu posso ser mais velho, mas não sou burro.
- Ok. Deixa-me ver. – sentamos em um banco no corredor.

Mostrou como baixava e usava o aplicativo – o que já sabia. Gravei o contato dele. Ainda sentados, vi quando Enzo passou e nos viu. Acho que precisarei explicar depois. Chegou uma menina avisando que a Senhorita Margareth estava me chamando à sua sala. Provavelmente telefonou para a portaria – inconscientemente ouvi o toque. Despedi-me de Diego que ainda olhava meio desconfiado.

Ela estava conversando ao telefone com outra pessoa, parecia um assunto agradável que a fazia ficar extremamente simpática. Ao desligar pediu que eu sentasse e fechou instantaneamente o sorriso.

– O que o senhor estava fazendo conversando com um garoto no corredor do colégio?

– Não estou entendendo a pergunta.

– Ok, vou ser mais clara. O senhor conhece a sua função?

– Sim senhora.

– Senhorita! – disse me corrigindo.

– Ok senhorita. Ainda não entendi onde a senhorita quer chegar?

– Sr. Cruz. O senhor deve imaginar que vivemos em um tempo onde amizades de adultos com crianças não pega muito bem, principalmente sendo homem.

– Desculpe ser direto, mas a senhora não está sendo preconceituosa?

– Não estou insinuando que o senhor esteja fazendo algo de errado, mas na sua função isso pode soar estranho. A sua relação com as crianças deve ser de cordialidade ao entrar e sair. Algumas delas podem comentar com os pais que o porteiro está conversando com elas e interpretarem de forma errada.

– Eles têm a opção de perguntarem sobre o teor da conversa. Se eu não estou falando ou fazendo algo que minha consciência me condene, não vejo porque me preocupar.

– Eu me preocupo. A minha função é manter a integridade dessa instituição. As pessoas costumam falar do que veem, e não do que sabem.

– Então me desculpe mais uma vez, mas acho que a senhora está julgando o pensamento dos outros segundo os seus próprios pensamentos.

– De certa maneira, eu sou uma juíza. Todos os dias preciso bater o martelo sobre alguma coisa. Julgo o que é melhor para o funcionamento e reputação desse colégio.

- Se eu estou ameaçando a integridade da sua instituição tem a opção de me demitir. Porque pelo o que entendi a aparência é tudo o que importa. – disse com a voz embargada e falha.
- Percebo que o senhor está ofendido. Certamente está interpretando tudo errado.
- De todas as ofensas que já ouvi na vida, nunca imaginei que um dia insinuariam ou me comparariam a um pedófilo. – por um segundo achei que não ia conter o choro.
- Não se altere Sr. Cruz. Não precisamos chegar a isso.
- E outra coisa Senhorita Margareth... a pedofilia não parte apenas de homens.
- Não estou querendo discuti isso. Apenas estou fazendo um alerta. Já tive problemas com professores do sexo masculino, onde algumas crianças contaram aos pais que eles tinham comportamentos estranhos.
- Senhorita Margareth, qual é o seu problema?
- O assunto não é a minha personalidade!
- É a minha então?
- Eu já expliquei ao senhor que é um alerta. Já ouviu falar que é melhor prevenir do que remediar?
- Acho que sim. Também já ouvi dizer que existem palavras que não podem ser remediadas. Elas deveriam ser prevenidas também.
- Vou tentar lhe explicar do começo, acho que não fui clara.
- Não precisa Senhorita Margareth. Uma pessoa na sua posição de juíza deve se sentir confortável. Aliás, deve estar livre de julgamentos. Mas como eu disse, a senhora tem o poder de me mandar embora.
- O senhor é um adulto ou uma criança?
- Eu sou um ser humano! E a senhora não me conhece.
- Temos psicólogos no colégio. Se o senhor sentir necessidade...
- Estou no meu terceiro dia de trabalho – disse a interrompendo – e desde o primeiro momento que nos encontramos sinto da sua parte: aspereza e arrogância. O fato de querer manter essa escola com uma boa reputação, não lhe dá o direito de tratar as pessoas dessa forma. Eu não vendo o meu caráter por dinheiro nenhum desse mundo, mesmo que meu emprego tenha sido conquistado pelo favor de um vereador, como a senhora fez questão de passar na minha cara...
- Chega Sr. Cruz!



Coloquei as duas mãos no rosto e segurei fortemente o choro – não consigo me controlar muitas vezes quando fico extremamente nervoso. Por mais que a vida tenha me deixado muitas vezes aos pedaços, nunca me senti tão humilhado com tal insinuação. Quando alguém faz algo com a gente, costumamos sofrer a injustiça e muitas delas perduram por um longo tempo. Sempre achei que pior do que sofrer a opressão, é ser o opressor. Tenho a plena consciência que nunca defraudei alguém de maneira direta, e por isso insinuações maldosas ao meu caráter me afetam tanto. Ela fez um pouco de silêncio, e depois rompeu.

– O senhor vai continuar no trabalho ou não?

Olho pra ela, faço alguns segundos de silêncio – nem sei bem o que penso – mas consinto positivamente com a cabeça. Não tive pressa de chegar à portaria. Acho que o retorno ao Portinari está mexendo comigo, pois o que aconteceu em três dias nunca tinha acontecido antes. Alguns homens sofrem as consequências de outros – incluindo estereótipos tão abomináveis.

Pensamentos acelerados me cercam “Porque você é assim João?”, “Você não pode continuar nesse emprego, porque você voltou ao portão?”, “O que foi que eu fiz da minha vida, nada deu certo!”, “Onde foi que eu paralisei?”, mil perguntas sem nenhuma resposta. Emudeci, segurando a vontade de chorar. O banheiro é sempre uma opção válida.

Ao sair, Enzo passou por mim com a cara meio emburrada, mas eu também não ia mais falar com ele. Já a Senhorita Miranda lançou um sorrisinho, apenas gesticulo com a cabeça sem expressões antiprofissionais. Logo após Diego diz “Amanhã se quiser posso baixar o Free Fire e te ensino como jogar. Se aprender podemos até jogar juntos...”, mas interrompi bem sério “Obrigado. Vou ficar só com o WhatsApp mesmo, agradeço sua atenção”, ele me olhou como se tivesse pensando que eu era algum maluco e saiu. Eu estava decidido a bloquear as novas amizades, principalmente com as crianças. Logo mais tarde quando todos tinham saído, veio aquela senhora que trabalha na limpeza da escola em minha direção.

– Você está bem filho?

– Estou sim, obrigado. – com um sorriso meio que forçado.

– Não está não! Você está cansado.

- Então porque me perguntou se já sabia a resposta? – percebi de imediato minha arrogância – desculpe, não estou bem pra conversar.
- Tudo bem. Imagino como essa função deve estar sendo desafiadora.
- Está tão na cara assim?
- Não está na sua cara. Está no seu coração. – ela fala como se enxergasse através da farda.
- Todo mundo tem problemas né? – eu estava realmente sem vontade de falar.
- Você se chama João Victor, é isso?
- Sim. E a senhora?
- Eu me chamo Esperança.
- Por isso dizem que a Esperança sempre chega. – não segurei o trocadilho.
- É, sempre brincam com meu nome. Perguntam se sou de família mexicana, ou sempre me associam ao sentimento. Na verdade, meu nome de batismo é Maria do Desespero.
- Desculpe. A senhora tá falando sério? Seus pais lhe batizaram com esse nome?
- Sim, na verdade foi minha avó. Não conto isso a quase ninguém. Minha mãe morreu no parto e por isso minha avó materna me deu esse nome. Ela me criou. Meu pai eu nem conheci.
- E porque se chama Esperança agora?
- Porque a vida me ensinou que a gente pode mudar qualquer coisa! Eu disse qualquer coisa! Lutei muito pra que as pessoas deixassem de me chamar de Desespero e me chamassem de Esperança. Porque é isso que eu quero ser! Foi isso que decidi ser!
- Gostei.
- Não acredite em tudo o que lhe disseram. Não acredite em tudo o que você diz sobre si mesmo. Você é um ser humano como qualquer outro, nem maior e nem menor, e a vida lhe dá a oportunidade todos os dias de enxergar os milagres que acontecem constantemente ao nosso redor. Deve ser maravilhoso ouvir que um cego recuperou sua visão, mas é extraordinário saber que alguém venceu a si mesmo naquilo que lhe derrotava.
- A senhora fala muito bonito.
- Não filho, não estou falando de palavras, mas de atitudes. O que você está fazendo pra viver o que sonha?
- Bem, é... não sei se ainda tenho sonhos!

– Todas as pessoas tem sonhos. O problema é que muitos soterram eles sob um monte de entulhos. Preconceitos, medos, frustrações, decepções, culpas... precisamos sair dessa esteira...

– Que esteira?

– Essa esteira que a gente caminha, caminha, caminha... mas nunca sai do lugar.

– Porque a senhora está me dizendo tudo isso? É alguma vidente?

– Não. Sou um ser humano que aprendeu a ler o olhar do próximo.

– Meus olhos estão tão tristes assim?

– Sim. Também vejo que eles sempre quiseram vencer.

– Obrigado Esperança.

– Não me agradeça. Mais do que mudar um nome, a gente nasce com o desafio de mudar a nossa história. No fundo você sabe o que fazer, mas precisa decidir quem vai determinar: você ou suas emoções. Algumas pessoas olham pra mim e pensam “Ela não é ninguém. É apenas uma senhorinha idosa que trabalha na limpeza de um colégio. Não é famosa e nem está incluída nos mais atuais padrões sociais”. O que eles não conseguem enxergar, é que eu estou realizada. Tenho tudo o que realmente preciso. E nada é mais confortante do que uma consciência tranquila. Mesmo que a guerra esteja instalada ao redor.

– Por onde devo começar?

– Tenha pensamentos de paz. Tente lembrar de tudo que fez você se sentir bem. Seja sempre grato.

– Mas as coisas ruins sempre vão acontecer.

– É verdade. É chato quando moscas caem no leite, mas isso não significa que o leite não sirva mais. – disse sorrindo com os olhos que intensificavam suas rugas – Agora preciso ir.

– A senhora vai sozinha pra casa?

– Moro no próximo quarteirão. Não se preocupe. Sou bastante conhecida nas redondezas, estou pensando seriamente em me candidatar a líder comunitária. – rimos.

– Boa noite Esperança.

– Boa noite filho. Até amanhã se Deus permitir.

Tento administrar as palavras dela “O que foi isso que aconteceu?”, “Maria do Desespero!?”, “Mosca no leite?”, “Entulhos?”, no fundo gostei de conversar com ela, a princípio julguei ser uma maluca, mas foi a conversa

mais animadora que tive nos últimos dias – se não for exagero, dos últimos anos. Ao chegar em casa, corto algumas batatas inglesas e mergulho no óleo misturado com tempero apimentado – é a primeira vez que tento fazer isso – então penso em colocar um pouco de vinagre de limão pra dar um gosto especial, mas quando despejei o vinagre subiu um fogo tão alto que chegou ao teto. Soltei tudo e sair correndo pelos corredores da quitinete, já estava na escada quando dou de cara com a Dona Joana – Proprietária do estabelecimento – que pergunta o que está acontecendo. Com vergonha de dizer realmente o ocorrido e ela pensar que sou maluco, digo que a mangueira do fogão havia escapado. A mulher se desespera e sai gritando pelo Júlio, o filho dela, e liga para os bombeiros. O cheiro de queimado invade o lugar, e foi saindo um por um dos inquilinos. Todos estão curiosos com os gritos e o cheiro que se espalha. Tento conter Dona Joana dizendo que não é necessário chamar os bombeiros, mas ela grita “Você é louco! Pode acontecer uma explosão”. As pessoas assustadas começam a sair para a rua com medo. Até que o Júlio entrou no meu quarto e disse que tudo o que encontrou foi um monte de batatas queimadas numa frigideira. Fiquei morrendo de vergonha, todo mundo me olhando. Ouvia-se o burburinho nos corredores e quartos. A Dona Joana me advertiu “Da próxima vez Sr. João, tome mais cuidado ao assar batatas”. Me sentei na cama com as mãos na cabeça, e lembrei da mosca no leite. Tive uma crise de riso tão grande – o que me faz pensar seriamente “Eu tenho certeza como tenho problemas psicológicos, eu não posso ser normal”. Cada vez que lembro da cara das pessoas indo para o meio da rua, não consigo controlar o riso, ri tanto que chorei e senti dores na barriga, até mordi o travesseiro pra ninguém ouvir. As batatas não deram certo, mas isso não significa que o jantar estava perdido. Vou comer pizza.

## APAIXONADO EU?

Às vezes penso que essa cidade foi edificada sobre um deserto: dias frios e noites quentes. Peguei uma blusa preta de mangas longas, um calção jeans – o único que tenho na realidade –, um chinelo marrom e sair pra comer pizza. Não é a roupa apropriada ao clima, mas é a melhor que tenho ou a menos usada. E apesar de não gostar de saídas noturnas, decidi que não traria a pizza pra casa – como costumo fazer todas as vezes que minhas receitas não dão certo – fui comer na pizzaria mesmo. É difícil quebrar hábitos repentinamente. Às vezes sinto uma forte euforia como se eu tivesse recomeçando e fazendo tudo novo, mas sempre surge um medo de ficar frustrado mais uma vez. Perdi as contas de quantas vezes disse a frase “Eu vou mudar” e a prova disso é que ao ver de longe a Senhorita Miranda sentada na pizzaria concorrente a que eu estava, tentei me convencer umas quarenta vezes “Eu vou lá”, mas não tive coragem e nem deixei ela perceber a minha presença. Ela estava sozinha, e certamente esperava por alguém. Haviam algumas mesas do lado externo, se eu sentasse em uma delas corria o risco de ser visto, então fiquei na parte interna esperando minha pizza com suco de acerola. O garçom teve que me chamar umas três vezes pra anotar o pedido porque eu estava totalmente preso nos meus pensamentos. Criei várias cenas na minha cabeça de como eu chegaria até ela, pensei em passar na sua frente de propósito e fingir que não estava vendo-a, ou até mesmo ter coragem e ir direto à mesa em que ela estava. Nada aconteceu a não ser minhas mãos suadas e minhas pernas que não paravam de balançar mais do que o normal. Comi o lanche – na verdade era a minha janta – sem sentir. Fazia algum tempo que o nervosismo não me dominava dessa forma. Questionar-se é um hábito que me acompanha a anos. E a pergunta que não queria calar “Você está apaixonado pela Senhorita Miranda?”, procuro de maneira minuciosa a verdade como quem quer provar que um garimpo abandonado esconde ouro, e a resposta mais óbvia foi “Devo estar com aquela crise de carência que sinto de vez em quando, aliás não é a primeira vez”. Sabe aquelas coisas que são difíceis admitir? Muitas vezes me gabei

por ser solteiro, da liberdade de ocupar todos os espaços da cama, do silêncio da noite, da ausência de responsabilidades que teria por outra pessoa, mas confesso que sinto falta de algo que nunca tive. E por isso tenho tanta dificuldade de descrever o que é. Nem sei se já me apaixonei de verdade. É muito estranho quando procuro dar nome ao que estou sentindo, como estou tentando agora. Ver a Senhorita Miranda fora do Portinari – sem a farda e sem os óculos escuros – com um vestido branco de alças, cabelos soltos e uma leve maquiagem, fez o meu coração bater mais forte do que já tenha batido antes. Talvez eu esteja cavando entulhos.

Dou a volta pela outra rua para que não me visse e nem tive coragem de olhar se ela estaria só ou acompanhada. Não sei o que sentiria na sequência se a visse com outra pessoa. Não quero mais reviver nenhuma frustração amorosa. Reduzi os meus passos pelo caminho como quem não tem pressa de chegar a lugar algum, e isso significa que preciso relembrar. Sim, relembrar, remoer, recapitular, reviver. Tem coisas que nunca teremos as respostas, mas as que encontramos, encontramos porque buscamos. Uma trilha sonora, como o som de um piano, toca em mim. Acho que conheço essa canção, mas as recâmaras de onde elas surgem estão de portas fechadas. Como um filme de amor, com câmera lenta e tudo, penso em todas vezes que vi a Senhorita Miranda, a primeira impressão, o olhar no refeitório, o encontro na sala de aula, o sorrisinho de ontem, e isso só está com três dias. Nunca acreditei em amor à primeira vista, se eu tiver apaixonado mesmo, vou ter que refazer as minhas teorias internas.

É inevitável não puxar das profundezas a minha única história de amor – aquela que considere a mais verdadeira até acabar. A luz do poste da praça central penetra como um filme, aumentando gradativamente até aflorar o sorriso de Chantal. O espelho do banheiro não ficará sabendo que converso com o reflexo invisível nas ruas – preciso dividir a solidão sempre que necessário.

Quando eu tinha 18 anos pensei que iria viver minha primeira história de amor correspondida. Não sei como intitularia essa fase – realmente não sei. O fato é que, quando entrei para a Faculdade eu já era bem retraído, começamos a fazer alguns trabalhos em equipes e me esforcei bastante pra ser uma pessoa sociável – ou pelo menos parecer. A minha passividade

fazia com que eu sentisse que nunca seria alguém. Não expressava minha opinião ou críticas de forma sincera. Achava que as pessoas gostariam mais de mim se sempre concordasse com elas, então sempre concordava. Uma garota chamada Chantal, que fazia parte da minha nova equipe, percebeu o meu comportamento. Ela tinha cabelos bem pretos e longos, eram tão escuros que pareciam tingidos, os olhos cor de mel eram meio puxados, sua pele morena clara parecia uma porcelana luxuosa, e sempre se vestia muito bem. Certo dia me chamou em particular durante o intervalo.

– Do que você tem medo? – disse como se estivesse com raiva.

– Como assim? – eu realmente não estava entendendo.

– João, quando você tiver uma opinião, sugestão ou crítica sobre algo, não se intimide a falar.

– Você acha que me intimido? – perguntei já sabendo que sim.

– Sim! Hoje você ficou super constrangido quando teve que escolher entre a ideia do Mateus e a minha. Mesmo concordando no final com a minha, vi que você tentou conciliar duas ideias totalmente diferentes como se não quisesse magoar alguém. – disse ela bem enfática.

– Eu apenas expressei da forma que achei melhor. Se pareceu outra coisa peço que me desculpe. – tentei me defender.

– Não João, e não é a primeira vez que percebo isso. E também não precisa me pedir desculpas. Não te chamei aqui pra te dá lição de moral ou dizer como você deve viver, quero apenas que você reflita sobre o que acredita de verdade. Admiro sua disposição em não querer ter conflito com as pessoas, mas a gente não pode viver sem ser ou dizer o que sente de verdade. As pessoas sempre vão ferir as outras, sempre vão magoar as outras, sempre vão fazer outras pessoas chorarem, e a gente não precisa se afastar delas. Precisamos sim, uns dos outros. Isso não implica o fato de abrir mão da verdade, mesmo que sejamos nós o que vamos ferir. Fira quando for necessário, mas sempre com a intenção de curar. – ela disse tudo isso olhando de maneira intensa.

– Olha Chantal, acho muito bonito o que você está dizendo, mas não acho que sou assim. Se você me ver assim é um direito seu. – falei estremecido por dentro.

– Tudo bem João, então não vou dizer mais nada pra não parecer que eu estou te julgando, porque não é essa a minha intenção. Só falei porque achei que ia te ajudar. – disse num tom meio decepcionado.

– De qualquer forma obrigado. – dei um sorrisinho amigável como quem expressa gratidão.

Ela me abraçou forte por alguns segundos e saiu. Pensei em tudo o que ela havia me dito, e pra falar a verdade, outras pessoas já tinham me falado isso antes. Não é fácil reconhecer quando as pessoas tem razão ao perceber algumas coisas da minha personalidade, mas é muito complicado admitir fraquezas. Senti-me tão pequeno e espremido. Mentalmente repeti por algum tempo “Você é imperfeito João! Você não é perfeito João! Admita”, e Chantal tinha razão. Muitas vezes concordei com coisas que não acredito só para evitar polêmicas ou atritos. Nos dias que se seguiram fiquei meio constrangido ao encontrar com ela – parecia que estava dizendo com o olhar sempre a mesma coisa –, fiquei pensando tanto no assunto e em Chantal que alimentei algum sentimento muito forte por ela. Tivemos que fazer um outro trabalho em dupla e ela me escolheu pra ser o seu parceiro – nem sei descrever o quanto fiquei apreensivo e feliz – já fiquei fantasiando nosso primeiro beijo, nosso casamento e nossos filhos. Era apenas um trabalho bem detalhado sobre a origem, a evolução, a estrutura e o funcionamento dos organismos, mas eu estava encarando como se fosse dois destinos que se juntariam para sempre. Tivemos muitos momentos a sós, às vezes nas mesas que ficavam no jardim da faculdade e outras vezes fui à casa dela. Nunca a convidei pra ir à minha casa, pois eu morava só – apesar de ser muito organizado – e poderia parecer um convite meio indecente. Aliás, eu evitava o máximo ficar em casa, colocava todos os dias o despertador pra me acordar às 5hs – nesse tempo precisava totalmente dele – e saía para trabalhar como atendente na padaria do bairro que morava, ficava até meio dia, depois vinha pra casa fazer um rápido almoço, tomava banho e saía para a faculdade que ficava no Centro da Cidade. Resolvia as demais coisas quando terminava a aula, mas sempre chegava em casa bem tarde, eu estava me virando muito bem – essa era maior preocupação da minha mãe antes de partir – e algumas vezes marcava com Chantal de ir à casa dela, que ficava perto da faculdade. A gente ia andando, algumas vezes o pai dela vinha nos buscar.

Chegar ao ponto sempre foi um desafio pra mim, ainda mais quando o assunto eram sentimentos, às vezes a gente tocava no assunto e eu tentava dizer de forma indireta o que sentia.



- Você tá namorando? – perguntou ela uma vez.
- Não. Estou só. – disse com entusiasmo embutido.
- Porquê? Você é um rapaz tão inteligente e educado. – achei uma desvantagem não ouvi-la dizer que sou bonito.
- Talvez porque sempre gosto do que não deveria. – falei como se tivesse com pena de mim mesmo.
- Não entendi. Você não é correspondido? – perguntou ela sorrindo.
- Não sei. E nem sei se algum dia vou saber. – sorri também pra descontraír.
- Então você precisa tentar. Correr o risco.
- E você ama alguém? – confesso que fiquei bastante receoso com a resposta.
- Amo! – falou ela bem decidida.

Não tive coragem de perguntar por características da pessoa ou qualquer outro tipo de informação, acho que preferia realmente não saber. Dei um sorriso sem graça pra disfarçar, ela continuou.

– Na verdade, não sei se posso dizer que é amor. Sinto que gostaria de estar com essa pessoa numa frequência maior. Às vezes, o tempo todo.

– Sei como é. Também sinto assim. – disse encarando-a nos olhos.

Fomos interrompidos por sua mãe que nos chamava à mesa. Sempre dizia que não estava com fome – mas era vergonha mesmo – e a Sra. Rosa dizia que não me perdoaria se não fosse jantar com eles. Os pais e os irmãos dela pareciam gostar muito de mim, me tratavam bem, ainda mais quando souberam que eu era órfão e não tinha família nenhuma. A Sra. Rosa, mãe de Chantal, passou a ser como uma mãe pra mim. Demonstrava tanta afetividade, como um filho mesmo, que às vezes me sentia constrangido com tanto cuidado e preocupação. Teve uma noite que recordo bem o que ela disse durante a janta.

– João Victor, quero que você venha jantar todas as noites conosco, mesmo quando o trabalho da faculdade acabar. O Zé Lúcio vai lhe buscar e depois vai lhe deixar num ponto de ônibus quando você precisar ir embora.

– Por favor, Sra. Rosa. Eu agradeço muito, mas não é necessário. – falei envergonhado enquanto todos me olhavam.

– Não se preocupe, já falei com o Zé e ele concordou. – disse pra tentar me tranquilizar.

O Zé Lúcio era o pai de Chantal, sempre tinha uma cara fechada, mas era uma ótima pessoa, muito trabalhador e amoroso com os filhos. Chantal

tinha dois irmãos, Carlos e Christian, um de 14 anos e o outro de 8. Eles também gostavam muito de mim, principalmente o Christian, que por muitas vezes interrompeu minhas conversas com Chantal. Concordei devido a insistência, mas evitava comparecer todas as noites. Na maioria das vezes inventava uma desculpa.

Chantal tinha outros amigos na faculdade e comecei a sentir uns ciúmes meio chatos. Algumas vezes fiquei de cara emburrada, ela perguntava o que eu tinha, respondia que estava com dor de cabeça. Tinha a sensação de ser tratado igual aos outros garotos, e por um lado isso era bom, mas por outro fazia-me pensar que eu era simplesmente mais um amigo. Achei que me sentiria melhor se parasse de frequentar a casa dela por um tempo. Estava muito dependente deles, e sem que soubessem de fato, eram a única família que eu tinha. Não descartei a hipótese que Chantal poderia começar a namorar outra pessoa, e nossa amizade consequentemente se acabaria. Não teria mais contato com a família dela. Eu estava apaixonado por todos, e não só por ela. Na prolongada navegação, eu havia encontrado um porto.

Dia e noite me encontrava inundado pela insegurança de perder. Decidi acabar com tudo: escrever uma carta e me afastar de todos. A escrita me ajuda a dizer o que nunca conseguiria falar de outra maneira – é como se fosse a minha única comunicação ou a mais viável. Na saída da faculdade entreguei o envelope assim que vi o Sr. Zé Lúcio aproximando-se. Não queria tempo para explicações.

- Tome Chantal. Leia quando chegar em casa. – disse com a voz trêmula.
- O que é isso? Você não vai lá pra casa hoje?
- Não. Quando você ler, entenderá. – falei num tom de despedida.
- Você tá muito estranho João. O que tá escrito aqui? Estou preocupada. – disse bem apreensiva.
- Não é nada grave. Depois conversamos. – O pai dela estacionava na vaga livre da rua e sair sem olhar pra trás.

No caminho de casa, segurei a vontade de chorar no ônibus e decidir algumas coisas: “Ela vai ler a carta, não vou mais à casa deles e amanhã vou à Faculdade para trancar as cadeiras. Estou esgotado com esses trabalhos que estamos fazendo e nem tenho certeza se é isso mesmo que eu

quero pra mim”. Sentia-me muito nervoso e por um instante me arrependi de ter escrito aquela carta, mas era tarde. Imaginei que ela estaria lendo.

“Chantal,

Eu busquei muita coragem pra escrever essa carta, e encontrei nas suas próprias palavras. Realmente não sei por onde começar, e está sendo muito difícil, estou seguindo a verdade do meu coração independente do resultado.

Antes de mais nada, a sua amizade e o convívio com sua família tem sido a melhor coisa que me aconteceu nesses tempos turbulentos que tenho vivido.

O amor que vocês têm dedicado a mim é algo que nunca imaginei viver. Há tempos não me sentia tão amado e valorizado. Sua mãe com certeza é a melhor mãe do universo. Seu pai é um homem de caráter sem igual e seus irmãos são muito especiais. Você, nem se fala, parece que enxerga a alma das pessoas, só não conseguiu ver uma coisa: Eu estou apaixonado por você.

Amo você como nunca imaginei amar alguém. Nem sabia direito o que era isso, gostei de algumas pessoas na minha infância e adolescência, nada que se compare ao que sinto agora.

Não sei se conseguiria seguir em frente se visse você com outra pessoa e ver se desfazendo tudo isso que tenho deslumbrado.

Não estou me afastando por mágoas e ninguém tem culpa de nada, acredito apenas que eu preciso desse tempo pra tentar me refazer emocionalmente. Também estou saindo da faculdade, não por causa disso. Uma vez você me perguntou se era isso que eu queria de verdade, e agora percebo que não é. Estou muito confuso.

Peço que me perdoe, diga a sua família que eu os amo muito e não me procure por enquanto, quando me senti melhor irei visita-los.

Com amor,

João Victor Cruz”

Ao afundar na cama, chorei por algum tempo no travesseiro, senti muita saudade da minha mãe e quando eu fico assim não penso apenas nos acontecimentos recentes, mas passa um filme da minha vida inteira. Pensei em tudo que pude até adormecer. No dia seguinte trabalhei aos cacos e como se não bastasse ouvi uma voz enquanto contava dinheiro do caixa.

– Você tem aqueles pães com recheio de chocolate?

– Não se... – levantei o olhar para responder.

– Mas tem sonho não tem? – disse Chantal.

– Sonho tem! – respondi atônito.

– Então eu quero bastante sonho pra levar e quero dividir com você. – disse ela sorrindo enquanto uma senhora na fila aguardava pra ser atendida.

– Ok, eu só posso sonhar depois das 12hs. Agora preciso atender essa senhora. – disse com um sorriso.

– Ó desculpe, eu aguardo. Aguardo o tempo que for necessário. – disse ela num tom de brincadeira.

Faltavam alguns minutos para o horário de saída, quando encerrei o caixa antecipado. Pedi ao rapaz que me sucedia para reabrir um pouco antes. Ele viu Chantal e entendeu do que se tratava. Fomos à uma praça perto da padaria.

– Como me encontrou?

– A gente sempre dá um jeito de encontrar o que procura. – disse com um sorriso no olhar.

– Você leu a carta? Por que veio? – falei tentando ficar sério.

– Eu vim porque li a carta. Se você tivesse dito antes não teria sofrido à toa e nem tinha me feito mover céus e terra pra te encontrar. – falou como se tivesse brigando, mas sempre com um risinho.

– Como assim? À Toa? – queria acreditar no que ela me fez pensar.

Ela fez segundos de silêncio, olhava pra baixo, depois pra mim e respirava profundo antes de tentar dizer algo.

– Eu também tenho medos João. Também tenho medo de arriscar algumas coisas por isso temi dizer que eu também amo você.

Ri desacreditando no que tinha ouvido, o chão abriu-se debaixo dos meus pés. Ela ficou rígida, silenciosa, me olhando intensamente. Fechei meus olhos numa fração de segundos e a beijei, mergulhando sem saber nadar. Não existiam palavras e apenas os olhares falavam muita coisa. Fomos até

a minha casa, me senti constrangido pela simplicidade do lugar. Não se parecia em nada com a casa dela. Resisti trocar de endereço porque aquele lugar me trazia memórias afetivas da minha mãe – foi a última casa em que moramos juntos. Tinha cheiro de mofo e acho que nunca lavei as cortinas da janela. A pia estava suja de louças, mas meu quarto estava bem arrumado. Os moveis eram todos antigos, mas estavam bem conservados. Chantal observava tudo.

– Você criava pássaros? – disse olhando para uma gaiola vazia que ficava na cozinha.

– Não. Nunca criamos. Era do meu avô materno que nunca conheci. Minha mãe guardava como lembrança. Pra mim ela tem outra representatividade.

– Qual? Posso saber?

– Ninguém nasceu pra viver em gaiolas. Nem físicas, nem emocionais.

– Que lindo amor. – estremei ao ouvi-la me chamando assim.

Troquei a farda o mais rápido que pude e fomos à Faculdade. Ela havia me convencido a pensar um pouco mais sobre as aulas, e decidi continuar. Na ida tocamos em alguns assuntos de trabalhos da faculdade, mas a gente não conseguia falar de sentimentos. Após uns três dias ela ousou perguntar.

– Quando você começou a gostar de mim?

– Acho que desde o dia que você me chamou atenção sobre não querer agradar todo mundo. Já tinha te visto várias vezes, mas depois daquele momento passei a te observar de outro jeito.

– Sério? Então digamos que foi um bom puxão de orelhas.

– E você, quando foi? – agora eu só conseguia falar sorrindo.

– Foi no dia em que estávamos estudando na cozinha porque minha mãe estava com febre assistindo TV na sala. Lembra? – disse ela prontamente.

– Lembro, mas o que isso tem a ver com gostar de mim? – perguntei sem entender.

– Eu fui no quarto procurar um livro e quando voltei você não estava na cozinha. Fui até à sala e quando cheguei na porta vi você apanhando o cobertor no chão e cobriu minha mãe enquanto ela dormia no sofá. – vi seus olhos ficarem brilhantes e um pouco avermelhados.

– Eu não vi você. – argumentei com a voz embargada.

– Eu sei. Não interrompi. Fiquei pensando o quanto você é especial e me apaixonei. – ela falou enxugando uma lágrima e me beijando no rosto.

– Você nunca ia me contar isso? – perguntei.

– Tem coisas que a gente apenas guarda sem precisar dizer. Se você perguntou é porque tinha que ser dita no momento certo. O momento é esse.  
– disse ela sempre com profundidade.

Depois disso tive que pedi ao Sr. Zé Lúcio e a Sra. Rosa a filha deles em namoro. Ele se fez de durão, me deu um monte de conselhos e regras, mas depois minha sogra – já achei que poderia chama-la assim – disse que ele havia comentado “Esse menino é como um filho pra nós, Rosa”. Fiquei extremamente feliz. Nem sei se tudo aquilo que estava acontecendo era real. Sempre pensava no que minha mãe diria ou como se sentiria se visse o filho dela fazendo faculdade, trabalhando e agora namorando. Pude me sentir alguém. Todos os meus complexos pareciam estar se dissipando, porque estava ao lado de pessoas que me apoiavam, me encorajavam e eu tinha uma namorada que me fazia sentir o quanto eu era importante.

Como as flores não são para sempre, o dono da padaria me dispensou, passei quase um mês sem emprego e estava sobrevivendo financeiramente com o resto do último salário que recebi junto com um auxílio da demissão. Precisava trabalhar o mais rápido possível, eram muitos gastos, principalmente com a faculdade – transporte, alimentação, livros – e ainda bem que não era particular, pois não conseguiria pagar as mensalidades. O Sr. Zé Lúcio ficou de ver algum serviço pra mim e me ofereceu um trabalho como garçom no período manhã/tarde no restaurante de um amigo dele. A necessidade me fez aceitar sem pensar e isso fez com que eu transferisse meu turno da faculdade para a noite. Chantal quis mudar o dela também, mas não achei justo. Ela já tinha comentado que não gostaria de estudar a noite. O único problema é que passamos a nos ver apenas nos finais de semana. Às vezes saía da aula mais cedo e ia à casa dela para jantar, mas devido a nova rotina me sentia bastante indisposto. A ponto de dormir no sofá enquanto conversávamos.

Passava o dia em pé servindo clientes e a noite eu estava muito cansado – muitas vezes dormia sobre os cadernos na faculdade. O pensamento constante era desistir, mas Chantal sempre dizia que o sacrifício valeria a pena. Então resistia. Nos finais de semana saíamos com a família dela para o cinema ou algum restaurante. Chegamos a ir à praia e viajamos para um final de semana numa casa na serra. Chantal sempre me encorajava a ter

ânimo pois minhas energias pareciam se esvaír. Com o passar dos meses senti que o nosso namoro estava ficando desgastado, insistir em sair da faculdade, discutimos muitas vezes sobre isso, até que vendo as insatisfações dela concordei.

– Ok, pois mude o seu horário para a noite.

– Agora eu não quero mais. – disse decidida.

– Você que falava isso o tempo todo. – lembrei-a.

– Mas agora me acostumei com a turma. Não sei se me adaptaria com a mudança de turno. – disse ela chateada.

– Então o que sugere? – perguntei suspirando.

– Sugiro que fique como está. A gente precisa enfrentar esse tempo, um dia tudo isso acaba. – seus olhos estreitavam e sua voz parecia diferente.

– Não entendo suas atuais cobranças Chantal. Se você estava decidida a continuar no turno da tarde porque insiste nesse papo de que estou diferente?

– Tudo bem João. Me desculpe. Não sei o que pensar.

Certo dia, um colega de trabalho do turno da noite, pediu pra trocar comigo, e precisei faltar uma aula da faculdade. A vantagem é que ele ficaria no meu horário completo no dia seguinte e eu teria folga. Não falei sobre isso com Chantal pra fazer uma surpresa pela manhã, encarei um dia inteiro de trabalho, chegando em casa pela alta madrugada. Acordei cedo, na intenção de tomar café com ela e depois chama-la pra sair, mas para minha surpresa, a mesa do café estava montada e tinha um outro rapaz da faculdade sentado com eles. Christian abriu a porta e entrei pedindo ao menino pra fazer silêncio com a intenção de surpreendê-los, e na realidade o fiz, mas não pareceu ser uma boa surpresa. Ninguém conseguiu esconder o constrangimento ao me ver, ficaram quase sem palavras.

– João! Você aqui? – disse Chantal sem disfarçar um descontentamento.

– Surpresa! – disse tentando controlar a frustração.

– Esse é o Kennedy. Meu colega de faculdade. – ela colocou o cabelo pra trás da orelha como costuma fazer quando está nervosa.

Apertei a mão do rapaz e dei um beijinho nela. Com um certo desequilíbrio na fala me apresentou:

– Ah, esse é o João Victor!

– Sei, você já tinha me falado dele. – disse ele, com excêntrica simpatia.

A Sra. Rosa me deu um beijinho na testa, prontamente foi colocando uma xícara de café e um pão assado na minha frente. Ela tentou quebrar o clima contando coisas engraçadas, depois me perguntou o porquê eu estava de folga e expliquei – não disse à Chantal que pretendia sair com ela.

– Vocês querem ficar a sós? – perguntei olhando para os livros sobre a mesa.

– Não cara, pode ficar a vontade. – disse o tal de Kennedy.

– Não quero atrapalhar o estudo de vocês. – respondi com a mesma excentricidade.

– Qual matéria você está vendo na faculdade à noite? – perguntou Chantal forçando uma interação.

– Ecossistemas. – respondi.

Christian me chamou para ver sua bicicleta nova, pedi licença e saí. Sugeri que a gente fosse treinar na rua. Só queria sair daquela mesa. Senti-me completamente sufocado com um nó na garganta que não se desfazia. Enquanto ensinava Christian a andar de bicicleta fiquei enumerando possíveis lógicas, como por exemplo: 1) O trabalho que tive no dia anterior pra estar ali; 2) O fato dela chamar um rapaz pra casa e nem sequer comentar comigo; 3) Como a família dela não disse nada diante dessa conduta, 4) Em nenhum momento ela citou que eu era seu namorado e 5) Quando disse que ia sair da mesa ela não pediu pra que eu ficasse, 6,7,8... nunca tive crises de ciúme, sempre achei horrível esse lance de dar vexame, mas não me senti bem com a situação. Uma vez ela perguntou se eu tinha ciúmes, respondi que “Não!”. Confiava nela e sabia que muitos rapazes olhavam descaradamente, mas não me importava os olhares deles, e sim o dela. Não sabia exatamente se eu estava daquele jeito por ciúme ou por senti que ela escondia algumas coisas de mim – geralmente quando fico intrigado com algo, acabo descobrindo que tinha razão. Razão: às vezes ela é tão intransigente.

O rapaz saiu antes do almoço, e me cumprimentou na saída. A aparência dele havia me incomodado: se vestia muito bem com um blusão vermelho de marca, tinha olhos verdes, um corte de cabelo moderno, relógio importado, enfim, parecia ser um jovem de classe média. Antes de namorar com Chantal, achava que nunca namoraria alguém porque nenhuma mulher se interessaria pela minha aparência: magro, espinhas no rosto, sempre com



as mesmas roupas, nunca tinha dinheiro sobrando pra sair e eu já estava começando a ficar meio calvo. Eu não me sentia nada atrativo para que alguém se apaixonasse por mim. – assim como me sinto agora.

No almoço, por mais que tentasse disfarçar o que estava sentindo, Chantal sabia que eu não estava bem, depois ficamos na sala a sós e prontamente ela disse:

– Você não gostou de ver o Kennedy aqui, não é?

– E era pra ter gostado? – disse bem seco.

– A gente está na mesma equipe e ontem combinamos de fazer esse trabalho aqui. Você não me ligou ontem, por isso não comentei nada. E não te liguei porque pensei que estaria na faculdade. – os cabelos negros estavam totalmente atrás das orelhas.

– Tudo bem. – disse querendo evitar o desnecessário.

– Não João. Não está tudo bem e você sabe que não está! Você ficou com uma cara super esquisita quando chegou hoje. – disse ela com raiva. Tive a estranha sensação de que estava procurando motivos pra discutir.

– Eu? Tem certeza que era eu quem estava com a cara esquisita? – respondi no mesmo tom.

– O que você está querendo dizer? – ela cobrou.

– Bom, eu não ia falar nada, mas já que você insiste, quem pareceu constrangida foi você.

– Eu? Eu estava normal. – Me interrompendo.

– Sim! Você! Mas tudo bem. Era apenas um trabalho. – falei ironicamente.

– Era isso que você queria? Me pegar no flagra? – perguntou com maldade.

– Flagra? Flagra de quê? Vim pra fazer uma surpresa e te chamar pra sair. Mas não vou dar um de machista e nem ciumento, se é isso que você quer. Você é livre Chantal. – falei tentando controlar a altura da voz.

– Se você fosse uma pessoa que não guardasse o que sente só pra você, seria mais fácil te entender e se abrir mais diretamente. – falou num tom de acusação.

– Você sempre tem razão Chantal! Uma pessoa emocionalmente madura, sempre tem resposta pra tudo e compreende tudo que acontece. – disse como um desabafo irônico.

– Como você tem coragem de dizer isso? Quer dizer que é assim que você me ver quando a minha única intenção sempre foi ajudar?

– Você acabou de mandar eu me abri e não guardar o que eu penso. Esqueceu?

– Eu não sou assim! – falou pausadamente controlando a raiva.

– Você sempre ver o defeito dos outros. Sempre tem uma resposta psicológica pra tudo. E quais são os seus defeitos? – Afirmei com intensidade.

Ela correu pro quarto e trancou-se. Pensei em ir embora, mas a Sra. Rosa percebendo a tensão veio conversar comigo e me aconselhou a conversar quando estivesse mais calmo. A tarde fui ao quarto dela e pedi desculpas – pareceu ficar tudo bem – mas, esse tipo de discussão se tornou constante até que resolvemos terminar o namoro quando faltava um mês pra completar 2 anos de relacionamento.

Abriu-se um buraco no meio do meu peito que nem o desgaste conseguia sustentar algum sentimento, bom ou ruim. Não tinha administrado tudo ainda. O fato de não ter mais a convivência com a família dela parecia pesar mais do que pelo término do namoro em si. Às vezes telefonava para a Sra. Rosa pra saber se estavam todos bem, ela sempre me convidava pra aparecer por lá, mas nunca voltei. Algumas vezes nos encontramos por acaso no mercado do Centro da Cidade. Pela forma que as coisas estavam caminhando, nada conseguia tirar da minha cabeça que Chantal nunca me amou. Depois que terminamos lembrei de detalhes que me faziam pensar o quanto ela já estava forçando situações para que chegasse ao fim. Todas as pessoas que nos viam juntos diziam que formávamos um casal perfeito e quase ninguém acreditou que não estávamos mais juntos.

Descobri que o problema não começou quando decidimos dá um tempo, foi bem antes. Num Sábado de folga que sair sozinho pra descontrair, encontrei por acaso dois amigos da faculdade, que eu e Chantal tínhamos em comum, do tempo que eu estudava a tarde – eles ainda eram colegas de classe dela – era Pádua e Tiago, sentei na mesa do Fast Food a convite deles, e conversamos sobre vários assuntos, quando contei sobre o término do namoro com Chantal, Tiago inocentemente soltou:

– Eu soube. Já faz um tempinho né?

– Não. Foi recente. – afirmei.

– Recente? Já faz quase 1 ano que ela namora com o Kennedy. – disse Pádua achando que eu estava me equivocando.  
– 1 ano!? Kennedy!? – perguntei completamente confuso.  
– Sim. Vocês terminaram logo após a sua mudança de turno, não foi assim?  
– disse Tiago sem entender.  
– Não. Terminamos há duas semanas.  
– Nossa cara! Desculpa, eu não... – Tiago ficou sem jeito.  
– Tudo bem, só quero que vocês me contem mais. Por favor! Vai ficar só entre nós! – acho que já não tinha sangue nos meus lábios.  
– Bom, eles nunca assumiram abertamente, mas já faz algum tempo que eles estão juntos. Todo mundo sabe. – disse Pádua.

Eles me contaram que viam os dois sempre isolados e juntos. Afirmaram que Kennedy era um playboyzinho que se achava superior aos outros, mas não era rico. Nunca viram os dois se beijando, mas toda a classe sabia que estavam namorando. Enquanto narravam alguns fatos, fiquei juntando as peças e o comportamento de Chantal nos últimos meses. Lembrei de um dia que ela trocou meu nome, pensei que tinha sido sem querer, mas havia me chamado de “Kennedy”. Voltei bruscamente da prisão dos pensamentos e disse que precisava ir, falei que estava atrasado para um compromisso – não aguentava continuar ouvindo aqueles relatos. Me despedi e fui procurar um banheiro no shopping – urgente.

Não desatei meus nós porque descobri que fui traído, mas pela forma que aconteceu. Esperava uma coisa assim de qualquer pessoa, menos de Chantal. Uma garota que parecia tão forte, decidida e falava de forma tão intensa sobre o amor. Não tinha aprendido a amar direito. Me senti um lixo, achei que ela tinha suportado todo esse tempo comigo por pena, por achar que eu ia ficar arrasado se ela terminasse comigo pra ficar com outro. Me senti pequeno, meus complexos inferiores floresceram como um jardim que brota da noite pro dia com flores pretas – como seus fios compridos. Pensei que aquela minha insegurança em relação à aparência tinha sim, um fundamento.

Eu poderia ter deixado tudo pra trás, mas confirmei que era verdade, cheguei a ver os dois juntos algumas vezes e outros fatos confirmaram que ela realmente havia me traído. A última vez que ouvi falar de Chantal, foi

quando encontrei Tiago na rua e perguntei se todos estavam bem. Ele falou de alguns problemas e disse que Chantal estava solteira, pois Kennedy havia traído ela com a melhor amiga. Acredito que Tiago falou isso na esperança que eu a procurasse, e talvez por um segundo pensei “A gente colhe o que planta”, mas depois rejeitei esse tipo de sentimento, porque apesar de tudo o que sofri jamais desejaria a infelicidade de alguém pra me sentir melhor. Isso pra mim sempre foi uma questão de caráter. A minha vida parecia está girando em torno disso, uma vontade quase incontrolável de procura-la para dizer que fiquei sabendo da traição e do quanto fiquei profundamente magoado, ensaiei a fala durante algum tempo, até cogitei escrever, mas nunca fiz nada. O amor que eu sentia se tornou um sentimento frio e vazio de fórmula instantânea, e isso de uma maneira estranha me ajudou a superar. É como se fosse uma defesa pra não sofrer a ponto de ter comportamentos descontrolados. Faltavam um pouco menos de dois anos pra concluir a faculdade, então decidi ir até o fim, mas no dia da formatura não compareci, mesmo sabendo que o tempo havia amenizado algumas dores. Não queria mais reencontrar Chantal, sua família e o tal de Kennedy, que estaria lá como representatividade do antes e depois. Sem falar que depois do encontro com Pádua e Tiago, todos da turma da tarde já deveriam saber do que ela fez e eu me sentiria mais ridículo ainda. Até que havia alguma empolgação em ir à festa de formatura, principalmente pela memória da minha mãe, mas decidiram unir todos os turnos e fazer uma confraternização única. Essa notícia acabou comigo, decidi não ir e meses depois fui apenas buscar o diploma.

Antes de Chantal nunca tinha sido correspondido por ninguém. Cheguei a gostar de várias garotas, mas nunca aconteceu nada. Depois de Sara, da 4ª série, gostei de uma menina na 6ª série chamada Gabriela, depois de outra chamada Samilla, e assim minha vida amorosa na adolescência sempre foi bem frustrante. Depois de Chantal, gostei muito de uma colega de trabalho chamada Grace – eu já tinha uns 25 anos –, e agora dez anos depois estou com essa mesma sensação com a Senhorita Miranda. Já me atraí por várias mulheres, mas sempre evitei alimentar expectativas. O fato é que agora aos 35 anos, já me acostumei com o fato de viver sozinho mesmo quando a sociedade impõe que eu deveria já estar casado e ter uma penca de filhos.

A pizza esfriou. Sentado no banco da pracinha que fica próximo a quitinete perdido nas lembranças. Pensei em voltar pra ver se a Senhorita Miranda ainda estaria lá, mas respirei fundo e fui esquentar minha janta no micro-ondas. Adotei uma técnica pessoal de não favorecer expectativas pra não ficar frustrado, então disse a mim mesmo “A Senhorita Miranda nunca vai gostar de você. Ela é uma mulher bonita, uma professora conceituada e não vai se interessar jamais por alguém como você João”. Dormi.

Pela manhã saí de casa determinado a não manter mais amizades com as crianças do Portinari. A partir de hoje vou tentar ser o mais profissional possível. Nada de se envolver com problemas de Enzo, Juliana, Diego, ou seja lá quem for. Cada um precisa viver sua própria experiência e eu que aceitar isso. Fiz como combinei com os pensamentos. Fechei a cara e dei em média uns quinhentos “Bom Dia!” sem expressar nenhum traço de intimidade ou extrema simpatia. Vi quando Diego, Enzo, a Senhorita Miranda, o professor Evangelista e até a Sra. Esperança chegaram, passaram por mim, mas permaneci embrutecido. Enzo passou como sempre calado e também não disse mais nada. Nos dias que se seguiram foi assim, a Senhorita Margareth passou a pegar menos no meu pé depois do que lhe disse ontem; Juliana voltou à escola na Sexta-feira; não falei mais com Enzo mesmo vendo que ele continuava sentado no banco do jardim – quando não tinha outras pessoas lá –; não procurei mais o Diego, parei de ficar olhando para a Senhorita Miranda e depois do almoço passei a me deitar na salinha reservada até a hora de voltar ao posto. A Sra. Esperança todo dia pergunta se estou bem, e sempre respondo a mesma coisa “Sim, obrigado”.

Sobrevivi ao primeiro mês no Portinari, a Senhorita Margareth assinou a minha carteira de trabalho e milagrosamente fez um elogio – disse que eu havia evoluído bastante. Lembrei de uma amiga da mamãe que dizia “Meu filho, amigo da gente é só Deus e o nosso trabalho”. Acho que naqueles três primeiros dias minhas emoções ficaram bem afloradas devido às lembranças do passado, mas decidi sufocar todas e viver o presente: o de um adulto, solteiro, que precisa se manter e por isso precisa trabalhar. Aliás, o meu trabalho sempre foi o que tive de mais seguro, parecia ser a única coisa que me trazia benefícios mesmo com a dor na coluna e nos pés – que ultimamente insiste em me abraçar.

## RECICLAGEM

O mês de Setembro chegou. Todos se reuniram na quadra poliesportiva do Portinari e foi anunciado o início da gincana de primavera. Não teve aula dentro das salas, foi o dia inteiro de atividades que ocupavam a quadra e vários espaços do colégio. Quando os alunos da aula de música foram se apresentar não resisti e sair da portaria um pouco. Fui à quadra como se tivesse fiscalizando o movimento, mas na realidade não consigo resistir. Era perceptível que eles ainda estavam aprendendo. Teve uma menina que subiu ao palco bem tímida – até pensei que ela não cantaria bem – e com os olhos fechados, sem mover o corpo, começou a cantar uma música que nunca tinha ouvido antes, dizia num trecho “Sou como um brinquedo quebrado, esquecido e jogado fora, mas sempre existe alguém que encontre na minha inutilidade algo de bom. O amor aceita tudo. O amor conserta tudo”, isso foi o que mais me marcou nos poucos minutos que passei por lá. Ouvi o restante das apresentações que se misturavam com uma gritaria quase ensurdecidora de estudantes por todos os lados, e tive uma certa dificuldade de fazê-los se dirigirem à quadra. É bastante estressante ter que lidar com adolescentes desobedientes – acho que a rebeldia é uma regra desnecessária. Tem uns que são bem retraídos ao chegarem pela manhã, mas quando se juntam em grupos parecem que mudam totalmente a personalidade, ou então sofrem da ausência dela.

Vi o Enzo sentado no banco do jardim, pedi para que se dirigisse à quadra. Falei de forma profissional, sem mencionar seu nome, mas ele agiu como quem ouve fantasmas. Isso me deixou bastante irritado.

– Ô garoto, você tá surdo? Eu tenho certeza que não, então por favor se dirija a quadra. São ordens.

– Qual é o seu problema? – ele olhou pra mim como se fosse explodir.

– Eu não tenho problema nenhum. Sou o porteiro e tenho ordens pra não deixar ninguém fora da quadra. – disse bem sério.

A senhorita Miranda chegou por trás e interrompeu:

– Enzo meu amor, eu estava lhe procurando. Vamos agora para a quadra antes que a Senhorita Margareth veja você aqui.

– Eu estava pedindo a ele justamente isso. – disse olhando pra ela tentando desfazer um fio de fúria.

– Tia, a senhora não percebeu? – perguntou Enzo para Miranda.

– O quê querido? – perguntou ela.

– O Sr. Cruz está apaixonado pela senhora! – disse ele.

– O quê!???? – perguntei quase sem acreditar que ele tinha falado isso.

– Deixe de bobagem Enzo! Vamos agora! – Disse ela sem dar importância.

– A senhorita não acreditou nesse menino, não é? – perguntei preocupado.

– Está tudo bem Sr. Cruz. Já conheço essa mania dele de inventar histórias.

– Eu não invento nada! – Enzo se defendeu.

– Mentira sim! E isso é muito feio! – falei zangado olhando em seus olhos.

– Já disse que está tudo bem Sr. Cruz, crianças às vezes gostam de inventar as coisas. – disse ela como se me repreendesse.

Os dois saíram em direção a quadra, Enzo olhou ligeiramente para trás me lançando um riso maldoso. Ele me deu a certeza de que não era tão inocente como eu imaginava e ainda conseguiu perceber o meu interesse pela Senhorita Miranda. Depois dessa, nunca mais terei coragem de olhar pra ela. Que vergonha!

A Senhorita Margareth deu ordens para fechar os portões da frente e logo após que eu me dirigisse a quadra para dar apoio aos professores na organização dos alunos. Fiquei na entrada da quadra para não deixar ninguém sair. Sempre tem aqueles estudantes que mentem dizendo que vão ao banheiro porque o da quadra estava lotado – eles querem ficar nos corredores –, mas não deixei nenhum escapar. Imagino que muitos comentem o quanto sou chato, mas esse é um dos pesos da responsabilidade – eles não entendem o que isso significa. Os professores tentavam a todo instante conter a euforia enquanto o Professor Evangelista – com seu estilo esquisito e óculos escuros – falava ao microfone anunciando o que iria acontecer durante as duas semanas de gincana. O Portinari atualmente tem em torno de 450 alunos, com faixa etária entre 10 e 15 anos. No tempo que estudei existia o jardim de infância – aliás, foi a minha primeira escola. Nessas duas semanas não terei sossego, já que a maioria das atividades

serão fora das salas de aula e tinha algumas que seriam externas, ou seja, fora do Portinari. No meu tempo não tinha essas coisas, o máximo que fazíamos era maquete de isopor, e por falar nelas, lembrei que na 4ª série a professora dividiu 3 equipes pra fazer uma maquete da cidade, e na minha equipe estavam Sara, Eduardo, Elisabete e outros que não recordo o nome agora. Fiquei muito chateado porque o Jhonny – meu único amigo – não estava na minha equipe, mas eu segurava a todo instante a vontade de rir. Nos dividimos em três cantos da sala e tentávamos criar estratégias sem que os outros ouvisse – aliás era uma competição – mas na sala só se ouvia a voz de Jhonny gritando todas as ideias que tinha. Alguns olhavam incomodados como se quisessem pedir pra ele falar mais baixo, mas já sabiam do problema auditivo. Nem precisava comentar, mas como já era de se esperar, quase não dei opiniões e não olhei de forma alguma para Sara. Elisabete ficava a todo tempo me fazendo perguntas a fim que eu expressasse minha opinião, mas eu dava apenas respostas monossilábicas. Na verdade, quase não encarava ninguém nos olhos. Eduardo sempre querendo ser o engraçadinho olhou pra mim e Elisabete – que estava do meu lado – e disse:

– Vocês são irmãos? Primos? Alguma coisa?

– A maquete é sobre a cidade! – respondi bem sério pra ele não continuar com as gracinhas.

– Era só uma pergunta. – com aquele tom de deboche.

Percebi que alguns ficaram rindo e realmente não entendi o motivo, só lembro que me sentia espremido. Acredito que eu, Jhonny e Elisabete éramos os mais rejeitados da classe, porém Elisabete não era retraída e nem tímida, parecia não se importar muito com o que ouvia. Sem dizer muita coisa fui mexendo algumas peças de isopor e formando a cidade. Eles concordavam sem dizer uma palavra. Não querendo parecer melhor que alguém, mas montei quase toda a maquete sozinho e vencemos a competição. Na hora de apresentar, Eduardo deu a entender que foi ele que tinha pensado em tudo sozinho. Jhonny e sua equipe tinham feito a praça central da cidade, ficou muito bonita – até pensei que eles iriam ganhar – e apesar da modéstia, sei que grande parte das ideias vieram dele. Às eu pensava que ele não entendia nada que os professores diziam, mas Jhonny era muito inteligente e gentil. Nunca conheci uma outra criança com o coração tão bom quanto o dele.



“RECICLÁVEL!!!!!!” gritou o Professor Evangelista interrompendo os meus pensamentos e me fazendo retornar à quadra do Portinari. Ele continuou:

– Isso aí galera! O nosso tema desse ano vai ser a importância da reciclagem. E o título da gincana é “RECICLÁVEL! RECICLÁVEL!” – Gritava bem animado fazendo gestos como se estivesse surfando.

A Senhorita Margareth foi chamada pra falar sobre alguns detalhes da gincana, mas gritavam tanto que ela perdeu a paciência:

– Calem a Boca! E vocês professores por favor conttenham suas turmas! – O silêncio foi pouco a pouco se estabelecendo e só se ouvia alguns burburinhos, então ela continuou.

– Ano passado nosso tema foi o Combate ao Preconceito e esse ano vamos lembrar de uma coisa muito importante que é o ato de reciclar. Sabemos que o planeta vem sofrendo com as ações negativas que o homem faz. Teremos no Colégio Candido Torquato Portinari duas semanas de atividades incluindo música, pintura e ideias criadas pelos próprios alunos sobre o que podemos fazer com coisas que todos os dias vão pro lixo, e muitas delas não são colocadas no lugar correto, são jogadas no chão, nas ruas, avenidas, poluindo rios, mares, entupindo bueiros, causando enchentes, enfraquecendo o solo, sendo que grande parte disso pode se transformar em arte. Queria convidar a senhorita Miranda pra falar mais sobre isso.

A Senhorita Miranda subiu ao palco e começou um discurso.

– Como uma forma de salvar o planeta, o meio ambiente e enfim a vida na Terra, foi criada uma prática chamada 4Rs, que depende totalmente da consciência de cada um. Os 4Rs são: Reutilizar, Reduzir, Reciclar e Repensar. Precisamos aprender desde criança a importância de jogar o lixo no local correto, praticar os 4Rs para que nos tornemos adultos conscientes e atuantes de forma positiva nas questões ambientais. Não podemos imitar adultos mal-educados que jogam um simples papel de bombom no chão e acham que não fizeram nada demais, que lançam lixo pela janela do carro ou da condução, ou até mesmo deixam sacolas plásticas e latinhas de refrigerante na praia, que conseqüentemente vão pro mar e matam animais marinhos sufocados – os coitados acham que é comida – e o que parece ser “nada demais” é o que está destruindo o planeta porque existem milhões de

peessoas pensando ao mesmo tempo que tudo isso é “bobagem”. O que se ver no nosso cotidiano são enchentes, doenças, ruas e avenidas sujas, rios e mares poluídos, queimadas, aquecimento global – sempre estamos falando sobre isso em nossas aulas de Ciências – mas agora precisamos fazer algo mais do que apenas um discurso, e nessas duas semanas da gincana RECICLÁVEL, fazer mais do que apenas atividades em grupos, e sim refletir sobre a nossa própria sobrevivência e como podemos encontrar soluções através da reciclagem e da reutilização de coisas que parecem não servir mais”.

Lembrei que antes de namorar com Chantal eu tinha esse pensamento de que era apenas bobagem, mas ela havia me conscientizado sobre não jogar nada no chão. E depois disso, aprendi na faculdade sobre como o lixo pode ser prejudicial, me tornei totalmente consciente – pelo menos isso é uma boa lembrança dela. Já sobre a Senhorita Miranda, ainda tento sufocar meus sentimentos, mas sinto que ela ainda mexe comigo. Eu admiro a forma como ela sorri, como fala e se comporta. Mas não posso ficar pensando em probabilidades pra não sofrer mais. Procuo Enzo com o olhar, não consigo esquecer o que ele fez, preciso saber de onde tirou essa ideia, será que estava tão na cara assim?

Cada professor subiu ao palco para anunciar como ficariam as equipes. Começaram pela turma do 6º ano, e em uma equipe de mais ou menos oito crianças estavam Enzo, Diego e Juliana juntos. Observei em suas expressões decaídas o quanto eles estavam irritados por terem que trabalhar em equipe. Confesso que foi bastante engraçado. Não contive o riso ao pensar “Agora eles vão passar duas semanas caminhando lado a lado e superar suas diferenças, ou não”. O desafio seria criar algo inédito – um objeto, utensílio, música ou peça teatral – e fazer um trabalho reutilizando ou reciclando coisas que iriam pro lixo a fim de promover a consciência sobre o tema, para apresentar no final da gincana. Diferente do meu trabalho com a maquete, o trabalho deles exigia muitas ideias e cumplicidade. Achei isso maravilhoso! “Meus meninos trabalhando juntos!”, “Meus meninos!”, porque pensei isso? Será que desenvolvi mentalmente por eles um carinho especial? Eles não sabem, devem estar até chateados comigo pela forma como me olham, mas só estou agindo assim porque aquelas

insinuações que a Senhorita Margareth fez me magoaram profundamente. Nunca mais eu gostaria de ouvir algo parecido. Mas no fundo, eu gostaria muito de ser amigo de Enzo – mesmo depois do que fez hoje – de Juliana e de Diego.

Depois de formarem todas as equipes, anunciaram que escolheriam os melhores trabalhos, os estudantes do 6º ao 9º ano estavam concorrendo de igual para igual – e os finalistas das quatro turmas concorreriam no final a um dos prêmios:

1º lugar: Além do troféu, um fim de semana no melhor parque temático da cidade, com direito a traslado, alimentação, hospedagem e acesso a todos os brinquedos.

2º lugar: Medalhas de participação e cada integrante receberá um kit com agenda e caderno feitos com material reciclado, além de vários itens escolares como lápis, caneta, borracha e outros.

3º e 4º lugares: Medalhas de participação.

A quadra do Portinari tremeu com a gritaria eufórica dos alunos que ficaram bastante empolgados com o prêmio do primeiro lugar, aliás aquele parque é o sonho de qualquer criança, adolescente e até de adultos como eu.

Após os anúncios liberei a saída para começarem seus trabalhos de pesquisas e buscas. Todos se espalharam pelo Portinari: jardins, salas, corredores, quadra. Minha garganta já estava doendo de tanto chamar a atenção de alguns mal comportados –, e olha que era apenas o primeiro dia. A equipe de Enzo, Diego e Juliana foram ao banco do jardim – com certeza foi Enzo que os convenceu não sei como. Vi apenas uma menina falando enquanto eles expressavam impaciência. Resolvi ir até lá. Enzo baixou o olhar quando fui chegando – talvez pensou que eu ia falar algo com ele. Me baixei com um dos joelhos na grama e disse:

– Vocês precisam de ajuda?

– Não! Sim! – falaram ao mesmo tempo.

– Não ou sim? – perguntei.

– Não! – respondeu Enzo bem enfático.

– Sim! – falou uma menina ruiva.

– Como vocês se chamam? – perguntei ignorando os olhares de desprezo que me lançavam.

– Raniele. – disse a ruivinha cheia de sardas.

- Eu sou a Manoela. – respondeu meio desconfiada.
- E eu sou o Carlos Alberto. – disse um menino que falava alto, me fez lembrar Jhonny. Sem que percebesse conferi se ele não usava algum aparelho auditivo.
- Eu me chamo Wellington. – disse um garoto que usa óculos e tem um cabelo arrumadinho com gel.
- Eu sou a Rochele. – uma menina tímida.
- E vocês não vão se apresentar? – disse Raniele olhando para os outros garotos.
- Não precisa! Eu já conheço eles. – respondi.
- Conhece? Pensei que não conhecia. – disse Diego com ironia.
- A mim ele deve conhecer mesmo, quase fui expulsa por causa dele. – falou Juliana.
- Isso não é verdade e você sabe muito bem. – falei calmo olhando em seus olhos claros.
- E então? Como você pode nos ajudar? – Wellington interrompendo a tensão.
- Bom, sou formado em Biologia e ainda lembro umas coisas que estudei sobre o lixo e sobre a reciclagem. Acho que posso contribuir. O que vocês pretendem fazer? – perguntei.
- Não sabemos ainda. Ninguém disse nada a não ser Rochele que estava sugerindo que a gente fizesse um porta brinquedo com a caixa de papelão de um fogão velho. Achei muito simples pra concorrer. – respondeu Wellington.
- Na verdade é muito cafona. – falou Diego com deboche.
- Toda ideia é bem-vinda Diego. Vocês precisam falar tudo o que vem em mente pra depois definirem o que podem fazer. – respondi.
- Tudo o que tenho em mente é que peguei a pior equipe. – disse Enzo.
- Pois se quiser sair fique à vontade meu querido. – disse Juliana enfrentando-o.
- Gente, parem com isso! Pensem no prêmio. Imaginem só vocês indo ao parque temático! – tentei encorajar.
- Eu já fui nesse parque várias vezes com meus pais – respondeu Enzo com despeito.
- Ai que mentira! – disse Manoela.

– Deve ser super empolgante um final de semana com essas lesmas. – retrucou Diego.

– Lesma é você. – Respondeu Carlos Alberto.

– Repete o que você disse seu cretino. – disse Diego se levantando.

– Parem com isso! – me coloquei de pé.

– Não vai dar certo trabalhar com esses meninos senhor porteiro. – disse Rochele.

– Meu Nome é João Victor. E vocês podem vencer se esquecerem seus problemas pessoais e se unirem pelo menos nessas duas semanas. Vocês não precisam ser os melhores amigos, mas mostrar o potencial que cada um tem. – respondi.

– O Diego é encrenqueiro e Juliana também. O Enzo é mentiroso... – disse Manoela.

– O que foi que você disse? – Juliana partindo pra cima de Manoela. Segurei Juliana e fui mais enfático.

– Chega! Parem com isso! Porque é tão difícil vocês se respeitarem? Porque fazer um trabalho juntos incomoda tanto vocês? Se vocês quiserem trabalhar em equipe eu ajudo! Podemos nos reunir num final de semana na casa de um de vocês ou em algum parque da cidade pra criar algo excepcional, mas se não quiserem, ok. Podem fazer como achar melhor.

Eles fizeram alguns segundos de silêncio.

– Por mim, tudo bem. – disse Enzo.

Os outros concordaram apenas consentindo com a cabeça.

– Ok então. Estamos juntos. – disse com um leve sorriso.

– Então agora vamos nos sentar e voltar a pensar em ideias. – disse Wellington.

David – o garoto que anda com Diego – chegou enfurecido na roda.

– Não acredito que agora você vai ser amigo desse dedo-duro! – apontando para Enzo.

– Cara, eu não sou amigo dele. A culpa é dos professores que dividiram as equipes dessa forma. Se eu pudesse ter escolhido ficaria na sua equipe.

– Diego, vamos falar com os professores. Peço a eles pra te colocar na minha equipe.

– Ele ficou na equipe da chata da Patrícia Sullivan. Grande diferença. – disse Juliana a Diego.

– Patrícia Sullivan? Aquela metida que vive nos afrontando. David, não sei o que é pior. – disse Diego rindo.

– Vocês estão me comparando com a Patrícia? – disse Enzo.

– Olha cara, não me dirija a palavra. Você é um verme. – disse David à Enzo.

– Você não tem direito de falar com as pessoas assim garoto. – respondi.

– Não se mete porteiro esquisito. – disse David.

– Esquisito vai ficar se eu levar você agora à diretoria. Então por favor se retire, antes que eu perca a paciência.

– Você vai ficar mal na fita Diego, andando com o palerma do Enzo, a barraqueira da Juliana e todos esses bobocas... e ainda mais na companhia desse... porteiro. – disse David antes de sair e dar as costas.

– E você... vai acabar casando com a Patrícia Sullivan. – gritou Diego para que ele ouvisse.

– Diego, a gente nem sempre vai ter aquilo que gostaria de escolher, mas é essa a sua equipe – aponte para os outros integrantes – e você pode descobrir coisas surpreendentes.

Voltei à portaria. De lá pude ver que eles voltaram a sentar e apesar das caras fechadas estavam combinando as coisas numa boa.

Chegada a hora do almoço, se dirigiram ao refeitório, mas antes passaram por mim e Wellington me comunicou que Sábado iam se reunir às 10hs da manhã na casa de Juliana para ouvirem o que eu tinha como proposta. Não sabia bem o que iria fazer, mas eu estava empolgado em me reunir com eles.

– Juliana, preciso do seu endereço. – falei sorrindo pra ela.

– Um momento. – ela disse enquanto rasgou a folha do caderno e anotou sem expressar nenhum contentamento.

– Obrigado. Estarei lá às 10hs. – respondi.

Saíram sem me cumprimentar, a não ser Wellington e Raniele, que aparentemente gostaram de mim e pareciam ser crianças bem-comportadas.

Depois que eles saíram lembrei imediatamente da Sra. Borges – mãe de Juliana – e como ela me trataria depois daquele dia na diretoria. O máximo que pode acontecer é me expulsar de sua casa, mas se isso acontecer já

estarei preparado. Prefiro mesmo que seja na casa deles, porque assim me sinto mais confortável em relação ao que podem pensar depois.

Com o início da gincana, acabou o meu pouco tempo de sossego – às vezes eu até cochilava quando estavam todos dentro das salas – porque a todo instante os alunos passavam pelo portão, de vez em quando ouvia uns gritos e já ficava preocupado, mas ainda bem que os professores estavam juntos dando apoio. A Senhorita Miranda passou várias vezes por mim, e tudo o que a gente expressava era aquele leve sorriso sem abrir a boca. Num momento de ousadia comentei em uma das vezes que ela passou “Calor né?”, e ela apenas consentiu sem dizer uma palavra.

Durante os dias de gincana os alunos eram liberados mais cedo – os pais poderiam busca-los às 16hs – mas alguns ficavam até o horário final. Principalmente os que estavam nas aulas de música e de teatro, preparando atividades para o final da gincana. Vi um garoto tocando violão no pátio interno do Colégio. Já o conhecia de vista, ele é bem alto, magro, tem o rosto quase deformado por cravos e espinhas e usa óculos tipo fundo de garrafa. Aproximei-me.

- Atrapalho? – perguntei meio tímido.
- Não! Pode chegar junto. – respondeu ele com um sorriso tímido.
- Tá criando alguma coisa pra gincana?
- É. Tô tentando. – disse ele.
- Cadê sua equipe?
- Eles estão reunidos tentando bolar alguma estratégia e pediram pra mim criar uma música isolado, pra não atrapalhar a reunião deles. – disse ele olhando para as cordas do violão.
- Você toca bem? Ou tá aprendendo? – quis saber.
- Cara, sou suspeito a falar, mas aprendi a tocar violão sozinho em casa. Sem aulas e nem vídeos de internet. – ele respondeu.
- Sério? Isso quer dizer que você é autodidata! – afirmei com entusiasmo.
- É. Dizem que sou. – respondeu ele com modéstia.
- Você é de qual turma? Aliás, como você se chama?
- Ah Cara! Eu sou do 9º ano, me chamo Caio. E você?
- Eu me chamo João Victor, o porteiro. A Senhorita Margareth me chama se Sr. Cruz como está escrito aqui na farda, mas pode me chamar de João.

- Ah, legal João, e você sabe tocar?
  - Não. Eu gostava muito de cantar e compor, mas nunca em público, sempre no banheiro e anotando em cadernos. – falei rindo.
  - Que massa João! Porque então você não mostra essas músicas?
  - Não, não. Nem sei se lembro mais das melodias. – respondi envergonhado.
  - Cara, você faz músicas com melodias sem saber tocar? Isso é muito bom! Eu nunca consegui compor uma música! Bem que você poderia me ajudar hein!?
  - Não sei... – falei meio sem jeito.
  - Canta qualquer música que você lembre. – me pediu inusitadamente.
  - Caio, acho que não consigo. – Falei quase sem força.
  - Tente! Você só vai saber tentando! – disse ele me encorajando.
- Demorei um pouco procurando se havia algum tom em mim pra cantar a primeira estrofe. Cantei tão baixo que Caio não conseguia ouvir, então ele pediu umas duas vezes pra cantar um pouco mais alto, tentei.

“Deixe que o vento tire tudo do lugar  
Às vezes para construir  
É necessário se ferir.  
Deixe que o tempo te coloque no lugar  
Não cobre tanto de você  
A vida é pra se viver...”

- Esse é o começo da música João? – ele perguntou.
  - Não. É o refrão.
  - Canta mais uma vez, um pouco mais alto. – olhei ao redor.
- Senti a respiração ofegante como se as batidas do coração alterasse tudo e mais uma vez cantei. Ele tocou na segunda vez perfeitamente como se já conhecesse.
- Foi você mesmo quem fez João? – perguntou com uma expressão iluminada.
  - Sim! Mas não lembro o começo direito.
  - Cara! Essa letra com essa melodia ficou fantástica! – senti seu entusiasmo.
  - Obrigado! – respondi tímido.



- Sem falar que você é bastante afinado. – complementou.
- Bondade sua! – eu já deveria estar bastante vermelho.
- Tenta ver se você lembra o restante dessa música e me ajuda fazendo uma pra gincana. – senti verdade em seu pedido.
- Não sei se vou ter tempo em duas semanas de organizar tudo, mas posso tentar. – adverti sobre minha rotina.
- Pelo menos tenta. Você tem Facebook? WhatsApp?
- Tenho. Uso mais o WhatsApp. Perdi a senha do meu antigo Facebook.
- Pois anota meu número. – pediu Caio.

Peguei o celular e gravei o contato dele. Os únicos contatos que eu tinha gravado era o de Diego e agora o de Caio. Despedi dele e tive que voltar ao meu posto. Foi um encontro inusitado, mas me vi diante da oportunidade de mostrar minhas músicas pra alguém. Que sensação boa! E acho que foi a primeira vez que elogiaram a minha voz – quer dizer, meu pai uma vez disse que eu tinha uma voz muito bonita, mas acho que opinião de pai não vale nesse caso.

Aproveitei uns minutos de sossego e fiz uma nova conta do Facebook – mas dessa vez não vou esquecer a senha – parece que quando você diz que não usa redes sociais as pessoas arregalam os olhos e pensam “Ou ele é velho ou é um Extraterrestre”. Pronto! Novo “Face” – como os jovens costumam chamar. Procuo algumas pessoas pra adicionar, mas geralmente só sei o primeiro nome, então fica difícil. A primeira que achei foi a Juliana, porque lembrei que a mãe dela se chama Sra. Borges, logo encontrei por: Juliana Borges. Quase não a reconheci pela foto, com um batom preto e os cabelos bem assanhados. Tinha poucas fotos com a família, mas encontrei uma foto que mostra uma menina de classe média ou alta, estava com os pais numa escadaria luxuosa que parecia banhada a ouro. O pai dela bem arrumado, parece um executivo e a mãe extremamente elegante com joias finíssimas. Ela não deve ter irmãos. Imagino que Sábado nosso encontro será nessa casa – pelo menos é o que parece. Resolvi mandar o convite, sem a esperança de ser aceito.

Depois achei um grupo do Colégio Candido Torquato Portinari, onde encontrei na lista de membros quase todos os alunos que conheço de vista, e adicionei os integrantes da equipe de Sábado: Enzo Amorim, Diego

Fernandes, Raniele Sousa, Wellington Porto Slaviero, Carlos Alberto Viana, Manoela Alameda, Rochele Holanda, Ah! Achei também o perfil do Caio, na verdade só soube que era dele por que abri e vi umas fotos, tinha apenas uma foto de rosto. A do perfil era um violão – acho que ele não gosta muito da aparência, mas tem nome de artista: Caio Dellaphardier – nem sei como se pronuncia isso. Comecei a mandar convite na lista para outros que só conheço de vista, até a Senhorita Margareth tem Facebook, com o nome Margareth Wilson Wright – não mandei convite pra ela –, tentei ver fotos e não consegui porque o perfil dela é restrito apenas para amigos. Vi outros perfis como o do Professor Evangelista – que usa o nome exatamente assim – e em todas as fotos está de óculos escuros. Ele já pintou o cabelo de várias cores e usa roupas que parecem de banho, vi as fotos dele no Alasca, mas também não mandei convite. Eu estava procurando mesmo era a Senhorita Miranda, mas não sei o primeiro nome dela e pelo sobrenome não a encontrei. Adicionei a Sra. Esperança – ela se chama Maria Esperança – também com um nome de Maria do Desespero até eu mudava. Pensei que encontraria nos álbuns dela aquelas fotos que as pessoas gostam de tirar segurando flores ou debaixo de árvores, mas me surpreendi, muitas são acompanhadas por jovens, na praia, cinema, muito bem arrumada e sempre sorrindo. Vi que ela gosta muito dessas frases motivacionais e reflexões sobre a vida.

Enzo vinha andando apressadamente, achando que ia passar despercebido, quando levantei o olhar e o abordei.

– Espere! – ele se assustou.

– Estou apressado! Meus pais estão me esperando para um jantar! – disse sem querer parar de andar.

– Só quero saber de onde você tirou essa ideia de que estou apaixonado pela sua professora? – falei bem firme.

– E você não está? – perguntou ele com um risinho.

– Porque você acha isso?

– Porque eu já vi o jeito que você olha pra ela. Sei que você está gostando dela, mas acho melhor você desistir porque ela é casada! – senti na sua voz um prazer ao dizer isso como se soubesse que poderia me desestruturar.

- Sabe Enzo, a primeira impressão que tive de você, era que... se tratava de um garoto que precisava de amigos, que era rejeitado, mas agora entendo porque você se senta sozinho num banco... – falei decepcionado.
  - E você ficou com pena de mim, disse que eu podia contar com você, depois ficou de conversinha com o Diego, com certeza estavam falando de mim, me apunhalando pelas costas logo após eu ter contado o que tinha acontecido. – disse ele com raiva.
  - Isso não é verdade! – afirmei tentando interrompê-lo.
  - É verdade sim! Tanto é, que depois vi os dois juntos conversando, e você passou a me ignorar totalmente. Olha, eu não sei o que ele te contou, mas deve ter sido alguma mentira pra você ter fingido que não me via. – continuou ele bem bravo.
  - Se você me deixar falar...
  - Eu não quero saber tá bom? Você é igual a todo mundo! – ele já estava a ponto de chorar.
  - Eu lamento que você pense assim ou que tenha lhe dado essa impressão. Nunca falei mal de você. – disse um pouco entristecido.
  - Eu não confio em você e em ninguém! – ele saiu andando e falando.
  - Eu não sou quem você pensa Enzo Amorim! – gritei enquanto ele andava de costas pra mim.
- Ele parou por um instante e olhou pra mim:
- Como você sabe meu nome? – senti seu tom de preocupação.
  - Eu adicionei você no Facebook. Se quiser ser meu amigo, aceite o convite.
  - Ele deu as costas novamente e foi em direção ao portão.

Enquanto Esperança com sua equipe limpavam o Colégio, fiquei no portão fuçando as redes sociais de um monte de gente. Por isso evito mexer em celular – parece que vicia na primeira dose. Eu estava bem curioso pra descobrir quem eram aquelas pessoas além do que eu posso descrever ou imaginar. Às vezes fotos e vídeos falam muito sobre o que as pessoas são, mas em alguns casos elas fazem justamente o contrário: escondem quem são de verdade. Por falar nisso, preciso encontrar outra foto pra colocar no meu perfil, porque a que coloquei foi uma selfie que tirei no portão da escola, e na rede social não quero ser o porteiro do Portinari – quero ser quem sou: João Victor da Silva Cruz.

Sávio entrou gravando áudios no WhatsApp, dizendo coisas do tipo “Você que sabe, eu topo qualquer lugar com você” e parecia comemorar ao fim de cada gravação que recebia de volta.

– Qual é o teu “Face”? – interrompi entre uma pausa.

– Hum, finalmente decidiu se atualizar? – perguntou com sarcasmo.

– Uma pessoa só é atualizada se tiver redes sociais? Eu conheço algumas que são atrasadas. – Respondi com humor amargo.

– Ok, sem lições de moral. Procura aí: Sávio Carvalho Oliveira.

– É seu nome todo!?

– É. E o seu como é?

– João Victor Cruz.

– Depois fala do meu! – ele riu.

– Sim. Meu nome é composto por dois nomes, mas... mudando de assunto, queria te perguntar uma coisa e gostaria que ficasse entre nós. – falei meio baixo.

– O que é? Diz? – se aproximou curioso.

– Você sabe quem é a professora Miranda? A professora de Ciência? – perguntei quase cochichando.

– Sim! Aquela bonitona! Aliás, a professora mais bonita da escola. Aqueles cabelos compridos cor de mel que ela tem... não me diga!? Você está gostando dela!? – ele arregalou os olhos.

– Fala baixo! Soube hoje que ela é casada! Nem sei porque estou perguntando sobre isso... – numa fração de segundos esqueci e retornei a lembrar o que Enzo havia dito sobre o estado civil dela.

– Nunca ouvi dizer que ela era casada. Ela usa aliança? – questionou ele.

– Não reparei a mão dela acredita? Mas talvez namore ou viva junto com alguém. Outro dia a vi numa pizzaria como se tivesse esperando alguém.

– Conheço ela só de vista. Ela é de poucas palavras e muito discreta. O Sr. Estevão a conhece desde criança, de vez em quando ele falava algumas coisas sobre ela, como por exemplo, que foi uma das primeiras alunas do Portinari e que quando era pequena os garotos riam dela por ser desajeitada.

– Desajeitada!? Como assim? – quis saber.

– Feia! – respondeu bem direto.

– Feia??? Impossível uma mulher tão bela ter sido feia algum dia na vida!

– O Sr. Estevão conhece todos os alunos dessa escola. Você poderia fazer uma visita a ele. Talvez lembre até de você. – sugeriu ele.

– Não lembro do porteiro da minha época, mas se tinha 30 anos de profissão aqui, com certeza era ele. – falei como se tivesse pensando.

– Você sabe o nome da Miranda? O nome mesmo? Estive procurando nas redes sociais, mas não encontrei nada. – perguntei.

– Se não me engano é Elisa... não... é Elisabeth. Isso, Elisabeth Miranda! – respondeu Sávio ao mesmo tempo que sentir algo estalar na minha cabeça.

– Elisabeth Miranda!?! – perguntei umas três vezes no mínimo.

O Sávio começou a falar, sua voz parecia bem distante quando lembrei do momento da chamada no colégio. A professora da época – a Sra. Fátima – chamando Elisabeth Miranda! Lembrei até de algumas vezes que os garotos faziam um barulhinho com a boca pra fazer deboche com a menina que era chamada de feia.

– JoãoooooÔ! – A voz de Sávio parecia ecoar me resgatando de um profundo abismo.

– Ó, desculpe. Estava lembrando de uma menina da 4ª série chamada Elisabeth Miranda, mas não pode ser a mesma pessoa. Isso! é só coincidência. – tentei me convencer.

– As pessoas mudam João! As pessoas mudam! – ele afirmou.

– Bom, eu já vou indo. Preciso tomar um suco de couve urgente! É ótimo pra renovar as energias.

– Eca!!! Vai lá tomar seu suco de couve!

– Tá! Fique com seu refrigerante. Ele deve ser mais saudável. – falei com ironia.

Juntava pedaços a cada passo que dava. A Senhorita Miranda pode ser a menina da minha classe: a Elisabeth! Se ela fosse a Sara talvez não duvidasse, mas logo Elisabeth: A Feia!?

## REVIRANDO O BAÚ

Quase não dormi pensando em Elisabeth e na Senhorita Miranda, ou seja, na mesma pessoa caso minha suspeita esteja certa. Não sei explicar porque estou tão impressionado: se é pelo fato dela ter mudado tanto; se é porque era uma colega de classe ou possivelmente porque estou apaixonado. Acho que as três opções estão corretas. João, pode ser que todo esse sentimento passe, mas confesse a si mesmo: você está apaixonado por ela! – O problema é que não sei o que fazer com isso.

A Sra. Esperança sempre chega antes de todo mundo – até mesmo de mim. Cheguei um pouco mais cedo e fui procura-la. Sabe aqueles dias que você precisa ouvir alguma coisa? Tipo uma vidente que ler mãos, uma frase no outdoor do ônibus, algum profeta barbado na rua, qualquer coisa que pareça sobrenatural. Pensei que ela poderia me ajudar. Depois daquele último dia que conversamos passei a trata-la friamente e acredito que ficou perceptível. Tentei absorver alguma coisa daquela conversa sobre entulhos e mosca no leite, mas quando vi Miranda na pizzaria e não enfrentei meus medos, e ainda recordei toda frustração que tive com Chantal, tive a certeza que nunca sair desse lugar onde estacionei. Começo a entender também a história da esteira – sinto que me desgasto sem nunca sair do lugar. A encontrei justamente na sala 4.

– Bom dia Sra. Esperança – disse meio sem jeito.

– Bom dia meu filho. Tudo bem? – Dividindo o olhar entre a mesa que estava limpando e os meus olhos.

– Sim. E com a senhora, está tudo bem?

– Comigo? Sim, vai tudo bem. – sempre com serenidade.

Observo o movimento circular da flanela guiada por mãos enrugadas e cheia de sinais procurando alguma palavra, até que tudo para e olhando nos meus olhos pergunta:

– O que você quer me dizer João?

– Bem... eu não sei exatamente o que quero dizer... – gaguejei.

– Seja o que for, diga. Não faz bem aprisionar o que está lhe aprisionando.

– Na realidade eu queria pedir desculpas. Depois daquele dia que conversamos passei a trata-la com desinteresse, mas confesso que não é nada pessoal. O problema sempre sou eu. – tentei explicar.

– Filho, às vezes não vale a pena se justificar – o movimento recomeça – As pessoas sempre vão ter pensamentos sobre nós, como lavouras e furacões. Não podemos controlar isso e nem desejar que todos nos compreendam. Sei como é ruim imaginar alguém fazendo mal juízo de nós ou quando nos interpretam de maneira equivocada, mas não podemos mostrar as pessoas toda a verdade. Sempre seremos relativos sobre a vida de outra pessoa, e a prova disso é que não conseguimos ser absolutos nem com a nossa própria história. Muitas vezes quem enxerga por nós é a dor. A dor é cega e surda, a única coisa que ela sabe fazer é gritar. Quanto a mim, não se preocupe. Nunca enxerguei seu comportamento como algo que me atingisse pessoalmente, no fundo eu sentia que você precisava desse silêncio, por isso respeitei e apenas lhe desejava um bom dia. – Sempre me olhando com profundidade.

– A senhora tem toda razão. – disse ao mesmo tempo que pensei “preciso de um banheiro”.

Ela soltou o pano que limpava a mesa e me abraçou tão intenso que mergulhei no cheiro de mirra que seus cabelos exalavam.

– João, imagino que seu passado não lhe traz boas lembranças. Você internalizou tudo! Deixou que todo os rios desaguassem em um mar só. Mas quando chegou a tempestade – porque ela sempre chega – esse mar não pôde conter todas essas águas turbulentas. Deixe o Sol secar essas mágoas, amarguras, medos, frustrações, decepções... todo esse excesso que você não pode conter. Entenda que você tem um limite. Só carregue aquilo que você precisa.

Ela tirou minha cabeça de seu ombro e pegou no meu rosto com as duas mãos espalhando as lágrimas. Suas mãos cheiravam a eucalipto.

– Não tenha medo de errar! Eu sei que chega uma hora que a gente não aguenta mais – já me senti da forma que você deve estar se sentindo – mas o que você vai fazer? Pergunte-se isso! Vai se acomodar no que você tem ou vai se superar no que você pode ser? Seja o que for, lute! E mesmo que se fira na batalha, não pare de lutar!

– Preciso ir. As crianças já estão chegando. – falei lembrando do horário.

– Vá em paz. – ela disse.

– Obrigado. – sair andando como quem retém uma corrida.

Atravesso o corredor do Portinari como se houvesse um túnel que separa os tempos. Eu ia pedir algum conselho sobre Miranda, mas sem saber, ela me deu o que eu precisava. Os alunos foram chegando, me sentia tão leve com uma euforia contida como se algo fosse explodir – algo bom. Cumprimentei-os de forma diferente:

– Bom dia, tudo bem com você?

– Bom dia garota, bela bota hein!?

– Olá, vamos arrasar nessa gincana hein rapaziada!!!

– E aí, tenham um dia muito produtivo!

Alguns me olhavam com estranheza. Imagino o porquê! Parecia outro porteiro. Caio parou e perguntou se eu já tinha começado a ver a música, expliquei sobre meu total esquecimento ao chegar em casa. Prometo a ele que não passaria de hoje à noite. Diego, Juliana e Enzo sempre com o mesmo humor e temperamento, mas falei que conversaria com eles no intervalo. A Senhorita Margareth nunca mais me chamou atenção sobre nada grave, só recomendações normais, mas sempre chega com a mesma cara sem expressão quando vou abrir o portão da garagem. Hoje fui bem enfático:

– Bom dia Senhorita Margareth! Tenha um dia de muitas realizações.

– Obrigado Sr. Cruz. – disse ela com um leve sorriso no canto dos lábios.

Por um momento achei que estava ficando maluco, mas estou tentando deixar a razão ficar hoje do portão pra fora.

Então a Senhorita Miranda foi entrando, quando ousei olhar bem no fundo dos olhos dela enquanto se aproximava e falei:

– Tenha um Bom dia – dei uma pausa – Senhorita Miranda!

– Bom dia Sr. Cruz! Tudo bem com o senhor? – ela deve ter notado algo diferente no meu tom de voz.

Olhei para suas mãos disfarçadamente procurando alguma aliança, e percebi que não havia – talvez sejamos parecidos nessa coisa de não gostar de objetos pendurados ao corpo. Talvez Enzo não estava falando a verdade ou se equivocou.



– Estou bem sim, e a senhorita? Aliás não precisa me chamar de senhor, pode me chamar de você, ou até mesmo de João Victor se preferir. – respondi.

– Ah, tudo bem João! – disse ela rindo – só não podemos nos cumprimentar assim na frente da Senhorita Margareth, seria suficiente para uma visita à diretoria. Ela é de família estrangeira e sempre trata as pessoas assim pelo sobrenome. E antes que eu me esqueça, estou bem, obrigada.

– E o seu nome? Como é? – estava ansioso pra perguntar isso.

– O meu nome? Bom...

TRRRRRRRRIIIIIIIIMMMMMMMM. O telefone da portaria tocou bem na hora. Ela achou que estava incomodando e foi saindo devagar, falou apenas com os lábios mudos enquanto atendi a ligação:

– Depois nos falamos. Preciso ir.

Enquanto isso ouvi um grito no telefone:

– Sr. Cruz! Sr. Cruz! O senhor está me ouvindo?

– Sim! Sim! O que deseja Senhorita Margareth?

– Pensei que o telefone estava com defeito, ou o senhor estava distraído? – algo já me dizia que aquele sorriso da manhã teria um preço.

– Estava sim! Cumprimentando alunos e professores, mas o que a senhora deseja? – acho que chama-la assim a irrita profundamente, por isso chamei.

– Por favor, continue ajudando na orientação dos alunos que estão espalhados pelo colégio e caso veja que eles não estão trabalhando no projeto da gincana comunique imediatamente aos professores ou a mim. Entendido? – percebi o tom de impaciência dela.

– Sim senhora! Desculpe, senhorita! – fazendo parecer que erro porque esqueço.

– Obrigada! – desligando.

A portaria segue abandonada. Três garotas do 7º ano me chamaram pra ajuda-las a trazer algumas caixas de papelão, depois auxiliiei na entrada de sacos grandes, cheios de latinhas de refrigerante, caixas com papéis e revistas que chegavam a todo tempo pelo portão externo. A Senhorita Margareth ligava de meia em meia hora para o telefone da portaria pra saber se estava tudo sob controle. Professores, funcionários e estudantes transitavam por todos os espaços. Alguns se sentavam no chão do pátio principal, vários se deslocaram para a quadra e outros ocupavam as salas

de aula. Todos empolgados com o prêmio principal. Eu como biólogo – mesmo não exercendo a profissão – estava muito satisfeito com o tema da gincana e a consciência que isso vinha trazendo para muitos adolescentes e jovens. Nada me deixa mais irritado do que ver alguém jogar lixo na rua ou pela janela do carro como se não fosse nada demais.

Uma das turmas do 8º ano me pediu ajuda pra levar um trabalho que eles fizeram até o jardim – pensei que deveria ser bastante pesado – eram mais ou menos em 7 adolescentes. Eles fizeram com 5 caixas grandes de papelão: lixeiras. Cobriram cada uma delas com papéis de uma mesma cor, penduraram uma placa bem grande em cada uma – a fim de que pudessem entender melhor as finalidades – e colocaram um saco plástico por dentro. Elas não durariam muito tempo devido serem feitas de papelão, mas a intenção era trazer consciência sobre o trabalho de reciclagem. Me pediram pra tirar algumas fotos deles ao redor das lixeiras e depois saíram distribuindo uns panfletos feitos com papel reciclado explicando o destino de cada material que colocariam nas caixas de lixo, e ficou assim:

A azul para papéis;  
A vermelha para plásticos;  
A amarela para metais;  
A verde para vidros,  
A marrom para lixo orgânico.

A turma de Caio fez uma música e passaram cantando pelos corredores enquanto ele seguia-os tocando o violão, um outro aluno vinha na frente filmando a equipe com um celular, parecia um grito de guerra, diziam mais ou menos assim:

“Salve! Salve o nosso planeta!

O lixo vale ouro

Se colocar na lixeira!”

Entendi a intenção da letra, mas me senti tão constrangido quanto alguns que estavam cantando. Pensei seriamente em ajudar de alguma forma, talvez quando chegar em casa. Isso se eu realmente conseguir fazer algo de bom.

Já a equipe de Enzo, Juliana e Diego caminhavam juntos – isso me deixava um pouco satisfeito – mas pareciam estar sempre discutindo e não via eles produzindo nada. Próximo à hora do almoço avistei eles em círculo no pátio central.

– Está tudo bem com vocês? O que fizeram até agora?

– Bom, até agora não conseguimos chegar a nenhuma ideia. – respondeu Wellington meio aborrecido.

– Eu já disse a eles pra desistirem! Não temos chance de ganhar! – Enzo sempre com pessimismo.

– Todos tem chance de ganhar, a gente só enterra defunto morto! – repreendi Enzo sem lembrar que adolescentes não conhecem esses ditados.

– Defunto morto!?! – perguntou Enzo sem entender.

– Deixa pra lá. É linguagem de adultos. – respondi.

– Minha avó vivia dizendo isso! – complementou Rochele.

– Deve ser coisa de velho mesmo! – disse Diego.

– Não chame minha avó de velha! – respondeu Rochele.

– Já chega crianças! – encarando os dois.

– Não somos crianças! – responderam uns quatro como se fossem um coro.

– Ok, gente! Estamos focados na gincana, então vamos voltar a falar sobre ela. – repreendi-os.

– Olha Sr. Cruz... – disse Carlos Alberto.

– Pode me chamar de João! – falei interrompendo-o.

– Então, João! Só tá surgindo ideias bobas. Hoje, Manoela sugeriu que a gente viesse vestido de comida, lata de refrigerante, vidro e outras coisas que vão pro lixo e que andássemos pela escola, mas ninguém sabe como confeccionar isso e eu acho muito cafona. Um mico! – afirmou Carlos Alberto.

– A ideia era boa, mas vocês só sabem discutir e não pensam em soluções. A gente tá perdendo tempo. – disse Manoela chateada.

– Eu não vou me vestir de nada! – disse Diego.

– E nem eu! – concordou Juliana.

– É difícil encontrar soluções se vocês nem opinam e discordam de tudo o que sugerimos. – disse Raniele.

– Se vocês só sugerem bobagens! – implicou Diego.

– Vocês já pediram ajuda a Senhorita Miranda? – perguntei tentando manter o equilíbrio.

– Sim! Ela até já nos deu algumas ideias, mas ela quer que decidamos por conta própria pra que possamos entender o processo criativo. – respondeu Rochele.

– Inclusive não acho correto que o porteiro da escola se envolva no trabalho dos alunos! – disse Enzo com um tom de maldade.

Me senti constrangido assim como as outras crianças diante do comentário dele. Fiquei calado por alguns segundos com olhar fixo enquanto me retribuía com um olhar altivo, quando Raniele interrompeu:

– Eu gosto de você João. Gostaria muito da sua ajuda na nossa equipe, não se importe com o Enzo. Ele é assim mesmo.

– Obrigado Raniele. Preciso voltar a portaria, se precisarem de mim no sábado estarei na casa de Juliana como combinamos ontem. – sem esconder a decepção.

Dei alguns passos saindo de onde eles estavam quando ouvi um grito:

– João! – me virei imediatamente –, O Enzo desmaiou – disse Raniele nervosa.

Em três passos retornei quando o vi no chão como um morto – foi questão de segundos – chamei ele pelo nome sem que houvesse nenhuma reação. Sentei no chão e coloquei sua cabeça sobre as minhas pernas. Começaram a juntar pessoas ao redor, pedi que se afastassem. Ouvi a voz da Senhorita Miranda pedindo licença até chegar ao meu lado.

– O que aconteceu João?

– Não sei. Ele desmaiou. Fique aqui com ele, vou ligar para uma ambulância. – ajeitei a cabeça de Enzo sobre as pernas dela e levantei.

– Você não tem celular?

– Sim. Estou tão nervoso que esqueci. – colocando a mão no bolso e pegando o aparelho.

– Crianças por favor, saiam de cima! – pediu a Senhorita Miranda para a multidão que aumentava.

Liguei para o pronto socorro, logo após chegou a Senhorita Margareth, aflita, pedindo que todos saíssem do pátio. As crianças curiosas resistiram um pouco até que ela desse uma ordem aos gritos. Percebi que até Diego e Juliana – que não gostavam muito de Enzo – estavam bastante aflitos ao verem ele naquela situação. Antes de sair Diego me perguntou preocupado:

– João, você acha que ele morreu?

– Não Diego. Vai ficar tudo bem! – tentei garantir sem ter certeza de nada.

A secretária do Portinari – A Sra. Nogueira – trouxe uma garrafa de álcool para tentar reaviva-lo, mas a Senhorita Margareth disse que não era bom fazer esses procedimentos antes dos socorristas chegarem. Como a cidade é pequena, a ambulância chegou logo – ouvi a sirene de longe – e corri para abrir o portão. Todos no colégio estavam apreensivos. Quando cheguei com os socorristas onde Enzo estava, o encontramos gritando e pegando no peito – pelo menos havia reagido – mas se torcia como se sentisse uma forte dor. Então ele começou a gritar:

– Eu vou morrer! Eu vou morrer!

Os socorristas fizeram alguns procedimentos no local, como medir pressão e ver as batidas do coração, e uma das médicas afirmou que estava tudo normal, mas mesmo assim iriam leva-lo ao hospital para fazer alguns exames. A Senhorita Margareth pediu à Sra. Nogueira para avisar à mãe dele sobre o ocorrido. O levaram até a ambulância quando o professor Evangelista chegou e disse que o acompanharia – ele permaneceu ao redor vendo tudo – a Senhorita Miranda queria ir, mas ele colocou a mão no ombro dela convencendo-a que seria melhor ficar com as crianças no colégio, pois parecia bastante nervosa. Ele foi com o menino. Enzo estava acordado, parecia inconsciente e continuava gritando. Eu também queria ter ido, mas a Senhorita Margareth certamente iria se opor. A Senhorita Miranda estava chorando, quando num impulso a abracei com um dos braços e disse que ia ficar tudo bem. Ela me agradeceu e voltei a portaria. Apesar do sentimento que tenho por ela, não me aproveitei da situação para abraça-la, percebi o quanto ficou debilitada.

O telefone da portaria tocou. Era a Senhorita Margareth me chamando à diretoria urgente. Soltei o telefone e corri – pensei que seria alguma notícia sobre Enzo –, ao chegar lá, me pediu para ir até a casa dele avisar à família sobre o ocorrido, pois a Sra. Nogueira disse que o telefone da ficha de matrícula dele estava desatualizado. Ela perguntou se eu me importava – já que não era minha obrigação. Disse que “não”, então ela me passou o endereço – não era tão distante e fui. O toque para o almoço me assustou mais do que em qualquer outro dia.

Nem quis almoçar. Fui o mais rápido que pude ao endereço da casa de Enzo. Ensaio como dar a notícia. Quando chego ao endereço anotado no papel

penso haver algum engano, a casa do número 56 tinha um muro de tijolos sem ser cimentado ou pintado, e um portão marrom, na verdade não era um portão, era uma tábua bem grande que estava escorada no muro sem nenhuma proteção. Olho mais uma vez ao redor pra conferir se havia alguma casa luxuosa na vizinhança – estou na parte periférica da cidade. Bato palmas, mas parece que ninguém escuta. Decido arrastar um pouco a tábua e me deparo com um casebre todo em tijolo sem reboco, cercado por um pequeno terreno coberto de mato. Quando sai uma mulher de pouca idade com um aspecto sofrido segurando uma criança de mais ou menos 1 ano.

– O que o senhor deseja? – ela olhou pra minha farda e completou – O senhor trabalha no Portinari? O que aconteceu com Enzo? – perguntou aflita.

– Calma! Ele teve apenas um mal-estar. – quis confortá-la de imediato – a senhora é mãe dele? – perguntei.

– Não. Sou tia. – afirmou.

– Ele teve um pequeno desmaio, mas já tinha acordado e um dos professores acompanhou ele ao hospital central. Ele já teve isso antes? – quis saber.

– Sim. Aconteceu de novo. – disse ela como se tivesse pensando.

– O que aconteceu?

– Ele saiu sem comer hoje de novo! – disse ela.

– Saiu atrasado? – perguntei sem entender.

– Não, meu senhor. A gente não tinha dinheiro pra comprar o café da manhã. Essa criança – falou olhando pro bebê que estava em seus braços – Só está alimentada porque graças a Deus ainda mama. – começou a chorar nervosa.

– Por favor senhora. Não chore. – pedi meio sem jeito pegando em seu ombro – como a senhora se chama? – perguntei.

– Lívia! – respondeu.

– Cadê os pais de Enzo?

– A mãe dele só chega mais tarde. Trabalha com um carrinho de reciclagem pela cidade. Não tem hora pra chegar, mas é possível que chegue mais cedo hoje. Ela saiu muito abatida porque Enzo saiu mais uma vez sem comer. – ela contou enquanto enxugava as lágrimas.

– E o pai dele? – quis saber.

– O pai dele? Ele não tem pai. Sumiu! Ele nem chegou a conhecer. Só enganou a minha irmã e foi embora. – falou com um tom de revolta.

– Lívia, me desculpe a pergunta, mas como vocês conseguem pagar a mensalidade de Enzo no Portinari? – fiquei curioso.

– A minha irmã, Lourdes, mãe de Enzo, de mês em mês, faz faxina na casa da Sra. Celine Wilson, irmã da diretora do Portinari. – contou.

– Da Senhorita Margareth? – interrompi.

– Sim. Ela mesmo. Então a Sra. Celine sabendo da condição de Lourdes pediu a irmã dela para dar uma bolsa ao menino. A Senhorita Margareth deixou Enzo estudar de graça.

Quando ouvi isso me deu um nó na garganta. Acho que pela primeira vez tive um outro sentimento ao pensar na Senhorita Margareth e ver por detrás daquela casca dura que ela tem: um coração mole. Meu celular tocou e era um número desconhecido – faz muito tempo que não sei o que é um celular tocando – então atendi.

– Alô! Quem é?

– Sou eu Sr. Cruz. – era a Senhorita Margareth – tive que ligar para o Sr. Carvalho pra conseguir o seu número já que o senhor não passou seu contato para os registros do colégio. – disse com o mesmo tom de sempre.

– Desculpe. O que a senhora deseja? – pela primeira vez não consegui senti raiva.

– O senhor já encontrou a casa de Enzo? – perguntou.

– Sim. Estou aqui com a tia dele.

– Ok. É só pra avisar que ele está bem. Não precisam se preocupar e o Sr. Evangelista vai deixa-lo em casa. Não precisam vir. – falou me interrompendo.

– Sim senhô... RITA!!! Obrigado! Já estou voltando! – ela já tinha desligado.

Contei a notícia à Lívia que ficou mais aliviada e me despedi. Disse que eu precisava ir. Ela me agradeceu e me cortou o coração vendo-os naquela situação. Peguei o dinheiro – aliás, o pouco dinheiro que tinha me restado – e fiz umas compras num mercado que ficava perto da casa deles. Nem me preocupei com o horário, aliás era pra estar no repouso. Comprei pães, biscoitos, leite, cereais e frutas, acredito que o suficiente para uma semana, mas era tudo o que podia fazer naquele momento.

Voltei com as sacolas à casa de Enzo e chamei Livia – que quase não acreditou no que via –, ela me ajudou a pegar as sacolas, então entrei no interior da casa e me deparei com uma extrema pobreza. A casa não tinha piso, apenas alguns moveis velhos, pequenos cômodos sem porta, até que coloquei as sacolas sobre a minúscula mesa que ficava na cozinha. Livia não parava de me agradecer, mas insisti:

– Por favor, não me agradeça. É o mínimo que pude fazer. Não conte a ninguém sobre isso.

Cheguei ao refeitório – próximo de acabar o horário do descanso – e estava vazio. Almocei o que ainda tinha nas panelas. Tocou o sinal e voltei ao portão. Acho que o dia estava medindo uns 26 graus, mas eu estava com a sensação de 40°. O movimento voltou ao normal no Colégio, muitos alunos não paravam de perguntar o que tinha acontecido com Enzo e como ele estava. Eu também aguardo respostas, mas saber que já recebeu alta e que voltará ainda hoje pra casa me deixa tranquilo. Diego também veio perguntar e senti sinceridade em sua contrição.

– Espero que ele fique bem. – pela segunda vez não vejo ironias em suas palavras.

– Ele vai ficar bem Diego. – afirmei.

– Você não está chateado com ele? – ele quis saber.

– Não Diego. Eu não estou chateado e sabe o que eu acho?

– O quê?

– Que já está na hora de todos vocês darem as mãos e vencerem essa gincana! – vi em seus olhos que ele entendera o que quis dizer.

Diego deu um leve e bondoso sorriso, baixou o olhar por alguns instantes e depois levantou dizendo:

– A gente vai vencer João! Vamos vencer juntos!

David passou por nós e nos encarou na tentativa de transmitir medo.

– David não está mais falando comigo e convenceu os outros a fazer o mesmo. – me contou.

– Diego, talvez eles não mereçam sua amizade. Amigos de verdade não tentam nos manipular ou impor algo. E agora você tem a gente.

Estendi a mão, ele me olhou como se pensasse, mas por fim a apertou em sinal de concordância.



Sentei um pouco na minha cadeira que fica junto ao portão – a sensação é de estar fazendo pela primeira vez – tirei o celular do bolso e a primeira coisa que fiz foi abri o Facebook procurando na lupa por Elisabeth Miranda – encontrei várias, mas nenhuma delas era a Senhorita Miranda, o que me fez duvidar se ela seria realmente a Elisabeth da 4ª série. Quase todos aceitaram a minha solicitação de amizade – menos Enzo, Diego e Juliana – era de se esperar. Em fração de segundos chegou a mensagem “Diego Fernandes aceitou sua solicitação de amizade”. Ele deve ter aceitado nesse segundo. Agora só faltam Enzo e Juliana. Nas condições que Enzo vive com sua família acredito que não tenha acesso à internet a não ser no próprio colégio.

O professor Evangelista chegou – estava ansioso por notícias –, e quando se aproximou me deu um abraço. Retribui meio sem jeito.

– Parabéns por sua atitude com a família de Enzo!

– A tia dele lhe contou? Eu pedi que ela não dissesse. – falei timidamente.

– Ela contou que você tinha ido lá e o que fez.

– Mas Enzo, como ele está? – interrompi o assunto das compras. Não gosto de falar sobre o que faço pelas pessoas.

– Enzo está bem. O médico passou umas vitaminas. Ele tomou uns medicamentos no hospital.

– Você sabe se essas vitaminas são caras?

– Não muito, mas não se preocupe, eu comprei. Também peço que não comente sobre isso. Já dizia minha avó “O que a mão direita faz, que a esquerda não fique sabendo”.

– Na verdade quem falou isso foi Jesus nos Evangelhos. – corrigi.

– Ah, desculpe Jesus! – disse olhando pro alto com aqueles óculos escuros que o fazia lembrar Terry Kiser no filme “Um morto muito louco”.

– Bom preciso ir, estou ajudando uns alunos do 7º ano com a gincana. – apertou minha mão e saiu.

Acho que por trás de tanta esquisitice se esconde uma boa pessoa.

Ao chegar em casa, arrumei a mesa, acendi uma vela, e comi uma receita que faço com flocos de milho, leite, coco ralado e cravos da índia. Não parece bem um jantar, coisas de rapaz solteiro – ou melhor, homem. Gosto da paisagem que vejo pela janelinha da quitinete, posicionei a mesa de

frente pra ela e às me sinto como se estivesse jantando em Paris. Adoro ver a lua, – que parece estar de frente pra mesa – o desenho que os telhados das casas fazem e a sombra de alguns montes que cercam a cidade. Lembrei da promessa que fiz a Caio, procurei uma pasta velha no guarda roupa, onde anotava composições musicais e poesias. Sentia que algum dia elas iriam servir. É melhor guardar os sonhos do que jogá-los fora. A porta do guarda roupa caiu mais uma vez – só que agora em cima da minha cabeça. Sentei no chão procurando em meio a um montante de roupas com cheiro de naftalina, até que encontrei. Os papéis amarelados dentro dos saquinhos da pasta, com cheiro de mofo, trouxeram-me um sentimento indescritível. Alguns já estavam manchados, outros não lembrava mais a melodia, porém conseguia lembrar vividamente cada história que se escondia por trás de cada canção. Procurei no celular o gravador de voz e comecei a cantarolar algumas melodias, as quais recordava. Uso uma técnica parecida com o gramelô, onde ninguém entenderia a intenção e nem a letra. Eu já tinha algumas composições sobre a vida, algumas até românticas, mas estava tentando pensar o que eu poderia compor sobre reciclagem. Peguei um dicionário que estava em cima do guarda roupa – junto com outros livros velhos – e procurei o verbo “Reciclar”, que dizia “Levar alguém a ter conhecimentos mais novos sobre determinado assunto: atualizar // Fabricar um produto novo com materiais usados // Reciclagem: substantivo na forma feminina”. Interessante o fato de ter como primeiro significado uma ação humana – nem sei se chamo de ação ou escolha, ou se caminham juntas – mas acredito que seja uma escolha de agir. Ou seria reagir? Sempre associei essa palavra a ação de transformar lixo em arte ou utilidade. Em preservar o meio ambiente e os recursos naturais. Uma forma de salvar o planeta. Poucas vezes pensei que o ser humano também pode se reciclar. Acho que isso daria uma linda poética.

Pensei como poderia associar todos esses significados em uma música só. Sussurrei algumas melodias, até que saiu algumas estrofes.

“Do que parece inútil,  
Do que parece não ter valor,  
Do que parece apenas lixo,  
Pode se reconstruir sobre o que se destruiu.

A vida não é assim também?  
E cada manhã vem nos dizer  
Que o que sobrou de ontem  
É o que pode hoje nos refazer.

Assim como a Natureza  
Tem como Esperança O Reciclar  
Não importa o que aconteceu  
Somos Natureza, podemos sim, recomeçar”

Achei a melodia meio chorosa, mas foi o que consegui fazer nessa noite.  
Depois mostro para Caio dar uma boa melhorada ou mudar tudo.

## O QUE SOMOS OU O QUE TEMOS

Enzo não foi ao Colégio hoje. Na realidade não virá mais essa semana. O professor Evangelista disse que ele recebeu três dias de atestado médico. Imagino como deve ser difícil pra ele, ser um garoto de 11 anos, viver nas condições em que vive com a família, estudar num escola particular de tempo integral e ainda tentar se sobressair da dura realidade inventando uma vida que ele não tem. Depois de tudo o que vi ontem, comecei a entender muitas coisas sobre o seu comportamento. Com certeza os outros garotos não sabem que ele é pobre, que tem uma mãe catadora de materiais recicláveis, mora numa casa onde divide o quarto com a mãe, a tia e um primo pequeno, sai de casa algumas vezes sem comer e que estuda no Portinari porque tem uma bolsa. A essa altura do campeonato, Enzo já deve estar ciente que descobriu tudo. Pensei em visita-lo no Sábado, mas lembrei da reunião na casa de Juliana. No fundo acho melhor ele descansar um pouco, não sei se ele ficaria bem com a minha visita.

Durante o primeiro intervalo procuro a Senhorita Miranda – nem sei se posso chamar de intervalo quando estão todos espalhados pelo colégio – para falar sobre Enzo. Os alunos são liberados pra comprar lanche nas cantinas, avistei ela tomando um cafezinho e a chamei por gestos para sentar um pouco no banco do jardim.

– Peço desculpas se estou sendo inconveniente, mas preciso saber de uma coisa.

– Tudo bem João! Sem problemas, pode falar. – disse ela enquanto sentava e fazia um biquinho soprando o café.

– A senhorita sabe alguma coisa sobre Enzo?

– Sobre Enzo? Em que sentido? – perguntou curiosa.

– Sobre o comportamento e a família dele. Ontem fui à sua casa e fiquei bastante impressionado com o que vi. Quando o conheci achei que sofria algum tipo de bullying, e na verdade alguns garotos implicam com ele, mas agora estou achando que ele é o seu próprio opressor. Não sei se consegue me entender. – expliquei.

– Eu entendo sim João. Ele é filho da Lourdes, inclusive sempre que posso peço pra ela fazer uma faxina no meu apartamento. O Enzo já havia me pedido pra não falar sobre esse assunto com ninguém e até me fez prometer, de certa forma estou quebrando a promessa agora. – ela deu um risinho tímido.

– Não se preocupe. Não vou contar nada a ele. Não sei explicar o porquê, mas desde que cheguei aqui me identifiquei com ele, deve ser porque também gosta de ficar nesse banco como eu gostava de ficar.

– Você ficava nesse banco? – perguntou ela sem entender.

– Sim. Quando eu fazia a 4ª série. Eu era bem retraído, de poucos amigos.

– falei com esperança de que ela lembrasse alguma coisa.

– Que legal! você estudava aqui também? – disse ela com entusiasmo.

– Sim. Do jardim de infância até a metade da 5ª série. Deve estar com mais de 20 anos.

– Mas voltando a falar sobre Enzo – após outro gole de café – eu já havia conversado com ele sobre o fato de se aceitar. Disse que ele não era inferior a ninguém, mas o fato de saber que a maioria das crianças que estudam aqui são filhos de pais bem sucedidos, que vão pra casa de carro, usam acessórios de marca, compram o lanche que quiserem no intervalo, tem os melhores aparelhos celulares, enfim, tudo isso faz com que ele se inferiorize e invente uma vida que não existe. – Ela me contou com um tom de tristeza.

– Ontem ele saiu de casa sem comer, por isso se sentiu mal. Nunca pensei que uma pessoa com fome poderia ficar naquele estado, achei por alguns instantes que se tratava de um ataque cardíaco. – percebi que uma lágrima brotou em seus olhos.

– Comecei a dar minhas primeiras aulas em escolas públicas. Conheço bem a diferença entre estudar e ensinar nas duas, e posso dizer que apesar do ensino particular ser mais exigente, oferecer um almoço de mais qualidade, ter oportunidades mais amplas como as aulas de música, natação e marketing, apesar de tudo, as crianças daqui costumam ser mais cruéis com quem não se iguala a classe social delas. Parece existir uma competição por quem tem mais poder, por quem aparece mais, tudo aqui vira uma guerra de quem pode ser melhor, isso se deve ao estilo de vida quem têm em casa; a ter quase tudo o que querem, viagens, eletrônicos, motoristas particulares, e são poucos os pais que ensinam sobre o respeito às diferenças. Escola pública não, geralmente são quase todos de classe baixa, muitos vivem até

de auxílios governamentais. Geralmente os conflitos são por outros motivos que não seja uma disputa de quem possui mais. Mas apesar de tudo, aqui é o melhor para Enzo, ele almoça e tem tudo garantido – livros, farda, materiais escolares – pela Senhorita Margareth. Certamente ela nem sabe que eles estão passando por necessidades de alimentação.

– Eu também estudei aqui sem ter condições, então de certa forma entendo o que ele está sentindo. No meu tempo não existiam esses eletrônicos modernos, nem redes sociais, as aulas era só meio período, mas era o suficiente para que eu me sentisse meio espremido devido a minha classe social também ser inferior a da maioria. Meus pais viviam em conflito porque me matricularam aqui.

– Não sei o que poderíamos fazer pelo Enzo. Temos um apoio psicológico no colégio, e ele sempre se recusa a ser consultado. Acho que não quer contar a ninguém sobre sua condição. Ele se isola porque não quer que os colegas percebam que nunca tem dinheiro pra comprar lanche na cantina, não participa dos passeios que exigem custos extras e nem possui coisas modernas. Ele escapa com desculpas como: “Vou viajar com meus pais pra outro lugar”, “meu pai é piloto de avião”, “não posso comer bobagens porque o nutricionista proibiu”, e evita aproximações. Prefere isolar-se e mentir pra não assumir quem ele realmente é.

– Ele me disse uma vez que os alunos se voltaram contra porque havia anotado nomes de colegas mal comportados a seu pedido. – lembrei.

– Mais uma mentira. Ele anotou sem que eu pedisse e entregou a Senhorita Margareth. Ela veio a classe e repreendeu os garotos que estavam escritos no papel. As outras crianças não gostaram e passaram a se isolar dele, mas ele já as evitava. Acho até que foi uma forma de afastá-las de vez. – fiquei atônito apesar de já ter imaginado.

– Maldita sociedade! Vive impondo que as pessoas precisam “TER”. – afirmei como um desabafo.

– E o pior é que as crianças são os alvos mais vulneráveis. Muitas delas não tem uma estrutura familiar saudável. O “TER” acaba se tornando mais importante que o “SER” porque muitos tem vivido de aparências. Bloqueei todas as minhas redes sociais porque não suportava ver e ler tanto desrespeito e falta de amor uns para com os outros, principalmente nesses últimos tempos. – Entendi o fato de não tê-la encontrado pelo nome.

– Mais uma pergunta – falei – você se lembra...

- Professoraaaaa... – fomos interrompidos por um grito de um aluno.
- Depois conversamos João. O intervalo acabou. – ela se levantou, saiu apressada e jogou o copinho na lixeira vermelha.
- É. 20 minutos passam voando! – concordei meio sem ter o que dizer.

Voltei à portaria. Teve uma briga entre dois meninos do 7º ano que também estavam na mesma equipe e tive que sair correndo para a quadra com a gritaria. Na sequência fomos à sala da Diretoria, os dois foram suspensos e mandaram chamar os pais. Toda semana acontece pelo menos um caso assim de suspensão, mas agressões como a de hoje são mais sérias. Os motivos na maioria das vezes são bem banais: eles se ofendem em redes sociais e querem tirar satisfações; são de grupinhos diferentes e sem motivo óbvio começam discussões; gostam da mesma garota ou garoto, uns são bully – ou seja, a pessoa que pratica o bullying – e alguns que são oprimidos pelo bullying reagem de forma agressiva. Uma vez a professora de Português – A Senhorita Anjos – passou pelo portão do Portinari chorando. Depois fiquei sabendo que um aluno a ofendeu gravemente em sala de aula. O Portinari é o único Colégio particular de Tempo Integral da cidade, existem outros colégios, mas os pais que matriculam os filhos aqui estão investindo por acreditar que a educação seja de maior qualidade e outros porque não tem tempo de ficar com os filhos mesmo. O caso de Enzo é extremamente a parte, talvez exista mais crianças que sejam dependentes da bolsa ou da ajuda da Senhorita Margareth, mas certamente eles agirão como Enzo para não se sentirem inferiores.

Apesar das dificuldades da minha infância, lembro que até os meus 9 anos eu achava que todas as pessoas eram boas e que o mundo era perfeito. Eu fazia a 3ª série e nem conhecia o Jhonny ainda, mas eu andava com três meninas da classe: Eudênia, Karine e Liliana. A gente apelidava uns aos outros. A Eudênia tinha uma mancha marrom no dente em decorrência de um remédio que ela tomou por muito tempo e eu a chamava de “dente de rapadura”, A Liliana era gordinha então comecei a chama-la de “Gordurenta”. Eu e a Karine não tínhamos apelido porque a gente que colocava nos outros. Tinha uma menina que se chamava Nívea, ela não era do nosso grupinho mas a gente apelidou ela de “Nívea Aegypti” devido ser muito magra associamos ao mosquito transmissor da dengue e outras

doenças, o *Aedes Aegypti*. Ela sabia do apelido e nos evitava porque ficávamos rindo na frente dela. Os meninos da classe não gostavam muito de mim, por isso minhas amigas eram meninas. O Eduardo já era da minha classe e me acompanhou na 4ª série, onde conheci Jhonny, Sara e Elisabeth – que possivelmente é a Senhorita Miranda. Certo dia uma amiga de Nívea disse que ela estava chorando por causa dos apelidos. Na hora que soubemos ficamos rindo, mas minha consciência me deixou muito mal. Quis amenizar dizendo “É apenas uma brincadeira boba, todo mundo tem um apelido!”, lembro que a garota respondeu, “Mas nem todo mundo tem estrutura pra achar engraçado. Vocês não conhecem ela e não sabe o que está passando!”. Quando cheguei em casa isso ficou gotejando na minha cabeça. Eu nunca tive coragem de falar sério na frente de outras pessoas, então escrevi, claro.

“Nívea,

Eu peço desculpas se algum dia fiz você chorar por causa das minhas brincadeiras. Nunca quis magoar você e vou falar com as meninas pra pararem também.

João Victor.”

Depois de receber a carta ela passou por mim e deu um sorriso tímido como se estivesse dizendo “eu te desculpo”, mas nunca fomos grandes amigos. Pedi as meninas pra pararem também, elas riram, mas depois entenderam. Faltavam uns três meses pra terminar o ano, quando os garotos começaram a debochar de mim – nenhum deles era meu amigo – foi quando comecei a me sentir constrangido com os risinhos e brincadeiras sem graça como no dia que riscaram várias folhas do meu caderno com ofensas do tipo “patricinha” e “boneca”. Pensei em dizer a professora, mas preferi ignorar. Teve um dia que eles brincaram de chutar a minha mochila na hora do intervalo quando eu tinha saído da sala. A princípio pensei ser um castigo pelo o que fiz com Nívea, e eu não via a hora do ano acabar logo. A professora Fátima – que também foi minha professora na 4ª serie – sempre saía da classe no intervalo e deixava o cadeado do portão da sala



entreaberto. Os cadeados começaram a sumir sem explicação. No começo ela até chegou a pensar que tinha perdido em algum lugar, mas chegaram a sumir uns três cadeados até que se ouviu no colégio os comentários sobre “O misterioso ladrão de cadeados da 3ª série”. Essa história chegou aos ouvidos da Sra. Matilde – diretora da época – até que ela foi à classe e comunicou a todos “Eu não sei o que está acontecendo. A professora Fátima confia em todos a ponto de não fechar o portão da sala com o cadeado, porém já é o terceiro que desaparece sem explicação. Eu havia pedido para ela fechar a partir de agora o cadeado, mas mudei de ideia, quero que ela deixe aberto, sei que aqui não tem nenhum ladrão como andam comentando. Então vai permanecer aberto. Caso desapareça mais algum, revistarei mochilas e bolsos de todos! Os pais serão chamados para uma reunião e se encontrarmos o culpado, ele será punido.” O clima ficou bem tenso, mas eu estava tranquilo, nunca tinha roubado nada de ninguém. Uma vez gastei um dinheiro que achei em cima da cama da minha mãe e não soube esconder dela a verdade – fui punido. Fora isso tenho uma consciência limpíssima em relação a roubo.

Mais um cadeado havia sumido. Seria a gota d’água pro ladrão. A Sra. Matilde havia cumprido sua palavra e trancou todos na classe. Disse que revistaria tudo. Foi tenso e constrangedor, mas o pior estava por vir. Eu fui um dos primeiros que entreguei a mochila, e apesar da tensão queria me livrar logo da suspeita. Éramos apenas crianças entre 9 e 10 anos. A diretora abriu o bolso pequeno da minha mochila e saca de dentro **UM CADEADO!** “O que significa isso?” perguntou me olhando no fundo dos olhos. Não sei descrever o que senti, mas não consegui a princípio dizer uma palavra sequer. Ela aumentou o tom de voz “Fale garoto!”, nesse momento interrompendo o silêncio da sala com seus passos, a professora Fátima se aproximou de mim e disse “Diga amor, o que você sabe”. Eu coloquei as duas mãos no rosto e chorei diante de todos compulsivamente enquanto apenas repetia “Não fui eu. Não fui eu!”. Ouvi quando a Sra. Matilde perguntava “Então quem foi?”. Com as mãos ainda no rosto, muito nervoso, senti braços me envolvendo e uma das mãos na minha cabeça, então a professora disse em bom som “Eu não sei quem fez isso. Mas eu sei que não foi o João”. A Sra. Matilde disse “Vamos à diretoria”, então fomos eu e a professora Fátima. Eu não conseguia falar e nem descobrir o rosto

quando a minha professora disse em minha defesa “Matilde, alguém colocou esse cadeado na bolsa do João Victor. Às vezes chamo a atenção dele porque fica cochichando na aula com as colegas, mas fora isso, confio na sua integridade. Sei que ele jamais seria capaz de fazer uma coisa dessas”. A Sra. Matilde questionou “Porque garotos de classe social tão elevada roubaria cadeados?”, e apesar de ser uma criança entendi o que ela quis dizer. O fato de saber que minha família tinha uma baixa condição financeira fez com que ela não suspeitasse de outra pessoa. Ela ainda teve a ousadia de perguntar “O que você faz com esses cadeados?”, a professora entrevistou “Matilde, pare com isso! Por favor! Ele é só uma criança!” e ela completou “Uma criança com maus hábitos! Vou ligar pra sua mãe”, então meu desespero aumentou. Minha mãe veio ao Portinari me buscar quando a Sra. Matilde contou o ocorrido. Eu rompi o silêncio e falei “Mamãe, eles não gostam de mim. Colocaram esse cadeado nas minhas coisas para me acusarem”. Minha mãe colocou a mão no rosto e começou a chorar. A professora Fátima, que nem conseguiu mais retornar à classe, enfrentou a Sra. Matilde dizendo à minha mãe “O seu filho não roubou nada. Tanto é verdade que ele foi um dos primeiros a entregar a mochila. Eu acredito nele”. Minha mãe me pegou pelo braço sem dizer nada e me levou pra casa. Ela me puxava como se tivesse muito zangada. Ficou o dia em silêncio. Meu pai ainda trabalhava na sapataria, mas assim que ele chegou foi dizendo de imediato “Quero que tire João do Portinari!” e ele cansado respondeu “De novo Ana! De novo com essa história!”, mas ela prosseguiu “Dessa vez é diferente. Acusaram o menino de roubo. Eu disse que filho de pobre não dava certo em colégio de rico!”, meu pai ficou revoltado quando soube dos detalhes, contei minha versão e sei que eles acreditaram em mim, mesmo quando mamãe me repreendeu “Eu não quero você com amizade com esses meninos riquinhos. Você é pobre, mas nunca perca sua dignidade! Nunca queira nada que não é seu e nem tenha inveja desse povo que tem dinheiro, mas vive em guerra!”. Ela falou muito sério. Minhas colegas também eram de classe alta, mas nunca me trataram com diferença. Pena que no ano seguinte muitos saíram do Portinari incluindo Karine, Liliana e Eudênia, a outra parte ficaram em outra classe, e depois de muita discussão meus pais conversaram com a Sra. Matilde e resolveram que eu permaneceria no Portinari. Não sei o que eles conversaram em particular, mas lembro da mamãe dizendo ao papai numa madrugada

“Pensando bem, tirar ele seria como assumir a culpa.” Nunca mais falaram nesse assunto em casa, e retornar ao colégio depois de tudo foi devastador.

Percebi que todos faziam silêncio ao me ver, cochichavam, e chegaram a riscar novamente meu caderno “Ladrão de cadeados”. Chorei muitas vezes no banheiro e comecei a me reprimir. Nem com as minhas colegas eu conseguia conversar como antes. Tive dificuldades de estudar para as provas finais, mas com o apoio da professora Fátima consegui superar e não fiquei de recuperação. Aquelas férias foram muito necessárias pra mim. Meus pais raramente saíam, mas viajamos à casa de um amigo deles que moravam num sítio. Aprendi a andar de bicicleta nessa viagem – papai me ajudou a superar o medo. Mas pensar no retorno às aulas me deixava triste.

A única pessoa do ano anterior que ficou na mesma classe que eu foi Eduardo. Os outros eram novidade pra mim como Sara, por quem pela primeira vez me apaixonei. Elisabeth, ou talvez Miranda. E o Jhonny que evitei me aproximar por falar alto, mas que se tornou meu melhor amigo e tudo o que tinha naquele tempo. Não sei se eu estava traumatizado com o ano passado ou se realmente as outras crianças não gostavam de mim, mas me sentia bastante rejeitado. Fiquei pensando que Eduardo deve ter contado aos seus novos amigos sobre “o ladrão de cadeados”. Não conseguia tirar da cabeça que todos estavam me olhando com acusações. A professora Fátima se tornou extremamente carinhosa e poucas vezes me fazia perguntas na classe. Parece que ela entendia o que eu estava sentindo. Não sei o que seria de mim se não fosse ela pra acreditar na minha inocência. Se tem duas pessoas que eu gostaria de reencontrar, elas seriam a professora Fátima Falcão e o Jhonny, o melhor amigo que tive na vida – apesar de ser uma criança.

Depois do “ladrão de cadeados” a minha vida não foi a mesma na escola. Pode parecer bobagem da infância, mas só eu sei o que isso me causou. Cheguei a ter uma paranoia após o ocorrido que alguém tinha colocado algo na minha mochila, passei a abri-la com frequência e conferir se estava tudo ok. Minha retração ajudou a evitar problemas, mas hoje me pergunto se problemas precisam ser evitados ou confrontados. Acho que naquele tempo eu só tinha aprendido a evitar mesmo. Me tornei meu próprio bully.

Continuei a fazer comigo mesmo a maldade que alguém começou. Nunca soube quem tinha feito aquilo, suspeitei de alguns garotos, mas nunca ousei acusa-los. Quase todos pareciam não gostar de mim. Quando tentei pela primeira vez me enturmar, derrubei Sara na lama, e junto com ela foi-se a minha esperança de ser diferente do que eu era. Eu não gostava do que estava me tornando. Meu refúgio era o meu quarto, mas até isso se tornou tenso depois que papai ficou desempregado e começou a beber. A casa também havia se tornado um campo de guerra.

Pensando em Enzo, me veio à memória tantos fatos. Parece que essa busca pelo “TER” é a única coisa que tem movido as pessoas, e o pior, as crianças. Cresci muito conformado em não ter as coisas. Quando as mães queriam que seus filhos ficassem em casa comportados enquanto precisavam resolver algo, diziam para conformá-los “Se comporte que vou trazer chocolate na volta”, porém não traziam. Na minha casa não era assim, mamãe sempre foi muito realista. Eu dizia “Mãe, se eu passar de ano posso ganhar uma bicicleta?”, ela prontamente respondia “Não! Não teremos dinheiro pra comprar bicicleta e não existe o SE passar de ano. Você VAI passar de ano porque é sua obrigação”. Outras vezes dizia “Mãe, traz algum brinquedo do Centro da Cidade pra mim?”, ela dizia “Não! O que posso trazer é apenas um pacote de biscoito”. Ela sempre me mostrava a realidade. Nunca soube se minha mãe tinha algum sonho. A vida dela era apenas arrumar a casa, lavar roupa, fazer comida e poucas vezes esboçou traços de felicidade. Dessa forma cresci sem desejar muita coisa além do necessário. Eu não podia medir forças com uma sociedade feroz que exige o tempo todo perfeição, que oprime quem não se enquadra nos padrões dela e depois vem com um discurso de que está preocupada com os menos favorecidos. É isso que acontece com quem estuda em um colégio de padrão elevado, mas muitas vezes não tem nem dinheiro pra comer e precisa fingir que está de igual para igual como forma de se sobressair. Isso acontece com Enzo, aconteceu comigo e continua acontecendo como um círculo vicioso.

Caio me chamou quando estava almoçando no refeitório e perguntou se eu tinha produzido algo. Contei que havia feito uma música e gravado no celular a melodia, mas que ainda não estava seguro. Ele pediu para que eu

cantasse, me conduziu até uma roda de jovens que estavam reunidos na quadra, quando me apresentou.

– Gente, esse é o João, porteiro do colégio e também compositor.

– Não é bem assim Caio. – respondi bem tímido.

– É porque ele é modesto. – afirmou ele.

– Tudo bem com vocês? – perguntei ainda meio sem jeito.

– João essa é a minha equipe da gincana. Eles me deixaram na parte musical. – Estendendo a mão para eles.

– Prazer. – respondi.

Eles não esboçavam um sorriso sincero e uma garota da equipe falou:

– Você já terminou a música?

– Não. Trouxe o João para nos mostrar o que ele compôs. – respondeu Caio.

– Bem, não está boa, fiz ontem à noite. Preciso treina-la. – expliquei.

– Então vocês vão pra outro lugar e depois de pronta nos mostra. – disse um dos garotos.

Na realidade senti que ele estava nos expulsando. Chamei Caio – sempre com seu violão nas costas – e fomos para o jardim. Ousei perguntar:

– Você acha que eles estão empolgados com a música?

– Acho que não! Eles estão incomodados porque estou no grupo deles e inventaram uma desculpa pra me manter longe. – respondeu ele com um sorriso.

– E você fala isso assim? Sorrindo? – perguntei.

– E você queria que eu chorasse?

– Não. Mas não entendo porque não gostam de você? – respondi.

– Bom, me chamam de Nerd. Quase todas as vezes que alguém se aproxima de mim pergunta quantos graus tem meus óculos, sempre me recomendam uma pomada ou uma receita para amenizar meus cravos e espinhas do rosto ou se aproximam de mim nas aulas de física, química e matemática porque tiro as melhores notas da classe. Mas não vou chorar por isso. – senti sua voz embargar.

– Sinto muito! – quebrei uns segundos de silêncio.

– Você não precisa sentir nada João. Eu tenho a música! Ela é minha companheira. – respondeu sorrindo.

– Fico feliz que você não se importe com comentários maldosos ou interesses egoístas.

– Cara, – encostou o violão no chão e falou com entusiasmo – estou participando de um projeto social em um instituto que acolhe crianças carentes da periferia. Infelizmente só posso ir aos Sábados por causa do colégio, mas desde que conheci eles meus conceitos mudaram. Eu me sentiria muito ingrato se reclamasse ou chorasse por um rosto deformado de espinhas ou um óculos “fundo de garrafa” sabendo que muitas daquelas crianças dormem no chão e só se alimentam direito quando estão lá.

– Que massa Caio! – comentei.

– Eu sei que sou ignorado por algumas pessoas, mas isso não é problema meu. O problema está neles. – contou.

– E o que você faz nesse projeto? – quis saber.

– Dou aulas de violão para crianças que nunca teriam oportunidade de pagar. O fato de estar focado neles e não no quem pensam de mim, me ajuda muito. Sou voluntário, mas eu tenho certeza que recebo mais do que aquilo que dou.

– Muito legal mesmo. – insisti em saber – E como você vai trabalhar em equipe se acha que eles te ignoram?

– João eu estou aqui pra estudar. Se existe uma proposta de trabalho, simplesmente me mostro disponível. Se tentam me excluir suponho que não possa ser chamada de equipe. Não estou preocupado com prêmio. Não seria agradável um dia de lazer com eles. Não me sinto frustrado, porque minhas expectativas não estão no que quero que eles pensem sobre mim.

– Eu gostaria de pensar como você. – confessei.

– Temos um grupo de WhatsApp da classe, sempre que falo ninguém me responde. Em rodas de conversas sempre falam sobre respeito e amor ao próximo, mas quando quero falar alguém me interrompe como se ninguém tivesse falando. Imagino que não sou pra eles alguém interessante ou importante, e se eu colocasse a minha expectativa nisso certamente eu estaria frustrado. Ouço algumas pessoas afirmarem que “não tem amigos” ou que “ninguém se importa com elas”, mas muitas vezes elas se sentem assim porque quem elas queriam que suprissem suas necessidades emocionais não se importam com elas e com isso não conseguem enxergar as pessoas que estão disponíveis.

– Nossa, você é um filósofo hein!?! – comentei impressionado com a autoestima dele.

– Não. Digamos que gosto muito de ler livros. – respondeu sorrindo.

- E como pretende fazer esse trabalho sozinho? – perguntei.
  - Eu não estou só. Tenho você. – ele lembrou.
  - Então vamos tentar enquanto o sinal não toca. – o apressei enquanto apanhou o violão do chão e sentou na grama.
- Ele pediu que eu cantasse, e bastante tímido cantei um pouco baixo com o celular no ouvido pra lembrar da melodia. Olhei suas mãos dedilhando as cordas e senti que buscava forças, agora por causa dele também. Ele tocou como se já conhecesse a música, dando vida a composição que fiz a noite.
- Canta um pouco mais alto João. – me pediu.
  - Mas as pessoas estão passando. – deixei transbordar minha vergonha.
  - E o que isso tem demais? – replicou ele.

Continuei cantando baixo, olhando ao redor, até que pouco a pouco fui aumentando a voz e alguns alunos paravam pra ouvir. Senti um estremecer inenarrável misturado a uma voz lá no fundo que dizia: “Você está fazendo agora o que sempre quis!”. Alguns elogiam, dizem que minha voz é boa e que a música estava legal. Tento explicar que ainda não está como deveria, pois estávamos pegando as notas. Já estava na hora de voltar à portaria, então disse a Caio que eu precisava ir. Ele me pediu pra fazer outras canções e que a gente podia marcar um final de semana na minha casa ou na dele pra gente trabalhar melhor nelas. Lembrei que Sábado eu tinha um compromisso na casa de Juliana e ele tinha o instituto, então marcamos para o Domingo. A apresentação final da gincana seria na Sexta-Feira da outra semana, o que me fez pensar que poderia não dar tempo fazer mais músicas e aperfeiçoa-las. Ele me disse “Relaxa. Vai dar tudo certo parceiro!”. Apertou minha mão e me ensinou aquela batidinha de mão fechada que jovens costumam fazer. Caio é realmente um garoto muito especial e me senti inspirado com a autoestima dele.

Chegando à portaria, Juliana estava sentada na minha cadeira.

- Ei mocinha, você não pode ficar nessa cadeira! – levantei as sobrancelhas e dei um sorriso de boca fechada. Ela continuou calada com uma expressão sofrida. Sem que ainda se levantasse, me baixei com um dos joelhos no chão e perguntei:
  - Tá tudo bem com você? Cadê sua equipe? Algum problema?
- Ela se calou por alguns segundos, mas rompeu dizendo:
- Não quis ficar com eles hoje. Simplesmente sair e deixei eles sozinho.

- E o que aconteceu pra você ficar assim? – insisti.
- Sabe aquela briga de manhã com os meninos do 7º ano? – deu uma pausa e prosseguiu – gosto de um deles desde o ano passado, mas acho que ele vai ser expulso depois do que aconteceu hoje. A gente combina sabe, o nosso mapa astral tem tudo a ver.
- Ju – fazendo ela olhar nos meus olhos – eu posso imaginar exatamente o que você está sentindo. Quando eu tinha mais ou menos sua idade gostei de uma menina da minha classe, mas nunca me correspondeu. E pra piorar eu a derrubei numa poça de lama sem querer.
- Sério? – ela franziu a testa e deu um sorriso – eu não perdoaria também se alguém fizesse comigo.
- Sério! Eu sei que você é uma garota de 11 anos...
- 12. Estou no 6º ano porque fiquei reprovada ano passado. – me corrigindo.
- Ok. Você é uma garota de 12 anos e não tem a experiência que eu com 35 tenho.
- Você é “véio” hein meu!? – disse ela me interrompendo.
- Posso continuar? – perguntei tentando manter a paciência e ela consentiu fechando os olhos fazendo sinal de positivo – pois então, você não tem a experiência que eu tenho devido sua pouca idade, mas eu respeito o que você sente mesmo sendo uma adolescente. Eu não quero fazer comparações porque cada pessoa tem a sua própria experiência e é singular a história, os sentimentos e as emoções de cada pessoa.
- Tô achando bonito, mas para de se justificar e diz o que quer dizer. – me interrompendo novamente.
- Ok, estava tentando falar bonito, mas como você não deixa – disse com bom humor – você merece coisa muito melhor!
- O que você está dizendo? – ela se levantou da cadeira e eu fiquei de pé ao mesmo tempo. Peguei no ombro esquerdo dela e continuei.
- Isso mesmo que você ouviu. Não acredito que você brigou com aquela garota naquele dia por causa daqueles garotos! – afirmei.
- Eu gosto do loirinho. – afirmou.
- Sério? Garota acorda! Aquele carinha não quer ficar com ninguém, ele só quer que as garotas fiquem apaixonadas por ele, siga-o nas redes sociais pra aumentar o ego. É um filhinho de papai. – garanti.
- Como você pode dizer isso? Você nem conhece ele! – disse ela quase gritando.



– Eu sou o porteiro, esqueceu? Fico horas e horas aqui, não consigo decorar todos os nomes, mas observo cada um de vocês. Sei quem é educado e quem não é. Sei quem é legal e quem não é. E por isso sei de muita coisa que vocês não conseguem ver.

– E por isso você acha que conhece e pode julgar as pessoas? – ela ainda falando alto.

– E como você conhece ele? – questionei.

– Bem, o nome dele é William. Tem 12 anos. A família dele é dona da maior confeitaria da cidade. – disse ela.

– Ele sabe que você gosta dele? – quis saber.

– Bem... – deu uma pausa procurando respostas.

– Eu tenho certeza que sim! Mas mesmo assim ele passa com aquele grupinho, todos com um pirulito na boca enquanto gritam, falam bobagens e procuram confusões. – afirmei.

– Mas isso é normal. – disse ela.

– Sabe Juliana, mandei um convite no Facebook pra você. Você não aceitou, mas vi suas fotos do ano passado. – comentei.

– Quer dizer que você anda me stalkeando?

– Stal... o quê? – perguntei sem entender.

– Me perseguindo! Fuçando minha vida na internet! – Explicou ela meio atônita.

– Não! Apenas olhei no dia que mandei o convite, e vi que você era bem diferente fisicamente do que é hoje. Fiquei bastante preocupado. – expliquei.

– Primeiro que não aceitei o seu convite porque só aceito pessoas muito íntimas. Segundo, não há nada o que se preocupar. – disse um pouco irritada.

– Sobre o convite, tudo bem. É um direito seu e acho até bom mesmo que você seja seletiva. Sobre a minha preocupação, falei como se fosse um pai, porque percebo que você fez algumas mudanças no seu modo de vestir, de cortar o cabelo e até o excesso de maquiagem durante o dia. Nada contra mudanças! Acho até normal as mudanças nessa fase que a gente entra na adolescência e começa a se apaixonar. Mas a mudança nunca é boa quando o nosso foco é agradar os outros.

– Eu não quero agradar ninguém! Eu sou assim! – ela se defendeu.

– Eu demorei muito pra mudar! Com os meus 24 anos eu ainda era bobo, deixava todo mundo me manipular, tentava agradar e me adaptar a todo grupo onde eu me incluía e se estou dizendo isso pra você é porque eu realmente não gostaria que um dia você se tornasse o que eu me tornei. – esqueci que ela era apenas uma adolescente e deixei minha raiva transbordar.

– O que você se tornou? – ela perguntou baixando o tom.

Coloquei a mão no queixo, olhei um pouco pra fora e não sabia o que responder. Segurei uma repentina vontade de chorar, mas com certeza meus olhos ficaram vermelhos. Eles sempre ficam assim quando tento sustentar um choro. Ela percebeu minha contrição.

– Obrigado João. – ela rompeu o silêncio.

– De quê? – perguntei.

– Às vezes eu queria ter um pai chato como você. – ela estendeu uma das mãos e colocou no meu ombro.

– Mas você tem um pai. Não tem?

– Tenho. Ele sempre me dá tudo o que quero, e isso lhe custa todo o seu tempo. Nunca para em casa e não conversamos sobre nada. – ela confessou.

– E sua mãe?

– Minha mãe é uma Socialite. Sempre está ocupada com eventos de moda, bazar beneficentes, visitas à orfanatos e nunca tem tempo pra mim. Acorda sempre de bom humor quando cresce o seu número de seguidores do Instagram e quando pessoas influentes assistem suas transmissões ao vivo. – me faltou palavras quando ouvi isso, mas tentei encorajá-la.

– Juliana, eu sei que muita coisa na vida não depende da gente. Dependemos dos nossos pais quando somos crianças, dependemos de professores na escola pra absorver aprendizados, dependemos de dinheiro pra comprar as coisas, e em algumas situações que não podemos mudar, precisamos ser fortes e nunca perder a essência do que queremos ser. Nunca coloque seus sentimentos e seus sonhos na dependência de algo ou de alguém, porque eles precisam depender apenas de você mesma. Sei que você é inteligente e entende o que estou dizendo.

– Entendo sim. – disse ela com um leve sorriso.

– Você até diminuiu a frequência com que falava em signos. – não me contive.

– Ah João! Não vem implicar com meus signos não! – ela deu um sorriso que nunca tinha visto antes.

– Posso te dar só mais um conselho!?! – perguntei.

– Diz. – ela consentiu revirando os olhos.

– Se você quer que o loirinho goste de você, isso se não quiser desistir dele antes, ignore-o. É mais fácil ele te observar se souber que você não tá nem aí pra ele.

– Nunca tinha pensado nisso!

– Não tem nada pior para a vaidade do que ignorá-la! – afirmei.

– Vou pensar no seu conselho. Espero você no Sábado lá em casa.

– Seus pais já foram comunicados?

– Sim, falei. Mas eles não se importam. Só pediram pra empregada não deixar ninguém comer em cima do sofá e nem bagunçar a casa.

– Mas eles sabem que o porteiro do colégio vai? – quis saber depois que a Sra. Borges me tratou com aspereza.

– Eu disse que ia vir um amigo adulto. – respondeu ela.

– Espero que não haja problemas. – disse preocupado.

– De boas. Eles nem vão nos notar! preciso ir. Acho que vou ajudar os meninos da equipe.

– Isso! Assim que se fala garota! – falei enquanto ela se virou e saiu.

Fiquei pensando se peguei pesado ao falar daquela forma do garoto loirinho do 7º ano, mas no fundo só queria que ela – apesar de adolescente – começasse a confrontar seus sentimentos.

Voltei a pensar em Enzo. Senti uma vontade enorme de ir à casa dele quando terminasse o meu expediente, mas nunca gostei de ser inconveniente. Gostaria muito de saber como ele está depois do ocorrido, mas ao invés de tentar ajudar posso deixa-lo irritado. Aliás, ele não vai muito com a minha cara e tentar conversar com ele sobre seus sentimentos pode ser meio difícil. Vou aguardar ele na Segunda-Feira, caso ele não venha vou visita-lo.

Ao chegar em casa quis fazer uma salada com frutas, folhas e verduras pra jantar, mas tudo o que tinha no meu velho e enferrujado frigobar eram algumas cenouras e goiabas. Lembrei que estava sem dinheiro. Se alguém me pedisse uma moeda na rua acharia que eu estava mentindo ao dizer que

não tenho. Mas é verdade. A sorte é que almoço e lanche a semana inteira no Portinari e em casa apenas faço uma janta ou compro uma pizza. Detesto fazer isso, mas amanhã vou usar novamente o cartão de crédito. Meu próximo salário só estará disponível daqui há uns 12 dias e eu não posso passar esses dias sem 1 centavo. Com o primeiro salário de porteiro que recebi no final do mês passado tive que pagar muita coisa atrasada, incluindo o aluguel. Estou pensando seriamente em vender alguma coisa nos finais de semana, tipo lanches, pra complementar a renda. Imagine se eu fosse um pai de família com filhos pra sustentar!?! Então a janta hoje será pedaços de goiaba com cenoura ralada. Ah! Tem creme de leite também. Vai ficar uma delícia.

## DEMITIDO

Ontem fui dormir tarde tentando compor mais algumas músicas para Caio. Na verdade, não foi ontem, já era hoje, aliás o relógio marcava 02:45hs. Sempre me atrapalhei com essa transição depois da meia noite. Pra mim o dia só começa quando o sol nasce, apesar de ele surgir ainda no escuro. Fiquei mexendo um pouco no celular e vi que Juliana havia aceitado minha solicitação de amizade. Suponho que agora ela me considere íntimo. Coloquei o despertador do celular pra tocar três vezes, não posso confiar no meu instinto natural quando durmo tão tarde. Fiz mais duas músicas, ainda preciso dar uma melhorada em algumas palavras e melodias, mas confio no potencial de Caio pra deixar tudo ajustado.

Falei com Diego quando chegou hoje, e percebi que ele estava meio estranho. Então no final do primeiro intervalo o vi caminhando em direção à quadra e decidi segui-lo. Encontrei a equipe dele reunida e me aproximei. Fiquei feliz em ver de longe um pequeno sorriso no rosto de Juliana, já Raniele me surpreendeu com um abraço e me conduziu ao círculo.

- Tudo bem com vocês? – perguntei.
- Mais ou menos. – respondeu Carlos Alberto.
- O que houve? – quis saber.
- Bom, pra quê você quer saber se você está ajudando um garoto do 9º ano?
- disse Diego com raiva.

Todos me olharam como se esperassem uma explicação.

- Por isso que você está estranho Diego? – perguntei.
- Mas você tá mesmo ajudando um menino de outra equipe? – insistiu Manoela.
- Se eu puder me explicar, poderei dizer. – falei meio impaciente.
- Ok. Diga. – disse Manoela.
- O Caio, um rapaz do 9º ano, me pediu ajuda em uma composição musical.
- expliquei.
- Aquele feioso que parece uma girafa! – disse Diego afim de que os colegas lembrassem quem era o Caio.
- Você o acha feio porque não conhece ele por dentro. – afirmei.

– Ah, não vem com esse papo de beleza interior, que isso já tá ultrapassado!  
– disse Diego sem olhar pra mim.  
– Diego, pensei que depois do que aconteceu anteontem com Enzo você tinha refletido. – lembrei a ele.  
– Qual é a sua João? – perguntou ele com a intenção de desviar o assunto – você é o porteiro do Colégio e quer ajudar a gente porquê? Aliás, parece que você quer ajudar todo mundo, inclusive o garoto do 9º ano a ganhar. – disse com agressividade.  
– Não fala assim com ele garoto! – defendeu Juliana como se fosse brigar.  
– Fica calada você também. – gritou Diego com ela.  
– Vem calar minha boca se você é homem! – revidou ela.  
Eles se bateram de frente como se fossem brigar, mas intervir antes que acontecesse algo mais grave.  
– Parem com isso vocês dois! – ordenei enquanto separei eles.  
– Gente, – disse Wellington – não dá mais pra trabalhar com vocês. Cansei.  
– saiu do círculo e foi embora.  
– Vai, vai mesmo. Ninguém precisa de você. – gritou Diego.  
– Diego já chega! – disse mais firme – qual é o seu problema? Não é possível que você cause todo esse transtorno porque me viu ajudando um outro garoto!  
– Ele sempre faz isso. – disse Rochele.  
– Cala a boca menina! – gritou Diego.  
– Venha comigo! – o peguei pelo braço e levei ele até o final de um corredor.  
Ele tentou resistir, pediu para que eu o soltasse, mas só larguei o braço dele quando ficamos longe da vista de todos.  
– O que está acontecendo com você? – perguntei mais calmo.  
– Nada! – disse ele tentando controlar a raiva.  
– Você não é obrigado a gostar das pessoas e nem estar com elas, mas também não tem o direito de ofendê-las.  
– E você não é meu pai pra dizer o que eu posso ou não fazer! – falando sempre sem me encarar nos olhos – aliás, você está se metendo demais no que não deveria!  
– É verdade Diego! – concordei falando bem baixo – não sou seu pai. Sou o porteiro do Portinari e meu dever aqui não é só abri e fechar portões. Meu trabalho também exige um olhar observador. Também contribuo com a

ordem no colégio. Na sua classe você tem seus professores, mas nas outras dependências desse espaço eu também exerço meu papel. E entre os mais de 400 alunos que esse colégio tem, você me chama atenção por muitas vezes. Pelo seu comportamento agressivo na entrada, nos intervalos, na fila do almoço, até com as garotas. Qual é o seu problema?

– Eu não tenho problema nenhum. Mas você tem! Se aproximou de mim com uma história de que não sabia mexer no celular, no dia seguinte nem olhou mais pra minha cara, depois se aproxima, diz que quer ajudar a minha equipe a vencer a gincana e logo após tá apoiando um garoto do 9º ano na mesma disputa – ele olhou pra mim e perguntou – Qual é o seu problema?

– O meu problema? – dei uma pausa – talvez seja porque não tenho família, não tenho filhos e nem amigos. Dedico os meus dias aos portões do Portinari e nos finais de semana não saio de casa porque geralmente tô sem dinheiro. Sabe qual é meu problema? Achar em alguns momentos que vocês são a família que tenho, mesmo que pareça estranha. Eu não gostaria que a minha família tivesse problemas – ele baixou o olhar e continuei – eu não gostaria que você tivesse que ir à sala da Senhorita Margareth. Sabe Diego? Eu tive motivos pra me isolar de todos um pouco. Problemas que você não entenderia, mas decidi ignorar todos eles porque comecei a perceber que eu precisava seguir a verdade do meu coração. Sobre o Caio, não estou ajudando-o, na verdade é ele que está me ajudando a desenterrar alguns sonhos.

– Tudo bem, eu só não gostei de ver você ontem cantando com ele lá no jardim. Achei que você estava nos traindo. – Confessou com contrição.

De repente vem em nossa direção a Senhorita Margareth. Paramos de falar e olhamos pra ela enquanto se aproximava.

– O que está acontecendo aqui? – perguntou ela de imediato.

– Nada! Estou apenas conversando com Diego. – respondi.

– Chegou à minha sala a informação que o senhor estaria puxando-o pelo braço, depois liguei para o telefone da portaria e ninguém atendeu – deu uma pausa e olhou pra Diego – Inclusive esse garoto é o mesmo daquele dia que conversamos sobre amizade com as crianças, não é?

– Sim. É ele. Diego e eu somos amigos. Trabalho num lugar onde recepciono crianças e é normal que eu faça amizade com algumas delas e até mesmo tenha afeição. – respondi.

– O senhor poderia ter afeição por professores e funcionários também! – retrucou ela.

– Eu tenho! Mas afeição não é coisa que a gente manipula, ela acontece naturalmente. – respondi.

– Ok Sr. Cruz. Não vou discuti com o senhor na frente de uma criança, mas espero que o senhor não esteja encobrindo nada de errado.

– Eu não sou o que a senhora pensa! – disse com um sorriso sarcástico.

– Volte às suas atividades! – disse a Diego que saiu imediatamente – e quanto ao senhor, percebi que voltou a me enfrentar. Eu tolerei o que o senhor me disse daquela vez e lhe dei outra chance, mas não haverá outras.

– Senhorita Margareth, na realidade eu me dei outra chance porque tenho muitas contas a pagar, mas o que a senhora insinuou naquele dia fez com que eu me isolasse de muitas crianças, passei muitos dias mal, até que percebi que eu não sou e nunca serei alguém que faria mal a nenhuma delas. Lembrei de uma velha diretora da minha infância que me julgou de forma agressiva quando eu tinha apenas 9 anos e decidi não mais permitir que isso afetasse quem eu sou.

– Ninguém nesse colégio fala comigo nesse tom que o senhor fala. – disse um pouco exaltada.

– Eu respeito e até passei a admirar a senhorita. Sei que é uma mulher de muitas qualidades e sei exatamente qual a sua posição nesse colégio. Acredito que não seja fácil e que a responsabilidade seja muito grande. Mas por favor, não julgue com os seus olhos. Consulte o seu coração porque através dele a senhorita pode chegar a entender melhor as pessoas.

– O senhor trabalha aqui somente esse mês – disse com nervosismo – vou procurar um outro funcionário durante esses dias que faltam, e é o tempo que o senhor procura outra ocupação. Com licença. – alertou e saiu em seguida.

– Sim senhora! – disse enquanto ela caminhava.

Voltei ao portão, um pouco transtornado com tudo isso, milhões de planetas orbitavam em minha cabeça. Palavras chaves vinham na velocidade de um meteoro, como: Quitinete – Enzo – Miranda – Diego – Juliana – Caio – Novo emprego – Apuros! Quando me aparece na frente, quem? A Esperança! – literalmente.



– Tudo bem com você filho? – perguntou com uma vassoura na mão – o dia hoje está lindo, não?

– Está sim! – falei tentando disfarçar minha preocupação – e a senhora está bem?

– Estou! Mas você não me respondeu também se está bem?

– Estou bem! – disse com um sorriso meio apagado – vai ficar tudo bem!

– Diga logo o que houve? – perguntou ela.

– Acho que depois podemos conversar. – respondi.

– Ah, não! Preciso dar uma varrida no jardim, mas antes você tem que me dizer. – insistiu ela.

– Bom, nada demais, apenas fui despedido pela Senhorita Margareth. – disse com um sorriso irônico.

– Sério? Porquê?

– Não acho que seja um bom lugar pra conversamos sobre isso Esperança. Não agora. Preciso pensar um pouco.

– Tudo bem. Depois falamos, mas não fique triste – encostou a vassoura e segurou as minhas mãos – você não está só.

– Obrigado. – respondi.

Ela pegou a vassoura e foi em direção ao jardim. Sentei um pouco e não sabia sobre o que pensava primeiro. Por mais que eu tentasse ter pensamentos otimistas, o velho pessimismo insistia em me abraçar. De repente senti uma mão no meu ombro – era a Senhorita Miranda.

– Bom dia João! Você me parece cansado. – disse com um sorriso acolhedor.

– Bom dia Miranda! – me levantei ligeiramente – é, acho que estou precisando de férias.

– Férias estão bem longe hein!?! – falou com bom humor.

– Talvez Não! – falei lembrando da futura demissão.

– Como assim? – ela quis saber – estamos em Setembro ainda!

– Maneira de dizer – eu disse pra não explicar o que estava acontecendo – mas, me diga: tem notícias de Enzo?

– Não. A família dele não tem número de contato. É justamente sobre isso que vim falar com você. Queria saber se a noite, quando você saísse do trabalho, não poderia ir comigo à casa dele visita-lo? Não gostaria de ir sozinha.

– A casa dele? Com você? Noite? – gaguejei sem acreditar – Claro! Vamos sim!

– Ai que bom! Mas sua família não vai se importar? – perguntou ela.

– Que família? – perguntei.

– Não sei. Esposa, filhos...

– Ah! Eu não tenho família. Sou órfão de pais, não tenho irmãos, não sou casado e nem tenho filhos. – respondi rindo como se fosse engraçado.

– Sério? Sinto muito! – disse ela com pesar.

– Tudo bem! Já está tudo bem! – houve um segundo de silêncio – Bom, dizem que na minha idade eu já deveria estar casado e ter filhos, mas ainda não aconteceu.

– Sabe João, dizem a mesma coisa pra mim. Mas não me importo mais, porque a gente precisa viver de acordo com a nossa verdade. O que sentimos. Não podemos ser o que dizem que devemos ser, mas o que realmente somos. Caso contrário, seríamos pessoas frustradas.

– Eu penso da mesma forma. – tentei esconder meu contentamento ao saber que ela é solteira, mesmo assim perguntei – você não é casada?

– Não! Terminei um relacionamento há dois meses. Acho que tão cedo não vou me relacionar de novo. – senti um pouco de amargura em sua fala.

– Eu também já me senti assim, entendo o que você está dizendo. – ao mesmo tempo que compreendi senti um pesar pelo bloqueio dela.

– Pois então, às 19 horas passo aqui. Como saio mais cedo do colégio, vou em casa trocar de roupa e volto pra te buscar de moto. Pode ser? – Perguntou mudando de assunto.

– Tudo bem, mas gostaria de passar em casa pra trocar de roupa também. Moro há cinco quadras daqui, é ligeirinho. Não gostaria de chegar lá fardado.

– Sem problemas, vou com você à sua casa e de lá a gente vai. Combinado então? – ela estendeu a mão pra mim e apertei.

– Combinado! – ela me deu um lindo sorriso e saiu.

Não estou acreditando que isso aconteceu. Aliás, não estou acreditando que esse dia está acontecendo, parece aquela mistura de pesadelos com sonhos.

Ousei sair um pouco da portaria e me sentei no banco do jardim, o meu querido banco que recebe a sombra daquela árvore que nunca soube o nome. Fico observando Esperança varrendo uma parte do jardim. Apesar

de sua muita idade, ela ainda tem tanta disposição, nos traços de seu rosto enrugado nota-se uma expressão de contentamento. Talvez seja ingratidão sentir o que sinto agora, mas às vezes não consigo deixar de me autocondenar. Sou um homem de 35 anos, que nunca casou, nunca teve filhos, nunca teve estabilidade financeira, nunca viveu uma história de amor verdadeira, nunca possuiu um carro – no máximo tive uma bicicleta – e tudo o que sinto é que nunca vivi de verdade, apenas sobrevivi. Gostaria muito de responder a mim mesmo onde foi que eu paralisei. Em que momento eu subi nessa esteira? Porque tudo o que sinto é que nunca consegui sair dela. Estou aqui no Portinari há um mês e uns dez dias, e já fiquei desempregado. Quando penso que vou conseguir equilibrar as coisas na minha vida, alguma coisa desanda, e o pior é que não sou mais nenhum jovencinho. Daqui a pouco chego à idade de 40 anos, e por mais que eu tenha habilidades, a sociedade vai me rejeitar. Ainda mais alguém com o currículo como o meu. Sempre ouvi muitas pessoas me dizendo “João, você precisa de uma esposa”, “Junta um dinheirinho pra tirar sua carteira de motorista”, “Faz um concurso público pra você ficar estável”, mas depois que percebi que eu não tinha tempo e nem dinheiro pra investir no meu sonho de ser cantor, decidi fazer o que aparecesse. Sim, eu queria fazer música, mas prevaleceu a voz que dizia “isso não dá dinheiro”. Há momentos, como agora por exemplo, que fico pensando que as pessoas tinham razão, mas eu sempre disse que estava fazendo o que meu coração estava mandando fazer. Só não tenho certeza se o coração sempre diz a verdade. Às vezes desconfio dele. Quando sair do meu último emprego, anotei num caderno alguns planos pra alugar um ponto comercial pequeno e abrir uma lanchonete, mas começar de baixo também custa caro quando você não tem nenhum recurso ou apoio. E mais uma vez fico pensando, imagine um pai de família com filhos pra criar na minha situação. Às vezes penso carregar algum tipo de peso, daquelas histórias que as pessoas contam sobre maldições de gerações passadas. Estou tão angustiado, e todas as vezes que fico assim não consigo evitar esses pensamentos.

Quando eu era mais novo e me sentia muito angustiado, costumava culpar a vida, por tudo o que aconteceu comigo. Dizia que eu era assim porque tive um pai alcoólatra, uma mãe amargurada, depois perdi os dois e fiquei só no mundo. Às vezes fico pensando coisas do tipo “E se eu morrer? Quem

vai fazer meu velório? Quem irá ao meu velório?”, não tenho avós, tios, primos, parentes, quer dizer, com certeza eu tenho, mas não sei quem eles são e nem onde vivem.

– João, João!!! – Diego estava na minha frente me chamando e eu nem percebi.

– Oi... – respondi enquanto limpava uma lágrima.

– Eu não sei porque eu sou assim... – ele começou.

– Tudo bem Diego, eu não estou magoado com você.

– Eu sei que sou um menino que dou muito trabalho. Sei que as pessoas não gostam de mim. Mas não sei dizer porque faço essas coisas. – disse como se quisesse pedir desculpas.

– Diego, quando eu tinha 10 anos, um pouco mais novo que você, a minha vida virou de cabeça pra baixo – ele se sentou ao meu lado e continuei – eu não fiquei bem na escola, nem em casa e em lugar nenhum. Eu guardei todas as minhas tristezas em um baú escuro e nunca consegui colocar elas pra fora dele. Isso me deixou mal durante muito tempo. Eu sei que você é um adolescente e não é fácil ser um. A adolescência é uma das fases mais difíceis da vida, porque a gente começa a perder o olhar inocente de criança e começa a encarar um monte de mudanças: na voz, no corpo, no coração, na mente e começamos a fazer escolhas. Pensamos muitas vezes que estamos sós e que ninguém pode nos entender. Nossos pais vivem ocupados em seus próprios problemas e às vezes nem eles conseguem enxergar o furacão que a gente tá vivendo – dei um sorriso e lembrei – sabe, quando meu bigode começou a nascer, eu fiquei apavorado, morrendo de vergonha, as pessoas às vezes diziam “Olha, ele está se transformando num rapazinho” e eu me sentia muito constrangido. Queria muito que meu pai estivesse ali pra me ajudar a fazer a primeira barba, mas ele não estava.

– Ele morreu!?

– Sim – dei uma pausa – quando isso aconteceu ele ainda estava vivo, meus pais já estavam separados. Não pude mais contar com ele. Tive que aprender como era crescer sendo homem, sozinho. Foi terrível e assustador quando comprei meu primeiro barbeador e tive que fazer o bigode sozinho trancado no banheiro. Parece uma coisa tão boba, mas pra mim foi muito difícil.

– Às vezes eu também me sinto assim – ele deu uma pausa como se procurasse as palavras certas – meu pai é policial, ele vive me dizendo que

no próximo ano vai me matricular numa escola militar em outra cidade, mas não quero ser policial. Eu pedi ajuda a minha mãe, que sabe o que eu quero mesmo, que é ser piloto de avião.

– Mas você pode um dia entrar na aeronáutica! – complementei.

– Pode ser – disse meio desanimado – mas meu pai quer que eu seja mesmo é policial, coronel, essas coisas. Minha mãe falou com ele e tudo o que disse foi que eu ainda sou criança e não sei o que quero da vida.

– É verdade. Você ainda é muito novo. Pode ser que algum dia mude de opinião, mas se por acaso você não mudar, seja um piloto de avião!

– Mas meu pai não vai me apoiar.

– Não deixe que ninguém enterre seus sonhos. Se alguém não sonha com você, insista nos seus sonhos até que eles sonhem. – disse com convicção.

– Você não conhece meu pai. Ele não deixa nem a mamãe falar quanto mais eu. Eu tenho um irmão mais velho que mora com meus avós e ele já está estudando nessa escola militar. Só que ele gosta. Ele quer servir o exército, mas eu não. – me confessou.

– E o que você pretende fazer? Deixar de ser um piloto? – perguntei.

– Não posso enfrentar meu pai.

– Você não precisa mesmo enfrentar. Não fique angustiado com isso agora. Estude. Se preciso ir à escola militar vá. Termine seus estudos e depois você estará preparado pra decidir o que vai ser. Então seja o que você sonha. Você já será um homem. Se o seu pai ama você de verdade, ele vai entender suas escolhas. E ser piloto é uma boa profissão. Você tem grandes oportunidades Diego.

– Verdade – disse enquanto parecia pensar outra coisa.

– O que mais deixa você triste? – quis saber.

– Sabe, quando Enzo desmaiou... lembrei que uma vez minha mãe também desmaiou.

– Sério, mas ela está bem? – interrompi.

– Sim. Ouvi o médico dizer que ela desmaiou por causa do estresse. Nesse dia, ela tinha brigado com o meu pai, e ela nunca grita com ele, mas nesse dia gritou. Fiquei muito tenso. Quando vi Enzo desmaiado pensei que eu sou alguém igual ao meu pai. As pessoas podem desmaiar por minha causa.

– me confessou.

– Enzo, não desmaiou por sua causa – garanti – ele estava se sentindo fraco. Tire isso da sua cabeça rapazinho! – adverti.

- Tem certeza? – ele perguntou como se precisasse muito da resposta.
- Sim Diego! Não foi por sua culpa. – olhei pra ele profundamente e continuei – e outra coisa, você deve sempre respeito aos seus pais. Por mais que eles sejam complicados. Acredite que eles também têm problemas que são muito difíceis. Precisam do seu amor. Talvez você não entenda o comportamento deles, mas nunca se culpe por nada, talvez a vida deles quando tinham sua idade não foi tão fácil. Talvez eles passaram por conflitos que você está passando hoje, por isso às vezes agem de forma que não é muito legal. Mas você não precisa imitar o que acha errado. Se você acha errado magoar alguém, então não magoe. Se você não gostaria de ser empurrado, então não empurre. Se você não gosta de alguém, procure enxergar alguma qualidade nessa pessoa, e se por acaso você não encontrar, simplesmente ignore-a, mas nunca escolha machucar as pessoas.
- Eu não sei porque faço isso. Não quero ser como o meu pai. – me confessou com intensidade nas palavras.
- Você não é o seu pai! Você é o Diego, não existe ninguém no mundo como você. – passei a mão em sua cabeça.
- Eu... – Diego ia falar quando Caio chegou com o violão.
- Oi, tudo bem? Interrompo? – perguntou Caio.
- Não. – respondeu Diego.
- Se sente conosco Caio. – pedi e ele imediatamente sentou na grama de frente para nós.
- Vou indo. – disse Diego.
- Fique um pouco garoto. – disse Caio a Diego.
- Ah, esqueci de apresentar. Caio esse é Diego. Diego esse é Caio. – eles apertaram as mãos, Diego voltou a sentar, e olhou pra mim meio constrangido por lembrar o que tinha falado mais cedo sobre Caio.
- Então João, me mostra aí uma música nova... – pediu Caio.
- Um momento. – Enquanto tirava o celular do bolso.
- Como sua música se chama? – Caio quis saber.
- Bom, eu a chamei de “Contém”. – respondi.
- Contém? Massa! Estou curioso. Comece.
- Vou tentar... – Respondi sempre olhando para os lados enquanto alunos passam – Hum... hum...

O que você tem...

– Um pouco mais alto João! – pediu Caio.  
– Ok. – comecei.

O que você tem, o que você tem  
Diz muito pra quem ver  
O que você tem, o que você tem  
Faz você parecer  
O que você quiser  
O que você não é  
E sente algum valor,  
No que não há valor algum.

Nesse momento Caio já tinha pegado a melodia no violão, Esperança soltou a vassoura e se aproximou, assim como alguns estudantes. Então continuei.

O que você ver, o que você ver  
Diz muito sobre o ter  
Mas o que você ver, o que você ver,  
Diz pouco sobre o que  
Alguém contém em si  
Parece possuir  
Mas quem possui a quem?  
Quem tem ou quem contém?

Muitas pessoas já nos cercavam, inclusive a Senhorita Miranda que chegou e todos começaram pouco a pouco a bater suaves palmas.

Um dia o vidro quebra  
O carro enferruja  
A roupa se rompe  
O dinheiro guardado  
Vira só herança  
O contrato se acaba  
O aplauso fica mudo  
E quando restar lembranças

Você vai perceber  
Que o amor sempre foi tudo.

Quando repetir o refrão “Um dia o vidro quebra...” já tinha muita gente ao redor e sentia minha voz se espalhando como se aquela música já existisse há muito tempo. No final repeti umas 4 vezes a parte que diz “O amor sempre foi tudo” quando percebi que alguns já acompanhavam cantando. E finalizei dizendo:

O amor ainda é tudo!

Olhei outra vez e tinha mais gente do que imaginei. Fechei os olhos, como se quisesse romper minha dor e não me importar com mais nada a não ser viver aquele momento. Todos começaram a aplaudir, perguntar de quem era a música, e foi muito especial. O abraço que recebi da Senhorita Miranda derreteu alguma coisa por dentro.

– Gente, essa música é minha – falei timidamente – mas quem deu vida a ela sem dúvidas foi esse jovem maravilhoso – apontando para Caio.

– Mas a melodia é dele! – Caio apontou pra mim enquanto muitos aplaudiam.

A Senhorita Margareth foi entrando no círculo instalando um silêncio gradativo.

– O que está acontecendo aqui? Que barulho é esse que invadiu a minha sala? – perguntou ela.

– Não é barulho Margareth. É música. – respondeu Esperança.

– E música das boas! – complementou Miranda.

– E o senhor o que está fazendo aqui? – perguntou a Senhorita Margareth olhando pra mim.

– Ele é o nosso cantor! – respondeu Esperança – aliás, aproveito pra lhe informar que o João Victor é um homem muito bom. Você tem muita sorte em tê-lo como porteiro do Portinari – Esperança pegou no meu ombro – ele tem alma. É muito mais que um profissional esforçado, é um ser humano incrível.



A Senhorita Margareth se calada por alguns segundos – deve ter ficado indignada por ela não ter me chamado de Sr. Cruz – e sem argumentos falou:

– Pois voltem todos às suas atividades, temos apenas alguns dia para a apresentação dessa gincana e quero ver um trabalho extraordinário. Chegam de distrações. – ela deu as costas e saiu.

– Obrigado Esperança e Miranda pelas palavras. – falei dividindo o olhar.

– Não tem de quê João. Você merece. – disse Miranda.

– Filho, sei que você é um rapaz humilde. Diz um provérbio: “Que não seja a sua própria boca a te elogiar, mas a boca de outros”. Eu só disse o que você jamais diria de si mesmo. – disse Esperança.

– A senhora tem toda essa autonomia pra falar com a Senhorita Margareth assim? – falei rindo.

– Dizem que quando chegamos à terceira idade, perdemos a vontade de agradar os outros e começamos a falar o que vem na cabeça. Quando somos mais novo temos essa ilusão de ocultar verdades em nome de uma promoção, um favor ou até mesmo uma falta de disposição a ter conflitos. Mas quando nos tornamos inúteis à sociedade, conseguimos falar a verdade sem medo – afirmou Esperança – e outra, conheço Margareth desde criança praticamente, não se preocupe quanto a isso.

– Vamos continuar com a música João? – interrompeu Caio.

– Ô desculpe. Passamos só Uma vez, mas preciso voltar ao posto pra evitar mais problemas. Espero que entenda. – expliquei.

– Tudo bem, gravei aqui no meu celular, vou ouvir algumas vezes pra aperfeiçoá-la. No Domingo passamos todas. Ok? – lembrou Caio.

– Combinado Caio! – apertando a mão dele – e você Diego, depois conversamos – olhei pra Diego e sair.

Cada um foi saindo, e percebi de longe que Caio ficou conversando com Diego no banco por algum tempo. Espero que sejam grandes amigos.

Já na portaria, Raniele se aproximou e perguntou por Diego, aponte para o jardim.

– Ué, ele tá conversando com o “feioso que parece uma girafa”? – perguntou admirada.

– Não repita isso Raniele. Caio não gostaria de ouvir isso. – adverti.

– Mas foi o Diego que disse! – lembrou ela.

- Acho que ele vai mudar de opinião quando conhece-lo melhor. Vai esquecer daquilo que enxerga como um defeito físico quando passar a reconhecer as qualidades de Caio como pessoa. – afirmei.
- É verdade João. Por falar nisso, depois daquela hora que você saiu com Diego, não sei o que você disse a ele, mas ele foi falar com Wellington e o convenceu a voltar a equipe.
- Que bom Raniele, fico feliz.
- Eu fico muito triste quando vejo crianças falando das outras por causa de defeitos físicos. Minha mãe sempre diz que somos todos iguais. Que eu não sou melhor que ninguém e nem pior. Todas as pessoas tem algum defeito físico ou alguma coisa na sua personalidade que precisa ser mudada. A começar por mim.
- Sua mãe é muito inteligente. E você também Raniele.
- Eu tenho amigos de todos os jeitos. E respeito a todos. Alguns não são legais comigo, mas não é por causa dos seus defeitos físicos, acho que os pais deles não são pessoas legais e eles aprendem. – afirmou ela.
- Pode ser – pensei um pouco – Também existem alguns que tem pais legais, mas são influenciados por seus grupos a agirem de forma que não é a melhor. Entende? – perguntei.
- É. Eu acho que entendo. Mas vou lá chamar o Diego. Tivemos uma ideia pra gincana. No Sábado te contamos. – me deu um abraço e saiu.

Queria ser uma mosca pra saber o que a Senhorita Margareth está pensando sobre mim, depois de tudo aquilo que a Esperança falou. Nem precisei me defender. No horário do almoço ela – a senhorita Margareth – reuniu professores e funcionários. Nos comunicou que amanhã no período da manhã haveria um momento cívico em homenagem à Independência do Brasil, já que o feriado cairia no Sábado e não haveriam atividades na escola. Depois ela foi até à mesa onde eu estava almoçando e sentou-se na minha frente.

- Com licença Sr. Cruz, sei que esse é seu momento de almoço, mas queria pedir que amanhã o senhor chegasse um pouco mais cedo, pois vão chegar instrumentos e integrantes da banda do Corpo de bombeiros da cidade, que à meu pedido participarão do evento da manhã.
- Tudo bem, sem problemas. – me retorci um pouco e senti alguma coisa presa na garganta.

– A tarde tudo voltará ao normal. Os alunos continuarão com suas atividades para a gincana de primavera. Tudo bem?

– Sim. – respondi.

– Eu poderia ter lhe chamado na minha sala, mas preciso resolver algumas coisas externas do Portinari e acredito que não retornarei mais hoje. Aproveito pra lhe pedir que fique atento – falava enquanto colocava a mão na bolsa procurando algo – e aqui está o número do meu celular – me entregando um cartão – qualquer coisa por favor me comunique.

– Pode ficar despreocupada.

– Obrigada. Bom apetite. – falou se levantando da mesa.

– Obrigado.

Fiquei pensando “Só pode ser louca!”, muda de humor como quem muda de roupa. Há algumas horas atrás tinha me despedido, agora veio toda delicada me dar instruções. Sinto o ar mais leve toda vez que ela sai e não volta logo. Uma sensação de liberdade.

O restante da tarde foi tudo tranquilo no Portinari. Eu estava bastante ansioso em encontrar a Senhorita Miranda a noite. Penso desde já qual roupa usar, até mesmo quais assuntos devo falar. Estou nervoso como se fosse o primeiro encontro romântico, mas estou ativando o tempo todo aquele alerta interior que chamo de “Anti-decepção”. Tento ser realista, lembro que vamos apenas visitar Enzo e que não passaremos apenas de bons amigos. Se algo contrário acontecer será um bônus extra, mas pelo menos eu já estarei preparado para não ficar frustrado. Uso esse alerta há anos. Em alguns casos funcionou, depois que sofri grandes decepções com amizades que me traíram foi como uma arma de defesa. Quando eu trabalhava no almoxarifado, conheci um cara chamado Isaac, ele estava fazendo um curso de radiologia à noite. Nunca soube direito o que eles estudam, só sei que são coisas sobre o corpo humano. Aconteceu que um outro colega de trabalho sofreu um acidente e foi muito feio – não gosto nem de relembrar os detalhes – vi muito sangue e na mesma hora me senti mal. Fechei os olhos e me recolhi. Não gosto de ver ou falar de acidentes. Isaac quis me contar detalhes quando apenas perguntei se o outro rapaz estava bem. Então eu disse “Não. Por favor! Não me conte detalhes, eu não me sinto bem.”, e ele me respondeu “Sério? Você é fraco assim? Eu também era um pouco, mas depois que comecei a fazer Radiologia, passei

a ver tanta coisa exposta que fui me tornando insensível. Hoje não sinto mais nada ao ver o que vi hoje.” Anotei isso em uma agenda velha que eu tinha em casa, daquelas que você ganha de brinde – pra mim era uma espécie de diário – dizem que isso é coisa de menina, mas é só mais uma mentira da sociedade. Escrever sempre me fez bem. Teve um tempo que parei de escrever porque eu percebi que só conseguia relatar fatos ruins e sentimentos amargos. Era a minha única forma de desabafo. Anotava também algumas metáforas sobre o meu cotidiano, e lembro que anotei uma metáfora chamada “Insensível a dor” onde relatei o comentário de Isaac e comparei com a vida. De tanto a gente ver e viver a dor acabamos por nos tornar insensíveis. Eu continuo não gostando de ver sangue ou falar de acidentes, mas fui perdendo a sensibilidade a cada traição e perda que sofria. Sensibilidade à vida. Imagine só, quantas vezes adoeci, tive transtornos psicológicos e enfrentei isso sozinho. Em casa achando que ia morrer sem dar tempo pedir socorro e outras vezes em corredores de hospitais públicos. É difícil enfrentar coisas quando nos sentimos só. A cada sobrevivência parece que ficamos mais resistentes ou pelo menos procuramos ficar. Tenho medo de amar. Claro que não teria coragem de dizer isso a alguém. O medo de decepcionar-se outra vez parece maior que a possibilidade do amor.

Caminhando pelos corredores do Portinari pra ver se estava tudo em ordem, vi uma cena que me deixou intrigado. Na pequena capela que fica próxima à sala da Diretoria vi o professor Evangelista sentado. Pensei em ignorá-lo, dei alguns passos e pensei “Alguém como ele fazendo orações? deve estar passando por momentos muito difíceis”. Eu poderia imaginar tudo na vida, menos que ele seria uma pessoa espiritualizada. Entrei com passos mudos e sentei ao lado dele. Olhei de canto de olho, ele permaneceu com o olhar fixo numa pequena janela que ficava no alto, de frente para as cadeiras. Pensei de imediato “Não acredito que até para orar ele não tira esses óculos”, mas também vi que escorria uma lágrima em seu rosto. Ele mexeu a cabeça e fingir como num relance não estar observando-o.

– Tudo bem com você João? – perguntou ele.

– Você lembra meu nome? – perguntei admirado.

– Sim. Já ouvi alguém chamar. – respondeu ele com um sorriso.

– Você está bem? – quis saber.

– Sim, eu estou. Você não me respondeu se você estava. – disse ele tirando os óculos.

– Ah, desculpe. Eu estou... bem. – respondi atônito ao perceber que ele tinha olhos estranhos.

– Sempre venho aqui para agradecer. Não que seja uma regra que impus a mim mesmo, pois posso agradecer de qualquer lugar, mas gosto de ficar aqui.

– Você é religioso? – perguntei, mas ainda estava querendo saber porque os olhos dele eram daquele jeito.

– Não. Eu não gosto dessa palavra. Acho que nem Deus gosta dela. Sou apenas um ser humano que acredita na existência de um Deus. Tenho experiências fortes com Ele. – disse enquanto voltou a olhar pela janela.

– E pelo o que você agradece?

– Eu agradeço por tudo. Até pelas coisas ruins. Depois que aprendi a agradecer nunca mais carreguei pesos desnecessários. – respondeu ele ainda olhando pra janela.

– Entendo. Deve ser por isso que seu nome é Evangelista. – tentei ser engraçado.

– Não, não. Evangelista é meu sobrenome. Eu me chamo Agenor. – explicou ele.

– Posso saber o que você estava agradecendo hoje? – quis saber.

– Sim, claro. Eu estava agradecendo pelo meu Estrabismo! – respondeu ele.

– Estrabismo? – esqueci por um momento – Ah, sim! A doença nos olhos.

– lembrei.

– Exatamente.

– Você estava agradecendo por uma coisa ruim? – perguntei sem entender.

– Sim. Vou me casar no final desse ano. – respondeu me deixando mais confuso.

– O que isso tem a ver com o estrabismo?

– Bom, é mesmo meio confuso de entender. Eu passei muitos anos da vida lutando contra a rejeição e as piadinhas na escola e até mesmo em casa por conta desse problema visual. Quando eu era criança meus olhos eram normais, mas devido às condições financeiras da minha família, éramos em 8 filhos, meus pais não conseguiram pagar um tratamento adequado e nem comprar os óculos necessários na época. De certa forma descuidaram. Então com o tempo fiquei assim. Recebi diversos apelidos, tanto dos meus

irmãos e primos, como dos coleguinhas de escola, como “E.T. o extraterrestre”, “Bisonho”, além de perguntas maldosas como “Você está olhando pra onde? Pra mim, pro céu ou para os dois?” ou “porque seus olhos estão tortos?”. Isso também afetou minha estima como das vezes que eu me apaixonava por garotas e algumas vezes ouvi elas dizer “Não! Aquele cara é muito feio!”.

– Sinto muito Agenor! – disse com pesar.

– O ser humano é cruel João – continuou ele – mas eu precisava deixar de ser a vítima. Cheguei a me revoltar com Deus e muitas vezes pedi a ele “Senhor, por favor endireite os meus olhos!”, mas nada acontecia. Foi quando decidi mudar o meu visual. Eu era um jovem tradicional, mas uma vez Deus falou comigo.

– Sério? – perguntei meio sem acreditar que Deus poderia falar com alguém.

– Sim! Ele me disse que “Escolheu as coisas loucas desse mundo pra confundir as sábias e que escolheu as fracas para confundir as fortes”, refleti alguns dias sobre isso, quando decidi assumir a minha história! Não porque mudei a minha aparência, mas porque mudei o meu pensamento. Me olhei no espelho, chorei tudo que tinha pra chorar, depois eu disse a mim mesmo “Você tem Estrabismo! Aceite-se!”. Se reconhecer é algo libertador.

– Muito Legal! – alguma coisa físgou em meu peito.

– Isso não fez que eu deixasse de ser rejeitado ou sofresse posteriormente. Levei muitos “foras”, continuei ouvindo zombarias, mas também isso me aproximou de pessoas que me amavam de verdade. Eu tinha ao meu lado pessoas que enxergavam o meu caráter e não a minha aparência. – quando ele disse isso lembrei do que havia dito sobre Caio e Diego.

– Fico feliz que você tenha superado – baixei o olhar lembrando das vezes que achei que o professor Evangelista era maluco – acho que eu também preciso me reconhecer em algumas coisas.

– Eu vou me casar João. Com uma mulher que me ama de verdade. Eu estava agradecendo a Deus por todos os “fora” que eu levei na vida, porque só assim eu estaria tão feliz como me sinto agora. Me sinto muito amado por meus alunos e colegas. Sobre os óculos escuros, decidi usar porque queria que as pessoas pudessem enxergar o meu coração antes de ver os meus olhos.

Não me contive e o abracei. Abracei como se tivesse pedindo desculpas. Me senti uma pessoa tão preconceituosa, mas não tive coragem de dizer a ele sobre minhas primeiras impressões.

– Eu gosto de você Agenor Evangelista – me desencostei dele e olhei em seus olhos – você me lembrou um amigo de infância. Ele se chamava Jhonny.

– O Jhonny devia ser um cara de sorte por ter um amigo como você. – disse ele.

– Depois me conte sobre sua viagem ao Alasca. – falei lembrando – e parabéns pelo seu noivado.

– Ah obrigado! Sobre a viagem, foi uma coisa que determinei quando eu tinha 20 anos. Anotei meus sonhos em um papel e eu disse a Deus que eu ia realizar todos. Acho que ele gostou da minha determinação porque ele quer que eu seja feliz. E eu realizei muitos sonhos. Alguns pequenos. Mas estou realizando. – me contou com entusiasmo.

– Acho que interrompi sua conversa com Deus, é melhor eu ir. – disse rindo.

– Não. Ele participa de tudo. E está feliz porque você está aqui também – ele deu uma pausa – me conte um pequeno sonho de criança que você nunca realizou?

– Bom. Acho que o sonho de ser um cantor – pensei um pouco mais – ah, eu também queria muito criar um coelho, mas meus pais nunca deixaram.

– já tinha até me esquecido disso.

– Sério? Um coelho? – ele perguntou com admiração – geralmente crianças sonham com um cachorro ou um gato.

– Pois é, eu queria um coelho! – peguei o celular no bolso e vi o horário – bom, a conversa tá boa, mas preciso ir. Até mais. – apertei sua mão e dei alguns passos.

--Você esqueceu de falar com Deus. – disse ele ainda sentado.

– Ah... até logo Deus! – falei meio sem jeito olhando pra janelinha.

– João. Mas não esqueça, Deus não está apenas nessa capela. Ele está aonde você estiver também. – confirmei com a cabeça e sair.

Ao toque do último sinal, a Senhorita Miranda passou por mim e disse que ia em casa, mas às 19hs passaria aqui pra me buscar. Tentei conter minhas emoções, mas dentro de mim acontecia uma explosão. A conversa com o Professor Evangelista, ou melhor, com o Agenor, me encorajou sobre essa

noite. Talvez eu precise começar a quebrar meus bloqueios, pelo menos alguns.

Eu estava contando ao Sávio sobre o convite da senhorita Miranda, quando ela apontou no portão. Ele duvidava que fosse verdade, mas quando ela acenou no portão com sua moto, engoliu o riso. Ele gritou enquanto me direcionava à ela “Boa noite pra vocês hein!? Aproveitem que a noite está linda!”, fiquei pálido de vergonha com o seu tom de voz. Me aproximei e disse:

– Não se importe com Sávio! Ele é louco!  
– Tudo bem João – ela disse enquanto eu subia no assento traseiro da moto – ele me parece bem simpático. Podemos ir?  
– Sim. Pode pegar à próxima rua a direita e ir direto.  
– Você tem medo de andar de moto com uma mulher? – perguntou ela enquanto pilotava.

– Claro que não! – respondi com a voz abafada pelo capacete.  
– Que Bom! Menos um homem machista no mundo! – disse rindo.  
– Nunca aprendi a pilotar uma moto. O máximo que sei é andar de bicicleta.  
– acho que me sou péssimo em iniciar conversas.  
– Mas se tiver vontade, ainda é tempo! – disse ela.  
– Dobre na próxima à esquerda. É bem na esquina! – após dobrar – chegamos! É aqui que moro. Você quer esperar aqui ou gostaria de subir? – perguntei.

– Bom, não gostaria de ficar sozinha na rua. – ela respondeu.  
– Desculpe a indelicadeza, é que minha casa, na verdade é um pequeno quarto. Nunca recebo visitas. Imagino que esteja uma bagunça. – disse sem jeito.

– Sem problemas. Minha casa também não é nenhum luxo. Na verdade, moro num pequeno apartamento alugado.

– Pois vamos! Prometo não demorar. – ela veio me acompanhando.

Ao entrar Dona Joana que estava na recepção foi logo dando um “Boa noite!” bem desconfiado. Devia estar admirada por nunca me ver entrando com ninguém na pensão, mas imediatamente apresentei:

– Boa noite Dona Joana, essa é Miranda, minha colega de trabalho. Miranda, essa é Dona Joana, dona do estabelecimento.



– Estabelecimento não! É quase um hotel! – disse brincando enquanto apertava a mão de Miranda.

– Prazer, ele me chama de Miranda porque na escola a diretora tratam quase todos pelo sobrenome, mas eu me chamo Elisabeth. Elisabeth Miranda. – disse ela.

– Prazer Elisabeth. – respondeu Dona Joana enquanto eu fiquei paralisado ao ouvir a confirmação – Eu tinha uma cadela que se chamava Elisabeth, mas morreu.

– A senhora é tão engraçada! – Miranda, ou melhor, Elisabeth deu uma gargalhada com o comentário de Dona Joana.

– Dona Joana, se contenha! Colocar nome de gente em bicho! – Falei constrangido ao mesmo tempo que meu coração batia forte.

– E o que é que tem? Tem bicho que é melhor que muita gente! – disse Dona Joana.

– Vamos... Elisabeth! – chamei ela pra subirmos as escadas.

Fiz alguns segundos de silêncio sem saber o que dizer. Pensei em comentar sobre o fato de estudarmos juntos na infância, mas não sei se ela lembraria. Abri a porta e de onde estávamos consegui apresentar toda a quitinete. A cama estava meio bagunçada, a mesa estava arrumada como sempre deixo com uma vela apagada dentro de um pequeno castiçal no centro e minhas mãos estavam brancas e suadas.

– Você disse que nunca recebe ninguém, mas acho que aconteceu um jantar romântico aqui. – disse ela olhando pra mesa.

– Não. Eu gosto de arrumar a mesa pra comer. Espero que não repare a bagunça da cama. Na semana não tenho arrumado muito o quarto. Sempre faço as faxinas nos finais de semana.

– Não se preocupe João. Por ser um homem, você é muito organizado – depois tentou consertar – quer dizer, não que homens não sejam organizados, mas pra mim é incomum. Meu antigo namorado era altamente desorganizado e machista. Eu me recuso a ter preconceitos. – se justificou.

– Eu nunca admiti ser uma pessoa preconceituosa. Confesso que é difícil. Às vezes em coisas que parecem pequenas habita o preconceito. Ultimamente tenho refletido muito sobre a forma como vejo as pessoas e até a mim mesmo. – admiti como amigos de infância que se reencontram.

– Entendo o que você está dizendo. – ela disse como se lembrasse de algo.

– Mas vou tomar um banho expresso – falei me lembrando da visita a Enzo – pode se sentar aqui – puxei uma cadeira na mesa – vou me arrumar o mais rápido possível.

Peguei umas roupas na gaveta da cômoda – quase não consegui abri – ela fez silêncio enquanto observava a janela de frente pra mesa. Entrei no banheiro, derrubei o shampoo e a saboneteira, parecia não haver forças e lá mesmo me arrumei. Sair pronto.

– Vamos!?! – já perguntando ao abrir a porta como quem abre cortinas de um espetáculo.

– Sim! – disse ela se levantando – você fica bem diferente sem a farda do Portinari.

– Você também!

Saímos em direção à casa de Enzo. Não conversamos durante a ida. Ela já sabia o caminho. Quando chegamos quase em frente vi um carro estacionado, e imediatamente o reconheci.

– Esse carro é da Senhorita Margareth! – disse a Elisabeth.

– Ela deve estar aí. Vamos lá. – respondeu com serenidade.

– Não sei se é uma boa. Não seria melhor deixa-la sair? – transpareci meu desapontamento.

– Claro que não João! Do que você tem medo? – ela perguntou.

– Nada. Vamos então! – a tábuia que fechava o buraco no muro já estava retirada então entramos e batemos palma.

– Oi professora Miranda! – disse uma senhora que saiu da casa – Vamos entrando.

– Oi Lourdes, tudo bem? – elas se abraçaram – Esse aqui é o João Victor, porteiro do Portinari – me apresentou.

– João Victor? O que nos deu aquela cesta básica? – me deu um abraço – que prazer em conhece-lo.

– O prazer é meu. – disse constrangido – Esqueça sobre a cesta. Não foi um favor. Foi de coração.

– Mesmo assim muito obrigado. Chegou na hora certa. Deus sempre usa seus anjos quando a gente chega no limite. – disse Lourdes.

– Não sou anjo. Sou um simples mortal. – respondi ainda sem jeito.

– Que linda João sua atitude – disse Elisabeth Miranda – fico muito feliz por ainda existir pessoas como você. – me derreti com o elogio.

– Mas vamos entrando – disse Lourdes – A Senhorita Margareth está no quarto com Enzo. Ela também nos trouxe uma cesta com cereais e frutas. – entramos na sala.

Lourdes é uma mulher que parece ter seus vinte e poucos anos, mas devido a dura rotina, suas mãos são grossas, a pele é vermelha e a ponta dos cabelos alaranjados devido o trabalho sob o sol.

– Boa Noite Senhorita Miranda e Sr. Cruz! – nos recepcionou a Senhorita Margareth já em pé na sala.

– Boa Noite Senhorita Margareth! – respondemos.

– Que surpresa os ver aqui.

– Viemos ver como Enzo está. – respondeu Elisabeth.

Enzo veio do quarto correndo e abraçou Elisabeth, escondendo o rosto no vestido dela, como se não quisesse que alguém olhasse. Ou melhor, que eu não olhasse. Elisabeth falou que estava com saudades, enquanto a mãe dele contava sobre sua boa recuperação e as dificuldades que estavam passando recentemente. Não conseguia dizer uma palavra e nem olhava para a Senhorita Margareth. Nos sentamos todos à mesa e Lourdes nos serviu café com algumas bolachas água e sal. Enzo ficou o tempo todo abraçado com Elisabeth, mas não olhava pra mim.

– Você não falou com João, Enzo. – disse Elisabeth.

– Acho que eles não se conhecem bem. – retrucou Senhorita Margareth – aliás, parabéns pela atitude de comprar uma cesta básica Sr. Cruz.

– Sei que todos estão gratos, mas não acho que fiz nada demais. Espero que não comentem com mais ninguém sobre isso. – Lívia entrou na casa com seu bebê nos braços – Olá moça tudo bem?

– Tudo. Esqueci seu nome. – disse ela.

– É João Victor. Você e seu filho estão bem? – perguntei.

– Sim. Graças a Deus!

– Posso segurá-lo? – perguntei olhando para o menino nos braços dela.

Ela consentiu e todos me olhavam enquanto eu brincava com o garotinho. Ele começou a rir pra mim.

– Ele parece gostar de você João. – disse Elisabeth.

– Como ele se chama Enzo? – perguntei.

– Gabriel. – respondeu ele meio tímido.

– Posso conversar com você e Gabriel a sós? – perguntei a ele.

Ele demorou um pouco, mas consentiu com a cabeça. Então deixamos as mulheres na cozinha e fomos para uma calçada do lado de fora da casa. Sair segurando Gabriel nos braços.

– Você tá chateado comigo por que eu falei aquilo, não é? – perguntou ele imediatamente.

– Eu nem lembro mais o que você falou. – contei.

– Sobre você está se metendo na equipe...

– Não continue por favor. Esqueça isso. – o interrompi – eu não estou chateado com você.

– Agora todos na escola sabem que sou pobre. – comentou ele – você deve ter contado no dia que veio aqui.

– Não comentei nada Enzo. E não vejo porque comentar. Acho que o único problema que existe foi você mesmo quem o criou.

– Que problema? – ele quis saber.

– Você criou com mentiras uma vida que não tem e se isolou das pessoas pra que elas nunca descobrissem a verdade. Não estou julgando você. Eu também já fui o garoto pobre do Portinari e todos sabiam. Mas eu tive amigos, poucos, mas tive. Sempre existirá alguém que nos aceite como somos e nós devemos nos aproximar dessas pessoas.

– Eu não gosto de ser pobre. Nunca levar um dinheiro pra comprar um lanche e ter que comer todo dia aquele macarrão frio com atum que servem no Colégio. – desabafou.

– Enzo, sou adulto, mas mesmo assim não tenho muita coisa que queria. Tive uma infância pobre e depois fiquei órfão, precisei me virar sozinho na vida. Menti algumas vezes como você fez pra ser aceito pelas outras pessoas e pra achar que eu tinha algum valor. Mas acredite, aprendi que nunca valeu a pena. Todas aquelas pessoas que eu queria agradar não estão mais na minha vida e nem sequer lembram que existo. Talvez muitas delas estejam ricas e bem de vida, enquanto eu perdi muito tempo paralisado tentando agradá-las – dei uma pausa enquanto ajeitava Gabriel nos braços – você tem uma oportunidade que muitos não tem. O Portinari é o colégio mais bem-conceituado da cidade, existem pessoas que investem em você. Talvez hoje você nem estaria estudando se dependesse do pouco dinheiro que sua mãe ganha. E outra, você está estudando cara! Pode crescer e ser um homem bem-sucedido se escolher esforçar-se.

– Os outros garotos vão zombar de mim se souberem que menti e que minha mãe é a mulher que cata latinha nas ruas da cidade.

– Enzo, sua mãe tem um trabalho digno. Muitas pessoas que constroem palácios enriquecem enganando pessoas como a sua mãe. Eles são desonestos, corruptos e eles não possuem nada além de dinheiro. Aqui você tem amor, dignidade, pessoas que te amam e te apoiam, você tem o Gabriel, e quando ele crescer pode ter muito orgulho de ter um primo como você. Então levante sua cabeça e seja quem você é. Não é necessário expor sua vida às pessoas ou aos seus colegas de escola.

– Não sei como consertar o que já comecei...

– Comece com a verdade. Faça seus colegas perceberem o quanto sua amizade é rica. E enquanto eu estiver naquele portão, estarei te apoiando. – dei um sorriso esperando uma reação dele. Ele abriu os braços envolvendo Gabriel e eu.

– Eu queria ter um pai assim como você. – me disse perto do ouvido.

– E eu queria ter um filho como você.

Continuamos os três abraçados quando percebemos que todas as mulheres estavam atrás de nós. A Senhorita Margareth estava com um semblante desconsertado, tentou desfazer seu olhar de comoção com um “preciso ir”. Despediu-se rapidamente como quem está prestes a perder o último trem. Elisabeth sentou-se ao nosso lado e ficamos os quatro – quase que colados. Sinto meu coração pulsando no braço esquerdo de forma que o braço direito dela deve estar sendo pressionado. Lourdes e Lívia entraram nos deixando a sós. Por um segundo sinto como se fôssemos uma família. Pai, mãe e filhos – lembrei da velha fantasia da adolescência quando eu dizia que teria uma família diferente da minha e que teria dez filhos.

– Acho que você vai ser um ótimo pai. – disse Elisabeth.

– Não sei se algum dia serei. – deixei esvaír uma frustração.

– Ainda é tempo! – disse ela olhando bem nos meus olhos.

Consegui perceber que os olhos dela não mudaram. A aparência mudou bastante, mas o olhar era o mesmo. Era realmente a Elisabeth da 4ª série – a menina mais feia da classe. Não consegui ainda tocar nesse assunto. Depois nos despedimos de Enzo e sua família. Gabriel chorou quando saiu dos meus braços – acho que ele gostou de mim. Deve ser muito difícil, duas mães criarem seus filhos sem a ajuda de um pai. Consegui enxergar nelas a coragem de quem nunca vai desistir. Antes de sair lembrei a Enzo sobre o

trabalho no Sábado na casa de Juliana. Disse que passaria para pegá-lo. Ele quis resistir, mas por fim concordou.

No caminho de volta, Elisabeth manobrava a moto e contava o fato de Lourdes ser muito grata por tudo que fazem por ela e por Enzo. Disse que ela nunca teve estudo e sempre se virou na vida como podia. Me identifiquei, na parte em que sempre teve que se virar só. Ousei convidar Elisabeth pra comer uma pizza – eu não tinha dinheiro, mas vim prevenido e trouxe o cartão de crédito – ela não entendeu o que eu estava falando por causa do capacete. Então falei mais alto.

– Eu estou convidando você pra comer uma pizza.

– Pizza? Vou quebrar o meu regime! – disse sempre com um bom humor.

– Então isso é um sim? – perguntei falando alto.

– Não sou de dar um “sim” fácil, mas é um sim! Sim!!!

Sugeri que fossemos à mesma pizzaria onde a vi sentada outro dia, mesmo achando que a massa de lá tem gosto de pão com manteiga.

– Como sabe que gosto daqui? – falou ela tirando o capacete e descendo da moto.

– Eu não sabia! Imaginei. – titubeei e quase disse “porque já te vi aqui”, isso poderia gerar mais perguntas e mais mentiras.

– Quando estou deprimida quebro meu regime aqui. – ela prende os cabelos com um elástico – mas faz mais de um mês que não venho. Da última vez eu estava muito triste. Comi muito.

– Mas hoje você não está deprimida né? Se quiser podemos ir a outro lugar.

– o que pra mim não seria má idéia.

– Não. Hoje eu estou bem. – respondeu.

– Que bom. – entramos e fui logo me certificando que recebiam cartão de crédito – vamos sentar aqui. – puxei uma cadeira que ficava numa mesa do lado externo. Ela sentou com uma expressão de quem está tensa por algum motivo, mas permanece sorrindo. O garçom trouxe o cardápio. Eu nem acredito que estou sentado em frente à Senhorita Miranda, ou melhor Elisabeth. Nessa temperatura do termômetro não consigo pensar nas minhas frustrações passadas, tudo o que sinto é um inexplicável contentamento. Começamos falando sobre Enzo e sua família, sobre algumas histórias engraçadas do colégio e contei minha história com a faculdade de Ciências Biológicas. Evitei falar sobre Chantal.

– Como uma pessoa termina uma faculdade e não exerce? – perguntou atônita.

– Não sei explicar. Acho que foi um erro. Me senti pressionado a fazer uma faculdade. Se eu pudesse voltar atrás talvez tivesse tentado fazer Música.

– Como você é formado, qualquer coisa posso pedir pra você me substituir em sala de aula. De certa forma somos colegas de profissão. – comentou brincando.

– É. Meio louco né? Todo mundo diz a mesma coisa. Teve um tempo que até pensei em tentar, mas soube que muitos colegas que terminaram comigo discorreram por outro caminho devido à falta de oportunidades na época.

– Verdade. A questão não é só terminar a faculdade. Tem que batalhar por espaço depois. – disse concordando.

A nossa pizza com suco de acerola chegou. Temos o mesmo gosto. Pizza mista com metade frango e a outra metade calabresa. Ela perguntou sobre minha família, respondi resumidamente, – o que não deixa de ser triste – e pela primeira vez me sinto bem ao ouvir alguém dizer “lamento”. Certifiquei que agora estava tudo bem. Até que finalmente toquei no assunto mais esperado – a 4ª série no Portinari.

– Você disse que já estudou no Portinari.

– Sim. Faz muitos anos. – respondeu olhando para o guardanapo e arrancando as pontinhas.

– Eu acho que lembro de você. – ousei dizer.

– Come a pizza se não vai esfriar. – emendando “você” com “come” como se fossem uma palavra só ou talvez ela tenha a mesma mania que tenho de adivinhar o que as pessoas vão falar.

– Você não quer falar sobre isso? – quis saber.

– Não. Eu não gosto de falar sobre isso. – disse séria cortando um pedaço de pizza.

Comi um pedaço de pizza quase inteiro pensando “droga, fiz merda”, e pra piorar ela emudeceu com um semblante nada angelical. Penso, penso e penso, talvez ser a “feia da classe” não seja uma boa lembrança ou quem sabe aconteceram coisas piores. Recordo que ela não dava muita bola para a maldade das crianças, mas tem coisas que reverberam depois de algum tempo.

– Você gosta de suco de acerola também? – perguntei constrangido sem ter o que falar.

– Sim. É o meu preferido – olhou para o relógio – não querendo ser inconveniente, mas são quase 22hs, acho melhor irmos porque preciso acordar cedo. – ainda tinham cinco pedaços de pizza na bandeja.

– Tudo bem, eu também preciso acordar mais cedo porque vou recepcionar a banda musical do Corpo de Bombeiros da Cidade. – penso que ela deve estar mais constrangida do que estou.

“Peço desculpas ou não”, “Pergunto o que eu falei de errado ou não”, mas apenas peço a conta e passo o cartão. Ela queria dividir o valor, mas não aceitei. Sugeri que eu fosse andando pra casa já que não fica tão distante, mas ela insistiu até que subi na moto. Não disse uma palavra até chegarmos na porta da pensão e com um leve sorriso – que enxerguei pelas expressões nos olhos através do capacete – deu um “Boa Noite!” abafado. Agradei e ela dobrou a rua. Deitei na cama com a mesma roupa, pensando no que eu podia ter falado de errado – acho que não existe nada pior que não ter a certeza das coisas e ficar preso no que não foi falado – prometo não mais comentar sobre a 4ª série com ela. Apesar de tudo foi uma noite especial. Só acho que estou sofrendo. Eu estou apaixonado por Elisabeth.



## CONFISSÕES

Amanhã seria feriado se não fosse Sábado. Feriado quando cai no final de semana é igual eu quando me apaixono: parece bom, mas não serve pra nada. Depois de uma noite sem dormir, acordei de péssimo humor, repito “releve, por favor, releve a sim mesmo”. Falar o mínimo possível é o que quero vestir hoje. Os professores e funcionários foram chegando mais cedo a pedido da Senhorita Margareth. Inclusive quando cheguei, muitos já estavam na sala de reuniões. A Elisabeth, ou não sei se volto a chama-la de Miranda, chegou por último – talvez não dormiu bem devido o horário que chegou em casa. Passou por mim um pouco apressada e deu apenas um “Bom dia João”, sem nenhum grau de intimidade. Respondi “Bom dia Senhorita Miranda” sentindo um cheiro de baunilha vindo dos seus cabelos esvoaçados. Nem parece aquela princesa que estava sentada na minha quitinete ontem à noite. Não consigo entender o que uma simples pergunta pode ter causado – geralmente entendo quando é comigo. Quando perguntam se estou ficando calvo, por exemplo, é uma coisa que me irrita bastante. As pessoas sabem que sim, mas alguma coisa mal resolvida nelas as fazem perguntar. Diferente do que perguntei a Elisabeth, era só ter dito “eu não gostava de ser a feia da classe” ou algo do tipo.

O ônibus do Corpo de Bombeiros da cidade chegou, ajudo a recepciona-los e conduzi-los à quadra. Instrumentos de todos os tipos e tamanhos conduzidos pelos integrantes impecavelmente arrumados. Voltei à portaria onde tive que orientar os alunos a se direcionar para a quadra do Portinari. A cerimônia começou, onde todos os professores organizaram os alunos em filas e cantaram o Hino Nacional acompanhados pela banda – no tempo em que estudei não tinha banda musical, mas a gente cantava o hino nacional e orava o Pai-Nosso todos os dias na fila, antes de ir para a classe. Lembro que enquanto oravam em uníssono, eu fazia outra oração mais ou menos assim “Deus, por favor, que meu pai encontre um emprego, que minha mãe deixe de ficar triste e que ninguém no colégio venha mexer comigo, amém!”, acho que meus pedidos foram atrapalhados pelo restante das vozes que diziam outra coisa. A Sra. Matilde era bastante religiosa, sempre falava

em Deus nos discursos, e eu achava que o deus dela não devia ser tão bom quanto dizia, porque ela não era nada boa.

Por falar em discurso, após o Hino Nacional, a Senhorita Margareth fez um. Falou sobre a história da independência, a banda cantou e tocou o Hino da Independência. Parece que quase ninguém conhecia esse Hino, eu por exemplo, não lembro de já tê-lo escutado, mas fiquei admirado com a musicalidade. Que profissionalismo! Alguns professores fora a frente falar sobre Independência, principalmente o professor de História – O Sr. Martins – que quase não parou de falar. Na verdade, ele foi interrompido para devolver o microfone à Senhorita Margareth que finalizou. A Senhorita Miranda não quis discursar, estava séria o tempo inteiro, mas percebi quando olhou pra mim e desviou o olhar ligeiramente.

A banda continuou tocando, tive que reverter a atenção a todos os espaços. Não fiquei o tempo inteiro na quadra. Retornei ao portão, a Sra. Esperança vinha arrastando uma cadeira de plástico e sentou perto de mim. Ouvia-se o som que vinha do momento cívico, que demoraria ainda um pouco para encerrar, mas parecia que estávamos a sós. Só eu e a Esperança.

– João, me conte a sua história. – franzi a testa estreitando as sobrancelhas.  
– Minha história? Que história? – sem entender disse cada sílaba como se fossem risadas.

– A sua história de vida! – ela respondeu.

– A minha história não é muito interessante, nem atrativa. Nem sei ao certo se saberia descrevê-la. – falei rindo ainda sem entender o pedido dela.

– Eu quero ouvi-la. – insistiu.

– Porquê gostaria de ouvi-la? – perguntei ao mesmo tempo que lembrei – Um dia fui tentar desabafar com um colega de trabalho e quando terminei meu desabafo sabe o que ele disse?

– O quê?

– Que eu estava me vitimando!

– Sério que ele disse isso? – fazendo uma cara de espanto.

– Sim! Imagino que não soube me expressar bem, eu estava tentando desabafar, quando ouvi isso me senti muito pior e evitei falar com outras pessoas sobre o que sentia.

– João, por mais que estejamos vivendo em um mundo egoísta e solitário, ainda existem pessoas dispostas a nos ouvir. Eu estou disposta a ouvir você. Não faço isso porque sou idosa – e acham que idosos gostam de conversar muito – ou porque simplesmente quero saber o que aconteceu com as pessoas. Eu faço porque me importo com você e acho importante que você seja ouvido – mesmo que não saiba se expressar como gostaria.

Fiz quase um minuto de silêncio e tento desfazer algo preso na garganta.

– A senhora chegou do nada pedindo isso. Não esperava... não sei o que dizer.

– Sinto que esse momento cívico não aconteceu em vão. Ele está servindo para que você também seja independente. – disse ela rindo com serenidade.

– Mas de certa forma sempre fui independente. – lembrei.

– Falo de outra independência. A independência do medo, da solidão, dos pensamentos opressores, do lixo que costumamos reter na mente sem nunca os reciclar. – ela pegou nas minhas mãos e fixou nos meus olhos – vamos ao banco do jardim! – me conduzindo.

– Porque não ficamos na portaria mesmo? – questionei enquanto caminhávamos – a Senhorita Margareth pode nos ver aqui conversando.

– Porque sei que esse banco representa um lugar muito especial pra você. Quase um refúgio. Imagino que aqui você deva ter confessado em silêncio suas dores mais profundas, mas chega um dia que todo o grito contido precisa ecoar. – sempre olhando em meus olhos que já estão lacrimejados.

– A senhora é tão especial Esperança. Nunca imaginei existir alguém tão surpreendente.

– Não pense que alguém diria isso de mim há anos atrás. – ela deu uma gargalhada.

– Sério? O que houve? – perguntei curioso.

– Agora não. Outro dia lhe conto, mas posso lhe adiantar que fui transformada quando reciclei tudo que estava na minha mente. Ou quase tudo. E comecei confessando as minhas angústias. Não aquela confissão que se faz na igreja por medo ou obrigação, mas uma confissão a si mesma, a Deus e às pessoas que ele colocou no meu caminho, que estavam dispostas a me ouvir.

– Não sei como começar... – disse meio sem jeito.

– Comece pelo começo ou pelo final, ou por onde se sentir à vontade.

– Bom, eu... eu era filho único de meus pais. – dava pausas constantes ao falar – Na verdade minha mãe perdeu seu primeiro filho, e meu pai vivia me dizendo que eu fui o maior milagre de minha mãe. Nasci dois anos depois da perda, então nos primeiros dias de nascido ela me tratava com frieza porque tinha medo de colocar expectativas em mim. Achava que eu ia morrer também como o meu irmão. Ela demorou um pouco pra me aceitar.

– Como você sabe disso? – ela quis saber.

– Ela, a minha mãe, me contou pouco antes de partir.

– Continue.

– Meu pai trabalhava há muitos anos numa sapataria – a mesma que trabalhei anos depois – acho que foi o único emprego que ele teve. Quer dizer, teve um tempo que ele começou a vender picolé na praia. Minha mãe foi expulsa de casa quando tinha 18 anos porque se apaixonou pelo meu pai e os dois resolveram fugir – ela achou que depois a família dela a perdoaria e acabariam em algum momento aceitando-os – mas isso nunca aconteceu, nem mesmo com as notícias da gravidez. Papai disse que ela nunca mais foi a mesma jovem depois disso e se sentia muito culpado por isso. Quando perdeu o primeiro filho, foi como uma perda dupla, porque aquela criança poderia ser uma esperança para que meu avô a perdoasse. Minha mãe se chamava Ana Nelice e papai, João Antônio. O meu avô materno tratava os filhos com muita severidade e rigor, meu pai dizia que a esposa dele – minha avó – não podia nem falar. Quando minha mãe foi falar com eles pra pedir perdão, ele mandou dizer que não tinha mais filha. Mandou só o recado por um encarregado da casa. Nunca os conheci. Nem ao menos lembro seus nomes. Meu pai por sua vez era órfão e foi criado por uma avó que já tinha falecido quando nasci. Ele tinha vários irmãos, filhos de meu avô com outra mulher que não era a minha avó, e meu pai dizia que eram todos ricos, bem de vida, mas que nenhum nunca o procurou. Eu me sentia estranho, com avós, tios e primos que nunca conheci. Minha família sempre foi apenas minha mãe e meu pai. – dei outra pausa – A senhora quer mesmo continuar ouvindo? – perguntei.

– Se você não se sentir incomodado: sim! – afirmou.

– Minha mãe – continuando – trabalhou na casa de uma vizinha por algum tempo fazendo faxina pra complementar na renda, papai me matriculou no Portinari sem ter condições, soube depois que isso foi motivo de muitas

brigas entre eles. Eu gostava de estudar aqui, quer dizer só até a 3ª série. No ano em que completaria 10 anos, foi o pior da minha vida. Meu pai ficou desempregado, minha mãe de vez em quando fazia faxina, e ela que no começo reclamava por eu estudar numa escola particular, passou a pagar o Portinari com o dinheiro que juntava das diárias. O pior de tudo foi que meu pai se desequilibrou totalmente, começou a beber todos os dias e a chegar tarde em casa. Presenciei muitas discussões e até agressões físicas. Eles não me poupavam das palavras que diziam um ao outro. Minha mãe passou a ficar muito revoltada e eu não estava rendendo bem na escola. Tirei minha primeira nota baixa em Estudos Sociais – chorei de terror nesse dia. Me sentia rejeitado por crianças da minha classe e só tinha apenas um amigo – que se chamava Jhonny – ele tinha um problema auditivo e era a única pessoa que fazia com que eu esquecesse por alguns minutos minhas tristezas. A senhora tá conseguindo entender ou tá meio confuso? – quis saber.

– Eu estou entendendo tudo João. Não se preocupe, estou apenas prestando atenção.

– Se não bastasse ainda teve o roubo do cadeado. – falo ao mesmo tempo em que me arrependo de lembrar.

– Roubo do cadeado? O que aconteceu? – ela perguntou curiosa.

– Acho melhor não contar agora, se não a senhora vai começar a misturar as histórias. – disse com um sorrisinho e a minha testa deve ter franzido mais ainda.

– Fale como achar melhor filho. – ela disse como se pedisse para prosseguir.

– Meus pais se separaram quando faltavam 3 dias para o meu aniversário de 11 anos. Eu tinha acabado de entrar de férias. Ele não tinha conseguido outro emprego então começou a vender picolé na praia. A pele morena clara foi substituída por uma pele vermelho escura e um aspecto sofrido. Papai era muito charmoso – queria eu ter a beleza que ele tinha na idade que tenho – mas os vícios junto com o desemprego descaracterizaram aquele homem que conhecia antes. O meu herói passou a ser o meu maior motivo pra sentir medo. Se tornou agressivo – apesar de nunca ter me batido – mas chegou a agredir minha mãe e algumas vezes na minha frente. Criança não esquece as coisas. Os adultos pensam que elas não têm memória, mas se não tiverem acompanhamento e atenção se tornarão pessoas como eu.

– Eu posso imaginar como você se sente João. – disse ela pegando na minha mão esquerda.

– Minha mãe estava doente, com muita febre, e naquela manhã eu havia comido um pedaço de pão seco com café – que ela preparou mesmo sem consegui ficar de pé direito – e ela chorava muito, eu não sabia se era por causa da enfermidade ou por me ver se alimentando mal. Enquanto isso meu pai não havia dormido em casa como vinha sendo de costume. Minha mãe mexeu em um travesseiro e achou um dinheiro que ele havia escondido. Ela sentou na cama com o dinheiro na mão quando ele chegou. Ela gritava que estávamos passando necessidades enquanto ele passava a noite fora e escondia dinheiro em casa. Houve um momento que ela não parava de gritar e ele, embriagado, bateu com muita violência nela, ali mesmo deitada, sem que ela tivesse nenhuma defesa. Eu gritei desesperado “Larga minha mãe!”, ele nervoso sem dizer nada colocou uma parte do dinheiro na minha mão e saiu. Fiquei abraçado ela. – a voz embargou impedindo que eu conseguisse pronunciar alguma outra palavra.

– João, se não quiser continuar agora, entendo. – disse a Sra. Esperança tentando me confortar.

– Tudo bem. Está tudo bem. – continuando – Abracei minha mãe, então ela se levantou, pegou um saco bem grande e colocou algumas roupas dentro. Sem levar nada além das roupas, pegou na minha mão e fomos a uma parada de ônibus. Não perguntei nada. Eu apenas confiava no que ela estava fazendo. Depois de passar horas dentro da condução, já era quase noite quando chegamos à casa de uma amiga dela – eu nem sabia que mamãe tinha amigas – que nos tratou muito bem e nos acolheu. Minha mãe disse que ia ficar uma semana por lá, mas passamos quase 14 anos, ou melhor eu passei porque ela partiu seis anos depois. Passamos três meses na casa de Glerice – a amiga dela – era uma casa pequena de dois quartos; cozinha, sala e banheiro bem pequenos, tinha uma cerca de arame para dar segurança a casa e ainda tinha os dois filhos de Glerice com um cachorro que moravam lá. Mamãe alugou uma casa onde moramos um bom tempo – quando sair de lá eu já havia me formado na faculdade. Sobrevivemos no começo através das faxinas diárias. Estudei da metade da 5ª série até me formar em escola e faculdade públicas.

– E o seu pai? – ela perguntou.

– Papai nos encontrou anos depois. Eu já tinha 15 anos e mamãe estava hospitalizada. Ele mandou me chamar num bar que ficava perto da minha casa, e quando o vi depois de 4 anos tive uma sensação muito estranha, como se fosse um vazio, ele estava muito diferente fisicamente. O álcool acabou com sua aparência e com sua coordenação motora. Chorou ao me ver, tremia muito as mãos e perguntou como eu estava. Disse que estava bem e apenas respondia o que ele perguntava. Não sentia vontade de dizer nada até que perguntou sobre mamãe, então contei que ela tinha sido diagnosticada com leucemia e pedi que ele não se aproximasse mais da gente. Conte também sobre sua depressão e isso não estava ajudando na recuperação.

– Sua mãe morreu disso João?

– Sim. Ela morreu quando eu tinha 17 anos. Os médicos disseram que se não fosse a depressão poderia ter vivido mais. Realmente a pior doença é aquela que começa na mente, e conseqüentemente não ajuda o corpo. – afirmei.

– E seu pai? O que aconteceu?

– Ele vendeu a casa em que morávamos e veio deixar uma parte do dinheiro. Me pediu perdão, me abraçou e foi embora. Me senti como uma pedra fria. Não consegui senti nada, e ele sumiu. Nunca mais o procurei e nem tive notícias dele. Sempre o encontrava em pesadelos noturnos, minha consciência nunca esteve em paz por imaginar que ele não estava bem e de alguma forma fui ingrato. – lamentei.

– Você era apenas uma criança João. Lamento que venha carregando todo o peso dessa história sozinho. – falou segurando minhas mãos.

– Sempre tentei ser forte e evitar lamentações, e ser assim foi uma forma que encontrei pra sobreviver. Algumas pessoas no caminho foram muito cruéis. Tive que sofrer tudo calado.

– Dos 17 anos pra cá você sempre se virou sozinho?

– Conte a minha mãe sobre parte do dinheiro que papai havia deixado, então ela pediu que eu guardasse – já previa sua partida – e quando se foi, continuei na pequena casa alugada que morávamos, terminei o Ensino Médio e no ano seguinte decidi fazer uma faculdade pra ocupar a minha mente. A única pessoa que às vezes eu visitava era Glerice, mas sempre evitava expor minhas dificuldades, já que ela tinha uma rotina muito difícil e às vezes achava que tinha responsabilidade por mim. – outra pausa – Eu

queria muito vencer, mesmo sabendo que me sentia totalmente perdido. Tive um relacionamento amoroso que parecia uma superação, e no começo foi, mas teve um fim muito frustrante. Apesar de tudo, eu precisava daquele tempo inicial pra superar a maior dor da minha vida. Comecei a trabalhar numa padaria como atendente e assim sempre fui dando um jeito de sobreviver.

– Muito triste João, saber que você teve que passar por tudo isso. Você não merecia, aliás ninguém merece sofrer. Mas agora você está aqui. O que pretende fazer com tudo isso? – me questionou.

– Sinceramente não sei. Talvez viver o presente e abrir meu coração para coisas novas, mas parece que o passado é um muro que insiste em surgir na minha frente me impedindo de ser alguém.

– Lembra que eu te falei sobre sentimentos entulhados? Da primeira vez que nos vimos? Então é isso, você não precisa emitir o que o passado te causou. O alicerce da sua história pode ter sido construído com materiais vulneráveis que fizeram com que muitas vezes tudo desmoronasse, mas agora você está aqui e eu te pergunto mais uma vez: o que você pretende fazer com isso? Você vai continuar gastando sua energia na esteira? – me olhando firme.

– Eu quero sair da esteira! – disse com toda força.

– Então resgate a sua história...

Nesse momento passou uma folha de caderno voando. Ela prontamente levantou, pegou a folha nas mãos e começou a rasga-la diante de mim, depois abriu minhas mãos e depositou todos os pedaços.

– A vida por muitas vezes nos despedaça, e isso foge do nosso controle. Nós podemos decidir o que fazer com o que restou. O mais fácil é sempre jogar tudo no chão, mas o certo é colocar tudo naquela lixeira – apontando para a lixeira azul do jardim que está escrito “PAPEL” – porque parece ser apenas lixo, mas se você depositar seus pedaços no lugar certo, eles serão reciclados. Recicle a sua mente!

Olhei pra ela entendendo tudo o que estava querendo me dizer. Me levantei e depusitei os pedaços da lixeira azul.

– É muito difícil. – Olhei para Esperança chorando assim como eu costumava chorar no banheiro.

– Você consegue! – disse ela se aproximando.

– Eu não sei se consigo. Já tentei outras vezes. – ela me abraçou.



– João – ela segurou minha cabeça com as duas mãos e olhou nos olhos – ainda que você morra tentando, você nunca pode desistir da sua história. Porque se você desistir de lutar, na verdade você já estaria morto.

– Eu gostava tanto dos meus pais, eles eram tão especiais. Nunca me perdoei pela forma como os perdi. – sem conseguir conter as lágrimas.

– Não se culpe. Com certeza eles amavam você. Se estivessem vivos certamente não gostaria de saber que você se sente infeliz.

– No dia que mamãe partiu, ela sentiu que seria o fim. Então conseguiu abrir o coração como nunca tinha feito antes. Ela me disse – olhei pro céu tentando me lembrar das palavras exatas – ela disse: “João. Você foi a melhor coisa que me aconteceu. O seu nome significa ‘Vencedor Agraciado por Deus’, sem ter certeza se você venceria porque eu tinha medo de perdê-lo como perdi seu irmão. Você fez jus ao nome que recebeu. Eu sei que você está sofrendo por minha causa, mas tem suportado tudo, sem reclamar de nada. Sinto que estou partindo e minha maior dor é ter que deixa-lo. Procure seu pai. Apesar de tudo ele ama você. Eu sempre fui durona, resistente, mas sempre quis o seu melhor. Desculpe se não lutei por algo que sonhava, eu nunca tive jeito pra sonhos. Eu te amo filho!”, e eu não consegui dizer nada a não ser chorar desesperadamente ao vê-la partir. Queria ter dito muitas coisas. Passei uma semana na cama sem consegui me levantar. Pensei que nunca mais ia conseguir.

– Eu entendo. Agora você precisa encontrar sua felicidade, ou melhor, seu contentamento. Não existem três opções, apenas duas. Ou você se acomoda ou se recicla. É mais fácil se acomodar na dor como vem fazendo durante todo esse tempo, parece mais confortável, mas não é isso que você quer. Acomode-se ou Recicle-se!

A música da quadra parou e alguns alunos começaram a sair. Nem sei quanto tempo durou nossa conversa, mas do jeito mais improvável que pudesse existir, parece que junto com aquelas lágrimas haviam saído um rio que transbordava e que agora tinha voltado ao seu nível normal. Enxuguei o rosto.

– Preciso voltar ao portão. – disse à Esperança.

– Quero que você passe a frequentar a minha casa. Vou fazer um jantar amanhã à noite especial para você.

– Sério? – perguntei sem acreditar.

- Sim! Vou lhe adotar! – disse brincando.
- Já que insiste. Não posso recusar. – falei substituindo lágrimas por um sorriso de boca fechada.
- E ai de você se recusasse! – ela falou enquanto caminhava pelo jardim.
- Seus filhos não vão se incomodar?
- Tenho certeza que não! – respondeu de longe.

Durante o almoço sentei na mesa à frente de Miranda. Nunca tinha feito isso antes. Ela estava conversando com a Senhorita Anjos – a professora de português – quando ousei interromper.

- Preciso falar com você Elisabeth.
- Com licença. – disse a Senhorita Anjos se retirando.
- Obrigado.
- O que houve João? Seus olhos estão avermelhados. – disse ela meio desconfiada.
- Estou tentando não guardar mais sentimentos ruins, e não estou me sentindo bem desde ontem à noite. Sinto que falei algo que a senhorita não gostou, mas seja o que for, garanto que jamais lhe faria mal. – tentei ser bem direto.
- Eu que peço desculpas se dei essa impressão. – ela fez uma pausa procurando palavras – mas não é nada pessoal com você. Quer dizer, é pessoal. Ou melhor, eu não sei explicar. – ela parecia meio confusa.
- Tudo bem, só fiquei preocupado, mas se não quiser falar não tem problema.
- Quando eu tinha 10 anos – ela olhou pra cima como se buscasse forças – eu gostava de um menino da minha classe. Ele era tímido, calado, às vezes sentava ao meu lado e ele foi o meu primeiro amor. Ele jamais deu bola pra mim – ela riu como se quisesse chorar – eu era feia. Ou melhor, todos diziam que eu era feia. Isso nunca me afetou sabe? Meus pais sempre diziam que eu era bonita e eu sabia que se meus pais diziam que eu era bonita, então eu era. Porque meus pais me amavam. Pode ser que eu não atendesse aos padrões sociais da época do era ser bonita, mas só importa a opinião de quem nos ama porque eles nos conhecem além das aparências.
- Entendo, mas sobre o menino da sua classe? – perguntei interrompendo-a.
- Ele se chamava João Victor. – senti o chão abrindo debaixo da cadeira.

– Eu? – perguntei sem acreditar. Uma voz interior gritou “você já viveu isso antes”.

– Desde o primeiro dia que comecei a trabalhar aqui, eu sabia que era você. Quando você se apresentou tentei me conter. – ela confessou.

– Sério? Porque você não me disse?

– Você ia achar que eu estava louca. Imagine chegar e dizer “Oi, eu era sua colega da 4ª série, eu era apaixonada por você, você lembra de mim?”, ainda mais sabendo que você era apaixonado pela Sara! – fiquei estarelecido ao ouvir isso.

– Como você sabe? Já sei. O Jhonny te contou?

– Não. Eu observei sozinha. Eu olhava pra você e você olhava pra Sara do mesmo jeito que eu te olhava.

– Eu achava que você e suas amigas estavam debochando de mim. – contei.

– Não. Jamais. Elas sabiam que eu gostava de você. Quando você derrubou Sara na lama tentei te abraçar, mas você estava transtornado e ficou no banheiro por horas.

– Até disso você sabe!? – perguntei ainda atônito.

– Quando a gente ama João, observamos tudo, porque às vezes fazemos daquele amor o nosso principal foco. Tudo o que eu queria era sua atenção.

– ela deu uma risada – Ai, não acredito que estou contando essas coisas.

– Sinto muito Elisabeth.

– Tudo bem, você estava na mesma situação que a minha. Você não me correspondia e Sara não correspondia você. – ela continuou rindo.

– E porque você não me contou ontem à noite sobre isso? – quis saber.

– Porque tive medo. – ela deu uma pausa – de repente me retornou aquele sentimento de rejeição. Achei que você poderia me olhar com o mesmo jeito do passado.

– Eu passei anos achando que nenhuma garota do tempo de colégio aqui havia gostado de mim. – soltei uma forte risada e gradativamente fui baixando o tom a medida que olhei ao redor e vi pessoas nos observando – que ironia do destino!

– Porque ironia? – ela perguntou intrigada.

– A comida tá esfriando. – respondi.

– Entendi. Você não quer falar. – disse ela levando a colher a boca.

– Eu só não quero falar agora. – comecei a mastigar também.

Nos olhamos em silêncio na sequência de algumas mastigadas.

- Eu ainda tenho contato com Sara. Com Sara e Eduardo. Lembra dele? – rompendo o silêncio.
- Sério? Lembro sim. Como eles estão? – perguntei curioso.
- Casados! – quase me engasguei ao ouvir isso.
- Casados?
- Sim. Eles são os pais de Juliana.
- Juliana Borges? – arregalei os olhos e senti um caroço de arroz adentrando o nariz – Você tá me dizendo que a Sra. Borges é a Sara? E que o Eduardo é o marido dela?
- Exatamente. A Sara Rebouças que se casou com o Eduardo Borges e se tornou a Sra. Borges. Uma socialite fútil que tem um canal nas redes sociais mostrando doações a instituições de caridade, mas pessoalmente é um poço de arrogância. Dizem que ela faz doações para aparecer. O Eduardo é empresário, dono da Joalheria Borges. Sempre está ocupado, não comparece a uma reunião ou festinha da filha.
- Estou sem palavras, e o pior que amanhã estarei na casa deles.
- Fazendo o quê? – ela estreitou os olhos e o tom de voz aumentou como se estivesse me cobrando.
- Fiquei de ajudar a equipe de Juliana com a gincana.
- Boa sorte! – disse desfazendo o olhar crítico.
- Depois conversamos sobre aquele assunto pendente. Preciso ir. – beijei sua mão e sair.

Voltei à portaria e notei que os alunos estavam bem calmos. Deve ser porque hoje é Sexta-Feira. É bem cansativo pra eles passar a semana inteira, praticamente o dia inteiro no Colégio, mas logo os trabalhos da tarde voltaram a todo vapor. Alguns grupos adoram esse período de gincana pra ficar conversando, não estão produzindo nada. Já os que almejam um final de semana no parque aquático estão correndo contra o tempo e só resta apenas uma semana. A vontade de adquirir o prêmio não é só pela premiação em si. Nota-se que existe uma competitividade em ser o melhor, e outra, os ganhadores irão sem a presença dos pais. Dinheiro não falta para a grande maioria. Para alguns frequentar lugares caros não é nenhuma novidade. Eu mesmo nunca fui. O lugar mais badalado que fui uma vez, foi um balneário que meus pais me levaram quando criança. As piscinas eram feitas de cimento, a água parecia marrom e eu tinha a sensação de que toda

a periferia da cidade estava presente – mas vale ressaltar que tinha um pequeno tobogã. Apesar de toda a dificuldade que passei, tenho muito que agradecer por coisas que aprendi decorrentes da minha doce pobreza financeira. Acho que a dificuldade nos ensina a valorizar melhor as conquistas.

Como num filme antigo recordo do quando reencontro com Elisabeth. Achei que ela havia pensado que eu era algum tipo de tarado, mas na realidade me reconheceu à primeira vista. Sara, a menina que eu gostava se tornou naquela senhora arrogante e fútil que conheci naquela circunstância. Elisabeth, a menina mais feia da classe, se tornou a mulher mais bela que conheço. É como dizem “O mundo e suas voltas!”. A Senhorita Margareth não tocou mais no assunto da demissão, mas enquanto ela não desfazer o que disse antes, devo me considerar demitido. Estou me sentindo tão leve que isso parece não me preocupar como ontem. O que me preocupa é ir amanhã à casa de Sara e Eduardo – sinceramente espero que eles não me reconheçam. Acho que ela não ia gostar de saber, que além de ser o novo porteiro do Portinari, eu sou o garoto que empurrou ela numa lama cheia de girinos.

– O senhor está bem Sr. Cruz? – perguntou um garoto que me viu rindo sozinho.

– Estou. Porquê? – perguntei sabendo o motivo.

– Nada! – seu risinho denunciava “você é louco”.

Tenho problemas com risadas, dificilmente elas brotam revelando os dentes, a não ser que eu lembre de uma coisa muito engraçada e comece a rir sozinho, às vezes cheguei a perder o controle. Um fenômeno raro.

O restante do dia foi tranquilo. Caio me disse que a música estava ficando bem legal, então lembrei de perguntar por um detalhe importante.

– Quem vai cantar a música no dia da apresentação?

– Ué. Você! – respondeu ele numa invejável tranquilidade.

– Eu? – gritei surpreso – mas eu não posso. Não faço parte da equipe.

– Mas isso vai ser bem legal. O porteiro cantor. Uma verdadeira reciclagem ambulante! – disse ele abrindo os braços como se anunciasse uma grande atração.

– Caio, isso não vai dar certo! – afirmei.

- Ô João. Eu acho que sei tocar violão bem, mas eu não sei cantar. Minha voz é horrível. Sério mesmo! – disse ele.
- Depois me passa a terceira música por áudio via WhatsApp. Vou ouvir e escolher qual delas fica melhor. Porque eu acredito que vamos cantar apenas uma. E você vai ensaiando no banheiro. Domingo a gente acerta tudo. Vou te passar meu endereço por mensagem.
- Caio, já estou começando a ficar nervoso. – esfrego as mãos frias e pálidas uma na outra.
- Você vai conseguir João. É a sua chance! – achei que recusar seria como dar um “não” a si mesmo. Já não basta o mundo inteiro fazer isso?

Devido a correria do dia, não consegui falar com Elisabeth. Na verdade, nem vi ela saindo. Até a Senhorita Margareth saiu mais cedo. Fiquei sozinho um bom tempo até que Sávio chegou. Aproveito pra ficar mexendo um pouco no celular – que pra mim era mais um despertador e um relógio do que propriamente um celular em si. Estou “stalkeando” – como disse Juliana – as redes sociais de algumas pessoas. Curti bastante fotos, vídeos das crianças e mandei uma solicitação de amizade ao Agenor Evangelista – meu novo amigo. Curti as fotos da viagem ao Alasca. Que lugar lindo! Nem parece que é de verdade. Adoro natureza e no fundo de algumas fotos haviam umas árvores pontiagudas com uma montanha coberta de gelo atrás. Nunca viajei na vida – a não ser das vezes em que me mudei de casa.

Quando Sávio chegou contei tudo sobre a conversa com Elisabeth. Ele ficou me chamando de “pegador” e “sortudo”, tirando sarro da minha cara. Contei que ela gostava de mim no passado, mas atualmente o que pode sentir no máximo deve ser uma profunda lembrança. Ele aconselhou a me declarar, mas não sei como se faz isso. Nos meus picos de coragem, o limite do topo seria escrever. Isso, sempre acho que consigo me expressar melhor escrevendo. Algumas vezes escrevi coisas que me trouxeram arrependimentos, mas nunca fui bom falando. Tenho uma mania terrível de me justificar o tempo inteiro, sem falar da sensação constante de que não consigo deixar claro o que quero dizer. Acho que me sinto bem falando com crianças e idosos, como seu pudesse ser quem sou.

Ao sair do Portinari hoje, não fui direto pra casa. Depois da conversa que tive com Esperança, senti uma vontade enorme de passar em frente à casa onde morei na infância. Já fazem seis meses que retornei à minha cidade natal, mas não tive coragem de retornar a velha casa. Ela fica apenas a duas quadras depois da quitinete onde moro, mas evitei andar por lá. Então caminhei mais um pouco e ao entrar na rua, vi pessoas sentadas nas calçadas, crianças correndo e pedalando suas bicicletas, mesas onde se vendiam comidas e percebi que tinha mudado bastante. Diminui meus passos e lentamente fui passando em frente à casa 12-A, a fachada estava modificada e já não existia a calçada onde eu me sentava com o meu pai. Apesar da vontade chorar trouxe à memória momentos alegres. Lembrei de um dia em que eu, mamãe e papai ficamos dividindo a janela olhando para a rua, mas não falamos nada. Cada um ficou com seu pensamento, e eu pensava no quanto estava me sentindo bem por ter eles dois ao meu lado. Tive que acelerar meus passos porque percebi que algumas pessoas na rua me olhavam desconfiadas – mesmo estando fardado segurando a boina na mão – agora eu era um estranho que pra eles. Talvez pensam que pode se tratar de um maníaco, ladrão ou sequestrador. Sou apenas um menino que ficou preso naquela rua – e agora estava querendo se libertar.

Não contei à Esperança sobre o meu pai. Depois que minha mãe partiu, ele foi me procurar, e eu já não conseguia reconhecê-lo. Aquele meu herói da infância parecia ter morrido. Ele me deu um abraço e eu retribuí sem afeto. Isso foi alguns meses depois – ele pediu Glerice para intermediar o encontro. Vi ele pela última vez na casa dela. Aos 24 anos senti uma vontade de procura-lo, não sabia exatamente onde ele estava morando, mas sabia que era perto daqui. Então voltei aqui na cidade num feriado prolongado que tivemos naquele ano, mas um vizinho me disse que após vender a casa, ele se perdeu na vida, passou a dormir embriagado debaixo de mesas de bares e em calçadas pelas ruas. Até que foi encontrado sem vida. Chorei muito. Mesmo com lembranças tão perturbadoras, pensei em reconstruir minha única família, mas ele já estava totalmente perdido. O vizinho que conhecia meu pai há anos não soube contar bem os detalhes, disse que havia sumido e quando raramente o encontrava, sempre estava num estado deplorável. Fui ao cemitério da cidade confirmar a notícia, eu ainda tinha esperança que aquele velho senhor estivesse enganado, mas eu

encontrei o nome dele nos registros e visitei seu túmulo. Estava escrito na pedra: João Antônio Moreira Cruz. Carreguei esse peso por muito tempo, e cheguei a dizer várias vezes em pensamentos “nunca serei pai”. Percebo agora como isso me bloqueou. Como tanta coisa me bloqueou. E agora o meu processo é abrir todos esses cadeados. Não é fácil, mas eu decido reciclar-se. Sair da esteira!



## UM SÁBADO DAQUELES

Acordei cedo para preparar um bolo de cenoura com uvas passas. Invenitei essa mistura no Natal passado porque eu tinha os ingredientes, então achei melhor usá-los numa nova receita do que comprar Panettone – não ficou igual, mas estava uma delícia. Fui ao mercado comprar as uvas, haviam muita gente nas ruas aguardando as marchas da independência. Ouvi uma funcionária dos serviços gerais comentar que o Portinari não participa de eventos cívicos nas ruas por que a Senhorita Margareth é uma americana patriota e prefere o 4 de Julho, e que a maioria dos pais não gostam de expor os filhos com outros movimentos – devido às suas posições sociais. Pode ser apenas comentários, mas encontro um fio de fundamento. Atravesso a passos longos, ainda preciso buscar Enzo em casa.

Não é um simples bolo – são dois super bolos. Coloco todos os ingredientes na mesa, e não consigo parar de pensar em tudo o que está acontecendo. Parece que estou aprendendo em um mês, tudo o que eu precisava entender por tantos anos. Quando coisas boas resolvem acontecer costumo chamar de “prodígios e maravilhas”, como se fosse uma mágica ou algo sobrenatural. E na verdade estou vivendo grandes milagres, mas não da forma como eu costumava idealizar. Eles se concretizam da forma mais simples possível, em meio ao meu conturbado cotidiano. Acho até que eles sempre existiram, e só agora consigo reconhecer porque estou ajustando minha forma de ver as coisas.

– Ó não! Uma mosca caiu no leite! Vou ter que jogá-lo fora! E agora? – é isso que dá pensar de mais. Como algo automático ouvi a voz de Esperança dizendo que “O leite não se estraga porque caiu uma mosca nele”. Agora isso aconteceu literalmente. Pego uma colher, a apanho e com cuidado coloco seu pequeno corpo no batente da janela. Poucos minutos depois ela voa – ainda estava viva. A salvei a tempo. Tive que ferver o leite porque não confio na procedência das moscas, mas decidi não jogar fora como certamente faria antes. Acho que essa mosca veio como um sinal. Não posso desprezar toda a minha história por causa de dias ruins. Eles sempre

existirão. As moscas existem. Elas podem trazer doenças. Preciso ser maior que isso, e não jogar tudo fora. Acho que é isso!

Como no final do mês sou um cara sem emprego, vou pegar papel, caneta e ativar o sonho de abrir a minha lanchonete. Fora a vontade de cantar, eu também gosto muito de cozinhar e fazer lanches. Então é isso, nada mais de currículo, vou ser meu próprio patrão. Preciso arriscar.

Coloco meu único calção jeans, uma blusa rosa que nunca tinha usado antes e fui com os dois bolos que fiz ainda quente para a casa de Enzo. Um dos bolos é pra ele e sua família e o outro para a casa de Juliana. Ao chegar, Lourdes e Lívia ficam muito gratas, e o pequeno Gabriel parece que me reconheceu. Ele ria e estendia os braços como se quisesse que o pegasse, mas devido o horário dei apenas um beijinho em sua testa. Penso em como posso ajuda-las, mas infelizmente eu também estou em apuros. No caminho Enzo me contou se sentir apreensivo por estar indo à mansão dos Borges.

– Eu também estou Enzo. Você não imagina o quanto.

Paramos em um sinal de trânsito aberto e enquanto esperávamos fechar, dois garotos se aproximaram.

– Tio, compra aí uma bala pra ajudar “nóis”. – disse o maior.

– Você não deveria está estudando garoto? Você e seu irmão. – perguntei.

– “Nóis” não tem como ir. “Nóis” mora na rua. – ele respondeu.

– E cadê seus pais? – perguntei ainda digerindo a resposta.

– Eles estão em outro sinal. – respondeu ele.

– Quantos anos você tem? Você e seu irmão? – quis saber.

– Eu tenho 8 e ele tem 5. – eles pareciam ter mais. Eram apenas crianças.

– Eu não tenho nenhuma moeda. – respondi.

Enzo tirou uma moeda do bolso e deu ao garoto.

– Não dá pra comprar um pacote de bala, mas pode ficar. Era tudo o que eu tinha. – disse Enzo enquanto entregava.

Não me contive. Olhei para o pacote com o bolo em minhas mãos e dei ao garoto.

– O que é isso? – perguntou ele curioso.

– É um bolo de cenoura com uva passa. – respondi.

O sinal de pedestre ficou verde e tive que atravessar com Enzo. Despedi-me apenas com um gesto e percebi a alegria do garoto ao abrir o pacote.

Ele nem lembrou de oferecer as balas aos motoristas parados no trânsito. Enzo ficou em silêncio como quem processa algo interiormente. Penso em aproveitar a situação pra lembrar a ele que sempre existe alguém que gostaria de estar em nosso lugar – mesmo com os problemas que carregamos e achamos que ninguém teria um maior – mas fiquei calado. Chega de falso moralismo. Pensar na condição de outras pessoas pode aliviar de alguma maneira nossos pesos, mas mesmo assim não resolve nossos problemas pessoais. Cada problema é único, assim como escolher enxergar soluções. Acho que cada pessoa precisa analisar a sua própria consciência e escolher como vai reagir depois. Acomodar-se ou Reciclar-se?

Chegamos à casa – quer dizer mansão – de Juliana Borges. Fomos recepcionados por um segurança desconfiado que fez uma ligação confirmando nossa presença, e logo após veio uma empregada muito antipática fazer milhares de perguntas antes de liberar nossa entrada. Ainda no portão, chegaram Diego, Wellington, Rochele e Manoela – cada um em um carro diferente. Então entramos juntos. Juliana veio ao nosso encontro com cara de quem havia acabado de acordar.

– Como vocês chegaram cedo! Cadê o restante do pessoal? – perguntou ela como se estivesse reclamando.

– São 9:30hs. Fomos pontuais. – respondi – faltam apenas Carlos Alberto e Raniele.

– Vamos para a sala de estudos, antes vamos tomar um café da manhã que mandei para Cícera preparar. – falava enquanto nos conduzia ao interior da mansão.

Passamos por uma enorme piscina retangular que ficava de lado. Tudo era feito de vidro esverdeado, dava pra enxergar o interior da casa com exceção das partes que tinham cortinas, vi a HB20 e o Audi rosa escuro que denunciavam a possibilidade de Sara e Eduardo estarem em casa. A garagem era o meu quarto de quitinete multiplicado por seis.

– Sentem-se. – disse ela mostrando uma mesa enorme com tudo que se possa imaginar: bolos, pães, biscoitos, leite, café, geleias, era tanta coisa, algumas nem sei o que era. O bolo que havia feito ia se perder no meio de tanta coisa. Ainda bem que dei àqueles garotos. Logo após chegaram Carlos Alberto e Raniele guiados pela empregada que continuava a olhar com cara

feia e parecia estar incomodada com a nossa presença – ou talvez com a minha. Me sinto no estômago de um peixe diante dessa estrutura e dessa mesa. Peguei um pãozinho com queijo e presunto e comi timidamente com uma xícara de café. De onde eu estava avistei um móvel com fotos da Sra. Borges quando era criança, então tive a certeza de que trata-se realmente de Sara – a paixão quase secreta ou a menina da lama.

Passados alguns minutos, Eduardo Borges vinha descendo a escada em formato de espiral enquanto Sara vinha atrás como se discutissem.

– Você não pode bloquear meu cartão de crédito! Eu incendeio aquela joalheria! Não duvide da minha capacidade! – gritava enquanto o perseguia.

– Você já está me levando a falência mesmo. Um incêndio só ia anteceder o que parece inevitável. – respondeu ele.

– Não me afronte Eduardo... – ela parou de gritar ao nos ver – olá, Bom dia!

– nos cumprimentou tentando disfarçar o constrangimento.

– Bom dia! – disse Eduardo.

– Bom dia! – fomos respondendo enquanto desfazíamos a tensão.

Eduardo olhou para a mesa cheia de crianças e um adulto desconhecido, pareceu meio transtornado quando chamou uma das empregadas. Tive a sensação de que procurava me reconhecer como quem pergunta à memória “de onde o conheço?”.

– Cícera! Por favor leve meu café ao escritório! – olhou pra nós – Com licença – e saiu.

– Mamãe, essa é a equipe do colégio que falei. – disse Juliana nos apresentando.

– Falou? – respondeu Sara como se não soubesse de nada – Ah, sim! E o porteiro faz parte da sua equipe? – perguntou olhando para Juliana.

– Sim. O João vai nos ajudar. – respondeu ela.

– Não foi ele que pegou você pelo braço e defendeu a outra garota? – ela levanta as sobrancelhas e arredonda a boca fechada ao tom da acusação.

– Isso nunca aconteceu senhora! – intervi na resposta.

– Não quero você com amizade com adultos. – disse ela ainda olhando para Juliana como quem fazia questão em me ignorar.

– Se a senhora quiser posso ir embora. – respondi.

– Suzana – olhando para a empregada antipática – fique de olho neles! – ordenou e saiu atrás do marido.

– Imaginei que ela não gostaria de me ver aqui – disse à Juliana – acho melhor eu ir embora.

– Bobagem João. Minha mãe é assim mesmo, não se importe com isso. – disse ela tentando me confortar.

Sara pareceu meio desequilibrada. Os cabelos estavam presos por grampos e usava aquelas roupas que gente rica usa pra dormir, tipo manta de seda. Me ignorou totalmente como aquele dia na diretoria. A arrogância em pessoa. A empregada – a tal de Suzana – ficou em pé feito estátua nos olhando comer. Não consegui engolir mais nada. Espero as outras crianças terminarem enquanto penso “como pude gostar dessa mulher um dia?”.

– Seus pais são donos de uma joalheria, você nem vai precisar se preocupar com joias quando crescer. – comentou Manoela à Juliana quebrando o silêncio.

– Não é bem assim. – respondeu Juliana.

– Vai dizer que sua mãe não tem uma coleção de joias? – perguntou Carlos Alberto curioso.

– Sim, ela tem! Porque vai guardando as que papai dar a ela de presente. – deu uma pausa – Ah, e por falar nisso? Sabe o que meu pai coleciona? – num tom de adivinhação.

– Sapos? – eca!

– Ouro? – não!

– Figurinhas? – nada!

– Selos! – errou!

– CADEADOS! – respondeu ela.

– Cadeados!? – perguntei mais curioso que todos.

– Sim! É uma coleção de infância. Acho até que ele tem todos os cadeados do mundo! – disse ela com entusiasmo.

– Gostaria muito de ver uma coleção de cadeados. – disse desatando um nó na garganta.

– Está no escritório – disse ela – se não estivesse lá mostraria a você.

Fiquei intrigado com a coleção de cadeados de Eduardo Borges, aliás na 3ª série estudávamos juntos – mas ainda estou evitando pensamentos precipitados.

– Posso falar com seu pai? – perguntei.

– Com papai? Ele deve estar discutindo no escritório com a mamãe. – respondeu ela.

– Eu queria falar com os dois. É importante. – afirmei.

– Tudo bem, venha comigo. – Juliana se levantou da mesa e fui com ela até uma porta de vidro fumê verde escuro, mas percebi pela sombra que eles já estavam me vendo. Ela entrou sem bater e comunicou que eu desejava falar com eles. Eduardo já me vendo em pé, fez um gesto com o dedo indicador – como quem chama um cachorrinho desconhecido no parque – na velocidade da luz, Sara se virou de frente para uma cortina. Pedi pra Juliana me deixar a sós com eles.

– Desculpe o incômodo – comecei – mas pedi pra vir aqui porque acho que houve um mal-entendido no colégio em relação a mim – vi os cadeados numa vitrine de vidro como se fossem troféus – e gostaria que tudo ficasse bem. Sara virou-se, os dois me olharam com um ar de superioridade e pude reviver o mesmo sentimento que tinha nos tempos de colégio. Eles permaneceram calados.

– Bela coleção de cadeados. – rompi o silêncio olhando para a vitrine – nunca tinha visto nada igual.

Os primeiros cadeados que ficavam no topo da coleção pareciam familiares.

– Obrigado. São realmente magníficos! – respondeu ele demonstrando a vaidade pelo elogio.

– O senhor deve ter essa coleção há anos! – comentei.

– Desde os 6 anos de idade. Tenho mais de mil cadeados – confessou ele enquanto pegava um charuto de uma caixa dourada – sempre que vejo um diferente dos que o que já tenho, compro! Se for preciso até roubo! – disse ele rindo enquanto sugava fumaça e soltava pro alto.

– Rouba? – me virei pra vitrine – mas acredito que o senhor não precise roubar! – afirmei.

– É. Quando a gente não tem o que quer, damos um jeito. – se levantou da cadeira e ficou ao meu lado olhando pra vitrine – alguns cadeados não podem ser comprados com dinheiro, então precisei roubá-los. Na verdade, não é bem um roubo, aliás não é tão caro assim. – confessou como se fosse engraçado.

– E ninguém nunca te pegou? – tentei instiga-lo sorrindo.

– Não. Uma vez na escola coloquei um cadeado na mochila de um garoto, mas não deu certo. – deu uma pausa – a diretora pegou o cadeado na mochila dele.

– E por que não deu certo? – meus olhos lacrimejaram ao ponto de escorrer uma fina lágrima.

– Porque ela ameaçou expulsar o ladrão de cadeados, então tive que colocar na mochila dele, pra na saída tentar resgatá-lo. Não podia correr o risco. – deu uma risada – mas o idiota foi pego antes com o cadeado na mochila.

– Porque o senhor tá me contando isso? – olhei com o canto do olho para seu perfil perdido em fumaça.

– Porque é uma história engraçada ué! – ele voltou a sentar – você sabe que criança tem dessas coisas! Sempre conto essa história porque aquele cadeado foi o único que não consegui possuir.

Me virei encarando-o em silêncio. Sara voltou a olhar pra cortina. Não consegui dizer mais nenhuma palavra quando sair da sala e a empregada antipática estava de guarda na porta e me levou até a sala de estudos.

– Você viu a coleção do meu pai? – perguntou Juliana ao me ver entrar.

– Vi. Muito interessante! – comentei.

– Vocês viram o João? Como ele está diferente hoje? – disse Raniele.

– É verdade. Está bem mais jovem. – completou Juliana.

– Bobagem! Só estou sem a farda! – comentei meio sem jeito. Não consigo esquecer o que acabei de ouvir de Eduardo, as mãos tremem mais que o de costume.

– Olha João – disse Diego que mexia no computador – estou pesquisando algumas ideias sobre reciclagem. Esse vídeo aqui ensina mais de 30 formas de reciclar coisas que normalmente vão pro lixo.

– Legal Diego, mas não seria melhor criarmos algo novo? – sugeri.

– Verdade! Tem que ser algo inexistente, pois corremos o risco de apresentar a mesma proposta de outra equipe. E aí perdemos o prêmio. – concordou Enzo.

Todos olharam pra Enzo como se estranhassem seu tom de voz, parecia uma música alegre.

– Isso mesmo Enzo. – continuei – O mais importante não é o prêmio em si, mas é a nossa consciência sobre fazer nossa parte e salvar o planeta. Se cada pessoa no mundo tivesse essa consciência, o meio ambiente não teria os problemas que têm. Então precisamos construir algo a partir da ideia de conscientizar outras pessoas sobre o que é reciclar.

– Temos menos de uma semana pra concluir isso! – lembrou Manoela.

– Pensei que você tivesse uma ideia em mente João! – comentou Diego.

- Eu estou aqui pra ajudar a conscientizar vocês, mas a ideia tem que partir somente de vocês. Não posso interferir na criatividade de vocês.
- Então por onde podemos começar? – perguntou Enzo.
- Pesquisa aí na internet Diego: “O que é reciclagem?” – lemos algumas coisas, fui explicando sobre a importância da reciclagem e como ela ajuda a diminuir o impacto ambiental. Lemos sobre os 4 R’s da Sustentabilidade: Repensar, Reduzir, Reutilizar e Reciclar, a importância de colocar o lixo na lixeira correta e sobre materiais feitos a partir do processo de reciclagem.
- Eu tenho uma proposta. Não sei se seria legal. – comentou Enzo.
- Qualquer ideia é bem-vinda Enzo. Depois a gente vai vendo o que pode dar certo. – afirmei.
- Que tal se fizessemos quadros e ao invés de colocarmos uma foto ou pintura, colaríamos cada material que pode ser reciclado, substituindo a imagem.
- Gostei Enzo! – Comentou Raniele.
- Mas o quadro não é de material reciclado! – comentou Wellington.
- Podemos criar com jornais, revistas e papelão. – lembrei.
- Não trouxemos materiais! – lembrou Raniele.
- Aqui em casa tem bastante caixa, revistas e jornais. – comentou Juliana.
- Podemos tentar. – comentei – depois precisaremos de vidro, plástico, metal e papel pra colar.
- E não podemos colar de qualquer forma – disse Carlos Alberto – seria interessante colar de forma que parecesse desenhos, como por exemplo, fazer nuvens com plásticos.
- Boa ideia Carlos Alberto – concordei – isso vai parecer muito mais artístico.
- Podemos representar o planeta com os desenhos formados. – complementou Raniele.
- Mas, e o lixo orgânico? Vamos colar comida nos quadros? – perguntou Juliana fazendo todos rirem.
- Não né!? Se não as formigas comeriam os quadros. – respondeu Diego. Eles continuaram brincando e imaginando situações engraçadas enquanto eu admirava essa coisa fantástica de ser criança. Eles não gostam de ser chamados assim, mas nem imaginam que se soubessem o que é ser adulto, desejariam ser crianças para sempre. E Enzo, estava mais solto, sentou ao lado de Diego sem perceber. Os dois estão até concordando em muitas



ideias. Fomos com Juliana pegar alguns materiais no lixo. De repente vi de longe, Sara Borges, com um vestido azul celeste, um chapéu bege e enorme – chegava a ser exagerado – óculos escuros, segurando o celular e falando sozinha como se tivesse gravando um vídeo.

– Não reparem minha mãe. Ela grava vídeos para as redes sociais quase todos os dias. – comentou Juliana.

– Eu já assisti os vídeos da sua mãe. Minha mãe segue ela. Ela sempre diz que sua mãe é muito legal e caridosa. – comentou Manoela.

– Nos vídeos ela é sempre legal. – Juliana falou distraída enquanto juntava revistas sem perceber o peso das palavras.

Voltamos para a sala de estudos quando algum tempo depois, Sara entra com o celular, extremamente simpática com o celular posicionada à sua frente.

– E aqui, na sala de estudos da minha casa, Juliana minha filha, recebe seus amigos para trabalhos escolares. É uma menina extremamente disciplinada e caridosa como eu. Sempre gosta de ajudar as pessoas. Adoramos receber os coleguinhas dela em nossa casa. – ela falava e andava sem parar mostrando todos os ambientes da casa.

Entendi porque Elisabeth a chamou de fútil. Nem sequer nos cumprimentou decentemente ao chegarmos e agora com o celular na mão parece ser outra pessoa.

Começamos o trabalho de recortar caixas e papéis pra montar grandes quadros. Recortamos fundo de caixas em formato retangular, com outros pedaços de papelão fizemos tiras para fazer a moldura e decoramos com fotos coloridas de revistas.

– Agora precisamos dos materiais para colar nos quadros. – lembrou Rochele.

– Ah, isso também tem aqui. Latinhas de refrigerante, garrafa plástica, papel de bombons, sacolas, garrafinhas de vidro – disse Juliana – mas como vamos quebrar garrafas de vidro? E acho que cola branca não vai grudar!

– Na verdade a gente precisava encontrar esses materiais realmente no lixo como fizemos com as caixas de papelão – comentei – pra dar mais verdade ao trabalho.

– Mas ninguém vai saber mesmo! – disse Juliana.

- Mas a gente sabe. O que mais importa é nossa própria consciência – alertei – e sobre a cola realmente precisava ser uma mais resistente ou pistola com cola quente.
- Vou pedir pro Aurélio ir atrás. – comentou Juliana – ah, o Aurélio é o motorista.
- E porque nós mesmos não vamos? – sugeriu Wellington.
- Verdade! – concordou Enzo com entusiasmo.
- Então vamos para a rua! – gritou Carlos Alberto.
- Os pais de vocês podem não gostar. – falei olhando pra empregada antipática que não parava de nos observar desde que chegamos.
- Vamos! – disse Juliana se levantando.
- Senhorita Juliana – entreviu a empregada – seus pais não gostariam de saber que vai pra rua numa hora dessas.
- Suzana, fica na tua – Juliana respondeu com impaciência – você vai vir junto com a gente e tudo resolvido.
- Mas... – quis questionar a empregada.
- Mas nada! Vamos! Você sabe que mamãe e papai sempre me autorizam sair se você vier junta. E não vamos demorar! – completou Juliana.

Acho que isso pode trazer problemas depois, mas concordei e fomos. Colocamos sacolas nas mãos e vasculhamos lixos pelas ruas. Eles se divertiam muito, com certeza era algo totalmente diferente de suas rotinas! Imagine se seus pais o vissem nas ruas mexendo em lixo. Apontei para vários exemplos de como a falta de consciência dos seres humanos pode prejudicar o ambiente, como: bueiros entupidos de lixo que impedem a água escorrer, terrenos baldios com placas “PROIBIDO COLOCAR LIXO”, mas estavam entulhados de muitas sujeiras. Sacolas e embalagens plásticas de produtos que voavam pelas calçadas. Bastante papéis de balas. Eu estava juntando tudo o que via pela frente.

- João, sua sacola de coleta está bem cheia. Não era só algumas coisas que iríamos pegar? – questionou Rochele.
- Sim, mas não consigo ver todo esse lixo na rua e ficar inerte. Já que estou coletando, vou pegar o máximo que posso. Depois seleciono o que é útil para nós e o restante procuramos suas respectivas lixeiras. – expliquei.
- Nunca mais vou jogar lixo no chão e nem pela janela do carro. – Disse Diego com tom de arrependimento.

– Muito bom ouvir isso Diego! – comentei.

Depois de coletarmos, as crianças fizeram uma vaquinha para comprar uma pistola de cola quente, porém eu e Enzo não pudemos contribuir. Acho que nos sentimos um pouco constrangidos.

– Eu tenho cartão de crédito. – disse na tentativa de contribuir – posso comprar por mim e Enzo.

– Não é muito caro e já deu certo. – confirmou Raniele – então saímos para comprar numa lojinha. Logo após, fomos para o parque ecológico da cidade, sentamos na grama em círculo e separamos o que precisaríamos.

– Essa sacola tá cheia de vidro. – disse Rochele.

– Deixe que eu separo essa – falei de imediato – nunca se deve brincar com vidro.

– Pareceu meu pai falando agora. – comentou Wellington. Todos riram.

Após separar tudo, jogamos o restante que não servia nas lixeiras que tinham no parque: metais na amarela; vidros na verde, plásticos na vermelha e papéis na azul. Na lixeira marrom não colocamos nada, pois não coletamos lixo orgânico. Suzana continuava de pé a nos acompanhar, sem dizer uma palavra.

– Sente-se Suzana um pouco. – disse a ela.

– Obrigada. – ela sentou melhorando sua fisionomia.

Conversamos um pouco e rimos, mas todo mundo estava com sede, então decidimos retornar à casa de Juliana. Parecíamos um grupo de grandes amigos – até mesmo Suzana que saiu de casa com aquelas roupinhas pretas típicas de empregadas de filme com um avental de babado branco.

– É melhor os quadros ficarem aqui em casa. – sugeriu Juliana ao chegarmos – pra não correr o risco de ninguém nos copiar.

– Ok. – concordaram.

– Esses quadros depois podem ser colocados nos corredores do Portinari, para lembrar da importância de cada material no seu lugar correto. – comentei.

– Ah, e que tal se pintarmos as molduras com as cores da lixeira de cada material. – pensou Manoela.

– Eu acho ótimo! – concordei. Depois todos concordaram.

Fomos finalizar o trabalho. Enquanto eles faziam os quadros, fiquei recortando metais, plásticos e organizando vidros. Eles se precipitaram e fizeram 5 quadros.

– Eram apenas 4. Esqueceram que não vamos fazer o orgânico? – lembrei.  
– É verdade. Mas como vamos representar o orgânico? – perguntou Diego.  
– Podemos fazer um vaso de papelão e plantar uma pequena árvore, mas ao invés de preenchê-lo apenas com terra colocamos cascas de verduras, frutas e legumes representando o adubo. – Sugeriu Wellington.  
– Que ideia fantástica! – concordei – isso é muito bom Wellington!  
– Então vou fazer esse vaso! – disse Diego entusiasmado – me ajuda aqui Enzo.

Ele e Enzo fizeram o vaso de papelão juntos. A recepção pra Enzo não foi muito boa, nem perguntaram se ele estava bem ou que sentiram sua falta, mas parece que ele ignorou isso e se mostrou bastante participativo ao invés de se recolher. Eles me pediam auxílio o tempo todo. Não devem estar acostumados com tarefas complicadas, apesar de terem aulas de arte no Portinari. Mesmo calada, Suzana se aproximou e também auxiliou as crianças. Pintamos um quadro com tinta amarela e fizemos borboletas com tampas de latas, latinhas de refrigerante bem amassadas e com os anéis da latinha fizemos as anteninhas. No quadro verde montamos árvores com pedaços de vidro verde e o caule com vidros vermelhos. No pintado de vermelho fizemos nuvens de saco plástico branco e abaixo montanhas feitas de garrafas plásticas recortadas e no azul fizemos gotas de chuva com papéis de revistas coloridos que caía sobre uma terra seca feita com micro bolinhas de papel. Sobrou um quadro que ficou sem cor. Guardamos tudo para a exposição na próxima Sexta.

Já era quase horário de almoço quando Cícera veio perguntar se todos ficariam. Alguns disseram que não pois marcaram de almoçar com os pais. Eu e Enzo também respondemos que não. Não me sentiria bem naquela mesa novamente. Ainda não administrei bem a história dos cadeados. Nos despedimos, apenas Raniele e Carlos Alberto permaneceram – acho que suas famílias são amigas. No caminho de volta passei num restaurante e paguei o almoço pra mim e pra Enzo – no cartão, claro.

– Desculpe pelo o que disse naquele dia João. – ele rompendo o silêncio enquanto comíamos.

– Não sei do que está falando, mas está desculpado, seja o que for. – respondi mordendo a coxa do frango assado.

– Vou dizer pra todo mundo que sou pobre e que minha mãe é catadora de reciclagem. – confessou.

– Você não precisa se justificar às pessoas. – limpando a boca com o guardanapo – Se alguém descobrir por si só, ok. E mesmo que alguém tente diminuí-lo por causa disso, continue lembrando que seu valor não está no que você tem. E sim no que você é.

– Hoje, quando eu estava catando materiais recicláveis – ele deu uma pausa

– Fiquei pensando no trabalho da minha mãe. No carrinho pesado que ela conduz todos os dias. Em alguns minutos me senti bastante cansado. Fiquei imaginando que não é fácil pra ela.

– Que bom que você refletiu sobre isso. Você é muito inteligente e tem uma mãe que te ama muito.

– E agora, que a gente tá comendo aqui, lembrei daqueles garotos do sinal. Gostaria de fazer algo por eles. – fiquei emocionado ao ouvir isso de Enzo.

– Eu também gostaria – confessei – quando tivermos condições faremos. Só não podemos deixar isso morrer.

Deixei Enzo em casa e voltei à quitinete onde comecei minha faxina semanal. Hoje vai ser mais rápida. A noite tenho que ir à casa de Esperança e amanhã de manhã me encontrar com Caio. Coloquei roupas no tanquinho pra lavar, tirei a poeira de muitas coisas, e quando fui jogar o lixo fora, lembrei que sempre coloco tudo junto. Peguei várias sacolas e coloquei papel com papel, plástico com plástico e tudo bem separadinho pra levar ao posto de coleta que encaminha tudo para a reciclagem. Não é fácil, mas é importante. É sempre mais fácil fazer o mais fácil, porém, o melhor é fazer o correto.

Me deitei um pouco pra descansar antes de sair à noite. Na minha cabeça habitava um turbilhão de pensamentos. Felicidade misturada com ansiedade, era o convite de Esperança para jantar com sua família ao mesmo tempo que não conseguia esquecer a confissão de Eduardo sobre o cadeado. Por um momento achei que ele havia me reconhecido e que estava contando aquela história por maldade. Foi difícil me conter pra não dizer

que eu era o garoto que foi acusado pelo roubo, e assim Sara poderia lembrar também sobre a queda na lama. Ao levantar fui procurar uma roupa pra sair e percebi que eu só tinha roupa velha. Peguei uma qualquer e fui a pé a um shopping que fica há umas quinze quadras da minha casa. No caminho me deu uma vontade de chorar pela falta de dinheiro, e ainda não aceitam cartões de crédito nas conduções, então tive que ir quase que correndo. No shopping mesmo comprei uma blusa e um calção – os mesmos que estavam no manequim. Corri pro banheiro, troquei de roupa e deixei as velhas em cima da pia. Não fiquei bonito como o manequim, mas fiquei melhor do que eu estava. Me senti um rapazinho usando uma blusa azul celeste com gola em “V” e um calção branco. Nunca aprendi nomes de tecidos, mas sei que é desses que estão na moda. Sair tão apressado que esqueci o endereço de Esperança no bolso da calça que ficou na pia do shopping. Um ódio terrível me invadiu. Eu já tinha andado umas 8 quadras porque sei que fica perto do Portinari, mas não sei exatamente onde é. Entrei num pequeno mercado aberto – se não me engano é o mesmo lugar que papai comprava fiado – e com muita vergonha pedi pra fazer uma ligação. Estou surpreso comigo mesmo por ter decorado o número da Senhorita Margareth – sou bom de relembrar fatos da vida, mas números não.

– Alô – disse ao ouvi-la atender – é o João Victor, que dizer, o Sr. Cruz, me perdoe pelo horário e pela inconveniência, mas marquei de visitar a Sra. Esperança e não estou encontrando onde coloquei o endereço dela – menti pra não explicar o que realmente aconteceu.

– Tudo bem – respondeu ela me interrompendo – fica a um quarteirão do Portinari, desça a rua e dobre a direita. Fica bem na esquina.

– Obrigado Senhorita Margareth. – desligou sem dizer mais nada.

Não sei se entendi bem a indicação, mas fui em direção ao Portinari. Desci a rua e dobrei a direita, mas tudo com o que me deparei foi uma rua sem saída e só havia na minha frente um abrigo para pessoas idosas: Lar Teresa de Calcutá. Perguntei ao porteiro se ele sabia onde morava uma senhora chamada Esperança.

– Você é o João Victor? – perguntou ele.

– Sim! – respondi admirado.

– A Esperança está lhe esperando. – disse ele abrindo o portão.

– Ela mora aqui? – perguntei surpreso.

– Sim! Na casa 7.

O lugar parecia estar bem animado. Alguns jogavam xadrez no jardim, outros conversavam movimentando suas cadeiras de balanço, haviam alguns quietos olhando pro céu e eu fui entrando numa espécie de rua seguindo a indicação do porteiro. Ao longe avistei uma mesa posta do lado de fora, e estavam sentados Esperança, Elisabeth, Agenor Evangelista e uma outra moça.

– Você demorou um pouco. Pensei que não vinha. – Esperança abrindo os braços.

– Tive uns contratempos. – me dando aqueles abraços que parecem eternos. Confesso que deixei cair uma lágrima e eu queria escondê-la.

– Você está triste filho? – perguntou segurando minha cabeça como sempre fazia.

– Não. Eu estou feliz. – respondi olhando pra todos.

Elisabeth me abraçou, logo após Agenor Evangelista e cumprimentei a outra moça.

– Essa é Jéssica. Minha noiva. – ele me apresentou.

– Então, vamos sentar e comer! – ordenou Esperança – hoje, João Victor é nosso convidado de honra.

– Não esperava encontra-los aqui. – comentei.

– Acredito que eles são especiais pra você, então os convidei. Algum problema? – disse Esperança sempre de bom humor.

– Claro que não! Às vezes tenho a sensação de que você me conhece mais do que eu mesmo. – respondi sorrindo.

Nos sentamos e comemos uma deliciosa lasanha com suco de acerola. Até isso ela sabe. Depois teve uma sobremesa de abacaxi com calda de chocolate. Tudo muito simples, mas há muito tempo eu não me sentia tão amado como agora. Tentei conter o tempo inteiro um choro esquisito que queria sair. Em pensamentos questionava “Como pode alguém que parece ser uma fonte de superação e inspiração, morar em um abrigo onde a maioria das pessoas são abandonadas?”, penso em perguntar, mas não falo nada. Por trás de tudo aquilo podia se esconder uma grande dor, e eu não queria falar de coisas ruins. Esperança começou a contar sobre histórias divertidas que aconteciam no abrigo, como a de uma senhora que pensa estar ainda na segunda guerra mundial, na verdade não é que seja engraçado, mas a muita idade faz isso com algumas pessoas. E penso que é

melhor às vezes viver na fantasia do que lembrar que muitos filhos abandonaram seus pais aqui com o argumento de que “não podem estragar suas vidas cuidando de idosos”. Esperança falou com amor de seus três filhos homens, de como eles vivem bem e sobre seus netos, mas em nenhum momento perguntei porque eles a deixaram ficar ali. Ela não parecia magoada. Nunca conheci uma pessoa tão grata pela vida como ela.

Agenor Evangelista disse tinha uma surpresa pra mim. Levantou-se e foi até um arbusto que fica na frente da casa de Esperança e pegou uma casinha de transportar animais. Ele se aproximou e pude ver: era um coelho. Um coelho branco com manchas pretas, ou vice-versa. Fiquei constrangido e o primeiro pensamento que tive foi “Não vou aceitar. Como vou cuidar de um coelho?”.

– Pra você – estendendo o presente a mim – imagino que você já deve estar pensando na dificuldade de criar um coelho. Como vai cuidar, o que ele vai comer, se ele vai roer todos os seus móveis e chinelos, onde vai fazer suas necessidades, por isso trouxe junto um manual que imprimi da internet sobre coelhos.

– O problema não é só esse... – procurei palavras pra explicar enquanto ele continuava com o presente estendido – moro em uma quitinete e passo o dia fora. Não tenho condições de cuidar de um animal.

– É isso que a maioria das pessoas fazem com seus sonhos João – disse ele – Elas sempre encontram primeiro as dificuldades. Eu imagino que não seja fácil pra você cuidar de um animal, mas se você apenas espera condições favoráveis, nunca realizará seus sonhos.

Estendi as mãos sobre a mesa e peguei a casinha. Destravei a porta e tirei o coelho pra fora. Peguei em suas orelhas e lembrei o quanto eu queria um desses quando era criança.

– Imagino também que seja um desafio – continuou Evangelista – mas os sonhos são feitos de desafios. Esse coelho pode representar pra você uma preocupação, e eu pensei seriamente sobre isso, mas ele pode te ensinar coisas que você precisa. Tente! Se não se adaptar você pode oferecer ele a outra pessoa, mas ninguém vai cuidar do seu sonho como você cuidaria.

– Eu vou ficar – respondi – eu não sei como vou fazer, mas vou cuidar dele. Ele se chamará “Freedom” que significa liberdade.

– Você é rápido em escolher nomes hein!? – disse Elisabeth.



- Na verdade eu escolhi esse nome desde criança, porque sonhei muitas vezes. – respondi.
- Agora ele é uma realização. – disse ela passando a mão nas orelhas de Freedom.

Depois de um certo horário, Evangelista e sua noiva Jéssica precisaram ir embora. Eles me convidaram para o casamento que seria no final do ano e depois me enviariam o convite. Esperança apresentou sua pequena e organizada casa. Elisabeth já conhecia, não era a primeira vez que ela a visitava. Depois saímos um pouco e ficamos os três sentados em um banco. A noite estava estrelada e agradável. Ainda tenho um pouco de medo de viver momentos bons, porque sempre acho que vai acontecer algo depois e tudo vai se estragar. Há um esforço pra bloquear esse pensamento, lembro que muitos dos meus medos nunca aconteceram. Tudo o que preciso é viver o presente.

Esperança disse que precisava ir ao banheiro – acho que foi de propósito – deixando eu a sós com Elisabeth – quer dizer, Freedom estava no meu colo. – E então, o que é a ironia que você estava falando? – perguntou ela lembrando da nossa última conversa.

– Você lembrou disso? – perguntei tentando adiar a resposta – Acho que não seja tão interessante.

– Eu sinto que preciso saber – afirmou ela.

– Não é fácil encontrar palavras – dei uma pausa olhando pra Freedom – tenho medo de me machucar. – um fogo no peito me faz lembrar de Chantal.

– Então eu vou falar primeiro – disse ela – e se eu me machucar ou me precipitar, peço que me desculpe. Não posso mais perder tempo – ela estava um tanto ansiosa.

– Tudo bem – respondi – eu te amo! – disse olhando pra Freedom.

– O que disse? – pergunta sorrindo com os olhos arregalados.

– Eu acho que estou gostando de você. – disse olhando em seus olhos.

– Você foi mais intenso antes – disse ela sorrindo – prefiro o “eu te amo”.

– Sério? – perguntei sem acreditar.

– Quando te vi pela primeira vez depois de anos, me segurei porque achei que você nem lembraria de mim. Depois que Enzo disse no jardim que você estava apaixonado por mim fiquei um pouco impressionada – contou ela.

– É verdade, não lembrava mais disso.  
– Então nessa semana pensei muito em você. Não sei definir o que estou sentindo, mas confesso ter invadido um medo quando achei que se você soubesse que eu era a “menina feia” da 4ª série me rejeitaria de novo.  
– Eu não rejeitei você. Apenas gostava de outra garota e achava que você e suas amigas estavam rindo de mim. – lembrei.  
– Terminei um relacionamento recente com um cara que me fazia sentir muito mal – contou ela – na verdade eu queria ter terminado a mais tempo, mas ele insistia em continuar. No fim, todo aquele ciúme e possessão que ele sentia não passava de um disfarce para que ele continuasse a me trair.  
– Entendo como é isso. É horrível se sentir usado.  
– Minha confiança ainda está muito afetada, disse que não pensaria mais em namoro, então me aparece você. – disse com um sorriso.  
– E o que você pretende fazer? – perguntei.  
– Se você deixar eu quero te observar melhor – disse ela rindo – porque eu jamais gostaria de magoar alguém como você.  
– Não sei se conseguiria dar a vida que você merece – lembrei das minhas condições financeiras.  
– Se você tiver condições de amar alguém com toda verdade, então não vejo vida melhor. – ela respondeu – o resto é detalhe.  
– Então, pense bem e depois me responda. Eu espero. – dei um beijo em sua testa.  
– Ouvir um “eu te amo” vindo de você também foi o meu sonho de infância, então nessa noite realizamos dois sonhos que pareciam enterrados. – lembrou ela pegando Freedom do meu colo e colocando no dela.  
– Hum... hum... – Esperança veio por trás – Estou interrompendo? – perguntou.  
– Claro que não! – respondemos ao mesmo tempo.  
Ela voltou a sentar, conversamos mais um pouco sobre como a vida é cheia de surpresas. Depois nos despedimos.

Elisabeth pegou sua moto e me deixou em casa – ou melhor, nos deixou, eu e Freedom. Dei outro beijo em sua testa na calçada e entrei.

– Depois diz que a moça é só amiga né!? – Dona Joana disse me assustando.  
– Não vi a senhora. Está vigiando a rua agora? – perguntei com tom de brincadeira.

- Não. Estou vigiando a vida das pessoas mesmo. – respondeu ela na maior cara de pau – E aliás, o que é isso nessa gaiola?
- Um coelho.
- Coelho? Vai fazer um assado?
- Depois falamos sobre isso. Preciso subir.
- João, não me diga que vai criar um coelho. São contra as regras da pensão.
- Depois falamos sobre isso Dona Joana, depois.

## E AGORA?

Hoje bati meu recorde. Andei 25 quadras para chegar à casa de Caio. No caminho de ida dividi meus pensamentos entre a outra música que pretendo mostrar e o fato de estar sem dinheiro. Não que isso me incomode se tiver comida na geladeira, mas como poderei ter uma família algum dia se não consigo me equilibrar financeiramente. Costumava dizer que dinheiro foi feito mesmo pra gastar. Agora estou começando a pensar seriamente em guardar sempre alguma coisa pra emergência. Antes de sair fui comprar ração para coelhos no mercado, a primeira noite com Freedom foi tranquila, ele comeu umas folhas e cenouras que ainda tinha na geladeira. Acho uma loucura criar um animal dentro de uma quitinete. Percebi que ele raspava o chão com as unhas como se precisasse cavar. Li rapidamente o manual sobre a rotina deles e ainda tive que limpar as bolinhas malcheirosas que ele produziu durante a noite.

Caio mora num condomínio de casas. O porteiro comunicou minha chegada e aguardo ele vir me buscar. Conversei um pouco com Januário – o porteiro – sobre a profissão em comum. Ao contrário de mim, ele fica apenas no portão como deve ser e diz que o trabalho é muito tranquilo. Logo veio Caio, com a cara meio fechada.

– Mandei uma mensagem no seu WhatsApp ontem à noite. Você não viu?  
– foi a primeira coisa que ele disse.

– Não. – respondi – estou sem internet em casa. Só consigo ver mensagens quando estou no Portinari porque a Sra. Nogueira colocou a senha do wi-fi. Vi apenas a mensagem do endereço porque eu ainda estava lá. Mas o que houve?

– A culpa foi minha – disse ele – mandei a mensagem muito em cima da hora e não imaginei que isso pudesse acontecer. Não vou mais participar da gincana.

– Não? Porquê? – quis saber.

– Vamos entrar. – fomos caminhando até sua casa.

A casa de Caio é um verdadeiro luxo, senti como se estivesse em um país europeu. Com certeza sua família é bem-sucedida financeiramente. Ele me levou até a cozinha onde tinha um café da manhã na mesa.

– Pensei que você não vinha por isso não preparei nada especial. – disse ele.

– Uma mesa linda dessas – comentei – não tinha como ser mais especial. Uma senhora entra com roupão de dormir.

– Olá, Bom dia. Desculpe as vestimentas. – disse ela.

– Bom dia. Fique à vontade. Aliás é uma bela manhã de Domingo. – respondi.

– João, essa é minha mãe, Francisca. Mãe esse é o João que tinha falado antes. – Caio nos apresentando. Ela apertou minha mão.

– Ah, sim – disse ela lembrando – esse é o famoso João de quem você tanto fala.

– Sério? – perguntei admirado – Espero que tenha falado coisas boas.

– Com certeza – respondeu ela – Caio gosta muito de você. Ele disse que você foi a primeira pessoa que se aproximou dele no colégio e não comentou sobre as espinhas do rosto dele.

– Mãe, não diga essas coisas. – repreendeu Caio envergonhado.

– João, vou assistir minha série. Pode ficar à vontade. Se você é amigo do meu filho, então também é meu amigo. Venha sempre que quiser.

– Muito agradecido Sra. Francisca. Voltarei sim.

– E por favor não me chame de senhora. Chame apenas de Francisca, ou Fran. – disse ela muito simpática. Concordei com a cabeça. Ela saiu cantarolando alguma música antiga.

– Então rapaz, o que aconteceu? – perguntei.

– Bom, ontem passei o dia praticamente fora, no instituto que te falei antes. Foi um Sábado muito especial e me sinto muito grato. Quando cheguei em casa tinha uma mensagem no grupo da equipe. – me contou.

– Grupo de WhatsApp?

– Sim. Fizemos um grupo. Ontem o Joshua, um menino que se sente o líder da equipe gravou um áudio dizendo que eles decidiram apresentar um trabalho que fizeram com pneus velhos. Que a música não se encaixaria na proposta.

– E porque eles não te chamaram pra participar desse trabalho com os pneus?

– Você não tá entendendo João? Eles só queriam me tirar da equipe. Inventaram essa história de música porque sempre me veem com o violão e foi a maneira que escolheram pra me afastar.

– Porque eles fariam isso com você? Você é o garoto mais legal daquele colégio Caio!

– Não sei. Às vezes as pessoas não gostam da gente sem motivos, ou se tiverem motivos não consigo imaginar quais.

– Você não vai desistir – dei uma pausa e tirei os óculos de seu rosto – Imagino que não esteja me vendo bem, mas você sabe que sou eu. Você fez que essa pessoa embaçada pela vida acreditasse em seus sonhos. Não digo isso porque fui escolhido pra interpretar as canções, mas por você – lentamente coloquei os óculos de volta em seu rosto – agora olhe bem pra mim, nós vamos cantar na Sexta-Feira e mostrar que somos maiores que o medo.

– Sem equipe? – perguntou ele – como vou me apresentar individualmente?

– Primeiro, que não estamos lá por causa do prêmio, certo? E outra, a equipe do 6º ano vão apresentar quadros feitos de reciclagem. Posso propor a eles que enquanto expõem os quadros, eu e você vamos apresentar a música. O que acha?

– Mas, não está fora das regras?

– Não. Apenas estamos fora do prêmio, mas podemos ajuda-los e fazer algo muito mais importante: levar uma mensagem através da música. E outra, as pessoas vão perceber que você é um grande músico. – o encorajei.

– E você é um grande cantor! – complementou ele.

Ele me abraçou e concordou com a proposta. Pedi seu celular emprestado e liguei pra Diego, pedindo pra ele fazer um novo grupo e adicionar os membros da equipe. Falei sobre a participação de Caio e ele gostou da ideia. Tomamos café e fomos para o quintal – se é que aquela paisagem pode ser chamada de quintal – onde repassamos as duas músicas que ele já sabia tocar e uma outra que não tinha mostrado ainda. Ele gostou bastante da nova canção que apresentei e achou que seria a melhor para o dia final da gincana. Francisca insistiu para que eu ficasse pro almoço, então fiquei e conheci o pai dele também – tão simpático e atencioso quanto a mãe. O Sr. Otávio – pai de Caio – é um engenheiro renomado e contou que seguiu a mesma carreira que seu pai.

– Achei que Caio seguiria a mesma profissão do pai e do avô, mas ele nunca se interessou por monumentos e desenhos de casas – disse Francisca.

– Desde muito pequeno ele mostrava interesse por sons e sempre me pedia um violão. Levamos a sério pra ver no que daria e realmente se tornou sua vocação. – disse Otávio.

– Vejo que ele tem muita sorte de ter pais como vocês, porque é raro conhecer pais que ouvem e acreditam no sonho dos filhos – disse com um fio de amargura.

Depois eles me contaram sobre uma doença que quase matou Otávio, mas ele sobreviveu e passaram a valorizar mais aquilo que realmente tem importância.

– A dor meu amigo – disse Otávio – geralmente nos coloca numa bifurcação onde precisamos escolher apenas um caminho. Um caminho te mata e outro te transforma.

Tive uma recepção e uma conversa muito agradável. Evitei falar do meu possível “novo desemprego” e das minhas condições financeiras quando perguntaram sobre mim. Na verdade, nunca gostei de comentar com as pessoas algo que pareça ser um pedido de socorro. Pensei em perguntar se na empresa de engenharia dele não tem algum cargo disponível, mas sempre achei feio essa coisa de se aproximar das pessoas por interesses egoístas.

Outra coisa que não gosto é de mentir – apesar de nos últimos tempos estar faltando com a verdade. Lembro que na infância, algumas pessoas religiosas batiam na porta e minha mãe me mandava dizer que ela não estava, mas eu respondia “Não posso mentir mamãe, a senhora sempre me ensina isso”. Ela achava que eu estava a afrontando, ficava calada e deixava as pessoas na porta até se cansarem e irem embora. Agora o Sr. Otávio perguntou como eu voltaria para casa.

– Eu vou andando. A tarde está bem agradável para caminhar e pensar na vida.

– Você disse que mora a 5 quadras do Portinari? É muito longe! Vou deixá-lo em casa.

– Não é necessário Sr. Otávio. Fico agradecido.

– Vamos papai deixar João em casa. – disse Caio intervindo.

Eles venceram. Foram me deixar em casa. Na ida enquanto conversam e riem, observo Caio junto com seu pai no banco da frente, sinto a falta de um relacionamento assim, entre pai e filho. Como isso me feriu durante tanto tempo. Chegamos à quitinete, notei que os dois tentaram disfarçar a surpresa ao ver o local onde eu morava. Acho também que eles perceberam que eu estou sem nenhum tostão no bolso.

– Está tudo bem com você João? – perguntou Otávio como se exigisse alguma explicação.

– Sim – fechei a porta do carro – está tudo bem. Agradeço pela manhã e pelo almoço maravilhoso que vocês me proporcionaram. E melhor ainda, pela forma como me trataram.

Eles foram embora. Ao entrar em casa, Freedom corria em círculos em volta de mim e fez xixi na minha perna. Tipo um jato estrategicamente mirado. Fui limpar o quarto novamente, mas não tenho coragem de deixa-lo trancado no banheiro como pensei. Sair para uma praça perto da minha casa com ele nos braços, e foi a diversão das crianças que estavam por perto. Ele fez muitos buracos e pulava como se quisesse voar. Isso me rendeu boas risadas. Ao cair da noite voltamos pra casa. O Domingo é um dia que tento descansar ao máximo para suportar a semana inteira no Portinari. Principalmente a Segunda-feira!

Não paro de pensar em Elisabeth. Da possibilidade dela gostar de mim. Das minhas condições financeiras – que no momento não está dando nem pra comprar um sorvete na praça. Como poderia namorar uma professora como ela, que provavelmente ganha bem e parece ter uma vida confortável? O que eu ofereceria? Vou falar nessa semana com a Senhorita Margareth sobre minha condição no colégio. Os próximos passos vão depender da resposta que ela me der. À noite, arrumo a mesa e faço uma sopa com o que ainda tem na geladeira. O tédio tomou conta de mim, sem TV e sem internet no celular. Na verdade, isso nunca tinha me feito falta antes, mas agora eu estava me sentindo incomunicável com todos. Queria falar com alguém. Decidi dormir mais cedo.

Faltavam apenas cinco dias para a apresentação da gincana “Reciclável”, alguns alunos chegaram com sacos cheios de latinhas, garrafas plásticas, caixas de papelão, e a moleza de não ter aula nas salas estavam com os dias



contados. Vi Joshua – o carinha do 9º ano que excluiu Caio da equipe – e o chamei. Ele se aproximou com um olhar altivo e eu ia expressar toda a minha indignação com o que aconteceu.

– O que você quer comigo?

– Nada – respondi desistindo de falar – acho que confundi você com outra pessoa.

Ele deu as costas e saiu. Achei melhor não falar nada mesmo. Ao invés de tentar resolver um problema eu poderia arranjar outro. A Sra. Nogueira se aproximou com uma cara meio estranha, segurando papel e fita adesiva na mão. Cumprimentou-me com um tímido “Bom dia” e colou o papel no portão de entrada que estava escrito “PRECISAMOS DE PORTEIRO. INDICAÇÕES SE DIRIGIR À DIRETORIA. AGRADECE, A DIREÇÃO”. Deu um nó na garganta quando li isso. A Sra. Nogueira deve estar constrangida, mas eu sei que está apenas cumprindo ordens.

– A Senhorita Margareth deveria ter colocado o anúncio num jornal – disse como se estivesse conformado.

– Ela colocou também – respondeu a Sra. Nogueira – mas decidi colocar no portão para que algum pai pudesse indica-la.

Ficar de pé ao lado daquela placa me tornava tão desinteressante quanto um palhaço que não sabe fazer graça. Enquanto cumprimentava as pessoas, elas dividiam o olhar entre o meu rosto descorado e o expressivo aviso. “O porteiro da noite foi demitido?”, “Você vai sair do Portinari?”, foram algumas perguntas que tive que responder enquanto entravam. De certa forma anunciei minha saída, sempre com um sorriso como se tivesse sido um “acordo de paz”. O que eu não sabia era que ia ficar tão espremido ao sair de um outro emprego. Sustentei as águas no barco açoitado, principalmente quando Elisabeth leu.

– O que significa esse cartaz? – atônita – porque você vai sair?

– Bom, nem eu sei explicar o real motivo. Mas depois podemos conversar sobre isso.

Ela entrou no Colégio com semblante transtornado. Depois vieram Diego, Juliana, Caio, os membros da equipe e por fim Enzo – que retornou as aulas hoje – me questionaram sobre o “bendito” cartaz. Tentei acalmá-los prometendo conversar em um outro momento.

Depois que o sinal tocou, encontrei a equipe reunida no jardim – e agora Caio fazia parte dela – tentei explicar.

– Bem, não gostaria de falar mal de alguém. – Elisabeth foi se aproximando, olhei pra ela e prossegui – Mas no começo do próximo mês não trabalho mais no Portinari – a voz embargou – Foi uma decisão da Senhorita Margareth e precisamos respeitar. Ela sabe o que está fazendo.

– Não. Ela não sabe – disse Juliana quase chorando – aquela velha chata não sabe de nada.

– Foi tudo culpa minha né João? – disse Diego.

– Não! Não é culpa de ninguém. Apenas não passei na experiência.

– Mas você é o melhor porteiro que conheci. – disse Raniele.

– Eu vou falar com a Margareth. – Elisabeth disse como se já fosse saindo.

– Não. Espere. Não quero que faça isso.

Enzo me abraçou chorando e não consegui segurar as lágrimas.

– Eu não quero que você vá embora! Você é a melhor pessoa desse mundo!

Um a um foram formando um abraço coletivo sem se importar que outros alunos estavam passando. Quando olhei pra Elisabeth ela também estava chorando.

– Vocês são muito especiais pra mim – enxugando as lágrimas – apesar do pouco tempo que estamos juntos sinto que ganhei grandes amigos. E a gente não precisa deixar de se falar só porque não estarei mais aqui.

– Nós vamos falar com a Senhorita Margareth! – insistiu Juliana.

– Não Ju. Eu não quero. Vou ficar bem.

Enzo não conseguiu me soltar e nem conter o choro. Foi quando me baixei e peguei em sua cabeça assim como Esperança pegava na minha.

– Não chore meu menino. A gente vai ser amigo pra sempre, quer dizer, quando você tiver uns trinta anos, eu já estarei bem velho. Não sei se vai querer ter um amigo como eu.

Ele sorriu em meio as lágrimas.

– Você promete?

– Prometo. Agora vocês precisam se reunir, planejar como vai ser sexta-feira e vencer essa gincana!

Eles me abraçaram e foram andando para a quadra. Caio ficou por último junto com Elisabeth.

– Você nem me contou nada ontem.

– Eu não tinha certeza ainda sobre a demissão.

- A Senhorita Margareth parece não ter coração. – disse ele.
- Não pense assim. Ela só está pensando no melhor para o Portinari. Ele me abraçou e foi de encontro a equipe do 6º ano.
  
- Pensei muito em você ontem – disse à Elisabeth.
- Eu também pensei em você João.
- Estou passando uma fase difícil, nem sei se teria estrutura para um relacionamento. Sei que aqui não é lugar pra conversarmos sobre isso, mas acho melhor a gente não se aproximar tanto.
- Você está me dispensando?
- Não acho que essa seria a expressão correta. Diria que estou sendo realista. É o melhor.
- Você julgou ser o melhor baseado nos seus sentimentos e nas suas circunstâncias?
- Não posso oferecer a vida que você merece Elisabeth.
- Então você é incapaz de oferecer seu amor a alguém? Alguém que você diz amar?
- Você não entende.
- Você que não entende. Eu convivi dois anos com uma pessoa que tinha tudo pra me oferecer, uma vida de rainha, mas ele não tinha amor.
- Conversamos depois. Acho que aqui não é o lugar.
- Aqui não é seu lugar especial? Essa árvore? Esse banco?
- Como você sabe disso?
- Esqueceu que eu te observava desde criança?
- Porque você está se importando com tudo isso se ontem nem tinha certeza ainda do que sentia? Estou lhe dando a oportunidade de não se apaixonar por alguém como eu!
- Tudo bem, João Victor Cruz! Adeus! – ela percebeu que alguns alunos estavam nos observando e saiu de forma brusca.

Acho que o meu alerta “anti-expectativa” já estava ativado. Voltei a portaria e tentei não internalizar tudo o que estava acontecendo, sou muito rápido pra decidir as coisas, aliás a vida nunca me dá muito tempo pra pensar. Se eu pensasse demais certamente estaria dormindo na rua. O telefone da portaria toca. A Senhorita Margareth me chamando outra vez. Ao chegar estavam Caio e os membros da equipe.

- Vocês não estavam na quadra? – disse surpreso ao vê-los.
- Eu sei que você não queria que estivéssemos aqui, mas viemos exigir que você fique. – disse Caio.
- Vocês não estão aqui pra exigir nada. – respondeu a Senhorita Margareth tentando manter a compostura – O Sr. Cruz trabalhará até o final desse mês aqui e isso já é um assunto encerrado.
- Eu vou pedir pra minha mãe me tirar desse Colégio, está ficando a cada dia mais chato. – disse Juliana enfrentando-a.
- Você deveria ser grata mocinha por não ser expulsa depois de tentar incendiar a sala no começo do ano.
- Eu já disse milhões de vezes que não fui eu. – disse Juliana.
- A senhora tem provas do que está dizendo? – perguntei.
- Não se envolva onde não foi chamado Sr. Cruz.
- Eu fui chamado sim e por isso estou aqui. Agora vejo a senhora acusar uma criança. Cadê as provas? – insisti.
- Ela foi vista pelas câmeras. E o senhor não deveria defender o mal comportamento dos alunos. – disse já perdendo a paciência.
- Eu já fui acusado injustamente por uma diretora quando eu era criança. Parecia evidente a minha culpa, mas ao invés de conversar comigo em particular, fui ridicularizado publicamente na frente de todos os meus colegas. Isso não é nada educacional Senhorita Margareth.
- Ora, mas era só o que me faltava. Você querer me ensinar algo sobre educação. É por isso – apontando o dedo pra mim – que você não fica mais aqui. Todas as pessoas desse colégio me devem respeito. E chamei o senhor aqui pra oficializar sua demissão.
- Não havia necessidade, e ainda mais na frente das crianças. Não vou continuar discutindo sobre isso.
- Senhorita Margareth – disse Caio – Qual é o seu problema? A senhora também vivia implicando com o Sr. Estevão. Já vi a senhora discuti muitas vezes com ele. Qual o seu problema com porteiros?
- Olha garoto, vocês invadiram a minha sala sem pedir licença, torraram minha paciência e eu tive que chamar o amigo de vocês pra mostrar que eu não vou voltar atrás na minha decisão.
- Eu não quero que a senhora volte atrás. É apenas uma demissão. Sei que eles vieram aqui porque gostam muito de mim. Fico grato, mas no final do

mês estou fora do Portinari e não precisamos chegar a esse ponto por causa disso. Era só isso que a senhora queria? – perguntei.

– Mas João... – Enzo quis falar.

– Não Enzo, por favor. Eu estou perdendo apenas um emprego e não a amizade de vocês. – disse o interrompendo.

– Saiam todos por favor! – ordenou a Senhorita Margareth.

Do lado de fora eles pareciam inconformados com a decisão, insisti em não tocarmos mais nesse assunto, e voltamos às nossas atividades. Senti desde o primeiro dia que a Senhorita Margareth tinha uma implicância sem motivo, mas nunca imaginei que chegasse a tanto. Imagino que algumas vezes me exaltei ao falar com ela. Não a ponto de imaginar que ela pudesse expressar tanto ódio.

No restante da semana, houve algumas palestras e aulas experimentais sobre reciclagem para ocupar os alunos que já tinham terminado seus trabalhos. Outros ainda estavam finalizando seus projetos, e a cada dia que se passava o meu nervosismo ia aumentando. Na Quarta-feira, Caio veio me buscar no final do expediente com o Sr. Otávio e passamos a música que cantaríamos na apresentação. No Portinari as expectativas estavam à flor da pele com a chegada da “Reciclável”. O Colégio estaria aberto para os pais e a comunidade. Algumas equipes já decoravam alguns espaços onde apresentariam seus projetos. Não tocamos mais no assunto da demissão, mas senti que muitos não conseguem disfarçar o descontentamento, principalmente Enzo. Elisabeth não conversou mais comigo, a não ser cumprimentar cordialmente ao entrar e ao sair. Em uma conversa que tive com Esperança, ela me deu a entender que a Senhorita Margareth agia daquela forma porque escondia algum segredo. Ela não quis me contar exatamente do que se tratava, mas percebi que Esperança sabia de algo que não podia contar. Não consigo imaginar alguma justificativa para tratar alguém mal. Ainda me aconselhou a fazer uma visita ao Sr. Estevão e até me passou o endereço da casa. Talvez se eu conversasse com ele pudesse entender algumas coisas.

– Meu filho, tive um convívio familiar muito conturbado – disse Esperança – fui criada por uma tia muito amargurada. Ela se incomodava bastante se me vesse bem. Passei anos magoada com ela. Não conseguia entender como

alguém a quem devia tanta gratidão por pagar meus estudos e me criar como se fosse minha mãe, pudesse me ferir tanto com palavras e ações. Ela não me deixava sair e sempre me dizia que eu tinha que aprender a “não ter”. Suportei muita coisa calada porque sempre achava que desafiá-la seria uma forma de ingratidão. Não existem pessoas piores na vida do que as ingratas. Elas costumam ser injustas com os outros e consigo mesmas. Eu me recusava a ser assim.

– E o que aconteceu depois? – perguntei.

– O meu limite já tinha se esgotado. A minha vontade era arrumar uma mala e fugir. Foi quando uma amiga com a qual confidenciava minhas aflições me disse “Esperança, já tentou se colocar no lugar dela?”, e o meu primeiro pensamento foi que eu jamais me colocaria no lugar de alguém tão amargo. Após refletir sobre isso, entendi a pergunta e quando visitei alguns parentes quis saber como a titia era na infância. Um dos meus tios, que era um dos mais velhos, confidenciou que no passado ela era uma menina doce, alegre e cheia de sonhos – até pensei que estava falando de outra pessoa – e surgiu uns comentários de que ela tinha sido abusada sexualmente por um amigo da família. Os meus avós nunca chegaram a confirmar o ocorrido, mas o tio Alfredo contou que na época exigiu saber o que tinha acontecido, pois ela havia mudado seu comportamento radicalmente. Tirava notas baixas na escola, sempre teve relacionamentos amorosos conturbados, era frágil emocionalmente, retraída, de poucas palavras e todo sorriso que haviam em seus lábios se tornara em expressões sérias.

– Que pesado Esperança! – comentei.

– Depois que soube disso e outras pessoas me confirmaram, parece que eu não conseguia senti raiva dela como antes, mesmo quando insistia em me chamar de “Maria do Desespero”. Entendi que por trás de toda aquela agressividade se escondia uma menina ferida que nunca conseguiu superar. Pensei várias vezes em ajuda-la de alguma forma, ela sempre criava uma barreira que impedia aproximações, e piorou mais ainda quando me casei e deixei de morar em sua casa. Nunca deixei de visita-la. Fazia-lhe massagens nos pés, e isso era o único gesto de amor que ela permitia que eu demonstrasse. Toda minha raiva tornou-se em pena. Pena não! Acho essa palavra muito pobre. Talvez, compaixão ou empatia.

– Que história triste. As pessoas passam por lutas que nem imaginamos. – disse como se pensasse alto.

– É isso que me fez suportar muita coisa na vida filho. Convivemos o tempo inteiro com pessoas que nos ferem e muitas vezes não entendemos seus motivos. O problema não somos nós. Elas já carregam os problemas em si. Encontrar pessoas para culpa-las e ofendê-las parece um tipo de estratégia que elas encontram para não confrontar suas realidades. É mais fácil culpar alguma coisa do que tratar o coração. Considere as atitudes de Margareth, ela também não teve uma vida fácil. Sempre foi obrigada pela família desde nova a assumir grandes responsabilidades.

Conversar com Esperança sempre me conforta. Parece que ela tem resposta pra tudo.

O fato de cantar na gincana estava me preocupando por outro motivo: precisaria deixar a portaria sem ninguém e tudo o que não gostaria de fazer nesse momento é pedir algo a Senhorita Margareth. A equipe sugeriu que eu fosse de farda mesmo, e na hora me chamariam, eu apenas cantaria e retornaria ao posto. Achei meio arriscado, mas concordei. Não tinha muita coisa a perder mesmo.

O que eu não esperava aconteceu. Passando pelos corredores vi Elisabeth conversando com o professor de Educação física, ela parecia bem alegre. O professor Renato tem um porte atlético e parece aqueles galãs de TV. Com certeza tem uma vida financeira equilibrada e parece ser uma pessoa muito legal. Elisabeth seria muito mais feliz se namorasse alguém assim. Só não esperava que isso doesse tanto. Ou ela não me viu ou disfarçou bem, mas conversava com ele como se não importasse a minha presença. É difícil admitir que estou com ciúmes. Eu estou. Ela me ignorou a semana inteira.

Noite de Quinta-feira, vi ela novamente sentada naquela pizzaria. Dessa vez não me acovardei e me aproximei.

– Esperando alguém? Incomodo? – ela ficou surpresa.

– Não. Eu não estou esperando ninguém. – disse dividindo o olhar entre os meus olhos e o tubo de maionese sobre a mesa.

– Posso sentar? Prometo não demorar. – ela consentiu com o olhar.

– Eu sempre venho aqui sozinha. Às vezes só tomo um copo de suco e volto pra casa.

– De acerola. Aposto. – disse sorrindo.

– Mas o que você tem a dizer? – perguntou levantando uma sobrancelha.

– Eu só queria pedir desculpas. Acho que aquele momento não era o melhor para conversarmos. Não queria magoá-la.

– Eu não estou magoada. Apenas atendi o seu pedido. Não é isso que você queria?

– Era. Gostaria que entendesse meus motivos.

– João, sabe o que eu acho? – deu uma pausa olhando em meus olhos – Que o amor sempre tentou abrir a porta pra você. Desde criança. Assim como aquela Elisabeth da 4ª série te amava e você não sabia, talvez muitas pessoas tentaram te amar, mas seu coração bloqueou. Toda a sua expectativa nas “Sara’s” da vida impediu que você enxergasse além do seu próprio egoísmo.

– Elisabeth, eu não sou egoísta. Muito pelo contrário, estou pensando em você.

– Você sabe o que é melhor pra você, mas não sabe o que é melhor para as outras pessoas. Apenas pode imaginar, mas não sabe tudo.

– Não entendo. Você estava indecisa sobre o que sentia e agora fica ofendida quando mostro que eu não sou a resposta que você esperava.

– Eu amo você João. Eu não queria, mas eu amo você.

Fiquei quase um minuto procurando alguma palavra que precisava sair.

– É o professor de Educação Física?

– O que tem ele?

– Vi vocês flertando nos corredores do Colégio.

– Flertando? Que palavra antiga! Tá vendo João, como você não sabe de nada. O Renato é meu amigo, assim como o Evangelista, o Martins e os demais. Nunca tive interesse em nenhum.

– Ele é um cara muito bonito. Parece ser bem influente e de bom caráter. – comentei.

– Ele é mesmo! Uma ótima pessoa! E o que isso tem a ver com amor? Você acha que todas as pessoas se apaixonam por estereótipos? – disse ela um pouco chateada.

– Não sei. Mas vi que vocês formavam um bonito casal.

– Que ridículo! – disse ela – eu já me apaixonei por um deficiente físico e não namoramos porque descobri que ele era gay.

Não consegui controlar o meu riso com esse comentário. Ri de tal forma que ela não conseguiu segurar sua seriedade.



– Eu estou falando sério! – disse ainda sorrindo enquanto eu estava com a mão tapando a boca.

– Desculpe. É que a forma que você falou foi engraçada. – tentando controlar a quase fatídica risada.

– Eu imagino o quanto é difícil acreditar que existam pessoas que se apaixonam pelo o que as outras são. O primeiro contato que temos com uma pessoa é um olhar ou algo no físico que nos chame atenção. Ter preferências não é nenhum erro. O Renato, por exemplo, é o professor mais bonito do Portinari, e confesso que quando o vi pela primeira vez sua aparência me chamou atenção, mas depois que começamos a conversar não senti que pudéssemos construir uma vida a dois. Ele também não sentiu. Inclusive ele namora e nunca despertou em mim nada além da amizade.

– Tudo bem. Reconheço que falei porque me incomodou.

– Você falou porque gosta de se inferiorizar e também está com ciúmes. – afirmou ela.

– Como você é prepotente.

– Eu conheço você mais do que imagina. – disse ela com um sorriso.

– Então você tem certeza do que sente? – quis saber.

– Sabe o que estava pensando João. Que a vida permitiu tudo que aconteceu para que um dia você voltasse pra mim. Você não era apenas o meu amor da infância. Você é o amor da minha vida.

– Nunca pensei que fosse tão esquisito ser correspondido. – disse sem acreditar.

– Esquisito é se trancar pra vida. É não acreditar em si próprio. É achar que coisas boas são coisas de filmes e livros clichês. O amor existe e ele está disposto a encarar os desafios.

Nesse momento chegou uma amiga de Elisabeth. As duas se cumprimentaram.

– Esse é o João, um amigo do trabalho. Essa é Daiany, mãe de uma aluna. – assim nos apresentou.

Convidamos Daiany a sentar conosco – infelizmente ela aceitou – pedimos uma pizza com suco de acerola e tivemos que mudar de assunto. Fui embora antes e deixei as duas a sós. Ficamos de terminar a conversa depois. Tinha que comprar mais ração para Freedom antes que o mercado fechasse. Ao chegar em casa ele havia roído meu único chinelo de cabresto – que eu

usava nos finais de semana. O cheiro forte das necessidades fisiológicas em excesso domina o quarto. Penso seriamente em doá-lo a outra pessoa, mas quando o coloco em meu colo de barriga pra cima e fico fazendo carinho na cabeça dele, lembro que ele é um sonho realizado. Eu finalmente tenho um coelho.

## O GRANDE DIA

Depois de duas semanas de muita pesquisa e trabalho, os portões do Portinari estão abertos para a família dos alunos e à comunidade. Chegou o dia da “Reciclável” – A gincana de primavera. Os alunos chegam no horário normal e organizam suas exposições por todos os espaços conforme a ideia. Um verdadeiro festival de carros chegando. Os professores estão a todo tempo auxiliando, mas não consigo ficar parado na portaria. Me chamam constantemente pra ajudar a carregar pneu, sacos enormes, até um vaso sanitário ajudei a locomover. Elisabeth está mais linda que nunca. Com um vestido floral de alças, os cabelos presos de lado e um suave batom rosa. Ela passou por mim várias vezes – acho que é de propósito – e sorri como uma donzela apaixonada a cada vez que nos olhamos. Os professores não vieram fardados, apenas eu e os outros funcionários.

O evento está marcado para começar às 9 horas, quando chegarão os convidados. Ouvi dizer que essas gincanas de primavera sempre atraem muitos moradores e curiosos que não têm acesso ao interior do Colégio mais renomado da cidade. Os espaços começaram a ficar preenchidos com muitas ideias legais. São maquetes enormes feitas com palitos de picolé e tampinhas de garrafas; jardineiras com plantas feitas de pneus velhos; vasos de plantas feitos com pneus e vaso sanitário; porta-lápis com rolo de papel higiênico; abajur feito de garrafas plásticas; um sofá incrível feito com revistas enroladas; bolsas fabricadas com papelão, trabalhos pintados em garrafas de vidro e tantas outras coisas que não conseguiria narrar.

– João, estou achando que a gente não vai ganhar. – disse Diego acompanhado de Enzo.

– Que pessimismo é esse agora garoto?

– É que tem coisa muito mais interessante sendo exposta do que nossos quadros de papelão.

– Diego, nós fizemos o nosso melhor e achei muito nobre a ideia dos quadros.

– Pior que a ideia foi minha. – disse Enzo.

– Você também? Também se sente pessimista Enzo? – perguntei.

– É que olhando bem, tem muita coisa legal. Uma equipe do 9º ano montou uma tenda enorme toda feita de matérias reciclados. Você precisa ver. – disse Enzo.

– E vocês já inferiorizaram o trabalho que fizemos juntos por causa disso? Lembrem como foi bom aquele Sábado, como nos divertimos e realizamos algo que é nosso.

– Eu sei João, mas eu queria tanto ir ao parque aquático. – Enzo confessou.

– É João, e a mãe de Enzo catando reciclagem nunca vai conseguir pagar a entrada. – disse Diego.

– Como você sabe disso? – perguntei surpreso.

– Eu contei tudo pra eles. Sobre as minhas mentiras e de onde eu realmente venho. – Enzo me deixou muito feliz com essa atitude.

– Então, nada de desânimo. Apresentem com entusiasmo os quadros de vocês e logo mais à tarde estaremos na quadra onde tudo será exposto. Acredito que a nossa música também fará grande diferença.

Por falar na música não canso de cantar ela bem baixinho ou mentalmente. Estou tentando esquecer os detalhes pra não ficar mais nervoso ainda.

As pessoas começaram a chegar. Teve um garoto que não estuda no Portinari e me deixou bastante curioso.

– Você é o João Victor Cruz? – perguntou ele.

– Eu queria falar uma coisa muito importante com você, mas não pode ser agora. – ele tirou um papel com um telefone do bolso e me entregou.

– Sobre o que se trata? Quem é Victório?

– Sou eu. E esse é meu número. Me ligue amanhã ou outro dia quando estiver livre. – ele entrou no Colégio e não o vi mais.

Como ele sabe meu nome completo? Nunca o vi antes. Ele aparentava ter uns 15 anos e estava bastante tímido.

A Senhorita Margareth está muito elegante. Ela não tem falado muito comigo desde aquela Segunda-feira. Recepcionou os convidados com muita simpatia. Chegaram professores e profissionais convidados que iriam compor a mesa julgadora do melhor trabalho. Eles caminharam por todo o Colégio analisando todas as propostas. Nos autôfalantes anunciavam que iria começar uma peça de teatro no auditório e auxiliei os visitantes a chegarem lá. Conferi um trecho da peça realizada por uma equipe do 8º ano

onde eles interpretaram o papel – o papel mesmo – o vidro, o metal, o plástico, o orgânico e tinha até o “Não-reciclável”, foi muito engraçado, eles se caracterizaram dos respectivos materiais e todos contavam suas expectativas do que sonhavam em se transformar. No final da história o sonho deles foram contrários, mas acabam encontrando a felicidade no formato que ficaram e acharam utilidade até para o “Não-reciclável” que estava triste por achar que não servia mais pra nada. Ele era um prego torto que terminava no chinelo quebrado de um menino de rua. Achei muito linda a mensagem e por eles terem pensado em outras realidades. De vez em quando fugia do meu posto pra ver algumas apresentações. Se perguntassem eu diria que só estava conferindo a ordem.

Fui até a sala onde a equipe estava reunida. Pareciam bem empolgados mostrando a exposição de quadros. Observei um pouco antes para não interromper.

– Essas imagens representam o meio ambiente, feitos com materiais que estavam sujando as ruas. – explicava Enzo a um grupo de crianças.

– Cada papel de bombom que jogamos no chão tem uma consequência muito ruim que só veremos no futuro. – contava Manoela.

Eles continuaram explicando até que finalizaram e eu aplaudi. Caio estava com eles e também auxiliava.

– Sabe João – disse Caio – eu precisava mesmo fazer parte dessa equipe.

Todos abraçaram Caio e eles já haviam se tornado grandes amigos.

– Sabe quem veio aqui? – perguntou Diego.

– Quem?

– A turma do 9º ano da classe de Caio. Vieram zombar dele. Perguntaram se ele tinha se juntado com um monte de pirralhos. Eu ia responder à altura, mas o Caio não deixou.

– O que você disse Caio? – quis saber.

– Eu disse que esses pirralhos são os meus amigos. E que eu não trocaria a amizade deles por nenhuma outra. Eles logo foram embora.

– Fez muito bem. Não adianta revidar com violência a quem veio apenas instiga-la. Ninguém pode controlar as nossas emoções a não ser nós mesmos.

– João, as pessoas estão gostando muito dos nossos quadros. – contou Juliana entusiasmada.

Percebi que o tempo começou a fechar. O dia quente foi substituído por uma repentina e forte chuva, penso não ser um bom sinal – coisas da infância. Fechamos as janelas e os trabalhos que estavam sendo apresentados externamente tiveram que ocupar o pátio central. Todos se aglomeraram no interior do Portinari e alguns temiam não vir o público esperado para o evento logo mais a tarde.

O céu cinza escuro denuncia que não o sol não dará as caras tão cedo. Algumas pessoas arriscavam ir para suas casas debaixo do temporal. Trovões, relâmpagos e ventos fortes assustam alguns. O movimento de visitantes vai diminuindo. Como a chuva não cessa e os portões do Portinari tinham que ser fechados em horário de almoço, a Senhorita Margareth pediu que eu fosse almoçar um pouco mais tarde devido alguns visitantes ainda estarem no colégio. Olhei pelo portão, vi o jardim e a rua completamente alagados. As atividades iam continuar mesmo com o inesperado transtorno – apenas sem a expectativa de muitos convidados.

Caio se aproxima com o violão e começa a tocar baixinho a música que eu cantaria logo mais. Cantei baixo para que ninguém ouvisse. Foi uma espécie de último ensaio. Seguro uma vontade de chorar porque me veio à memória cenas fortes da infância. Recordo a criança sonhadora que era e no que havia me tornado. Passou um flashback anos 80 na cabeça. Prometo dar o meu melhor nessa apresentação. Aliás, Será a primeira vez que cantarei em público. Acho que a chuva junto com a música trouxe esse sentimento. Um carro buzina e acendia os faróis no portão de fora. Sinto um fio de indignação por interromper a música e ter que sair na chuva pra ver quem era. Hesitei em ir ou não ir, até que minha bota já estava inundada e o tecido grosso da farda grudado em minha pele fria – senti mais frio do que os banhos da manhã com meu “chuveiro-bica”. Aproximo e confirmo minhas suspeitas ao ver o Audi rosa escuro, faço um gesto pedido pra se identificar mesmo sabendo de quem se trata.

– Você não está me vendo idiota? – gritou Sara ao ter que baixar o vidro em meio a chuva.

– O que você quer? – perguntei pra dar tempo ela se molhar ainda mais.

– Eu quero entrar! Abra a porcaria desse portão! – gritou ela.

– Não estou entendendo. – disse me fazendo de bobo.

Nesse momento Eduardo Borges desceu pela outra porta e foi até o portão com aquele “peito de pombo”.

– Por acaso está brincando com minha esposa? – disse ele enquanto molhava sua gola polo branca com vermelho.

– Eu acho que vocês precisam aprender a respeitar as pessoas. – respondi.

– Abra esse portão sua lesma! Sou eu que pago o seu salário.

– Hahaha! Não me faça rir Eduardo. Aliás, ladrão de cadeados! – disse rindo com deboche.

– Como ousa falar assim com o meu marido? – gritou Sara do carro.

– Vocês não merecem ter uma filha como Juliana. Acham que podem comprar tudo e pisar nas pessoas, mas não sabem amá-la. Ela precisa do amor de vocês e não do dinheiro sujo que vocês ostentam. – afirmei gritando.

– Você vai engolir tudo o que está dizendo quando abrir esse portão. Se considere um homem demitido! Margareth vai ficar sabendo de tudo. – disse Eduardo.

– Eu não tenho medo de você e nem das suas ameaças.

– Abra esse portão! Viemos assistir à apresentação de Juliana porque somos pais presentes. – gritou Sara.

– Não! Você veio aqui porque certamente quer gravar mais um episódio daquela série besta que faz na internet.

– O quê? – disse ela já sem paciência e começou a buzinar incessantemente. Deixei-os do lado de fora e fiquei rindo o tempo todo – com aquela risada rara. Eduardo já ensopado correu pra dentro do carro ao som de um estrondoso trovão. Ela deu uma ré no carro, por um momento pensei que iam pegar a avenida e voltar pra casa, mas fui surpreendido com uma pancada enorme no portão. Dei uma virada brusca e vi ela dando outra ré, dessa vez ela colocou o portão do Portinari no chão. O Audi esmagou os ferros e veio na minha direção. Acelerou sobre a grama encharcada e não me atropelou porque consegui entrar a tempo no Colégio. Eduardo desceu do carro, entrou no Portinari gritando que ia me pegar. Correu atrás de mim enquanto escorregava nos próprios sapatos e empurrava as pessoas. Vi Sara logo atrás junto dele, e gritavam “peguem o porteiro”, enquanto derrubávamos maquetes, pneus, monumentos de plástico e tudo o que víamos pela frente. Sumi de vista quando ainda tentavam subir as escadas. Consegui entrar numa sala onde Evangelista e Elisabeth conversavam.

Tranquei a porta e falei “preciso de ajuda, Eduardo e Sara querem me matar!”

– O que está acontecendo? Que cara é essa? – perguntou Elisabeth assustada.

– Não dá pra explicar agora.

Em poucos segundos eles bateram na porta dizendo que se não abrisse iam coloca-la abaixo – não duvidei depois do que eles fizeram com o portão. Pedi pra me ajudarem a descer pela janela do segundo andar. Evangelista e Elisabeth mesmo sem entender me auxiliaram. Quando estava descendo por pequenas brechas que tinha nas paredes, ouvi um estrondo. Certamente eles haviam derrubado a porta como ameaçaram. Me desequilibrei e cair em um arbusto na lateral do Portinari. O alarme tocava incessantemente devido à queda do portão. Eles me avistaram pela janela e ameaçaram descer, tentei me esconder em alguma sala de baixo quando me deparei com um verdadeiro caos de pessoas sem entender o que estava acontecendo. Certamente pensavam tratar de algum tipo de atentado. Entrei no corredor sem saída quando fui encurralado por Eduardo e Sara. A sorte é que Evangelista e Elisabeth vinham atrás tentando contê-los. Ao chegar no final do corredor aonde dava para a lama cheia de girinos, Sara se aproximou como se fosse cravar as unhas em mim, mas me desviei a tempo e ela caiu de cara naquelas águas. Todos pararam. Ela gritou “De novo não! De Novo não!”

Eduardo olhou pra mim como se fosse me matar, mas começou a ter uma crise de riso ao ver a mulher atolada.

– É você não é? João Victor Cruz! Você voltou pra me jogar na lama novamente. – disse ela recobrando a memória.

– Dessa vez você caiu sozinha. – respondi.

Ela tentou se levantar da lama, quando me vi cercado de pessoas olhando e filmando com celular. Eduardo não conseguia parar de rir. A Senhorita Margareth aproximou-se como quem perde o império, perguntando “O que houve aqui?”, simplesmente dei as costas e sair. Ouvi a voz de Evangelista me chamando “João”, pensei dizer que precisava ficar só, assim como disse a Jhonny no passado, mas lembrei daquele dia, e decidi olhar pra ele. Quando me virei vi ele e Elisabeth me seguindo. A cena parecia estar se repetindo, mas ao contrário do passado abracei ele.



– Eu não vou mais chorar no banheiro. – disse enquanto o abraçava, mas com certeza ele não entendeu.

Depois abracei Elisabeth e a beijei. Mesmo molhado como estava, levantei ela com meus braços e gritei “Eu te amo Elisabeth! Eu te amo!”.

– Eu também te amo João Victor! – gritou ela em seguida.

Ela segurou as minhas mãos e fomos para o jardim. Evangelista nos acompanhou.

– Vocês estão vendo o estrago que eu fiz? – perguntei apontando para o portão destruído.

– Não entendi nada do que está acontecendo, mas foi a gincana de primavera mais animada dos últimos tempos. – disse Evangelista com bom humor.

– É uma longa história, mas preciso ir agora. Depois do que aconteceu, certamente serei demitido hoje mesmo.

Os meninos da equipe chegaram e perguntaram o que havia acontecido. Falei que tive um desentendimento com o casal Borges e que precisava ir.

– Juliana me desculpe pelo o que aconteceu com seus pais. Só quero que saiba que não tem nada a ver com você.

– Tudo bem João. Eu tenho certeza que eles fizeram algo com você. Pois vivem magoando as pessoas. – disse ela.

– E o nosso trabalho? A música? – disse Enzo preocupado.

– Tentem apresentar sem a música.

Esperança chegou bem na hora, ouviu parte da conversa e disse:

– Vá em casa, tome um banho, troque de roupa e volte. Você já está encrocado mesmo. Pelo menos encerrará sua carreira aqui da maneira que mais gosta: cantando.

– Isso é loucura Esperança! A Senhorita Margareth vai me expulsar do palco. – afirmei.

– Ela não vai fazer isso na frente da mesa julgadora. Até quando tentou mudar o nome do colégio de “Portinari” para “Pollock” foi barrada pelo bom senso. Ela é bem ética, principalmente quando envolve sua reputação. Vá em casa e volte. A chuva já passou.

Olhei pra todos ali reunidos e fiz o que ela pediu. Sair correndo pelas ruas molhadas como se fosse uma criança. Ao chegar em casa abracei Freedom e contei tudo a ele como se entendesse – enquanto me seco.

Vesti uma calça jeans, uma blusa listrada azul com preto de mangas longas e por cima coloquei um casaco preto com capuz e voltei ao Portinari. Ao entrar vi uma equipe de assistência analisando o portão que dava acesso à garagem, ele ainda estava no chão. O capuz serviu para esconder parte do meu rosto. Entrei de cabeça baixa no Portinari com medo ser reconhecido, me senti dentro do filme “Argo”. Encontrei Elisabeth na sala de aula, imediatamente despediu quatro alunos que estavam em sua companhia. Acho que me reconheceram, mas não disseram nada.

– Eduardo e Sara continuam no Colégio. – me avisou como se fosse uma ameaça.

– Tudo isso aconteceu porque me recusei abrir o portão.

– Tudo bem. Não precisa explicar agora. Eles devem estar na diretoria com a Senhorita Margareth, e por falar nela, veio me procurar acusando de que estava acobertando você.

– Você pode perder o emprego por minha culpa?

– Não se preocupe com isso. Eu quero ver a cara deles quando verem você cantando naquela quadra!

– Sério? Você acha mesmo que devo ir.

– Sim! Coloquei no roteiro a equipe do 6º ano para ser a última apresentação. Fique escondido aqui até chegar a hora. Todos estarão lá, então eu dou um jeito de lhe dar um sinal e você entra pelos fundos da quadra.

– Você é louca Elisabeth! – dei um beijo nela.

– Agora preciso ir pra não chamar atenção. Tirando o portão e alguns trabalhos que foram danificados está tudo sob controle.

Ela me deu outro beijo e saiu da sala. Fiquei escondido ao lado de um armário.

Ouvi um barulho que vinha da quadra. Os professores anunciavam as turmas e suas respectivas apresentações. Infelizmente não pude assistir. Apenas ouvia o eco das vozes e aplausos. A cada minuto que passava minha ansiedade aumentava. Senti uma vontade imensa de ir ao banheiro, então decidi arriscar. Verifiquei com cuidado se os corredores do Portinari estavam vazios, pois precisava descer o mais rápido possível. Desci as escadas com cuidado e percebi que estava tudo vazio. Consegui entrar no

banheiro, mas quando tentei voltar à sala senti uma mão me puxando por trás, tentei resistir, quando puxou o capuz da minha cabeça, era Sávio.

– Você quase me matou do coração cara! – disse aliviado.

– E você o que fez de tão grave? – disse ele – A Senhorita Margareth me ligou pedindo pra mim vir mais cedo porque você tinha fugido.

– Longas histórias meu amigo, mas garanto que sou inocente. Estou me escondendo porque daqui a pouco subirei naquele palco. – contei.

– Você tem coragem? – disse ele surpreso – A primeira coisa que a Senhorita Margareth vai mandar é me chamar pra retirar você. Não gostaria de fazer isso.

– Tudo bem. Eu me retiro se isso acontecer, mas deixa pelo menos eu terminar a música.

– Você não existe João Victor Cruz! – disse ele sorrindo.

– Sávio – abracei ele – obrigado por tudo. Acredito que não serei mais seu colega de trabalho depois de tudo o que aconteceu, mas quero que saiba o quanto sou grato por suas instruções, paciência e principalmente por sua amizade.

– Você é um grande homem. Admiro muito você. – disse ele com os olhos marejados.

Agora preciso voltar à sala. Não quero que nos vejam juntos. Elisabeth ficou de me chamar quando chegasse a hora.

– Quer dizer que vocês estão juntos mesmo!?! Que cara de sorte!

– É. A gente tá começando. Agora preciso ir.

– Vai lá. Vou dar um jeito de espiar sua apresentação.

Corri de volta a sala e fiquei aguardando alguém chamar.

Chegou o grande momento. Caio me encontrou e disse que seríamos os próximos. Descemos com Sávio nos dando cobertura pra sair pelos fundos. Fiquei atrás do palco, sempre com o capuz abaixado. Finalmente chamaram a turma do 6º ano que conduziram as 5 molduras feitas de papelão, cada uma coberta com um pano preto. As minhas mãos pareciam sem forças e passava milhões de pensamentos ao mesmo tempo na minha cabeça – principalmente o de fugir. A quadra estava lotada, ao contrário do que pensei devido à forte chuva da manhã. Juliana anunciou que cada quadro seria descoberto ao som de uma canção que eles prepararam.

– Eu queria chamar aqui, nosso amigo que colaborou com a nossa ideia: Caio Dellaphardier. – Caio subiu ao palco e meu coração quase subiu a boca – E agora, – continuou ela – quero chamar uma pessoa muito especial que nos presenteou com essa composição musical e vai cantar pra gente agora: João Victor Cruz!

Subi as escadas e fui tirando o capuz lentamente. Caio começou a dedilhar o violão. Vi quando algumas pessoas ficaram de pé como se não acreditassem. Especialmente a Senhorita Margareth, Eduardo e Sara Borges que estavam na primeira fileira. Eduardo dizia alguma coisa enfurecido, mas sua voz ficou abafada pelos aplausos. Estavam também na plateia Lourdes, Lívia com Gabriel nos braços, o Sr. Otávio, Francisca e muitos outros pais que fui identificando pouco a pouco. Então comecei:

Existem dias tão perfeitos  
Depende do olhar do quem ver  
Existem dias tão perfeitos  
E tudo vai se encaixando, apesar da dor  
Existem dias tão perfeitos  
Eu sei que você vai vencer  
Existem dias tão perfeitos  
E que comece hoje dentro de você.

O medo existe, você é maior que o medo  
A dor insiste, você deve insistir lutar  
Sempre é mais fácil, sentar à beira desse rio  
Mas o que você sonha, está do lado de lá.

Acomode- se ou recicle-se!

Enquanto repetia a canção, eles foram apresentando cada quadro. Quando voltei a repetir várias vezes “Acomode-se ou Recicle-se” formou-se uma espécie de coral espontâneo que continuava repetindo mesmo quando a música já tinha encerrado. Todos aplaudiram de pé por cerca de um minuto. Até a Senhorita Margareth aplaudia. Eduardo e Sara continuaram imóveis. Eu já ia saindo quando Enzo me pediu pra esperar.

– Apresentamos 4 quadros. Ainda falta um que deixamos para o final. – disse ele bastante nervoso ao microfone – podemos reciclar papel, vidro, plástico, metal, alguns alimentos, mas também podemos reciclar o nosso coração.

Antes mesmo de ouvir o restante eu já estava chorando.

– Por isso queremos apresentar o quinto quadro – disse Diego assumindo o microfone.

Raniele e Wellington puxaram o pano do quadro que faltava e me deparei com uma foto minha de quando era criança. Houve um silêncio repentino. Juliana levantou a foto e por debaixo da foto de infância havia uma outra imagem. Era uma foto onde eu estava no portão de pé – tiraram sem que eu percebesse.

– João – disse Juliana – eu poderia colocar nesse quadro a foto de todas as pessoas do mundo. Você nos ensinou que todos tem a oportunidade de mudar seus pensamentos. Eu ainda acredito em signos tá? Mas você quebrou uma regra: que escorpianos não gostam de cancerianos. Porque eu gosto muito de você.

– E também – disse Raniele pegando o microfone – que você é o cara mais legal que conhecemos nos últimos tempos. Gostaríamos que você fosse o porteiro do Portinari pra sempre porque vai ser muito difícil olhar para o portão e não te ver.

– E tem mais – disse Diego – você nos disse uma vez que nós éramos uma família. E agora nós somos uma família. Se o seu nome não fosse João Victor, seria reciclável. Reciclável!

Nos abraçamos, Elisabeth, Esperança e Evangelista subiram ao palco e fizemos um abraço coletivo. Não consegui ver nada depois a não ser a luz dos refletores e o som de aplausos.

A Sra. Nogueira assumiu o microfone enquanto retirávamos as coisas do palco, e anunciou que dentro de instantes revelariam os vencedores da Gincana de Primavera. Ao descer as escadas dei de cara com Eduardo e Sara.

– Como ousar voltar aqui depois de tudo o que aconteceu? – disse Eduardo.

– E você garota – disse Sara pegando Juliana pelo braço – como tem coragem de homenagear o homem que jogou sua mãe numa poça de lama? Olha os meus cabelos ainda molhados e minha roupa suja!

- Não ficou tão suja assim. – respondeu Juliana.
  - O dinheiro e as joias de vocês não compram caráter.
  - Tão clichê, típico de pobre! Você sempre foi um morto de fome, fracassado, que nunca cresceu na vida porque nasceu pra ser um perdedor.
  - disse Eduardo.
  - Pelo menos eu nunca precisei roubar cadeados e pior, colocar na mochila de uma pessoa inocente para acusa-la.
- Ele me olhou tentando disfarçar a vergonha de ser descoberto. Ele já sabia quem eu era e com certeza lembrou do que fez.
- Não vou falar sobre isso na frente da minha filha. – respondeu ele.
  - Que discussão é essa aqui chamando a atenção das pessoas? – disse a Senhorita Margareth se aproximando.
  - Margareth, como você deixa esse medíocre cantar na apresentação do colégio? – disse Sara.
  - Eu não sabia.
  - Sabia sim. Aliás, deve ter feito isso de propósito pra nos humilhar. Você nunca gostou da minha filha, até já tentou expulsá-la. Juliana não estudará mais nesse colégio de 5ª categoria. O Portinari já prestou um dia.
  - Quinta categoria são mulheres fúteis como você – rebateu a Senhorita Margareth – Sinto muito por Juliana ter os pais que tem. Eu gosto muito da menina, mas o único problema dela é a família. E tem mais, gostei muito de vê-la na lama e depois mandarei a conta do prejuízo do portão.
  - Como ousa falar assim comigo sua velha encalhada?
  - Prefiro ficar solteira do que casada com um banana feito seu marido.
  - Vamos embora Eduardo! – ela puxou Juliana pelo braço e saiu com o marido.
- Deu dó ver o olhar da garota olhando pra trás. Ela não merecia tudo isso. Acredito que será muito difícil revê-la.
- Eu sinto muito Senhorita Margareth. Eles me distrataram no portão e me recusei a abrir. – tentei explicar.
  - Tudo bem Sr. Cruz. Entendo. – fiquei surpreso com a resposta – Só achei que o senhor foi irresponsável de entrar no colégio colocando os alunos em risco, mas graças a Deus tudo terminou bem.
  - E os grandes vencedores da gincana são... – gritou a Sra. Nogueira no microfone.

Todos interrompemos a conversa e fomos para a frente do palco enquanto ela fazia suspense.

– Vou anunciar primeiro o 3º e o 4º lugar, que receberão medalhas de participação. Quero convidar os nossos jurados ao palco, que passaram o dia analisando as exposições externas e agora aqui na quadra. Cada um deles deu uma nota a cada equipe e as 4 mais votadas serão reconhecidas no palco, lembrando que desde já agradecemos a participação e o envolvimento de todos. Espero que a reflexão sobre a reciclagem nunca mais saia de suas mentes e nem de suas práticas diárias. O planeta agradece e vocês que moram nele também devem agradecer.

A mensagem estava muito bonita, mas no rosto de todos a ansiedade estampava. Alguns roíam as unhas de tanta aflição. Minhas pernas estavam tremendo ainda junto com uma vontade de voltar ao banheiro. Quando começou a abrir os envelopes com os resultados.

– Em 4º lugar ficou a equipe do 8º ano com a apresentação de teatro. Em 3º lugar a equipe do 6º ano – nesse momento quase tive um ataque cardíaco – com a apresentação do sofá feito com revistas.

Por um momento achei que era a nossa equipe, mas foi a de outros integrantes. Elisabeth e a Senhorita Anjos colocaram as medalhas nos integrantes.

– Em segundo lugar, anunciaremos os integrantes que receberão um super kit com cadernos, agendas e materiais escolares produzidos a partir de reciclagem. Além das medalhas de participação. E eles são – que suspense terrível – eles são... A equipe do 6º ano com os quadros feitos de material reciclado!

Fomos nós. Juliana já tinha ido embora, mas os outros integrantes subiram ao palco. Enzo chamou eu e Caio para subirmos juntos, mas preferimos esperar. O segundo lugar não parece tão empolgante, mas foi uma grande conquista. Eles voltaram com aquelas carinhas de quem estão conformados, mas no fundo queriam ter vencido. Depois foram anunciados os grandes vencedores do primeiro lugar, foi uma equipe do 9º ano com sua tenda feita de vários materiais recicláveis.

– Eu disse que eles iam ganhar! Eu sabia! – confessou Diego.

– Nós ganhamos muito mais Diego. Eu também queria que vocês tivessem levado o primeiro prêmio, mas não reclamem. Foram mais de 20 equipes e ficamos em segundo. – tentei confortá-lo.

- Tudo bem. – disse ele conformado.
  - Pegue Enzo, fique com isso. – Raniele estendendo o kit que recebeu e entregando.
  - Como assim? – disse Enzo sem entender.
  - Quero que fique com o meu kit de presente. – ele estendeu a mão e recebeu.
- Depois um a um foi entregando o seu kit a ele.
- Porque vocês estão fazendo isso? – disse Enzo.
  - Não questione. Apenas receba. – intervi na resposta – vocês também são recicláveis.

Os pais se aproximaram, começaram a abraçar e elogiar as crianças.

- Parabéns João, você cantou divinamente bem, e eu não imaginava que o meu bebê tocava desse jeito. Fiquei emocionada. – disse Francisca.
- Bebê não né mãe? Por favor! – disse Caio mais vermelho ainda.
- João, obrigado por tudo que você vem fazendo por Enzo. Nunca poderei agradecer. Sinto que ele está se tornando uma pessoa melhor. – disse Lourdes.
- Eu que estou aprendendo a ser melhor com eles. – respondi.
- Ele me pediu desculpas – disse Lourdes quase cochichando – porque antes sentia vergonha de mim e não queria que eu aparecesse na escola. Ontem ele me fez prometer que eu estaria aqui para vê-lo. Estou muito orgulhosa.
- Fico feliz ao ouvir isso. Se aceitar é sempre o melhor começo para a mudança necessária.

Esperança me abraçou novamente.

- Eu disse que tudo daria certo filho. Você nasceu pra vencer mesmo que tudo ao seu redor diga que não. – disse ela.
- Obrigado. Obrigado por tudo. Você é como uma mãe pra mim.

Depois recebi o abraço do Sr. Otávio e dos pais das outras crianças. Percebi que os pais de Manoela me olhavam meio desconfiados, mas vieram falar comigo.

- Manoela fala muito bem de você! – disse a mãe dela – Antes chegava em casa falando do que acontecia na sala de aula, mas nessas últimas semanas só fala do “João Victor”.
- Manoela é uma menina muito especial. Acredite sempre nos sonhos dela. Alguém tocou no meu ombro. Me virei. Era um casal.



– Esses são os meus pais João. – disse Diego.  
– Prazer! – o pai dele quase esmagou minha mão.  
– O Diego é um menino de comportamento muito difícil – disse a mãe dele  
– desobediente, indisciplinado, já recebemos muitas reclamações de vizinhos e do colégio, mas nesses dias ele chegou pra mim e disse “mãe, me ajuda a mudar” – ela deu uma pausa como quem digere algo preso na garganta – Eu disse para o Fernandes, meu esposo, sobre isso. Perguntei a ele porque desejava mudar, e o que me respondeu foi “Porque eu quero ser como João”, não entendi nada e quis saber quem era João, foi então que ele disse que era você. O porteiro do Portinari. Fernandes e eu fizemos questão em conhece-lo.

O pai de Diego não mudava a expressão, parecia bem durão e apenas ouvia, mas vi seus olhos brilhando enquanto sua esposa contava.

– Como a senhora se chama? – perguntei.

– Aurélia Fernandes.

– Eu fico muito emocionado ao ouvir isso. Não imaginei que seria uma referência para ele. Apenas dediquei um pouco do meu tempo para ouvir seus sonhos e angústias. Levei a sério tudo o que me disse. Ele é apenas uma criança. Ainda vai passar por muitas transformações, mas o que quero que levem com vocês é isso, ouçam o que Diego diz, acreditem em todo o potencial que ele tem e levem a sério os sonhos dele. Isso não significa que vocês não possam opinar ou tomar decisões que julgam ser melhor, mas apenas que terão a confiança dele toda vez que precisar abrir seu coração. Eles baixaram o olhar, apertaram novamente minha mão e dessa vez o Sr. Fernandes deve ter quebrado uns três ossos. Não disse uma palavra, além de “Até mais”. A Senhorita Margareth passou entre nós e me chamou na sala dela. Me despedi ligeiramente de todos e a segui.

– Sente-se, por favor. – disse ela ao entramos na diretoria – O senhor fica muito bem sem farda.

– Obrigado.

– Acredito que saiba o motivo da nossa conversa. O que aconteceu hoje foi muito grave. Se não estivesse chovendo as crianças poderiam estar no jardim e ter se machucado. A fuga para dentro do colégio também não foi nada elegante. Derrubaram mesas, exposições, foram latas, plásticos e papéis por todos os lados. Sem falar que o portão caído no chão e a bagunça

que fizeram pode ter repercussão maior nos próximos dias. O Candido Torquato Portinari tem a fama de melhor colégio da região, aqui estudam a maior parte da classe média e alta da cidade, são 35 anos de história que precisam ser preservados.

– Eu sinto muito Senhorita Margareth. Sei que a minha falta de experiência não me ajudou muito. Se eu pudesse voltar atrás teria aberto logo o portão para o casal Borges e evitado todo esse transtorno.

– Sobre eles, imagino o que devam ter falado ou feito. São pessoas extremamente arrogantes e acham que todos tem que servi-los. Até entendo seu comportamento quanto a isso. Eu mesma, quase perdi minha total compostura diante daquela senhora. A Sra. Borges.

– Então o que quer dizer, afinal?

– Que não posso esperar o final do mês para demiti-lo. Pagarei sua quinzena normalmente e a partir de Segunda-feira o senhor não precisa mais vir.

– Tudo bem. Já imaginava.

– Espero que entenda... – disse ela.

– Não precisa explicar Senhorita Margareth – disse interrompendo-a – eu entendo e agradeço a oportunidade. A senhorita está coberta de razão. Imagino o quanto é difícil administrar esse colégio sozinha. A sua responsabilidade é maior que todas. Peço desculpas também pelas vezes que a enfrentei. Houve um período que eu não gostava mesmo da senhorita, mas há alguns dias passei a vê-la com outros olhos. Eu desejo que a senhorita e o Portinari prosperem. E obrigado.

Ela me olhou como se quisesse dizer mais alguma coisa, parecia contristada, mas apenas assentiu com a cabeça e estendeu a mão para me cumprimentar. Apertei e fui saindo.

– Sr. Cruz – chamou ela – já repassei tudo para a Sra. Nogueira, vá até a secretaria para receber seu cheque.

– Ok. Obrigado.

Antes, andei pelos espaços onde novamente em tão pouco tempo vivi coisas intensas. Até que entrei na sala 4, sentei na mesma cadeira que eu sentava quando criança e chorei com a cabeça entre os braços. Chorei feito criança desconsolada. Era o meu último choro no Portinari. Senti uma mão na minha cabeça, mas não levantei, pensei ser Esperança.

– Amigo, sabe o que Deus me disse dessa vez? – era a voz de Agenor Evangelista – Que ele ouviu o seu grito, aquele que não tinha nenhum som externo, então ele te trouxe a um lugar especial para tratar seu coração e te mostrar respostas. O seu lugar não é aqui, mas tudo foi necessário pra você aprender. E você só vai entender tudo quando chegar ao sonho.

– Agenor – levantei a cabeça – acho que estou começando a acreditar que Deus fala mesmo com você.

– É sério que você duvidava? – ele disse sorrindo.

– As pessoas que tentaram me falar de Deus, pareciam perfeitas. Descobri que elas só queriam defender suas religiões e ser fiéis às suas doutrinas, mas eu não queria conhecer o deus delas, porque achava que Ele se parecia com elas. Não estou falando de defeitos ou erros, porque todos nós os possuímos. Falo de falta de amor, de compaixão ou empatia. Quando as atitudes não condizem com o que se fala. E agora, eu conheci pessoas como você, que me fazem acreditar que Deus é Real. Eu apenas recusei vê-lo porque só conseguia enxergar a partir dos meus preconceitos.

– Seja apenas sincero. Sempre. É só isso. – disse ele.

Saímos abraçados pelos corredores vazios do Portinari até a secretaria. Recebi um cheque da Sra. Nogueira.

– Mas esse valor está correto? Parece ser mais do que tinha a receber!

– A Senhorita Margareth resolveu pagar o mês completo, com um valor a mais referente ao tempo que trabalhou aqui.

– Mas só foram um mês e quinze dias mais ou menos. Ainda acho muito. Não posso aceitar.

– João Victor, você não vai querer contestar com a Senhorita Margareth né? Ela pensou nessa possibilidade de o senhor não querer receber e me orientou a fazê-lo aceitar.

– Tudo bem então, já que insistem. – dei um abraço nela – Obrigado por tudo. Que a senhora seja muito feliz!

– Igualmente João! Se cuida!

Ainda tinham crianças correndo pelo Portinari. Despedi-me de Sávio e combinamos um churrasco qualquer dia desses. Antes de sair definitivamente, sentei um pouco no banco do jardim, estava ainda úmido da chuva. Pensei que podia ser a última vez que estaria sentado ali. Então

apenas agradei: a Deus. Imaginei que Elisabeth estaria ocupada com algumas crianças na quadra, então decidi ir embora sem me despedi.

Fui ao banco às pressas – já ia fechar – trocar o cheque. Coloquei créditos no celular, comprei mais ração para Freedom, paguei a mensalidade da quitinete e guardei o restante pra pagar o boleto referente ao cartão de crédito. Foi um bom dinheiro. Agora preciso pensar o que fazer daqui pra frente. Não posso mais me acomodar. Amanhã mesmo já saio por aí procurando emprego. Assim que chego em casa – já com internet – li a mensagem de Juliana no grupo do WhatsApp. Ela mudou o nome do grupo de “EQUIPE COLEGIO” para “RECICLÁVEIS”. E escreveu assim:

“Não voltarei mais a estudar no Portinari. Acabou. Criei um grupo secreto no Facebook com o nome de RECICLÁVEIS também, onde a gente poderá ficar se comunicando. Minha mãe não para de encher meu saco e proibiu que eu falasse com todos – ela é de Áries. E eu não quero perder o contato com vocês, antes que ela tome o meu celular e me coloque de castigo estou escrevendo isso. Depois tudo volta ao normal e nos falamos por lá. Vou sair desse grupo e apagar o contato de vocês pra evitar problemas, mas eu amo todos. P.S. João, eu não gosto mais daquele menino do sétimo ano, e você tinha razão, não valia mesmo a pena perder tempo com ele. Você é meu melhor amigo!”

### **Juliana saiu do grupo**

Pena que não pude responde-la. Todos comentaram com aquela carinha de choro. Escrevi depois:

“Tenham todos um ótimo final de semana. Não vamos perder o contato e qualquer coisa é só chamar aqui ou no meu individual. Amo vocês.”

Logo após postei uma foto do Freedom. Eles ficaram loucos com vontade de apertá-lo.

**Diego adicionou Elisabeth Miranda**  
**Diego adicionou Agenor Evangelista**

## **Diego adicionou Esperança**

Em seguida escreveu:

“Pronto. Agora não somos mais um grupo de equipe do colégio. Somos os melhores amigos. Não adicionei Enzo porque ele não tem celular e depois que tudo passar convido Juliana de volta. Tenho um celular que não uso mais, vou doar para o Enzo. Segunda-feira entrego, mas não digam nada hein!?”

Escrevi:

“Bonita sua atitude Diego, ele vai ficar muito feliz. E parabéns a todos por terem cedidos seus prêmios a Enzo”.

Na sequência vieram emojis de corações, carinhas felizes e até um coelhinho. Chegou uma outra mensagem fora do grupo e vi que era Elisabeth. Pensei por alguns minutos em abrir ou não, até que decidi abri. Ela escreveu:

“Oi João. Não tínhamos trocado contatos ainda. Peguei seu número através do grupo. Aconteceu alguma coisa? Não lhe vi mais.”

“Não. Não aconteceu nada. Imaginei que você estaria ocupada e não quis incomodar. Voltei pra casa.”

“Posso passar aí amanhã para conversarmos. Queria te levar em um lugar especial.”

“Amanhã? Pra onde? Que horas?”

“Pela manhã, umas 10 horas. Sobre o lugar, é surpresa. Só peço que confie em mim”.

“Tudo bem. Te aguardo.”

“Boa noite!”

“Boa Noite”

Foi difícil escrever e apagar umas dez vezes o “Te amo” – acabei por não enviar. Preciso ter certeza do que vou fazer em relação a Elisabeth. Meus planos para amanhã era acordar bem tarde e ficar em casa o dia todo, mas achei que poderia magoá-la se recusasse. Apesar de tudo, sinto como se uma montanha tivesse sido removida das minhas costas. Lembrei da Sara novamente na lama e tive outro ataque de risos. Foi hilária a cena, e dessa vez nem encostei a mão.

## AINDA NÃO É UM ADEUS

Elisabeth é bem pontual. Chegou exatamente às 10hs. Achava que atrasar era uma lei geral das mulheres, mas era eu que ainda faltava calçar os sapatos e pentear os cabelos. Ela ligou avisando que estava esperando na portaria, então pedi pra que subisse. Não tinha limpado ainda as sujeiras que Freedom tinha feito e um mal cheiro se instalou.

– Espero que não repare a bagunça. Agora não sou eu que as faço sozinho.  
– Tudo bem. Imaginava que estaria assim. – ela envolveu meus ombros com seus braços e me deu um beijinho.

– Podemos ir. Já estou pronto.

– Não vai me servir pelo menos um copo com água?

– Ah, desculpe. Achei que você estava com muita pressa. Vou pegar.

– O que há com você João? Estou te achando tão estranho, tão frio.

– Não tenho nada. Estou apenas tentando administrar tudo que aconteceu.

– enquanto enchia o copo.

– Espero que seja só isso mesmo. Porque não quero forçar nenhuma barra com você.

– Barra? Que barra? Não tem barra nenhuma!

– Ok então. Vamos? Aliás, você quer mesmo ir?

– Eu já tinha dito que sim.

Emudecemos até chegarmos a moto. Não me senti bem pra falar agora sobre minhas angústias. Coloquei as duas mãos sobre os ombros dela e senti o cheiro de baunilha que vinha de seus cabelos – que às vezes açoitavam meu rosto junto com o vento. Tudo apontava que, eu estava sendo correspondido pela mulher que amava como nunca amei nenhuma outra. O problema era o meu alerta “anti-expectativa” que não desligava, estava sempre em ON. Não consegui focar apenas no que sentia, mas pensava muitas coisas, principalmente de que agora eu era um homem desempregado. Chegamos à uma casa muito bonita, que tinha uma arquitetura antiga, rodeada de árvores e animais como cães e galinhas. A primeira coisa que pensei “deve ser a casa dos pais de Elisabeth”. Aliás, nunca falamos sobre eles.

– Que lugar é esse Elisabeth? – enquanto ela batia palmas.

- Você já vai descobrir.
  - Não acredito! Minha menina! – disse um senhor que se sustentava por uma bengala – Pensei que tinha esquecido do seu velho amigo.
  - Eu nunca me esqueceria do senhor. Lembra do nosso pacto de amigos para sempre? Ah, eu trouxe um amigo para lhe conhecer. Na verdade, acho que somos namorados.
  - Acha? Como assim acha? – perguntou o velho.
  - É que ele ainda não me pediu em namoro. – eles riram e me senti bastante constrangido.
  - Se eu fosse você – disse o velho a mim – não perderia tempo e pediria logo em casamento. Como Elisabeth você não encontra mais de jeito nenhum.
  - O senhor tem razão – falei meio sem jeito.
  - Ah, deixe-me apresentar vocês. João Victor esse é o Sr. Estevão. Sr. Estevão esse é o João Victor. – apertamos as mãos.
  - Quer dizer que o senhor é o famoso Sr. Estevão? – falei admirado.
  - Famoso porquê? Falaram muito mal de mim pra você?
  - Não. Muito pelo contrário. Até nos compararam muitas vezes. Soube que o senhor trabalhou 30 anos por lá, e eu apenas um mês e quinze dias. Uma enorme diferença.
  - Você trabalhou no Portinari?
  - Sim. Eu substituir sua saída. Já fui dispensado.
  - Se eu sair, não foi uma substituição. Foi apenas a sua vez. Mas vamos sentando. – ele puxou umas cadeiras.
- Nos apresentou sua esposa, uma senhora muito simples e simpática que nos trouxe um café. E contou uma parte de sua trajetória no Portinari. Disse que no começo do seu trabalho cometeu vários erros e que foi aprendendo com o tempo. Deixou de trabalhar porque se aposentou e sua saúde não estava tão boa. Falei das crianças e ele lembrou de todas, fez apenas elogios, até da Senhorita Margareth falou bem.
- Margareth, assumiu muito nova. Sua mãe era uma mulher muito batalhadora que se casou com um americano muito rico, ela viveu a infância nos Estados Unidos e voltou aos 20 anos de idade para a terra natal da mãe. Seus pais compraram o Portinari dos antigos donos que entraram em crise financeira.
  - A Sra. Matilde? – perguntei curioso.



– Sim. Eles compraram da Matilde. A mãe de Margareth, a Sra. Teresa Wilson Wright, assumiu durante alguns anos, mas quando faleceu, a filha teve que continuar. Na verdade, ela já assumia com a mãe. O pai dela comprou o colégio, mas nunca se envolveu. Ele já tinha negócios fora do país e hoje vive numa cadeira de rodas sob os cuidados da filha. A outra irmã dela, a Sra. Celine é casada e mora com a família em outra casa.

– Como ela tratava o senhor? – quis saber.

– Quem? Margareth? Ela sempre me tratou bem. Tinha dias que não estava muito bem, mas sempre foi educada. Ela já ajudou tantas pessoas. Existe uma casa de repouso para idosos atrás do Portinari. Ela que mantém aquele lugar. Foi uma promessa que ela fez a mãe dela.

– Sério? Esperança nunca me contou isso. – disse surpreso.

– Ah, você conhece a Esperança? Minha velha amiga. Aquela ali sofreu na vida viu meu filho. Foi abandonada pelos filhos. Todos são bem de vida. Largaram a mãe porque segundo eles não tinham condições de ficar com ela.

– Que covardes. – reagi indignado.

– Mas ela é forte. É como ela sempre me dizia “A vida é pra frente, meu velho amigo”.

– Sabe, Sr. Estevão, estive pensando uma coisa. Se o senhor trabalhou durante 30 anos no Portinari, então era o porteiro da minha época. Só que não consigo lembrar bem.

– Certamente. Como é seu nome completo?

– João Victor da Silva Cruz. Filho de Ana Nelice Sousa da Silva e João Antônio Moreira da Cruz.

– O menino do banco. Filho do Sr. Antônio e da Dona Nelice. Lembro sim. Como você mudou hein!?

– Sério? Tá falando sério que você lembra? – perguntei sem acreditar.

– Claro que eu lembro do tímido Joãozinho. Sempre andava com umas meninas. Depois passou a ficar no banco sozinho.

– Meninas? – disse Elisabeth desconfiada – quer dizer que você andava com umas garotinhas né?

– Eram amigas da 3ª série. Antes de eu me retrair. – contei.

– Por causa da história do cadeado né? – perguntou ela.

– Como você sabe disso? Quem te contou?

– Eduardo espalhou essa história na 4ª série, mas nunca acreditei.

- E você vem me dizer isso agora? Ele teve coragem de dizer isso de mim sendo ele o verdadeiro ladrão?
- Lembra que eu era a menina feia que você nem dava bola. – lembrou ela rindo – E essa história de verdadeiro ladrão? Eduardo que colocou o cadeado na sua mochila?
- Outro dia te conto melhor. – desconversei – mas a sua memória é muito boa mesmo Sr. Estevão.
- Lembrei quando você associou ao nome do seu pai. O Sr. Antônio Cruz, trabalhava na sapataria da cidade. Antes de você estudar lá, ele tinha ido algumas vezes pra saber quanto era a matrícula e os custos adicionais. Até que um dia chegou com você. Ele disse uma vez que queria que o filho fosse alguém na vida. Sofreu muito quando você e sua mãe foram embora.
- E o que aconteceu depois com ele? O senhor sabe?
- Ele tentou reconstruir a vida. Conheceu outra mulher. Mudou de casa.
- Como o senhor sabe de tudo isso?
- Eu e seu pai éramos amigos. Posso afirmar que conheço essa cidade quase toda.
- É verdade – concordou Elisabeth – até quem não estudava no Portinari conhece o Sr. Estevão, ele foi meu grande conselheiro da infância. Eu comprava picolé e ficava conversando com ele no portão.
- Dancei com você a valsa da conclusão do Ensino Médio, lembra Elisabeth? – ele lembrou segurando as lágrimas – Foi um dia muito especial pra mim e uma grande responsabilidade substituir seu pai.
- Substituir? O que aconteceu com ele? – perguntei curioso.
- Ele havia sofrido um acidente. Estava em coma no dia da formatura. – contou ela.
- Morreu?
- Não. Mora numa fazenda em outra cidade com minha mãe e mais dois irmãos. Foi um milagre.
- É. Depois precisamos nos conhecer melhor. Tem muita coisa sobre você que não sei.
- Concordo. – disse ela.
- O que mais sabe sobre o meu pai Sr. Estevão? O senhor disse que ele conheceu outra mulher?
- Sim. Maria de Jesus. Uma verdadeira santa. Aguentou a pior fase dele, mas nunca o abandonou. Ele bebia dia e noite. Até morrer.

- O senhor soube como ele morreu? Quando? Onde?
  - Meu filho já faz mais de dez ou doze anos, não lembro bem, mas não acho bom falarmos sobre isso agora. Fui ao velório, dei um abraço em Maria de Jesus e no pequeno João Victório.
  - Quem é João Victorio?
  - É seu irmão. Filho dele com Maria. – afirmou.
  - O garoto de ontem! Não acredito! O papel está no bolso da farda!
  - O que você tá falando João? Que papel? Que garoto? – perguntou Elisabeth sem entender.
  - Ontem um garoto me deu um papel dizendo que queria falar comigo. Ele se chama Victório. Deve ser ele. O contato deve está no bolso da farda molhada.
  - João, pelo o que vejo você não conhece muita coisa sobre sua própria história. – disse o Sr. Estevão.
  - Nada! Eu não sei de nada depois que fui embora daqui. Estava perdido na vida tentando sobreviver. Não tive mais contato com o meu pai, por isso é tão importante tudo o que está me dizendo.
  - Eu te trouxe aqui João – disse Elisabeth – porque achei que faria bem a você conhecer o Sr. Estevão pessoalmente, mas não sabia que ele tinha informações tão importantes sobre o seu passado.
  - Tantas vezes me aconselharam a vir aqui, mas se Elisabeth não tivesse me trazido, jamais viria só. Tudo o que o senhor está dizendo pode mudar muitas coisas daqui pra frente. Sempre sonhei em ter um irmão, e agora tenho. Preciso encontra-lo. – fiquei de pé por não aguentar tanta ansiedade.
  - Calma João – Elisabeth pegou no meu braço me fazendo sentar novamente – eu imagino como você está se sentindo. Nós vamos encontrar seu irmão.
  - E vocês vão ficar pra almoçar, porque já está quase saindo. – disse o Sr. Estevão como se fosse uma ordem.
- Fomos para a cozinha e almoçamos com sua família. Eu não parava de fazer perguntas. Acho que ele me contou tudo o que sabia até não ter mais respostas. Falamos mais sobre a Senhorita Margareth, a qual foi bastante elogiada por ele, e contei sobre a minha experiência nesses últimos meses.
- Quando você fala da Margareth, parece que está falando de outra pessoa. Ela sempre foi durona, mas nunca a vi sendo injusta. – afirmou.

– Acho que ela estava acostumada com o senhor. Não se adaptou com um novo porteiro porque talvez quisesse um igual.

– Não. Margareth é bastante profissional. Já houveram bastante troca no turno da noite. Eu acho que durei tantos anos na profissão porque sinto que nasci pra isso. Já se perguntou se era isso mesmo que você queria pra sua vida?

– Não tive muito tempo pra pensar o que eu queria. A única certeza que tinha era a de que precisava sobreviver de alguma forma.

– Sobreviver não é viver. Entendo que muitas pessoas passam por situações onde são obrigadas a fazer aquilo que não sonham, mas nunca podemos acostumar vê-los largados na gaveta. Eu tinha um sonho de ser atleta, correr sabe? E eu já era porteiro. Ganhava pouco pra sustentar uma esposa com dois filhos e ainda morar de aluguel. Mas fiz um planejamento sem jamais desprezar meu sonho. Não foi fácil, mas me recusava a deixa-lo esfriar.

– E o que aconteceu? O senhor correu? – quis saber.

Ele apontou para uma prateleira que tinha na cozinha com mais ou menos uns dez troféus e algumas medalhas penduradas em um prego.

– O senhor guarda seus prêmios na cozinha? – tentei ser engraçado.

– Se eu guardar na cozinha ou em uma vitrine de vidro eles vão enferrujar do mesmo jeito – disse enquanto comia uma porção de saladas – o significado de tudo está em um lugar muito seguro. E nunca vai se desgastar.

– Você está tão calada Elisabeth. – disse a esposa do Sr. Estevão.

– Estou ouvindo. Sempre que venho aqui falo bastante, hoje estou dando a oportunidade a João. Eu sentia que trazê-lo aqui ia servir para alguma coisa.

– Obrigado pelo “alguma coisa”. – disse o Sr. Estevão sorrindo.

Eles nos convidaram para passar o restante da tarde no sítio, mas achamos melhor irmos. Senti vontade de ficar pra desbravar o caminho das árvores que havia em seu quintal, prometemos voltar outro dia.

– Não esqueçam de mandar o convite de casamento. – disse ele me deixando vermelho novamente.

No caminho, conversando com Elisabeth pelo capacete, não cansei de agradecê-la por tudo o que vinha fazendo por mim. Convidei ela pra subir, mas disse que precisava terminar a faxina em seu apartamento.

– Você mora só?

– Não. Moro com uma prima e uma cadelinha chamada Princesa. Dividimos o aluguel, mas em breve ela vai voltar para a casa dos pais.

– Porque você está importando-se tanto comigo Elisabeth? Quando te vi pela primeira vez achei que você tinha me detestado e que jamais daria atenção a um simples porteiro.

– João, recordar do amor da minha infância fez florescer lindas emoções, mas não é isso que me faz gostar de você. Não estou querendo recuperar um passado. Aliás, é passado. Eu descobri que te amava no dia em que o vi sentado no jardim com as crianças. Apesar de saber quem você era, não conseguia enxergar quem era o João de hoje. E através da sua empatia, dessa coisa de te ver invisível por enxergar um cara que estava ocupado pensando nos outros, descobri algo novo sobre o amor. Só não gostaria de te perder de novo.

– Puxa, eu nem sei o que te dizer. Estou tentando juntar os meus pedaços porque você merece alguém inteiro.

– Ninguém consegue se juntar sozinho. Por isso eu estou aqui. Se você confiar a mim alguns dos seus fragmentos posso te ajudar. Se você quiser uma parte dos meus, te dou também.

– Eu te amo Elisabeth Miranda.

– Eu te amo João Victor.

Nos beijamos ali mesmo. Eu de pé e ela ainda sentada na moto. Nos despedimos e marcamos de nos encontrarmos amanhã.

Ao entrar em casa, apesar do cansaço, fui fazer uma faxina daquelas. Tive que trancar Freedom no banheiro enquanto limpava tudo. Nós dois juntos fazíamos muita bagunça. Deitei um pouco na cama e tinham uma porção de mensagens no grupo do WhatsApp. As crianças contaram como seus pais estavam orgulhosos da apresentação de ontem e o quanto gostaram de mim.

Alguns como Wellington, Raniele, e Carlos Alberto me convidaram para um almoço em suas casas a convite de seus pais. Mesmo sendo amigos da família Borges, eles contaram que sabiam que Sara e Eduardo estavam errados. O convite de Diego me deixou um pouco apreensivo, depois que soube do temperamento de seu pai, mas confirmei que combinaríamos em breve. Talvez seja mais uma oportunidade de abrir mais a visão do Sr. Fernandes sobre o filho. Caio enviou uma mensagem no individual dizendo que seus pais queriam falar comigo ainda nessa semana e que eu ia ficar

muito feliz. Fiquei curioso, mas ele não quis me contar do que se tratava. Esperança postou umas selfies com as amigas do Lar, todas muito felizes brindando com suco de laranja. Quando pensei em levantar-me pra preparar alguma janta, alguém bate na minha porta. Era a Dona Joana dizendo que tinha um rapaz lá em baixo querendo falar comigo. Fiquei tão eufórico que lembrei de Victório, e pensei ser ele. Corri apressadamente, mas era Agenor Evangelista.

– Que cara é essa? Parece decepcionado! – disse ele sorrindo.

– Não. Estou feliz e surpreso ao vê-lo. Só pensei que era outra pessoa.

– Hum, Elisabeth né!?

– Não, não. Estive a manhã e à tarde praticamente inteira com ela. Mas vamos subir que vou te contando.

Subimos e contei sobre a visita ao Sr. Estevão e tudo que descobri. Enquanto falava com ele peguei a farda úmida que estava no chão e procurei no bolso o contato de Victório.

– Que saco. O papel molhou inteiro com a chuva? – disse decepcionado.

– Que papel é esse?

– Era o único contato que tinha do meu irmão. Sei mais ou menos em que direção ele mora, o Sr. Estevão me disse, mas não sei andar bem nessa cidade. Perdi a prática. Me mudei pra cá no final do ano passado.

– Posso ir com você de carro depois. Agora tá tarde pra sair procurando alguém, mas podemos marcar. Já tentou nas redes sociais?

– Não. Bem lembrado, vou tentar hoje à noite. Desculpa, nem perguntei como você estava.

– Tudo bem, eu entendo. Peço desculpas por não ter avisado antes que vinha. Minha noiva viajou esse final de semana com a família dela. Estou só. A primeira pessoa que pensei foi você.

– Não sei se me sinto insultado ou lisonjeado. – disse brincando.

– Insultado? Porquê?

– Ué, você só veio aqui pra não se sentir sozinho? Estou brincando. Pra descontrair.

– Ah, entendi. E então, vamos sair?

– Sair? Que tal você esperar e eu preparo uma janta.

– Imagino que você cozinhe bem, mas o convite é pra sair. Coloca uma roupa legal e vamos arrepiar por aí.

– Arrepiar? Tá falando sério?

- Sim cara, tira essa cara de derrota e vamos dar uns rolê. Vou te levar num lugar legal.
- Vai virar moda agora? Me levarem pra lugares surpresas.
- Não reclama. Vai lá se arrumar. Bota um perfume bem poderoso. Aliás, cadê o Freedom?
- Ai meu Deus! Esqueci de tirar ele do banheiro. – abri a porta de imediato.
- Não acredito. Você guarda o seu sonho dentro do banheiro.
- O meu sonho não fica quieto enquanto realizo o sonho de limpar a casa. Entendeu?
- Que falta de consideração – pegou Freedom nos braços – Guardar um presente no banheiro.
- Acho que o cara que me deu o presente não tinha noção de como era a minha casa.
- Talvez foi um aviso pra mudar de casa. Que tal uma com quintal para Freedom cavar?
- Tá bem, vou sacar os milhões que tenho no banco pra comprar essa casa que você está falando.
- Seu pai está ficando tão sarcástico Freedom.
- O pai dele é apenas realista. E dê graças a Deus ter a razão.
- Cala a boca. Vai logo se vestir que estamos perdendo tempo. Começamos a rir e fazer outros trocadilhos. Fazia tempo que eu não tinha um amigo assim. Somos rápido nas respostas.

Ele passou em uma lanchonete e pediu que eu esperasse fora. Entrou no carro colocando uma caixa de papelão na minha perna e uma garrafa de suco. Chegamos à praia – nem lembrava que existia uma perto – e sentamos em uma pedra de frente ao mar. Conversamos enquanto comíamos coxinhas de frango com suco de acerola.

- Como sabe que meu preferido é acerola?
- Digamos que eu pesquisei. Não foi muito difícil descobrir.
- Obrigado.
- De nada cara. Eu que agradeço por vir.
- Não só por isso, mas por investigar o suco que eu mais gosto.
- Não foi nada.
- É sim. Isso mostra que você gosta de mim a ponto de abrir mão do que gosta para me agradar. Isso envolve seu tempo.

- Eu gosto de acerola também.
- Mas o que você beberia se estivesse sozinho?
- Talvez refrigerante de uva, mesmo sendo proibido pelo médico. No fundo não escolhi apenas seu suco favorito, mas consequentemente ajudo minha saúde.
- Foi Elisabeth, não foi?
- A fonte é segura. Come e deixa de fazer tantas perguntas. Ainda estou magoado de ver meu presente trancado no banheiro.
- Você tá falando sério? Eu não tranco o coelho no banheiro. Precisei limpar a casa.
- Estou brincando seu cabeção.

Ele me contou mais sobre sua infância, sua luta com o bullying sofrido devido o Estrabismo, como conheceu sua noiva e claro, falou sobre Deus.

– Desculpa perguntar, mas porque você não tira os óculos escuros de vez? Estamos numa praia a noite. As pessoas acham que você é cego. E outra, se você já superou os comentários maldosos, então não tem mais porque usá-los pra conseguir aprovação.

– Eu não procuro aprovação João. Uso os óculos porque me acostumei. Eles podem parecer uma simbologia da minha não-aceitação. No dia que reconheci que eu era assim pensei em não mais usá-los. A verdadeira superação não dependia disso. Um dia muito revoltado decidi mudar a minha aparência física, deixei de ser invisível e já não era mais apenas o garoto de olhos tortos. Me tornei o garoto de olhos tortos que pintava os cabelos de várias cores, andava de calça rasgada e óculos escuros o tempo todo. Isso não mudou nada no meu interior. Apenas recebi novos adjetivos, mas no fundo algo me dizia que agora eu era o garoto complexado vivendo em função da aprovação dos outros. Quando isso realmente acabou não senti necessidade de voltar a ter os cabelos castanhos escuros ou me vesti socialmente correto como fazia. Sair desse jogo que fazia comigo mesmo. Sou assim agora porque realmente gosto.

– Desculpe, não falei por mal.

– Tudo bem. Sem problemas. Entendi sua preocupação.

Contei resumidamente minha história de vida, mas não falava mais com o mesmo peso que senti quando contei a Esperança. Parece que não doía tanto quanto antes. A amizade com Agenor Evangelista parecia natural, sentia-me a vontade pra falar sobre qualquer assunto. Nunca tive grandes amizades



do sexo masculino. Talvez só com crianças. Até que conheci Sávio, e agora o Evangelista. Ele me deixou em casa e assim que entrei procurei nas redes sociais por “Victório Cruz”, “João Victório”, “Vick”, e nada de encontrar alguém próximo ou parecido com o garoto que vi no Portinari.

Noite de Domingo, Elisabeth me convidou mais cedo para jantar em seu apartamento. Aceitei o convite, mas recusei que ela viesse me buscar. Pedi o endereço e fui de ônibus. Quase me perdi, mas encontrei. Ela mora naqueles condomínios cheios de prédios. Não que eu estivesse surpreso, mas achava que ela morava naqueles prédios que rico mora. Vi uma senhora vendendo flores na porta de uma igreja e comprei uma – dessas que são verdadeiras. Na entrada do condomínio não tem muro e nem porteiro, procurei o bloco e subi. Bati de primeira no apartamento errado. Resolvi ligar e ela disse que vinha me buscar. Fiquei parado nas escadas e nada de aparecer. Até que me ligou de volta e acabei descobrindo que tinha entrado no bloco errado. Rimos muito do mico que paguei. Quando chegamos ao correto me deparei com um apartamento pequeno, bem mobiliado, aqueles tapetes enormes e felpudos que cobriam todo piso, e sua cadelinha que parece ter gostado de mim. Queria tirar os sapatos, mas ela não deixou. Depois reparei o quanto estava bonita com um vestido vermelho que ficava um pouco acima dos joelhos – acho que nunca tinha visto os joelhos dela – os cabelos soltos e um batom rosa escuro.

– Você está linda!

– Pensei que não ia reparar!

– E modesta também. – rimos.

– Você também está muito bonito. Aquela farda escondia sua elegância.

– Elegante eu? Tá falando sério.

– Eu amo azul. Talvez porque eu seja apaixonada por oceanos.

– Eu também. Mas você fica bem de vermelho.

– Dizem que é a cor da paixão, mas acho que minha paixão está de azul.

Fico sem jeito quando ela faz esses comentários. Fomos à mesa que fica depois do balcão que divide a sala da cozinha, e estava tudo preparado. Inclusive o suco de acerola e as taças.

– Sei que não é meio decente uma donzela convidar um rapaz, mas não estou com más intenções. – disse ela com bom humor.

– Pensei que você não tivesse esses preconceitos.

- Preconceitos? Quais?
  - De que uma mulher não pode convidar um homem pra sair.
  - Ah! Verdade! Na verdade, eu não tenho, mas achei que você poderia estar pensando.
  - Cuidado. Meus pensamentos são imprevisíveis. – dei aqueles sorrisos tipo Coringa do filme Batman.
  - Você não se parece nada com meu ex. – olhou pra mim e deu uma pausa
  - Desculpa João, eu não queria ter dito isso. Não pense que estou comparando. Me perdoa.
  - Tá tudo bem.
  - É que passei tanto tempo sendo humilhada pelo machismo dele que quando vejo você assim, tão diferente, eu só consigo ser grata por estar livre pra te amar.
  - Fui criado por uma mulher incrível, que deu o seu melhor para que eu ficasse bem. Sei o que minha mãe passou. Talvez isso fez com que eu deteste ações machistas e me perdoe se na infância eu te fiz se sentir mal Elisabeth. Pelas vezes que a minha rejeição deve ter feito você chorar.
  - Bobagem, éramos crianças. Deve ter sido horrível pra você também ter sofrido por alguém como a Sara. Pelo menos eu tive sorte de gostar de alguém que tem bom caráter.
  - Verdade. Eu jamais me apaixonaria de novo por ela. Ah, ontem sair com o Evangelista, fomos comer salgadinhos olhando pro mar. Com certeza você já sabe.
  - Eu? Porque eu saberia?
  - Digamos que eu sou um bom detetive. – o sorriso dela me disse que era verdade – Ele disse que me ajudaria a encontrar meu irmão. O endereço molhou junto com a farda. Estava todo despedaçado. Queria ter ido hoje pela manhã, mas imagino que ele estava cansado.
  - Vai dar tudo certo meu amor, qualquer coisa vamos no próximo Sábado. Amanhã você vai estar de folga e eu voltarei às aulas de Ciências na sala.
  - Folga? Você quer dizer Desemprego. Inclusive vou começar a procurar a partir de amanhã. Como vou pagar um suco pra minha namorada?
  - Não se preocupe com isso. Eu só quero que você fique bem. E ao meu lado, claro.
- Jantamos e assistimos uma comédia romântica na sala. Sentamos no chão, ela colocou a cabeça no meu colo e dormiu. Vi o final do filme sozinho. O

lado bom é que ela não me viu chorando quando o personagem principal morreu. Acordei ela e precisei ir.

– Desculpa João.

– Tudo bem meu amor, você tá cansada e vai acordar cedo amanhã.

– Vou te deixar em casa, não ouse recusar.

– De jeito nenhum. Você vai dormir. É capaz de me derrubar da moto se sair assim.

– Tá bem, – disse ela rindo – mas vou te deixar ao menos no ponto de ônibus.

Ela me deixou em casa. Fiquei bravo porque não parou a moto no ponto. Difícil resistir aquele sorriso. Por trás daquela aparência de fragilidade se esconde uma mulher muito forte. Mandeí uma mensagem para Caio perguntando quando deveria ir conversar com seus pais. Ele combinou na Quinta-feira à noite. Passamos a semana nos comunicando via celular, eu e o grupo “Recicláveis”. Enzo entrou no grupo. Lembrei que Diego ficou de dar o celular a ele. Juliana se comunicou através do grupo secreto no Facebook. Escreveu:

“Oi gente. Tudo bem com vocês? As coisas aqui em casa pioraram. O vídeo da minha mãe caindo na lama vazou nas redes sociais e teve mais curtidas do que os vídeos do canal dela. O advogado veio aqui pra tentar remover, mas o pior é que estão passando via WhatsApp. Imagino que o colégio e a cidade inteira já viram. No YouTube fizeram até um vídeo intitulado O PORTEIRO QUE VENCEU A COBRA com direito a música e tudo. Não posso falar muito. Depois volto.”

Fiquei transtornado ao ler isso. Mandeí uma mensagem no grupo do WhatsApp, mas deveriam estar todos em aula. No horário do almoço, Diego mandou os vídeos. Gravaram até alguns do momento que cantei. Eram vários. Procurei no YouTube e encontrei também. Saiu até matéria em programas de fofocas da cidade. Fiquei com medo de sair pra rua e liguei pra Elisabeth. Ela contou que no colégio não se falava em outra coisa. Segundo ela, eu estava famoso. Recebi milhares de convites para amizade no Facebook. Muitos comentários. A minha única foto do perfil recebeu umas 1.500 curtidas em apenas 1 dia. Como estavam fuçando minha página que não tinha nada postado, resolvi escrever:

“Agradeço as solicitações de amizade enviadas. Se forem por causa do vídeo da senhora caindo na lama, peço que não me procurem por esse assunto. Não tive participação nesse ato, como as imagens mostram. Apenas sair da frente. Não aprovo essa atitude de gravar vídeo das pessoas em situações constrangedoras. Não é engraçado. Imagine como as pessoas se sentem quando são expostas, ridicularizadas ou humilhadas. Mesmo que sejam aquelas as quais não simpatizamos”.

Instantaneamente surgiram milhares de comentários de todos os tipos:

“Você tem razão João. Ninguém gostaria de estar no lugar dela”

“Que bobagem. Todo mundo faz isso. É só um vídeo engraçado”

“Peço desculpas porque achei engraçado, mas agora me envergonho”

“Vocês gostam muito de se vitimar. É só um vídeo. Mas já começaram o mimimi”

“João te adicionei por causa da música. Chorei ao ver você cantar. Precisava ouvir aquilo”

“João, aqui é o Victório. Estou aguardando sua ligação”

Victório??? Fui direto para o perfil dele e ia mandar convite, mas ele já havia enviado entre as outras mil solicitações. Apenas aceitei. Mande mensagem nos comentários de uma foto dele, com meu número de celular e contei que tinha perdido o papel. Vi as fotos dele. Encontrei uma antiga com papai segurando-o no colo. O nome dele no Facebook é THOR CRUZZZ, com três “z”.

Nunca ia localiza-lo. Pelas fotos achei tão parecido comigo. O aguardar retornar. Enquanto isso, não parava de chegar mensagens, tive que silenciar o celular. Dona Joana bateu em minha porta dizendo que tinha uns garotos me chamando, fui ver quem era, sempre achando que podia ser Victório, mas eram alguns jornalistas querendo fazer uma entrevista para um blog.

Eles já estavam filmando quando pedi pra pararem.

– O senhor sabia que se tornou o assunto do dia na cidade?

– Não sei por qual motivo.

– O vídeo onde o senhor derruba Sara Borges – conhecida como rainha da futilidade – na lama, é o mais comentado. Ou seja, virou notícia. Como foi que tudo aconteceu?

– Eu já dei uma nota no meu Facebook sobre isso. Não acho que isso vale a pena ser repercutido.

– O senhor foi expulso do Colégio Portinari por causa do ocorrido?

– Eu não fui expulso.

– E porque não foi trabalhar hoje?

– Não quero falar mais sobre isso. Peço licença.

– Espere. E sobre a carreira de cantor? Pretende gravar um CD?

– Eu não sou cantor. Apenas ajudei algumas crianças em um trabalho.

– Sério? Estamos no final de uma Segunda-feira e o seu vídeo está no topo dos mais vistos. Isso não é pra qualquer um.

– Eu agradeço que gostaram, mas não foi intencional.

Eles quiseram fazer mais perguntas, voltei ao quarto muito assustado. Descobriram meu número de celular e estava chegando algumas mensagens sobre apresentações, mas não respondi nenhuma. Não acredito que isso está acontecendo.

Caio ligou dizendo que vinha à minha casa com o seu pai. Estranhei porque havíamos marcado na Quinta-feira, mas fiquei esperando-os. Demoraram um pouco até que bateram em minha porta.

– A Dona Joana mandou vocês subirem?

– Não. Faz um tempo que chegamos, mas eu estava falando com uns jornalistas e uns adolescentes que esperam você descer.

– Falando o quê? O que eles querem?

– Bom, eu estava tocando o violão no vídeo. Então fui entrevistado.

– Você não está assustado Caio?

– É sobre isso que viemos falar – disse o Sr. Otávio – eu ia conversar com você na Quinta, mas devido a repercussão desse vídeo tive que vir antes.

– Não estou entendendo nada.

– Fiquei muito impressionado com o meu garoto tocando e você cantando. Caio me pediu ajuda pra gravar um tal de “EP”. Me explicou como seria e eu concordei. Gostaria que você gravasse suas músicas num estúdio profissional.

– Tipo voz e violão João. – disse Caio – a gente grava aquelas três que já pegamos e mais duas pra lançar na internet.

– Não sei se sou capaz. Gosto de cantar, mas não sou profissional.

– João, não estamos fazendo isso pra competir com o mercado da música, mas porque nascemos pra isso. Você pra cantar e eu pra tocar violão. A

gente só vai se unir pra levar a mensagem de suas canções para pessoas que precisam ouvi-las. Inclusive queria convidar você pra cantar comigo no instituto onde dou aulas aos Sábados.

– Eu acho que estou com medo Caio.

– Você com medo? Cadê aquele cara que encoraja as pessoas?

– Tudo bem, vamos sentar.

Eles me explicaram como seria o processo e me convenceram a aceitar. Lembrei das palavras do Sr. Estevão sobre sonhos e ousei vive-los.

Não consegui sair de casa o dia todo. Começou a chover forte novamente, surgiu uma vontade repentina de tomar banho, então sair descalço para a rua e dancei no deserto da madrugada. Parecia um desvairado. E eu repeti várias vezes “A chuva pode ser feliz. A chuva pode ser feliz. A chuva pode ser feliz”.

Na manhã do dia seguinte, Victório me chamou no WhatsApp. Marcamos um encontro aqui em casa. Ele e sua mãe. Não imaginava que eu já sabia a verdade. Eles vieram no final da tarde. Assim que abri a porta o abracei.

– Você já sabe de tudo? – disse ele surpreso.

– Sim.

Contei como descobri. Tomamos um café da tarde especial. A mãe dele – Maria de Jesus – falou como conheceu papai, sua luta com ele e como criou o filho sozinha após sua morte.

Percebi o quanto parecia comigo quando eu tinha a idade dele, fisicamente falando. Ele estava tão feliz quanto eu, ao descobrir que tinha um irmão. Nos damos muito bem e até combinamos de sair. Contou que só me acharam por que um antigo vizinho disse a eles que tinha me visto passando na rua e eu estava com a farda do Portinari. Depois me encontraram no Facebook devido a repercussão do vídeo.

Minha primeira semana após a postagem do vídeo foi bem difícil. O Sr. Otávio e Caio tentaram me convencer que isso ajudaria na divulgação do EP. Fomos a um estúdio de gravação. Tive várias conversas com Caio sobre os detalhes antes dos ensaios. Aproveitei o fato de estar trancado em casa para compor mais canções. Victório tirou umas fotos minhas para atualizar meu Facebook e criou uma página. Decidimos que meu nome artístico seria

“João Victor Cruz”, parece um pouco comprido, mas de outra forma ficaria muito comum. A minha rotina antes monótona teve um fim. Todo dia tinha coisas novas para fazer. No Sábado seguinte tive a certeza que precisava para continuar esse trabalho, ao cantar no instituto onde Caio dá aulas de música. Fiquei profundamente tocado ao ver aquelas crianças tendo a oportunidade de desenvolver sonhos. Elas não teriam condições de uma outra forma. Combinamos no grupo de nos encontrarmos, e foram Diego, Enzo e Raniele. Os outros não puderam ir. Foi um Sábado muito agradável e muitas pessoas presentes me reconheceram.

Nos meses que se seguiram passei a cantar em escolas particulares e públicas, casas de recuperação, hospitais, institutos, até mesmo em presídios. Gravamos outros vídeos que tiveram uma boa repercussão. Conseguimos patrocinadores e ganhamos nosso primeiro dinheiro. O surpreendente mesmo foi ser convidado pela Senhorita Margareth para cantar na festa de conclusão do final do ano. Todos estavam lá, menos Juliana. Agora já não éramos porteiros e alunos, e sim amigos. Fiquei emocionado de ver Enzo ganhar o destaque do 6º ano, e mais que isso, ver que ele e Diego se tornaram grandes amigos.

– No próximo ano vou estudar no colégio militar onde meu irmão estuda – contou Diego – mas já estou conformado. Vou estudar e procurar ser sempre melhor. Quando eu tiver maior decido o que realmente quero ser. E serei. Só lamento por ter que me afastar de vocês.

– Diego, na vida dos verdadeiros amigos nunca existirá a palavra “adeus”. É apenas um “até breve”.

Nos abraçamos juntamente com Enzo. Lourdes estava na festa, elegante e muito orgulhosa do filho. Ela me contou que estava trabalhando na casa de uma senhora rica e muito generosa. A casa dela agora tinha um portão de ferro – acho que isso era um sonho dela. Lívia havia se reconciliado com o pai de Gabriel e foi morar com ele.

Uma semana depois reencontrei Sávio no casamento de Agenor Evangelista. Eu e Elisabeth fomos um dos padrinhos. Sávio disse que pediu a demissão do Portinari e estava trabalhando em casa com os pais – montaram uma confecção e estavam administrando bem. A Senhorita Margareth se fez presente, foi até a mesa onde estávamos juntamente com

Esperança e nos cumprimentou. Incrivelmente, Evangelista casou de óculos escuros e um terno azul petróleo. Pelo menos a noiva estava de branco. O mais importante era o sorriso nos olhos deles. A prima de Elisabeth tinha voltado à casa dos pais e levou a cadelinha com ela. Elisabeth estava morando sozinha e sentia-se muito deprimida com saudades de Princesa. Pensei seriamente em tomar coragem e pedi-la em casamento. Não fiz antes porque não queria me precipitar, mas o que eu sentia por ela se tornara maior que o medo. Aproveitei uma fala que me foi dada por Evangelista e a surpreendi.

– Bom, eu não sou muito bom com as palavras, mas acho que algumas coisas realmente precisam ser ditas. Aqui nessa noite encontram-se pessoas muito especiais que mudaram toda a minha vida em poucos meses. Inclusive o noivo, que deixou de ser um amigo e se tornou um irmão. Eu não acreditava mais nesse tipo de aliança. Você me fez perceber que eu estava errado. E por falar em aliança, gostaria de aproveitar esse momento, pra fazer um pedido – voltei o olhar para Elisabeth que já estava chorando – Amor, você é como uma ponte sobre um abismo intransponível. Sinto que atravessei e não posso mais voltar atrás. Você quer se casar comigo? – tirei a caixinha do bolso e estendi a ela.

– Claro que sim, pensei que nunca ia pedir. – respondeu ela me abraçando. Foi um ato de muita coragem da minha parte. Nem eu acreditava que tinha feito aquilo, mas era uma forma de romper de vez com meus padrões internos que só me faziam pensar demais e nunca agir. Agenor aproveitou as férias do Portinari e foi passar a lua de mel em Paris. Era mais um sonho.

Casei com Elisabeth em Janeiro, antes de começar as aulas. Não fizemos festa, apenas uma simples celebração na nossa nova casa. Passaríamos alguns anos pagando prestações, mas era um lugar pra chamar de nosso. Freedom agora tinha uma casinha no quintal, arranjamos uma esposa pra ele e já estamos com mais de 15 coelhos em menos de dois meses. Tivemos que colocar até pedido de adoção nas redes sociais. Enzo ficou com um filhote e o chamou de Vitinho. Achei massa a homenagem. Elisabeth e eu discutimos algumas vezes sobre assuntos biológicos, ela pensa que só porque não exerci a profissão esqueci de tudo o que aprendi na faculdade. Convidamos Esperança para morar conosco, ela ficou muito emocionada, mas confessou gostar muito do Lar. Caio, Victório e Enzo estavam sempre



comigo, quase todos os dias. Quando percebia que o grupo “Recicláveis” estava esfriando, dava um jeito de esquentar pra que a nossa amizade durasse por muito tempo. Compartilhávamos nossos cotidianos.

Juliana entrou de volta no grupo. Ela contou que a mãe se acalmou mais, seus pais entraram em crise financeira, tiveram que dispensar os empregados, e que estava estudando em uma escola pública do governo. Sara tinha excluído seu canal do YouTube e estava tentando ser uma boa dona de casa. Eduardo fechou algumas de suas lojas e passou a investir no ramo de bijuterias.

Eu e Elisabeth alugamos um ponto comercial, abrimos uma lanchonete perto do Portinari. O EP me abriu muitas portas e convites especiais, mas decidi colocar minhas receitas exclusivas em prática. Convidei Lourdes pra me ajudar nas suas folgas. Nas noites de Sexta-feira tinha música ao vivo – claro que era comigo e Caio. Convidava às vezes alguns amigos cantores. No começo foi bastante difícil, Elisabeth quis me convencer a fazer lanches tradicionais tipo cachorro-quente e pastéis, mas com o tempo reconheceu que eu tinha razão. A gente quase não tinha concorrência.

Em uma madrugada de Maio, fomos surpreendidos com uma ligação da Senhorita Margareth para o celular de Elisabeth dizendo que Esperança havia passado mal e estava no hospital. Nos vestimos apressadamente e corremos pra lá.

– Eu sabia que eu estava feliz demais. Parecia um aviso que algo ia acontecer. – disse a Elisabeth.

– João, por favor, aprenda que a vida é assim. Uma mistura de mel com fel. Sua felicidade não pode estar baseada apenas em boas notícias. Estamos apenas tristes, e não infelizes.

– Desculpa amor. Estou tentando, mas às vezes tenho umas recaídas.

Chegamos ao hospital e pela cara que a Senhorita Margareth fez, as coisas não estavam boas.

Depois de algumas horas pudemos ver Esperança pela vidraça da sala onde estava deitada com uns aparelhos pelo corpo. Juntei todas as minhas forças pra conter o choro. Já era quase manhã, quando a Senhorita Margareth precisou ir. Eu disse a Elisabeth que ficaria com Esperança, e poderia ir trabalhar despreocupada. Ela tentou resistir, mas viu que não havia o que fazer. Garanti que lhe manteria informada. Esperança teve um infarto

devido a diabete alta, e não tinha sido a primeira vez, segundo os médicos. Não sabia que ela tinha essa enfermidade.

Talvez porque estava sempre preocupado com o que eu sentia, e não percebia que as pessoas ao meu redor também tinham seus problemas e dores. Ainda mais Esperança que nunca reclamava de nada.

Eram quase 9hs da manhã. Um dos médicos disse que ela havia acordado e que gostaria de falar comigo. Havia alguns amigos do Lar onde morava esperando também para vê-la. Entrei no quarto e a primeira coisa que ela fez foi sorrir.

– Que susto você nos deu hein!? – disse enquanto pegava sua mão.

– Sinto que estou partindo dessa vez filho. – disse sorrindo.

– Mas dizem que a Esperança é a última que morre. – tentando manter o bom humor.

– Na verdade a Esperança nunca morre. Ela descobre uma outra maneira de viver.

– Então você poderia começar parando de comer doces escondido.

– Quem disse que eu comia escondido? – disse desconfiada tentando esconder a sua indisposição através do humor.

– A senhora não deve falar muito. Acabou de acordar de um coma. Tente descansar.

– Vou descansar por muito tempo. Preciso falar agora.

– Pare com isso. Dessa vez a senhora não tem razão.

– João, filho. Eu estou muito feliz. Não é confortável estar agora nessa cama, e nem esse cheiro de hospital, mas estou feliz por tudo que a vida proporcionou. Eu não temo mais a morte como fazia na minha juventude. Todos nós morreremos de alguma forma e sempre alguém sofrerá com a nossa partida. Por isso a duração nunca será tão importante quanto o significado. Eu posso dizer que vivi.

– Ok, muito bonito isso, mas agora fique quieta.

– Preciso confessar a você que não sou essa pessoa boa que você pensa. Na verdade, não gosto que pensem que sou perfeita, porque eu também tenho muitos erros.

– Eu sei. Ninguém é perfeito.

– Quero te pedir duas coisas. São muito importantes.

– Peça o que quiser. O que eu poderia negar a você?

– Bom, primeiro queria pedir pra colocar naquela pedra do cemitério o meu nome escrito apenas “Esperança” e não deixem ninguém escrever “Aqui jaz Maria do Desespero” ou caso contrário minha alma irá te perturbar durante suas noites.

– Não acredito que você tá me pedindo isso! – chorei de rir.

– Estou falando sério. Não quero ser lembrada com esse nome. E o outro pedido – ela deu uma pausa como se fosse difícil falar.

– Pode dizer o outro. Depois desse primeiro não me surpreendo mais com nada.

– Eu quero lhe pedir perdão.

– Perdão porquê?

– Bom, não sei bem por onde começar. Mas vou tentar ser mais direta possível. A Margareth tirou você do Portinari a meu pedido. Na verdade, ela nunca quis dispensar você da função, e nem você ia sair se ela não o fizesse. Então pedi a ela pra dar um jeito de demiti-lo. Ela achou uma maldade, mas entendeu os meus motivos.

– Eu não sei o que dizer. Não estou entendendo. Porque a senhora fez isso? Pensei que gostava de mim, e sabia que eu só estava trabalhando lá porque precisava.

– Eu não ia deixar você na mão. No último caso, eu iria ajuda-lo com a minha aposentadoria, mas não deixaria você desamparado. Não queria que perdesse mais tempo na vida.

– Mas a Senhorita Margareth me tratava friamente desde o primeiro dia que trabalhei lá. Nem conhecia a senhora ainda. Acho que só está me dizendo isso pra que eu não fique mais chateado com ela.

– É verdade. Ela ficou brava com algumas pisadas na bola que você deu, mas não foi nada a ponto de demiti-lo. O pensamento da demissão veio depois da conversa que tive com ela.

– Passei esse tempo todo achando que a Senhorita Margareth era uma pessoa amarga.

– Eu sei. Ela também enxergou todo o seu potencial e decidi me ajudar. Lamento pelo o que fiz você pensar, mas se a gente tivesse contado o real motivo, talvez você não tivesse confrontado a si mesmo. Você precisava perder pra ganhar.

– Tudo bem – respirei profundo – não vou brigar com você agora. Quando você voltar pra casa voltamos a falar sobre isso.

- Você não disse se me perdoaria. Eu preciso saber agora se me perdoa ou não.
- Eu ainda estou surpreso, nem sei o que pensar.
- Imagino que eu não tinha o direito de interferir na sua vida. Você tem toda razão de ficar magoado. Não quero defender argumentos ou procurar justificativas. Só quero que saiba que fiz por amor. Amor de mãe. Eu acredito nos seus sonhos e em todo o seu potencial. Havia uma nuvem escura tapando sua visão. E eu sabia que você não estava mais sozinho como antes.
- Elisabeth sabia?
- Não fique bravo com ela. Por favor.
- Quem mais sabia?
- Bem, apenas ela e Evangelista. Pedi pra eles prometerem que não contariam.
- Nossa! Pelo jeito todo mundo sabia. Estou começando a pensar que despertei a piedade de muita gente.
- Não seja ingrato João. Fizemos tudo porque amamos você. Se tivesse ainda no Portinari não estaria realizando coisas que está fazendo hoje. Não teria sua casa, sua lanchonete, seus novos amigos. Você não percebe? Sua vida mudou filho!
- Eu vou ser pai.
- O que você disse? Vai ser o quê?
- Elisabeth descobriu ontem à noite que está grávida. Foram dois testes de farmácia. Ela ainda vai fazer o exame de sangue, mas os dois deram positivo.
- Que felicidade! Parabéns meu filho! – ela me abraçou.
- Cuidado com os aparelhos. Obrigado. Eu te perdoo. Sai logo dessa cama tá bem?
- Prometa que você vai ficar bem quando eu partir.
- De novo com essa conversa? Amanhã você já estará em casa. Ainda não é um adeus, ok?
- Senhor – interrompeu uma enfermeira – outras pessoas aguardam lá fora. Por favor, seu tempo acabou.
- Ok. Já estou indo. Suas amigas do lar estão lá fora. Tente não lavar toda a roupa suja hoje. Depois você se confessa.

– João Victor, você é o meu milagre. – ela disse escondendo o choro com um sorriso.

– Mãe. Eu te amo. Te amarei para sempre. – respondi.

Dei um beijo intenso em sua testa e sair.

A noite soubemos que Esperança partiu. A gravidez de Elisabeth me ajudou a controlar meu descontrole interno. Ela já estava bastante abalada com a notícia. Chorei no banheiro, repeti inúmeras vezes “Porque sempre tenho que perder quem amo?”, mas parece que eu podia ouvir Esperança me dizendo “Seja grato. Apenas grato”. Não teve aula no Portinari por dois dias.

Encontrei a Senhorita Margareth no cemitério e a única coisa que consegui fazer foi abraça-la. Ela me apertou como se quisesse dizer algo, mas não foi preciso palavra. Cumpri a promessa da placa. Não foi fácil convencê-los. Enzo passou esses dois dias comigo e Elisabeth. Isso nos ajudou a distrair melhor nossa dor. Em Dezembro nasceu nossa filha, lhe demos o nome de Esperança.

Resolvemos fazer uma viagem de férias. Eu, Elisabeth, Esperança e Enzo. Ele se tornara quase um filho para nós. O adotamos, podemos dizer assim. Fomos visitar a família de Elisabeth em uma fazenda. Compramos um carro, mas ainda não aprendi a dirigir. Ela foi dirigindo. Vi um homem na estrada, com um saco nas costas e pedi para Elisabeth encostar mais à frente.

– Você vai dar carona a um estranho? – disse ela preocupada.

– Eu preciso acreditar nas pessoas.

Lembrei das vezes que andei a pé sem ter um centavo no bolso.

– O senhor está indo pra onde?

– Bom, ainda vou andar mais uns 15km a frente.

– Venha conosco.

Elisabeth me olhou pelo retrovisor, pois somente o banco da frente estava desocupado. Pedi para Enzo ir na frente. O homem sentou no banco de trás. A pequena Esperança estava entre nós – na cadeirinha.

– O senhor faz esse percurso todos os dias? – perguntei.

– Sim filho. Já estou acostumado.

Ele me contou que tinha 68 anos. Trabalhava em uma cooperativa e na maioria dos dias não tinha o dinheiro da condução. Ao chegar a seu destino dei uma cédula que estava no meu bolso. Era a minha maneira de ajudar naquele momento.

– Obrigado filho. Eu estava precisando mesmo. Os céus me ouviram.

– Imagino que sua vida não deva ser fácil – disse segurando em suas calejadas mãos – mas não deixe de sonhar. Sonhos não envelhecem. Nós somos recicláveis. Você é reciclável.